

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de – *Alaíde Lisboa de Oliveira* (Entrevista História de Vida) 1991
Belo Horizonte – Programa de História Oral – Centro de Estudos Mineiros
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas –Universidade Federal de Minas Gerais - 1999

HC – 006

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *Alaíde Lisboa de Oliveira*
(Entrevista História de Vida –1991) Belo Horizonte
Programa de História Oral – Centro de Estudos
Mineiros – Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas - Universidade Federal de Minas
Gerais – 1999.

1. Depoimentos. 2. Belo Horizonte 3. UFMG
4. Educação 5. Modernismo 6. Casa de Itália
Área Temática: História das Cidades

CPHO

PROIBIDA A PUBLICAÇÃO NO TODO OU NA PARTE, PERMITIDA A CITAÇÃO
PERMITIDA A CÓPIA XEROX
A CITAÇÃO DEVE SER TEXTUAL, COM INDICAÇÃO DA FONTE

SUMÁRIO

HISTÓRIA DE VIDA

Dados Gerais.

- Alaíde Lisboa de Oliveira
- Nasceu em Lambari
- Veio para Belo Horizonte em 1933
- Foi professora primário, secundário (Instituto de Educação); Professora da FAE/UFMG; faculdade de Filosofia Católica; Faculdade de Medicina/UFMG.
- Filhas de José de Almeida Lisboa: Deputado Estadual e Deputado Federal.
- Esposa de Lourenço de Oliveira (Prof. UFMG)
- Foi presidente da A.P.P.M.G. – 1945/49
- Diretora do Colégio de Aplicação da UFMG – 1957/71
- Organizadora e coordenadora do Mestrado em Educação: FAE/UFMG – 1973
- Membro do Conselho Universitário
- Membro da Academia Municipalista de Letras
- Membro da Academia Feminina Mineira de Letras
- Representante de Belo Horizonte na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Títulos

- Professora Emérita da UFMG – 1979
- Cidadã Belohorizontina – 1976 (Câmara Municipal)
- Grande Medalha do Mérito Educacional MG – 1984
- Medalha de Mérito Educacional Helena Antipoff – PMBH – 1985
- Grande Medalha Santos Dumont MG – 1986
- Medalha de Honra da Inconfidência MG – 1988
- Diploma de Mérito Cultural da Associação Brasileira de Escritores
- Primeira mulher a exercer a vereança na Câmara Municipal de Belo Horizonte (suplente – 1949) – PTN (Otacílio Negrão de Lima)
- Atuou no Jornal: “*O Diário*” (suplemento infantil: “*O Pequeno Polegar*”; seção: “*Vida Escolar*”; coluna: “*Cultura, Educação, Ensino.*”

SUMÁRIO

FITA 01 – 17 de abril de 1991.

Antes da entrevista, D. Alaíde nos mostrou um texto autobiográfico, ao qual se remete algumas vezes durante a entrevista.

Referências nessa fita:

- Mário Casassanta
- Revista do Ensino
- Paulo Pinheiro Chagas
- Pedro Lessa
- Joviano Ribeiro
- Humberto Campos

Referências Pessoais

- Dados biográficos

O Pai

- Deputado: Trabalho e Pagamento

Educação

- Instituto de Educação

Personalidades

- Paulo Maranhão

Países

- Estados Unidos

Personalidades

- Mário Casassanta

Cidades

- Lambari
- Macaé
- Campanha

Atividade Produtiva do Pai

- Farmacêutico
- Foi Deputado Federal e Deputado Estadual.
- Processo Eleitoral – Eleições

Educação

- Curso Preparatório
- Escola Normal

SUMÁRIO

- Colégio Sion

Meio de Transporte

- Trem

Lazer

- Brincadeira

Trabalho Doméstico

- Atividades Domésticas

Personalidades

- Pedro Lessa
- Olavo Bilac

Lambari

- Estância Hidromineral

Educação

- Processo de alfabetização
- Material de Leitura ou didático
- Educação Religiosa

Personalidades

- Pe. Antônio Vieira

Cidades

- Rio de Janeiro
- Revolução de 30

SUMÁRIO

FITA 02 – 24 de abril de 1991

Referências Pessoais

- Dados biográficos
- Autobiografia escrita
- Memórias da Infância

Países

- Estados Unidos da América

Educação

- Colégio Sion: ensino, material didático, estrutura do colégio.
- Professor
- Ensino Religioso
- Estrutura de Ensino
- Colégio Interno

Cidades

- Rio de Janeiro

Personalidades

- Francisco (Chico) Campos
- Isaías Alves
- Abgar Renault
- Maxinino Maciel
- Fausto Barreto
- Cezário Alvin
- Basto Portela
- Mário Casassanta

Atividade Profissional

- Professora

Países

- Portugal.

SUMÁRIO

FITA 03 – 08 de maio de 1991

Referências Pessoais

- Dados Biográficos
- Autobiografia escrita

Movimentos Culturais

- Academia de Letras
- Modernistas

Personalidades

- Carlos Drumond de Andrade
- Cecília Meireles
- Graça Aranha
- Coelho Neto
- Paulo Maranhão
- Isaías Alves
- Chico Campos
- Washington Luís
- Júlio Prestes
- Manuel Casassanta
- Mário Casassanta
- Mello Viana
- Milton Campos

Cidades

- Lambari
- Belo Horizonte
- Rio de Janeiro

Logradouro

- Rua Alagoas
- Av do Contorno
- Rua da Bahia
- Rua Paraíba
- Rua Santa Rita Durão

Meio de Transporte

- Bonde

Educação

- Escola de Aperfeiçoamento
- Escola Normal
- Instituto de Educação
- Faculdade de Direito

SUMÁRIO

Política

- Aliança Liberal
- PSD

Lazer

- Movimentos Culturais.
- Cinema

Vida Pessoal

- Namoro

Bairros

- Funcionários
- Santo Antônio

Professor Lourenço

- Escola de Oficiais da Polícia

SUMÁRIO

FITA 04 –15 de maio de 1991

Referências Pessoais

- Casamento
- Namoro, casamento
- Casamento: Igreja de Loudes e Igreja da Boa Viagem
- Casamento: Música, família, Igreja de Lourdes, recepção de casamento
- Casamento: Viagem, lua de mel, trem, política, Benedito Valadares.

Professor Lourenço – Marido de D. Alaíde

- Estudou no Caraça
- Trabalho do marido – carreira na polícia
- Ernesto Dornelles – Secretário de Segurança
- Benedito Valadares
- Carreira na Polícia
- Professor no DI
- Namoro, casamento, noivado
- Professor no Colégio Arnaldo
- Professor na Universidade

D. Alaíde

- Socializadora
- Belo Horizonte
- Viagens de Trabalho no interior de Minas
- Professora no Colégio Arnaldo, Colégio Afonso Arinos
- Rua da Bahia
- Rua Carangola
- Magistério
- Assistente Técnica de ensino
- Escola de Aperfeiçoamento
- Relatórios de Trabalho
- Função da socializadora
- Casamento, filhos, socializadora
- Faz referência ao Teachers College
- Maria José Melo Paiva
- Firmino Costa
- Diário Oficial de Minas Gerais
- Trabalho, cultura, literatura, livros: “*Bonequinho Doce*” e “*Bonequinha Preta*”
- Família
- Henrique Lisboa
- José Carlos Lisboa
- Helena Antipoff
- Trabalho, mulher, jornada de trabalho, magistério, professoras primárias, professoras secundárias. Associação das Professoras, Escola Normal
- Situação das Professoras
- Política

SUMÁRIO

- Benedito Valadares
- Legião Brasileira de Assistência
- Saúde para as professoras – assistência médica
- Dr. Melo Teixeira
- Osvaldo Melo Campos
- Júlio Carvalho
- Interventores, Dutra, Conselho Administrativo, Iglesias, Ayres da Mata Machado, Júlio Carvalho, pai, professoras, Associação das Professoras.
- Atuação das Professoras, greve, imprensa, política
- Meios de atuação, política, orçamento
- Política, vereança, ,mulher na política
- Partidos Políticos, atuação política, mulher na política
- Relação homem/mulher
- Relação marido/mulher, casamento, vereança
- Eleição, processo eleitoral, campanha eleitoral, política
- Eleição, votos, voto feminino, professoras, vereança, escolas, política, Djalma de Andrade.
- Marido, filhos, ensino, educação dos filhos
- Filhos: ensino, vida escolar dos filhos, escola pública. Instituto de Educação, Helena Antipoff.

SUMÁRIO

FITA 05 – 29 de maio de 1991

D. Alaíde – Vida Pessoal e Trabalho

- Família, trabalho da mulher, filhos, marido
- Trabalho da mulher
- Criação dos filhos
- Empregados domésticos
- Padrão de vida
- Salário de professor
- Jardim de infância
- Escola
- Custo de vida
- Residência: Rua Timbiras
- Magistério
- Formação da professora, curso normal
- Colégio Estadual, Colégio Milton Campos
- Vida escolar dos filhos, filhos e trabalho
- Chiolo
- Opção dos filhos
- Relação pais e filhos
- Trabalho dos filhos, família, irmão, medicina, xerox, Rio de Janeiro.
- Política, irmão, Lambari, JK, filho e medicina, Mannesmann, medicina, saúde.
- Trabalho dos filhos, vida escolar dos filhos, medicina, concursos.
- Opções dos filhos
- Rio de Janeiro, filhos, opções dos filhos, trabalho dos filhos, Salvador.
- Relacionamento pais e filhos, cinema, Rio de Janeiro
- Educação dos filhos, relacionamento pais e filhos, autoridade paterna.
- Netos, cultura, religião.
- Filhos, cultura, religião, política, Jânio Quadros, Jango.
- Política, Relacionamento pais e filhos, integralismo.
- Política: Associação das Professoras, Vereança, Estado Novo, Dutra.
- Política assistencialista, Benedito Valadares, mendicância, pobreza.
- Pobreza, mendicância, Odete Valadares, Política.
- Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Lambari, bonde.
- Belo Horizonte, nível de vida, urbanização, Copacabana.
- Belo Horizonte, bonde, ônibus, filhos, educação
- /colégio Arnaldo, filhos, moradia, residência.
- Moradia: Compra do lote, forma de pagamento, hipoteca, INPS
- Casas Populares: Otacílio Negrão de Lima, compra de lotes, Av. Carandaí, Av. Afonso Pena.
- Av. Bernardo Guimarães, Bairro de Lourdes, Moradia.
- Colégio Arnaldo, moradia.
- Bairro São Lucas, morte do marido, moradia.

SUMÁRIO

FITA 06 – 05 de junho de 1991

D. Alaíde – Vida Pessoal, Trabalho e Opiniões

- Viagens, Rio de Janeiro, doença
- Alfredo Valadão
- Cinema, filhos, educação, música, Beethoven, Bach, marido
- Marido: Música: Beethoven, Mozart, Educação, Cultura, Caraça, trabalho, magistério
- Cinema, filhos, teatro, Procópio Ferreira, Leopoldo Froes, Opereta, Teatro Municipal, Rubinstein, marido.
- Teatro, viagem, trabalho.
- Viagem, trabalho, Paraná, Iglesias, doença, marido.
- Viagem, trabalho, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Colégio Marconi, marido.
- Belo Horizonte, progresso, bonde, Bar do Ponto.
- Bar do Ponto, rua da Bahia, Av. Afonso Pena, bonde, Belo Horizonte, Escola de Aperfeiçoamento.
- Bonde, transporte, Savassi, trolebus.
- Automóvel, trabalho, DI, marido, motocicleta
- Pampulha, Niemeyer, jogo.
- Jogo, Pampulha, Gabriela Mistral, Henriqueta Lisboa, Lambari, marido.
- Jogo, Araxá, Líbano, filha.
- Viagem, Europa, EUA, marido, artigo publicado em jornal.
- Viagem, política, Gorbachev, Rússia, EUA
- Política, golpe 64, Jânio, Jango.
- Política, ditadura, Jango, São Borja, política e filhos
- Ditadura, AI 5, Pedro Aleixo, Costa e Silva, Milton Campos, Castelo Branco, Aureliano Chaves.
- Política, ditadura, marxismo, Marx, Inglaterra, Getúlio Vargas.
- Ditadura, custo de vida, Getúlio, controle de preço, política.
- Inflação, custo de vida, cultura, Faculdade de Filosofia.
- Televisão, leitura, filhos, jornal, imprensa, marido, atuação como jornalista, Diário Católico.
- Jornalismo, jornal, Diário Católico
- Jornal, imprensa, “*O Globo*”, “*Estado de Minas*”, “*Hoje em Dia*”, Milton Campos, “*Folha de São Paulo*”, política, Newton Cardoso
- Política: autoridade copnstituída.
- Helena Antipoff
- Relacionamento pais e filhos, escola, autoridade.
- Autoridade, relacionamento pais e filhos, felicidade.

SUMÁRIO

FITA 07 – 19 de junho de 1991

D. Alaíde – Vida familiar e Trabalho

- Professor Lourenço: O marido, o professor, o pai, o trabalho.
- Vida e costumes do marido – primeiro motoqueiro de Belo Horizonte, hábitos pessoais
- Lazer com a família: jantares, restaurantes: Camponesa e Alpino
- Referência à Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro.
- D. Alaíde fala da Confeitaria Colombo, namoros, flertes, dança.
- Estação de Águas, Lambari: danças e clubes.
- Festas oficiais no Rio de Janeiro
- Concertos e conferências no Rio de Janeiro
- Colombo e Elite, no Rio de Janeiro
- Elegância dos frequentadores.
- A moda na sua juventude
- Alfaiates
- Cores da moda
- Influência cultural do Rio – Escritores.
- Imprensa carioca
- Poetas que se mudaram para o Rio: Drumond, Abgar Renault, Pedro Nava, Fernando Sabino, Pedro Paulo, Paulo Guimarães, Paulo Mendes Campos
- TV Minas
- A mudança da capital federal diminui o prestígio do Rio de Janeiro
- Compras para casa, freiras, filhos
- Escola para as crianças
- Casa da sogra
- Subsistência Militar.
- Locais de compras preferidos
- Cabeleireira
- Alfaiate: Andrade.
- O terno de casamento do Lourenço foi feito pelo Andrade
- Livrarias de Belo Horizonte: Francisco Alves – Lançamento de livros; seu Castilho, encomendas de livros importados, frequentadores.
- Livraria Rex
- Livraria Itatiaia
- Proprietários de livrarias: Edson, Pedro Paulo, Vivaldi Moreira
- Livraria Ouvidor
- Livraria Pax. Avenida Afonso Pena
- Café Pérola
- O hábito dos homens na sua época
- Realidade das mulheres escritores
- Francisca Júlia, Cecília Meireles
- As mulheres intelectuais “por teimosia”, por ter que dividir seu trabalho com o governo da casa.
- Sobre a importância da crítica feita pelos membros da família.
- A posição do professor Lourenço frente ao seu próprio trabalho.
- Processo de criação de suas obras.
- Formação intelectual de D. Alaíde
- Muito de seus livros foi escrito em função da carência de material didático.
- Sobre a criatividade,

Entrevista com D. Alaíde Lisboa de Oliveira – Realizada entre abril e junho de 1991.

SUMÁRIO

- A rotina de trabalho atual.
- Leitura de jornais.

SUMÁRIO

FITA 08 – 25 de junho de 1991

D. Alaíde: Vida familiar, trabalho, Universidade.

- Fundação da Faculdade de Filosofia
- Escola de Aperfeiçoamento
- Concursos para admissão como professora da Faculdade
- Fundação dos cursos de didática e de pedagogia
- Sobre o grupo fundador da Faculdade de Filosofia
- Colégio Marconi – local de reuniões do grupo.
- Casa de Itália
- Fundadores da Faculdade de Filosofia: Espinelli, Orlando Carvalho, Lúcio dos Santos, Arthur Versiani Veloso, Brás Pelegrino Padre Clóvis, José Lourenço de Oliveira (todos membros do Conselho)
- Regimento Escolar.
- O primeiro Vestibular para a Faculdade de Filosofia
- Cláusula do Regimento da Faculdade; que beneficiava a Casa de Itália.
- Inauguração da Faculdade de Filosofia – 21 de abril de 1939
- Os primeiros diretores
- 8 anos sem que os professores recebessem
- Incorporação da Faculdade pela UFMG
- Reconhecimento da Faculdade em 1946
- Faculdade de Ciência Econômica – Júlio Carvalho
- Desmembramento das várias faculdades
- Aluísio Pimenta – Faculdade de Educação
- Institutos e Faculdades da UFMG
- Faculdade de Filosofia
- Ingresso de Dona Alaíde na Faculdade de Filosofia
- Problema com os filhos pequenos
- Colegas da Escola de Aperfeiçoamento
- Assistente da Diretoria da Federal
- Trâmites burocráticos e normativos para a admissão
- Doutorado
- Escola de Aperfeiçoamento
- Seleção para o Doutorado
- Prova de Línguas: Francês e Espanhol
- Sobre a banca examinadora: nomes
- Sobre o programa da prova/exame
- Sobre o programa de prova para o doutoramento em Educação
- Colaboração da família na preparação para a prova.
- Sobre a prova
- Sobre a defesa de tese
- Televisão: Influência na educação infantil
- Sobre o concurso de cátedra na faculdade
- Conflitos entre pensamento de esquerda e de direita, na década de 1960 (1959)
- Sobre o funcionamento do concurso
- Sobre concursos em universidades

SUMÁRIO

- Sobre as dificuldades de exercer a função de examinadora de concurso
- Mário Matos
- Falecimento do Marido, Professor Lourenço – 1984: Emoções, reações e pensamentos à época da morte do professor Lourenço.
- Encerra falando sobre a experiência da entrevista
- Sobre a importância de se reportar à memória: “*uns envelhecem, outros crescem.*”
- “*Um profundidade de história de vida.*”

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 17 DE ABRIL DE 1991

Entrevista – fita 01 – lado A

TP: D. Alaíde, gostaríamos inicialmente que a senhora nos desse seus dados biográficos – data de nascimento, nome dos pais, irmãos, quantos irmãos, nascida aonde...

ALO: Então, meu nome todo é Alaíde Lisboa de Oliveira que já tem, nasci em Lambari. Meu pai, João de Almeida Lisboa, a mãe, Maria Rita Vilhena Lisboa. O pai era político e a mãe, dona de casa, muito inteligente [*riso*].

TP: A senhora já nos disse anteriormente que a senhora é de uma família de muitos filhos, Eram quantos filhos D. Alaíde?

ALO: A mamãe teve 14 filhos, cinco morreram pequenos, e nove chegaram a idade adulta. Então, embora naquele período fosse difícil estudo, cultura, havia muita preocupação de cultura na família. A minha mãe cursou pouco tempo, porque casou-se com 14 anos e meio. Então ela tinha de escola pouco tempo, mas tinha uma inteligência muito, muito boa mesmo. Então, ela gostava muito de ler. Ela gostava de ler e transmitiu, o meu pai também gostava de ler, e transmitiram o gosto para a família. E tinham interesses de cultura e de formar, não é? Ter curso superior era uma coisa. E ela dizia, também, que não queria muito que ficássemos interessado nas coisas da casa, “*porque minhas filhas também vão estudar, não é.*” Tinha uma preocupação com o estudo das

filhas. De sorte que quando nós chegamos à idade adulta, cinco, os homens, os cinco tiveram curso superior. Um médico e 4 advogados, e esses advogados, dois deles foram farmacêuticos antes de estudarem direito. E isso numa época que // não era muito comum // não era fácil a formatura. E as filhas educadas de acordo com a época, Curso Normal. Agora, no meu caso específico, eu fiz o Curso Normal. Depois teve a escola de aperfeiçoamento pedagógico que era considerado série de curso superior, que você tinha que ter o Normal para você fazer o curso, e tinha que ter uma certa prática. Então eu fiz o Curso de Aperfeiçoamento Pedagógico de Minas Gerais. Ai eu fui convidada logo depois para lecionar Português no Instituto de Educação porque também naquele tempo eles procuravam assim um pessoa que teria alguma cultura, quer dizer, a metodologia, metodologia geral, especial, Português e Literatura, e tinha feito o curso. Mas, português, não havia a Faculdade de Filosofia ainda. Então eles não exigiram Curso Superior de Letras. Então quem demonstrava interesse pelas letras – e eu nesse tempo ainda não escrevia propriamente, mas já estava assim, quando fazia algum discurso era publicado no jornal e estava iniciando a literatura infantil na escola – e fui convidada para dar português no Instituto de Educação. E lecionei 18 anos Português lá, porque antes eu tinha sido professora primária, não é. Também não foi muito tempo, porque logo que saí do colégio, eu fui nomeada professora primária e peguei classe de alfabetização. Porque naquele tempo quando tinha uma pessoa inexperiente tinha que ficar com classes mais atrasadas. E a alfabetização era mais atrasada, não é? E hoje é o contrário, a alfabetização você procura gente experimentada. E parece que eu tinha uma vocação para ensino, grande, e eu fui substituta nessa alfabetização, durante três meses. E no fim de três meses, eu já tinha algumas alfabetizadas e tinha muito interesse, e eu trabalhava bem com elas. Depois eu fui designada pelo Secretário de Educação para ir, para estudar os testes no Rio de Janeiro e ver – estava naquele período de valorização dos testes de Paulo Maranhão... outros lá. Então, freqüentava aquelas escolas em que eles eram inspetores, ou diretores de ensino, orientava para ver... Era a primeira vez que eu conhecia as palavras – testes. Pedagogia então, quando é que eu conheci a palavra pedagogia? Eu vi no jornal, foi no Mário Casassanta que eu ouvi, não se falava. Mesmo o curso pedagógico, não tinha essa força... que você falava pedagogia, o que era pedagogia. E, teste quando apareceu,

que veio e fez muito sucesso nos Estados Unidos, então teste chegou aqui, mas era uma coisa muito vaga, a determinar. Aí, eu mandava relatórios e esses relatórios foram publicados. Aí que eu falo, que foi o primeiro momento meu de interesse de escrever, porque o Secretário – era naquele tempo, era o diretor de instrução que chamava, era uma espécie de Secretário-Adjunto que trabalhava no setor de educação – era o Mário Casassanta. Então eu mandava os relatórios para ele. Ele então, me escreveu e pediu licença para publicar em revista de ensino. E disse: “Os *belos e grande relatórios da Alaíde*”. [risos] Então, levei susto não é? Mas, já foi um estímulo, isso já faz mais de 50 anos. Eu lembro como se fosse hoje. A carta chegando, como a gente gosta de // ser estimulada. Machado de Assis disse que o estímulo faz bem para o corpo e para alma, não é?

TP: Mas Dona Alaíde, a senhora já nos deu aí, uma série de informações sobre o início de sua atividade profissional. Mas eu queria voltar um pouquinho atrás com a senhora. Porque a senhora estava nos dizendo que a senhora é de uma família onde nove irmãos cresceram até a vida adulta. Eu queria que a senhora nos contasse... desses nove irmãos, a senhora estava em que lugar? A senhora era dos mais velhos, dos mais novos?

ALO: Eu era do meio do caminho [risos]. Mas na nossa família, como foi sempre assim, engraçado, desde meu pai. O meu pai também tinha esse cuidado com a idade e eu lembro que brincavam até com ele, e foi convidado - ele era deputado, deputado estadual por muitas vezes - foi convidado para ser senador. E naquele tempo, realmente senador, já eram pessoas mais velhas. Mas bastava ter 35 anos para ser senador e ele já tinha // que a lei exigia //, e ele já tinha. Mas quando ele foi convidado para senador disse: “*Não, não tenho idade*” [risos]. Então você vê que já é de família. E outra vez, brincaram com ele que, se é do jeito que você está falando, você casou com cinco anos. Porque fazia os contas, não é, então ele disse: sempre fui precoce. [risos] Não recusou o casamento com cinco anos [risos]. Ele era muito espirituoso também. E até, também, o Paulo Pinheiro Chagas tem os versos que ele fez no..., publicou até no..., esqueci... O Paulo Pinheiro Chagas, você conhece? Foi deputado, foi secretário e foi colega dele também. // Então publicou no livro. Era um primo, um Pinheiro que fez uma quadra, foi um banquete, num congresso de Estação de Águas,

Congresso de Crenologia, não é? Então fez uma quadrinha assim: “*dá-se um prêmio de verdade, um Palácio na Gamboa, a quem disser a idade do deputado Lisboa*”. Então, no cardápio. Ele foi e escreveu atrás: “*não sou homem de fitas, nem dou trela a marmanjos. Informe às moças bonitas que tenho a idade dos anjos*”. [risos]

AT: É congresso de quê?

ALO: Crenologia , que chama, crenologia. De águas minerais, não é? Eram as estâncias. Ele era presidente do... sempre foi chefe do... antigamente a gente chamava câmara municipal. Mas acho que não tinha nome de Câmara ainda não. Mas ele era o chefe dessa Comissão Municipal, que hoje é Câmara Municipal. E depois, como deputado, acho que quando deputado, ainda guardava essa chefia, sabe?!

TP: D. Alaíde, seus pais são nascidos também em Lambari?

ALO: Não. O meu pai, ele nasceu em Macaé, no Estado do Rio. E até brincavam, porque na ocasião eles falavam que Washington Luiz era o paulista de Macaé, não é? Porque nasceu em Macaé e foi ser governador. Então eles brincavam e que papai era o mineiro de Macaé. Ele foi para Lambari com vinte anos mais ou menos, vinte e poucos, ele trabalhava na firma de Sardinha. Era uma firma de [som de telefone chamando] [silêncio] //.

TP: A senhora então, estava nos contando sobre o seu pai, que ele não era de Lambari. Que ele nasceu em Macaé.

ALO: Isso em Macaé. Foi para lá novo trabalhar nessa firma de sardinha. Então você não são da geração da tinta Sardinha. Eu sou da geração da tinta Sardinha. Eles fabricavam essa tinta e vendiam para as escolas, então as escolas antigamente, elas tinham na carteira, assim um furinho redondo e um potinho de vidro, com a tinta, era tinta Sardinha sempre. E tinha também uma drogaria também da Sardinha. De sorte que meu pai trabalhava, mocinho trabalhava lá com ele, e veio para Lambari. E chegando lá, a filha do Sardinha ficou doente e veio fazer tratamento. E a filha sarou, e o Sardinha tinha aberto uma farmácia para ele ficar trabalhando na farmácia, porque era prático em farmácia, não é? E quando foi, vendeu a farmácia para papai, que era empregado dele. Então a farmácia era da empresa. E essa farmácia, que a vida inteira, o tempo todo, antes de se casar, era a farmácia. E antigamente isso que falo muito, os

políticos eram diferentes naquele tempo, não é? Porque os políticos antigamente, sobretudo o estadual, por exemplo, o deputado estadual, ele trabalhava três meses por ano para o governo e os outros meses, férias. Mas não ganhava nas férias. Quando falaram em ganhar nas férias, meu pai levou o maior susto, *não trabalho no governo* como é que pode ganhar nas férias, não é? Então, cada um tinha sua profissão. Quer dizer, trabalhava três meses, tinha aquela gratificação, sempre assim... bem... // uma boa gratificação //. Não, era uma gratificação... tudo de acordo com a possibilidade do Estado. Era num regime de economia, de certo cuidado. E ele tinha passagem para ir, tinha um passe para ir de trem, voltar de trem. Porque naquele tempo era trem. Então ganhava aquela importância, aquele três meses e depois, era trabalhar na farmácia, como farmacêutico. Então ele deixava alguém substituindo. E assim eram os outros médicos por exemplo, que iam três meses, se afastavam um pouco da clínica, depois assumiam, fazendeiros, iam assumir sua fazenda, porque naquele tempo tinha muito fazendeiro. Padre ia assumir sua paróquia, porque naquele tempo podia, a Igreja [*inaudível*] e havia até sacerdotes muito virtuosos e bons, que defendiam idéias, morais e boas na Assembléia. Quer dizer, não chamava assembléia, chamava Câmara Estadual. Depois é que mudou para assembléia.

TP: Então D. Alaíde, o seu pai, ao longo da vida ele manteve a farmácia como atividade fundamental.

ALO: Manteve a farmácia. Depois ele foi deputado, foi até presidente da Assembléia, duas vezes. Porque naquele tempo o presidente é que convidava, o Governador do Estado chamava Presidente de Minas. // Era Presidente do Estado //. Então o Presidente convidava e dava o nome e a assembléia votava. E ele disse: “*o que é isso, cheio de juristas*”, porque o pessoal dizia, chamava de doutor, e ele dizia: “*não sou doutor*”, mas o pessoal dizia que ele era *douto*. Lia muito, muito inteligente, estudioso e tudo. De sorte que sabia mais que muito doutor. Então, de sorte que ele foi convidado e ele respondeu isso, não é? O Presidente falou com ele, disse: “*Não, esse lugar ninguém pede e ninguém recusa quando é convidado*. Ele tinha autoridade até para... A gente pensa que essas coisas, que democracia... isso também é democracia. Porque se transferiu para eles o direito de escolher, o direito de indicar, então pronto, foi transferido, ele tem o poder. Porque essa coisa de isolar muito, é como o meu filho

vendo às vezes os problemas de democracia. Então ele foi eleito, depois de eleito... Quando ele quis ser deputado federal também, o Presidente chamou e disse: “*você não vai - chamava - entrar na chapa*”. Tinha chapa de deputado estadual, ele tinha sido acho de umas quatro legislaturas. Depois tinha a chapa de deputado federal, e essa chapa em geral quando fazia a chapa a turma toda era eleita, em geral. Quando começou a aparecer partidos assim, de oposição, aí um ou outro perderia. E quando ele pretendeu, o Presidente disse: “*não vai agora porque ele quer fazer o orçamento da...*” ele era delegado da parte do orçamento da Assembléia, não é? E disse: “*você tem que preparar um colega para o seu lugar daqui há três anos*”, porque era de 3 em 3 anos lá, aqui eram quatro, não é? “*Você irá na chapa.*” Então quando terminou esse prazo de três anos, o Presidente passou um telegrama para ele, comunicando que ele tinha entrado na chapa. Quer dizer, tudo era combinado, então era assim o telegrama: quem confia é que mata a caça. Ele respondeu: quem tem padrinho não morre pagão. Porque o presidente quis ele. Aí, ele foi ser deputado federal. Foi aí que eu entro, indo para o Rio.

TP: Então, a família morou em Lambari até o momento que...

ALO: Mas aí no fim, morava ainda porque não ia, transferia os sete meses, e voltava para Lambari, não é? Transferia sete meses, já foi desligado um pouco porque era mais tempo, mas quando voltava assumia ainda a farmácia, mais na direção. Porque como deputado estadual trabalhava mesmo, como farmacêutico fazendo... fazendo as pílulas, as cápsulas, pesando lá, ainda corrigindo um pouquinho os médicos, algum recém formado que errasse nos cálculos, nas combinações químicas dos remédios, não é? Ele era muito perito nessas coisas, muito inteligente.

TP: D. Alaíde, então toda a sua infância foi passada em Lambari.

ALO: Em Lambari, a infância e depois fui para o Colégio Sion, interno não é? // Em Campanha //. Aí também, fui para Campanha, fiz o curso preparatório, depois fiz o Normal. Naquele tempo o Normal era de quatro anos, não é?

TP: O preparatório, D. Alaíde, naquela época, equivalia ao que foi o ginásio depois...

ALO: Não, o preparatório era um ano só de admissão. Era uma espécie de admissão, chamava o ano preparatório. Você podia fazer em um ano ou em seis meses, era um

curso de admissão, depois para entrar no Normal, que eram quatro anos. Porque agora é dividido em ginásio e mais três. Naquele tempo, a gente fazia // então o normal era feito em quatro anos //. Agora, lá no Sion eles diziam que a gente tinha um programa um pouquinho mais aberto, mais amplo do que o programa do Estado porque eles chamavam... programa Sion, uma espécie de curso de Sion. Então, francês a gente estudava muito além do que era exigido no curso comum. E desenho também era extra, música, também. Você fazia o curso como se fosse... mas era paralelo, junto, porque era internato, não é? A gente tinha aulas de manhã e à tarde, de sorte que cumpria o horário de escola normal e estendia outras aquisições.

TP: E quando a senhora foi para o colégio em Campanha, a senhora foi a única da família ou as suas irmãs também foram?

ALO: Não. Já era, as duas já tinham formado. [*nomes das irmãs – inaudível*] formou lá, a Maria, também minha irmã, tinha sido formada lá no colégio.

TP: E a sua mãe, nesse meio tempo, ainda continuava em Lambari. E vocês passavam férias em Lambari.

ALO: Férias em Lambari. E também visitava a gente assim... tinha visita uma vez por mês, podia ser o pai ou a mãe, ou irmão [*inaudível - <barulho de carros>*].

TP: E o transporte nessa época era sempre o trem.

ALO: Trem. E o horário dele era terrível, porque saía... a gente chegava de madrugada, não sei que horas, passava, então para sair era de madrugada, duas, três horas, para voltar para Lambari. Era pertinho, não é?

TP: A senhora se lembra quanto tempo de viagem?

ALO: Eram duas horas // duas horas //.

TP: Só que às vezes, a viagem tinha que ser feita de madrugada...

ALO: O horário era mesmo assim, o trem vinha de Cruzeiro que era de São Paulo, então a hora que chegava, acho que chegava meia noite ou duas horas, era o fim da linha. Campanha era o fim da linha.

TP: Então D. Alaíde, a senhora fazia essa viagem sozinha ou seu pai ou sua mãe

acompanhava.

ALO: Não, ia sempre alguém acompanhando, mas às vezes ia um, porque tinha mais pessoas que fossem ao colégio, que era da cidade, então era responsável. E lá as religiosas já de madrugada esperando na estação. Elas esperavam e ia diretamente para o colégio.

TP: E como era essa viagem para a senhora? Era motivo de alegria, a senhora...

ALO: Eu achava interessante, porque andava de trem. A primeira vez a gente acha mais, depois acostuma, já perde um pouco de graça. Mas de qualquer forma a gente sempre gostava de olhar nesses pedaços a gente não tinha muito hora de olhar de dia, porque era sempre escuro. Então você via as cidades iluminadas, na janela, de repente parava numa estação, a gente olhava. A gente ia bem, // era uma viagem curta, relativamente curta // conversávamos, podia conversar muito, não era cansativo. Engraçado, sempre fui para o colégio com naturalidade, enfrentei todo o trabalho, toda aquela... aquele regime, que era muito cuidado, eu não estranhava porque não havia muita diferença entre os cuidados de família e os cuidados do colégio. Eu me lembro, por exemplo, quando nas férias, uma vez que fui, o papai sempre apanhava, a gente menina ainda. Nas férias a gente ia no clube, dançava, tinha festa... cidade de águas e cidade muito freqüentada por muitos veranistas, que chamavam de São Paulo, do Rio, de Belo Horizonte. E orquestras todo ano, nesse período, orquestras do Rio, o meu pai acompanhava a gente. Ia no sábado, no domingo, tinha lá uma dança. E eu me lembro que a mamãe, um dia, no dia seguinte, ela falou seu pai ficou um pouco preocupado com você ontem, porque você dançou muitas vezes com o mesmo moço. Porque você não podia dançar muitas vezes com o mesmo moço // senão era um compromisso //. Era em geral, era porque você estava namorando, um namorado. Porque você não podia namorar. Mas ninguém ligava não. Porque podia gostar, podia brincar, podia rir, podia falar, então não ficava... Namoro também era simbólico, eu falo que no meu tempo... não se distinguia namorado de qualquer pessoa conhecida não // de amigo //... porque era só conversar, trocar idéia, trocar livro, emprestar livro e falar sobre o livro, às vezes nem chegava falar eu gosto de você, não é?

TP: D. Alaíde, antes da gente chegar nessa fase boa – fase dos namoros - as lembranças de

infância da senhora em Lambari... assim uma infância mais remota, de brincadeiras, quais eram os cuidados? Porque a senhora nos disse que eram quatro meninos e cinco meninas na sua casa, não é?

ALO: Cinco meninos e quatro meninas //

TP: Ah, era o contrário. E as brincadeiras? Vocês brincavam muito dentro de casa... havia uma diferença entre os brinquedos dos meninos e das meninas, vocês brincavam na rua, nos rios, como era isso?

ALO: Nossa casa tinha um rio que passava no fundo. Tal como você viu. Aquilo já era uma distração para a gente porque você podia pescar, então meu pai era um pescador e a gente ficava espantado, porque no dia em que ele queria peixe, era só chegar no quintal e tirava, parecia que os peixes conheciam o anzol dele. A gente ia, esperava, esperava, o peixe custava para chegar no anzol da gente. Ele explica bem, ou fazendo uma isca especial, aliás o anzol dele não era esse anzol que você comparava pronto não, era uma agulha que esquentava e curvava. Então não tinha nem aquele ganchinho de prender o peixe. Era preciso ter uma habilidade tal para tirar o peixe sem que ele caísse na água de novo, não é? Mas parece que isso era mais fácil para pescar, eu não sei. Só sei que ele pescava assim. Então era muito difícil para a gente. Nós brincávamos no quintal, brincávamos também de... isso os meninos, os irmãos. Ela recomendava muito e a gente não gostava muito de muita amizade, fora não. E quando alguma amiga ia em casa, ou colega de quando estava estudando no grupo, esse dia eu lembro, nos tínhamos uma amiga que gostava muito de costurar e tinha essa minha madrinha que eu falei nela, também morava em casa e ajudava. Então, chegou visita... chegou companheira, elas não faziam mais nada. Era acompanhar, arranjar uma distração, mas ela sempre por perto. Nunca você ficava sozinho com... estranhos para ela. Não ficava. Por isso que também, o pai quando me viu dançando com o mesmo moço, porque ele não sabia quem era o moço.

TP: D. Alaíde, e a senhora ficou em casa até a faixa de seis, sete anos porque...

ALO: Não, fiquei até mais. Porque até depois // não havia pré-escolar, naquela época //... porque grupo escolar nós fizemos no grupo, não é? A gente brincava... o seguinte, porque nas férias também, a gente brincava esses brinquedos, bete que chamava, que a

gente jogava bola longe, ficava contando enquanto o outro ia buscar. Nunca mais vi esse brinquedo, não é? Era com a bola e tinha umas tábuas assim, a gente batia. Os meninos sempre tinham mais força e mandavam a bola mais longe. Enquanto a bola ia, a gente contava: “*um, dois, três...*”, quanto mais depressa você pudesse mais você ganhava. Quando você chegava com a bola, que você tinha ido buscar, aí parava, perdeu tantos pontos. E depois, a gente brincava muito era de - eu chamo *birosca* - // *birosca* // que chama, não é? A gente fazia um buraco na terra e às vezes fazia uns muito bonitos, trabalhados até, não é? Porque tinha aquela *birosca* que escondia, parece um jogo, não é? Você fazia e a gente jogava, e jogava em vez de ser, não havia bolinha de gude não é? Então // não havia bolinha //, era com o pinhão. O pinhão substituía. Agora o pinhão de preferência, o que chamava [patureca] [*riso*]. Um pinhãozinho mais arredondado, menor parecido com bolinha. Então nós jogávamos muito. Era uma coisa que a gente gostava de jogar // meninos e meninas // e depois quando... eu brinco sempre, porque quando a gente acabava, vamos lançar os pinhões lá na brasa para comer. Porque o pinhão... ou cozido ou assado. Mas a vitória representava também você ter pinhão para assar lá na brasa, não é? Na brasa, a gente gostava muito. Esse era um brinquedo, que agora estou me lembrando justamente. // está bom para senhora lembrar //. Agora, havia uma diferença assim, por exemplo, em geral, coisas da rua eram os meninos que faziam, sabe? E as meninas menos. Mas a mãe sempre dizia que tinha que educar os meninos com certa reserva, porque não adiantava que eles estavam sempre em casa com as irmãs, e que precisavam ser também educados de uma maneira mais-ou-menos igual, não é? Então em casa era assim, se tinha alguma coisa mais pesada para fazer, subir no forro para consertar alguma coisa, ou tem goteira lá em cima, então era os meninos // pedia para os meninos //. Agora, as meninas tinha cuidados, se está chovendo, fechar janelas. Dava funções diferenciadas. Mas era bem dividido. Não havia muita briga não // havia harmonia //. É... interessante. Até me lembro quando a gente conversava: às vezes um chegava, estava todo mundo sentado conversando: “*onde é que está o mel hoje*”. Então, se era na sala, sala de visita, de jantar, ou se era num quarto, então todo mundo se reunia para conversar era “*onde estava o mel*” era a hora que a gente tinha de bater um papo, não é? Ela teve um jeito qualquer de criar a gente com harmonia... Se casou

com 14 anos // uma menina não é? // E tinha uma inteligência um pouco fora do comum, surpreendente. Lia livros sobre educação, me lembro ela lendo um livro sobre educação e que falava, que ela viu lá nos livros, acho que uma tradução de livro americano, não sei que livro, porque a gente naquele tempo não tinha essa curiosidade, não é? Então fala assim: não se toma um objeto perigoso da mão de criança à força. Estava escrito. Então, a criança estava lá com uma faca, você troca, você me dá essa faca que eu dou isso para você. E isso ela lia nos livros, isso estava nos livros de educação, eu não sei, nunca identifiquei. Volta e meia ela sabia de umas orientações dadas através desse livro que ela lia. Papai gostava muito desses livros, assim [*inaudível*] luta, valor de Wagner, esses livros mais sérios não é? A gente já ouvia falar neles desde cedo. Isso tudo eu acho que influenciou na formação.

TP: Agora, D. Alaíde, a sua mãe, ela no que diz respeito ao universo doméstico – a senhora está dizendo que ela procurava educar filhos e filhas sem muita distinção. Agora, com relação ao trabalho doméstico mesmo, ela sempre teve empregada que ajudava nas tarefas domésticas...

ALO: Isso... isso sempre, uma vez que nossa vida era uma vida de muito equilíbrio, porque o que se ganhava era tantos filhos, não é? Então era tudo com bastante cuidado, sem desperdício. Isso aí não podia desperdiçar. Desperdiçar era um verbo que a gente tinha que ter cuidado porque desperdiçar era uma coisa um pouco grave. Então tudo que podia aproveitar era aproveitado. Tinha a vida assim equilibrada, não podia desperdiçar nada, mas isso sempre teve, a cozinheira, sempre. E lavadeira, passadeira e arrumar, acho que as duas arrumavam lá, sabe? E tinha duas, às vezes três. Engraçado, no interior, antigamente mesmo aquelas que não tinham muitos recursos, tinham sempre uma empregada. Eu mesmo quando casei, por exemplo, nós dois trabalhamos, começando a vida, quatro filhos logo se seguiram, mas eu tive uma época de três empregadas. Hoje, mesmo que você possa pagar as três já representa uma coisa, não é? // não usa muito // já acha que está, você acha que está apertando o orçamento um pouco, não é? E a gente não pensava em orçamento não.

TP: A senhora não nos contou, a senhora disse que seu pai nasceu em Macaé. E a sua mãe?

ALO: A minha mãe nasceu em Campanha. // Em Campanha.// Pegadinho em Lambari, não

é? E mudou para Lambari porque a irmã dela ficou doente e os médicos receitaram águas minerais, era melhor que ficasse [inaudível] que era bom que morasse em estação de águas, não é? Então se mudaram para Lambari. E aí, acho que foi uma época justamente que ela conheceu meu pai. Ele já estava com 23 anos e ela com 14. Então foram à festa, fez o pedido de casamento. Porque era assim, quase que se ajoelhar e/

FIM DO LADO A DA FITA 01

Entrevista – fita 01 lado B

TP: Então, continuando D. Alaíde. Eu queria que a senhora nos contasse um pouquinho... a senhora estava nos dizendo que a senhora passou a sua infância em Lambari. Lambari já era, nessa época, uma cidade que já tinha uma infra-estrutura de turismo, hotéis, como estação de água que era?

ALO: Justamente, isso é que a gente fala, porque nós costumamos falar que gente que nasce em Lambari é mais sociável. Porque justamente recebe... tem que sempre tratar bem, porque sabe que a vida da cidade depende muito deles. E importante dizer que nunca vi fábrica, essas coisas por lá, não é? Ninguém teve preocupação de fazer fábrica e nem nada, porque a “fábrica” era fazer hotel. Hotel e hotéis muitos. E isso era bom porque hotéis que já exigiam higiene. Quando, por exemplo, apareceu o chuveiro, num instantinho o chuveiro chegou lá. Porque antigamente não existia, quando eu nasci, ainda não era chuveiro não, mas já havia banheira, mas não nas casas todas. Mas você já aprendia que havia banheiras, banheiras grandes. Banhos para turma toda. Depois quando todos viram o chuveiro também começou logo lá, sabe. Era cidade, assim, civilizada. A gente tinha contato. Papai tinha muita relação com fazendeiros. Porque como ele era político, ele era muito relacionado, porque político você sabe como é que é, lida com todo mundo... todos que votavam nele. Então, visita, tinha muito contato com... compadres, tinha muitos afilhados, era padrinho de uma porção de gente. E na estação a gente... Depois que a gente ficou mocinha, a gente tinha alguma relação também com *[inaudível]* porque o meu pai tendo essa farmácia e era deputado, então qualquer político que chegasse, qualquer pessoa que sabia ia procurar. *[inaudível – falas simultâneas]* Depois o meu irmão mais velho foi médico também. Então todo pessoal procurava, teve um relacionamento com esse pessoal que vinha de fora. Me lembro, por exemplo, Pedro Lessa, era um jurista muito conhecido na época, e ele passou pelo grupo escolar e estávamos cantando, porque a gente cantava, porque antigamente a gente cantava um hino antes da sala, então isso preparava a gente, talvez até poeticamente para fazer... trabalhar aquelas outras quatro horas. E na saída também, reunia, cantava outro hino na despedida. Então, não sei porque tiraram,

acharam que seria formal, mas às vezes as coisas formais não são formais para gente. Às vezes são formais de aparência e na realidade não são. Então a gente cantava feliz, cantando. E esse Pedro Lessa parou na beirada da calçada e ficou ouvindo o canto todo: “*Salve, lindo pendão da esperança.*” Até é engraçado que... Hino da Bandeira não é? E como o Hino da Bandeira começa com “*salve lindo*” e se você cantou “*salve lindo*” ficou o nome de “*salve lindo.*” “*Salve lindo pendão da esperança*”, “*salve lindo*” o quê? “*Salve lindo pendão da esperança...*” Então ele foi... Quando eu cheguei... na minha casa, então o papai falou: “*Olha, o Pedro Lessa passou lá no grupo e gostou muito de ouvir o canto, o Hino da Bandeira, e disse que vai contar a Olavo Bilac que ele ouviu a letra*”, porque a letra é de Olavo Bilac, ele ouviu a letra dele, cantada no grupo, que ele passou para ouvir. Então eu falei assim: “*Mas então Olavo Bilac existe?*” Porque a gente acha que poeta [risos] é uma coisa que está longe. E ele conhece? Porque a gente conhecia Pedro Lessa que era um homem muito importante, mas a gente conhecia pessoalmente, e tinha livros, mas não ao alcance da gente. E Bilac era muito ao alcance. Foi o primeiro contato assim com // alguém de mais projeção // de poesia, conhece Olavo Bilac. Eu brinco porque depois tinha irmã poeta, não é? E aí então achei que era, existe, era realidade mesmo, o poeta. A primeira vez foi nesse outro, depois foi com ela. Mas você vê que a gente... tudo isso, traz contatos que são um pouco intelectualizados. Parece que não é nada, mas você chega em casa, seu pai dizer diz que vai contar a Olavo Bilac, então você sente um nível alto, não é?

TP: D. Alaíde, a senhora quando menina, com os irmãos morando em Lambari, vocês costumavam passear? Lambari tinha uma estação de águas, era um estação de águas e tinha um // porque de águas. // Vocês costumavam passear nos fins de semana?

ALO: No parque a gente ia muito, porque o parque até a minha casa era perto do parque. E no parque a gente ria muito, achava muita graça nos veranistas, porque lá a gente só bebia água mineral, não é? Mas havia um pessoal da cidade, por exemplo, lá em casa na hora do almoço, um pouco antes do almoço, mandar encher o garrafão de água para trazer para a mesa, água fresquinha, não é? E na hora de jantar também ia. Então os meninos em geral que iam. Agora, quando os meninos não podiam, a gente mesmo ia buscar. Então a gente achava muito engraçado porque a gente ia tirar, beber água

enquanto tem sede, levava o garrafão quantas vezes você queria beber. E os veranistas ficavam assim... [*inaudível*], porque em geral os copos deles marcando quantos mililitros. Então eles jogavam assim fora um pouco [*riso*] // dosavam // dosando para tomar aquela dose certinha, não é? Que o médico em geral punha um tanto, porque os médicos receitavam determinadas tantas gramas... gramas, isso eu acho que já não sei. // mililitros // E a gente não acreditava, a gente achava um pouco, fazia um pouco de ironia com isso sabe? // Porque era tão comum para vocês // E achava que talvez eram eles que estavam errados, Não sei se eles é que estavam certos. Porque quem sabe se não devia dosar mesmo, não é? Porque a água... Isso é que nós costumamos a acostumar fora de lá. Porque a água em Lambari é diferente das outras estâncias, nas outras estâncias, acho que quase todas é com torneiras que fecha. E na nossa não. Assim, tem um tanque, assim redondo, grande, com oito bicas jorrando sem parar, dia e noite, dia e noite. Você chega lá, só chegar assim e encher, não é? Isso um de oito, outro de quatro, outro de um, de um, aquela fartura de água, nada de torneira // não se fechava // não sei como não acabou, eu não sei de onde vem aquela água [*risos*] [*inaudível*]... a fonte. E a gente gostava porque sempre que a gente via a água... parecia que fervia, porque é gasosa, não é? Água gasosa então ela // ficava em efervescência //.

TP: D. Alaíde, e a senhora então morou em Lambari até..., como a senhora nos contou, até terminar o grupo, depois foi para Campanha, mas passava as férias em Lambari. Então, a senhora podia nos falar um pouquinho agora do início da sua vida escolar. Quer dizer, o grupo, a senhora comentou que cantava um hino, que a senhora gostava dessa prática. O que mais marcou a senhora nesse primeiro momento de escolaridade?

ALO: Eu lembro da alfabetização, até agora o colégio me pediu que fizesse um depoimento sobre a minha alfabetização. Então eu até fiz e eu posso até dar uma cópia, se interessar. Então, eu me lembro, por exemplo, o dia que eu sei, os cinco dias que aprendi a ler. Porque a gente aprendia pela silabação. Porque eu não discuto muito o problema do método de alfabetização. Porque eu acho que no fim você vai ... Você pode partir de um ponto, mas você vai chegar no ponto igual, não é? O ponto de partida pode ser diferente. Então se for um método global, você parte da frase ou de estorinha. Se for o método da palavração você parte da palavra. Depois você vai para a sigla, que é a letra. Também o global, depois você vai da frase para a palavra, da

palavra parte para a letra. Então, o que precisa é que todas as etapas sejam bem feitas. Agora, precisa ver o gosto das crianças. Eu acho que depende muito, é muito individual isso. Você não pode dizer: “*Esse é o melhor método*”... “*Esse lá é o melhor*”, não. Depende de cada um e depende do jeito que a professora dá. Eu acho que a primeira coisa é ela acreditar que qualquer método é bom. E acho que antigamente elas acreditavam que a silabação era boa. Eu aprendi com a silabação, tenho gosto pela leitura, tenho uma boa leitura, não é? Eu lembro, Abgar Renault aprendeu pela silabação, e tem muita gente grande maior que ele, Drumond aprendeu assim e o escritor que é, e aprendeu a ler e escrever. E começou com silabação. Agora, isso não quer dizer que a silabação, seja o ideal. Você pode complementar também. Você pode. Agora, quando ensinaram para gente o método global, eles diziam que o método global era o melhor de todos. É o melhor se você tem convicção de que é o melhor, e se você aplica bem, se você não deixa etapas fugirem. Isso tudo é muito relativo. Então, eu aprendi silabação. E o livro era do... acho que era Joviani Ribeiro que chamava, um nome assim... [*inaudível*] Então, era assim: “*bo – la*”, “*pe – ga*”, “*sa – po*”, “*pu – la*”, depois vem, “*me – ni – no*”. Então, a gente não sentia a palavra não. “*Bo – la*”, “*pe – ga*”... de repente você descobria que “*bo – la*” é bola, “*pe – ga*” é pega, que “*pu – la*” é pula. “*Me – ni – no*” é menino, não é? Eu lembro do dia, que eu descobri que era. Porque eu batia aquilo assim, sonoro só. Um dia eu levei susto porque não sei se talvez a professora possa alertar a gente desde o começo da silabação que “*pu – la*”, “*bo – la*” é bola. Talvez pudesse, mas a gente descobrir sozinho também é bom, descobrir sozinha foi bom. Aí comecei a perceber, juntar as sílabas e aprendi. Depois, a gente lia, a gente lia muita poesia. Porque Olavo Bilac estava muito na moda, andava por todas as escolas. A gente sabia de cor a... como chama? Peteca... eu sabia até o nome das poesias, poesias infantis mesmo, não é? Eu acho que era “*A bola e a peteca.*”

TP: D. Alaíde, esse material de leitura ele estava disponível na escola ou a senhora tinha acesso em casa?

ALO: Você sabe que em casa eu não tenho lembrança, isso nem é bom divulgar. Mas eu não tenho muito lembrança de ler, nesse período, ler em casa. A gente trabalhava na escola. Em casa, mais era de brincar mesmo. Agora, às vezes a gente recebia jornal,

você olhava o título, não é? Meu pai gostava de ler jornal, você via os títulos de jornal. E os livros dele também, como falava, a gente lia os títulos dos livros. Está lendo tal livro, está lendo o livro, mamãe lendo tal livro, fulano lendo tal livro. Você sabia os títulos, mas não havia livros para a gente. Eu me lembro que na infância o livro que eu li foi: “*Os Desastres de Sofia*.” Eu acho que foi o único livro de literatura infantil que eu li na infância

TP: Como é o nome?

ALO: “*Os Desastres de Sofia*”

TP: “Os Desastres de Sofia”, da Condessa de Ségur.

ALO: E eu lembro que chorei muito, sabe? Porque a menina sofre, sei lá se era parecida comigo. O que ela sofreu, o sofrimento dela eu participei muito. Mas olha, é o único livro... Até eu defendo hoje a tese de que o que me deu gosto para a leitura - aí já depois, indo para o colégio - talvez esses livros da escola, do Bonfim, Bilac, do Coelho Netto, esses todos tenham despertado esse gosto. Agora, no colégio duas coisas que me fizeram ter gosto em leitura, eu acho. Antologias, eu adorava os textos antológicos. Eu acho que o que devia dar... porque você lê os textos, tem o nome do autor, e isso aí eles tinham muito cuidado de dar para a gente, isso é que é importante. Porque muitas vezes você pergunta quem é que escreveu aquele livro, nem o nome do autor a criança sabe. Então nos textos a gente aprendia muito. E professora mesma da aula, eu me lembro uma vez que estava dando aula na medicina, eu perguntei: “*Quem é que foi o seu professor de didática?*” Os médicos, doutores, do doutoramento, “*Quem é que foi o seu professor de didática?* [inaudível] do ano passado?”, “Foi uma gordinha” [risos]

TP: Não lembravam o nome.

ALO: Só porque é gordinha, chegou, não é? Então... [inaudível] Então o interesse no autor, isso despertava na gente, isso é que eu acho importante. Despertar o interesse, porque quando você vê o autor, o texto, você fica com vontade de ler o livro dele, não é? E você leu aquele texto, você gostou. Eu até hoje adoro ler “*Os Sermões*” de Vieira, e onde eu aprendi? Foi no colégio // Em uma das antologias // Antologia tinha [inaudível]. Ficava espantado porque [inaudível] aprendizagem. Eu ficava espantada porque era um desafio a Deus, não é? Desafiando, [inaudível] desafiando a Deus,

como é que ele ia deixar os holandeses, que eram protestantes, entrar no Brasil. Quando Deus, para eles Deus era católico, apostólico, romano. Mas achava uma beleza. E eu acho que de vez em quando eu tenho umas frases meio retóricas, sabe? E eu acho que ficou um pouco do Vieira. Agora, outra coisa que me marcou muito na parte de leitura e de linguagem, os evangelhos. Porque todo sábado a gente tinha meia hora para estudar o Evangelho e decorar // isso no colégio // Então era o evangelho do Domingo. Então no dia seguinte, uma ou duas recitavam. Você não sabia quem era, então você tinha que saber de cor, porque amanhã você podia ser chamada e podia recitar o evangelho. E o evangelho, sobretudo, que eu escrevo para criança, fez muito sucesso [*inaudível*] todo mundo fala nela. Então, eu acho que... não sei se é falta de modéstia, mas meu estilo parece um pouco com o do evangelho. Aquela simplicidade, o sujeito claro. Naquele tempo de Jesus e seus discípulos, o reino dos céus. Então sempre o sujeito, sempre o objeto, é nítido, não é? Então a gente decorava e... muito melodioso, as traduções são muito boas, do evangelho nesses manuais. Teve um tempo que a gente decorava um pouco em francês. Mas de qualquer forma tem a melodia também da língua.

TP: Aproveitando que a senhora está falando disso, eu queria fazer uma outra pergunta que é exatamente sobre a sua educação religiosa. Como é que foi isso na sua família? Os pais eram católicos, a senhora freqüentou a Igreja desde menina... como foi?

ALO: A mamãe era mais piedosa do que o papai, não é? Sempre os homens são um pouquinho mais afastados da Igreja. Houve período, que é o período de positivismo, período de coisa, então os homens se afastaram um pouquinho. Mas sempre papai se sentia católico, mas não era freqüentador de Igreja, nem nada. Mas um respeito muito grande e muito amigo de sacerdotes. Nós recebíamos mesmo em casa, quando eles iam lá, ex-colegas. Papai tinha muitos amigos assim. E ele, no final... no final quer dizer, no final da vida dele, ele morreu com 77 anos, eu não sei, já talvez com 60, ele começou a ir a missa todos os domingos, sabe? E tinha aquela coisa na religião. E aconteceu com a morte dele, foi até uma coisa interessante, porque ele, teve um Congresso Eucarístico aqui em Belo Horizonte, e então, foi um padre visitá-lo. Você vê, colega dele lá do [*inaudível*]. E ele foi, pediu, estava acompanhado até de um médico, estava se formando esse ano, lá da minha terra. Então ele pediu para o médico

se retirar, porque ele queria conversar com o padre. Queria confessar porque ia comungar no dia seguinte, que era Congresso Eucarístico, sabe? Então ele confessou, já tinha tido qualquer coisa cardíaca, assim. Ele confessou e logo depois ele teve..., o padre saiu, ele teve um enfarto. Mas parece assim uma benção de Deus porque foi tudo... ele era um homem muito honesto, muito correto, muito honesto, um exemplo. Também, diz que a perfeição leva à Deus. Então ele morreu desse enfarto.

TP: Isso foi em 36?

ALO: Papai morreu em 47.

TP: Então foi no Congresso posterior. E a senhora estava dizendo que a sua mãe...

ALO: E a mamãe era muito jovem, mas naquele tempo os maridos em geral não deixavam, não gostavam que as mulheres andassem muito na igreja. Tinha aqueles cuidados, não é? E mesmo de confissão e tudo, então mamãe ia a Campanha quando queria confessar. E depois, ela começou a praticar. Ela morreu 10 anos depois dele, mas também ela mesmo pediu para chamar o padre, porque ela queria ter uma absolvição, como é que chama?

TP: Extrema unção.

ALO: Pedir a extrema unção. Pediu a extrema unção porque ela estava doente, problema cardíaco também, mas venceu bem, porque o meu irmão era médico. Então ele sempre amparou o coração dela, ela viveu 77 anos, a mesma idade dele, porque era mais moça quase 10 anos que papai.

TP: E vocês? As crianças da família freqüentavam a igreja desde meninos, ou não era uma prática muito habitual?

ALO: Não, a gente, todo mundo corava Nossa Senhora, todo mundo fazia primeira comunhão. E nós estudamos em um colégio de freira e eles em colégio de padre, os meninos. Então aquele primeiro período foi todo...

TP: Uma base sólida?

ALO: É. E depois, há um afastamento, depois uma volta, não é? Mas todos... E a mais velha foi a mais religiosa sempre, fazia parte de associações religiosas...

TP: E D. Alaíde, então a gente poderia falar um pouco sobre a sua mudança, sobre a sua transferência. De Campanha a senhora foi para o Rio, quando o seu pai foi ser deputado...

ALO: Deputado Federal.

TP: Aí toda a família se transferiu para o Rio?

ALO: Nós fomos naquele período, não é? Depois a gente vinha nas férias de deputado, para Lambari. Então quando foi já um ano nós ficamos [*inaudível*]. Mas ele vinha para Lambari para cuidar dos negócios, vinha e voltava. Mas tinha o cuidado de deputado em não falhar, sabe? Eu me lembro quando eu fiz a biografia dele, que ele, quando foi o primeiro discurso no Congresso Federal. Quer dizer, preparava, levava a sério, estudava, tinha os planos. E parecia que estava acostumado a fazer discursos aqui. Era um orador muito bom. Mas aquele cuidado, aquele zelo, aquele cumprimento, tudo é dever, até a seriedade na cultura. Ler, estar a par de tudo, lia jornais, além dos livros, tem de acompanhar, sabe? Os discursos... muito... Os companheiros dele também. Era uma beleza esse tempo. Eu me lembro quando veio a Revolução de 30, ele era deputado, eles foram verificar, eu lembro que Humberto de Campos escreveu, mostrando. Eu acho que não havia nenhum rico, sabe? Todos tinham que procurar, procurar uma solução, um emprego, uma coisa, ou então continuar seu trabalho, quem tinha deixado. Porque não tinha ninguém que pudesse viver de // ou seja, a política não tinha enriquecido ninguém.

TP: Nessa época, da Revolução de 30, vocês estavam no Rio, a família toda estava no Rio?

ALO: No Rio, é.

TP: Então as lembranças que a senhora tem da época são do Rio de Janeiro. E a senhora ficou no Rio quantos anos D. Alaíde?

ALO: Acho que uns 6 anos. Eu lembro da revolução, eu estava tendo aula de inglês. E quando saí da aula de inglês para ir para casa, já encontrei uns soldados que estavam quase apontando para o Palácio Guanabara, onde morava Washington Luís. E eu ainda atravessei correndo a rua, porque se viesse ordem ia dar tiro.

TP: É mesmo? Então a senhora tem lembranças vivas da revolução?

ALO: [*riso*] A gente tem medo, estavam todos assim acho que a posição era meio ajoelhada, que atira. E minha lembrança é dos soldados assim, ajoelhados e já apontando. Porque se ele não cedesse, não é? Porque foi a comissão para ver se ele entregava. Se ele não entregasse era para atacar. Mas ele entregou, mas nessa hora é que suspenderam... depois, cinco minutos depois não tinha mais ônibus, nem nada. Fui para casa, assustada./

FIM DO LADO B DA FITA 01

A

alfabetização, 2, 15
Assembléia, 5

B

Bilac, 14, 16, 17

C

Casassanta, 3

L

Lambari, 1, 4, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 20

R

Revolução de 30, 20
Rio, 2, 4, 8, 20, 21

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 24 DE ABRIL DE 1991

Entrevista – fita 02 – lado A

AT: Hoje é dia 24 de abril de 1991, nós estamos entrevistando dona Alaíde Lisboa de Oliveira. A entrevistadora é Thaís Pimentel. D. Alaíde vai ler agora uma autobiografia ritmada que ela está fazendo.

ALO:

*“Nasci em Lambari em águas virtuosas,
Águas virtuosas de Lambari.
Nasci com o Brasil, a vinte e dois de abril. Não foi em 1500.
Mas faz muitos anos. Muitos e muitos anos.
E assim escrevi mais de um livro,
Tive mais de um filho,
Plantei mais de uma árvore.
Comecei a crescer em Lambari.
Fisicamente, intelectualmente e espiritualmente.
Decifrei os segredos do alfabeto em Lambari.
No grupo Escolar Dr. João Bráulio Junior.
Aprendi a amar Deus em Lambari,
No lar e na Igreja de Nossa Senhora da Saúde.
Aprendi as normas morais em Lambari,
No lar, na Escola e na Igreja.*

Aos dois meses quase morri,
Clima frio, mais frio naquele inverno,
Arrasava meus pulmões.
O muco interceptando a respiração.
Chame o padre, é preciso antecipar o batismo da menina.
A madrinha convidada morava em Campanha,
Não dava tempo de vir a Lambari.
Vamos ver outra madrinha,
Convite de última hora não agrada a ninguém.
Então convoca a mesma madrinha da outra irmã no penúltimo batizado.
E a madrinha se chamava Lucília,
Foi luz naquela hora, seria luz por longos anos.
E o padrinho? O mesmo da outra irmã, seu Zeca Serafim,
Homem muito generoso.
Enquanto o padre batizava, amiga italiana chegava,
Ana Felícia naquele sotaque amigo italiano-brasileiro,
Se irmanava, termina o batizado.
A criança na aflição respiratória,,
Ana Felícia tira o lenço do bolso,
Do bolso da saia enfia na garganta da pequena e tira os excessos de muco.
E a criança volta a vida, Deus abençoe o ato de sua serva..
Alegria na casa,
Alegria do sacerdote.
Alegria dos pais,
Alegria dos irmãos,
Alegria da madrinha Lucília e do padrinho Zeca.
Doze irmãos vivos.
E a mãe olhava por todos,
E o pai a olhar aquela mãe atenta.
E o pai a admirar aquela mãe atenta.
Mãe você tem 12 filhos,
De que filho você gosta mais?
A mãe responde: 'Daquele que está precisando mais de mim.'
Mas eu preciso de você,
Mas eu também preciso de você,
Eu também mãe.
E eu com 4 anos, cogitava quando a gente fica doente,

*É que precisa mais da mãe.
Será que é bom ficar doente,
Para a mãe gostar ainda mais de mim.
E eu fiquei doente,
Os pulmões atacados de novo, prejudicava a minha respiração.
E a febre vinha toda à tarde,
Quatro horas da tarde era hora de começar a febre.
E eu ficava rosada.
E a mãe dizia: 'As rosas das faces chegaram,
De manhã as rosas das faces sumiam.
E assim os dias passavam, e a mãe dizia:
'Lisboa leva a menina para respirar,
Respirar lá no caminho da Mumbuca.
A mumbuca tem muita árvore, tem muito oxigênio.'
E Lisboa, meu pai montado num cavalo,
Minha mãe entregava a menina.
E a menina sentada num selim,
E o pai abraçava a menina,
E lá iam os dois.
Os dois não, os três,
O pai, a filha, o cavalo.
Toc, toc, toc,
A menina respirava.
A menina olhava tudo,
O céu, a terra, o brilho as árvores.
E os três de volta para casa.
A menina melhorava,
Mas as rosas das faces não desapareciam.
Ô febre que ia e que vinha.
E chegava uma notícia,
Itajubá tem um doutor muito bom.
Seu nome também é Lisboa,
Doutor Lisboa afamado.
E começavam os preparativos da viagem,
A mãe aflita arruma daqui, arruma dali.
Está na hora do trem,
Corre-corre, corre-corre.*

*Chegando lá na estação entramos no trem,
Sentamos na poltrona, até que macia.
E perguntei: 'Mamãe o trem anda sozinho?'
'Não minha filha, ele tem maquinista.'
'O que é maquinista?'
'É o homem que lida com a máquina.'
'E a lenha que eu vi lá na frente?'
'A lenha acesa esquenta a água,
A água vira vapor,
O vapor empurra a máquina
E a máquina começa a andar.'
E o trem lá ia.
Quantas horas para chegar?
Umás cinco horas?
Lá vai o trem, lá vai o trem,
Já está chegando, já está chegando,
E chegou.
Lá fomos no consultório do Xará Doutor Lisboa.
'O que tem a menina?
'Tem febre, tem rosas nas faces à tarde.'
E o doutor receitou.
E ali mesmo a menina bebeu a primeira colher do remédio.
E voltou para a estação com a mãe.
Entraram as duas no trem de volta,
E a tarde caiu.
E a febre não apareceu,
E as rosas das faces não voltaram.
E a mãe agradecia a Deus que inspirou o bom doutor.
E a menina voltou a brincar lá na beira do rio.
O rio que corre no quintal,
Agora a grade separa o rio do quintal.
Antes não havia grade.
E a preta velha avisava às crianças:
'Não cheguem lá na beira do rio,
Cuidado com o canto da sereia,
Ela canta e sua alma escuta e se a criança chegar perto,
Ela segura a criança bem nos braços e leva para o fundo do rio.'*

*Um dia, Osvaldo, muito levado, escutava a história contada,
 Mas não acreditava muito e foi fazer a sua experiência.
 Desceu na beira do rio, atravessou as águas andando,
 e firme voltou para o quintal.
 Quando a tia Lisa era assim que a gente chamava a querida preta velha.
 Quando a tia Lisa recontou a estória, ele falou:
 ‘Não se preocupe tia Lisa, eu já desci nas águas,
 Andei tudo por lá, nenhuma sereia cantou, nenhuma sereia apareceu.
 Isso aí é estória inventada e muito bem inventada,
 Pra criança não chegar na beirada do rio e não cair lá dentro das águas.
 Pra criança pequena até que vale a pena contar essa estória,
 Mas nós já estamos grandinhos.’
 E tia Lisa feliz, ria que ria.
 Ria daquele menino esperto que queria prova de tudo.’*

TP: D. Aláide, a senhora vai contar um pouquinho, como é que são suas memórias desses fatos que a senhora estava narrando. Por exemplo, essa história que a senhora conta da doença aos dois meses, que levou ao batismo, que memória a senhora tem disso, uma vez que a senhora era muito novinha, sua mãe ou seu pai que contava essa história?

ALO: Eu acho que essa história era repetida em casa pela mãe, pela babá, pela preta e havia algum comentário do pai também. Havia sempre uma referência a essa história. Porque justamente a gente ser batizado na última hora é uma coisa que impressiona. E a sensação era que eu iria morrer. E não podia morrer pagã.

TP: E com relação ao batismo, a senhora fala que na urgência, a senhora acabou tendo como madrinha, a mesma madrinha de uma das suas irmãs. E como é que foi isso na infância? A senhora e a irmã disputavam a madrinha?

ALO: Não, a gente em geral não havia muitas disputas em casa. Acho que as disputas eram muito interiores, sabe? A gente pensava... eu pensava: “Oh gente, porque não tenho uma madrinha só minha? Por que a minha é dividida?” Eu tinha uma sensação assim, que eu fui um pouco lograda // intimamente // Mas nunca falei. Quer dizer, agora a gente se lembra. E depois o padrinho também, o mesmo. E como eu cheguei depois da minha irmã, naturalmente, mais velha. Eu senti uma espécie de desvantagem. Porque

ela teve a madrinha antes, ela chegou a ter a madrinha sozinha, não é?

TP: A senhora foi a segunda afilhada.//

ALO: Então a minha situação já não era tão importante quanto a dela. E a gente gosta de importância quando se é criança.

E a relação da senhora com os padrinhos, que é sempre uma referência importante para a criança, a senhora manteve relações com esses padrinhos durante muito tempo?

ALO: Posso dizer que a vida toda, até eles morrerem. Porque na verdade vivia viajando. A Lucília, que eu falei, foi luz a vida inteira – ali eu já falo – ela foi para casa, talvez com 15 ou 16 anos, porque perdeu a mãe... perdeu a mãe e o pai. Então, irmãos do meu pai. Irmã e cunhado. Então ela foi lá para casa e era, ao mesmo tempo que era filha, ela é irmã da mamãe, porque ela já tinha 16 anos e ela colaborava com mamãe muito, sabe?

TP: Nas tarefas domésticas?

ALO: E ela adorava criança. Então para você ver, ela já era madrinha da Henriqueta, que ela mostra uma consideração...

TP: Grande...

ALO: Garantida lá em casa. E depois ela foi minha por acréscimo, mas ela adorava criança. E tinha gente também, nós gostávamos demais dela porque era muito alegre, muito risonha e não tenho uma única lembrança de ter zangado de uma arte que a gente possa ter feito. Não zangava, então ficou essa imagem muito boa. Depois ela cresceu lá em casa, ela se casou e depois que se casou - ela se casou com mais velho - ele morreu, ela ainda voltou lá para casa. Depois tornou a se casar e depois as filhas. Antes de morrer, escreveu uma carta, porque ela se casou pela segunda vez, foi para fora, que ela morria preocupada, ela estava doente, até pôs que estava tuberculosa, não sei. E preocupada de deixar as três meninas que ela tinha. Quem sabe se a mamãe e o papai queriam colaborar, ou queriam ficar com as meninas, não é? Ela morreu, na mesma hora a mamãe e o papai concordaram e as meninas vieram e foram criadas, as filhas dela.

TP: Ah! Então elas foram criadas como suas irmãs?

ALO: Filhas da minha madrinha. Então, eu já sou madrinha de uma delas. E a Henriqueta

madrinha de uma. E agora inverteu. Você vê que havia uma coisa assim profunda, um sentimento. Por isso eu acho que quando eles querem fazer leis, dando para parentes até não sei que grau, de confiança, eu acho que devia dar margem a uns dois ou três, não deixar abusar. Porque às vezes pode ser parente, pode ser uma pessoa que não tem confiança, e às vezes tem mais confiança que o outro. Eu não compreendo essa proibição. Eu acho que não deve haver abuso. Mas devia haver uma permissão até dois ou três, que for [risos].

TP: Um outra coisa que eu queria que a senhora comentasse um pouquinho, porque é uma personagem que aparece na sua biografia ritmada, é a preta-velha, a babá. Que lembranças a senhora tem dela? Ela foi uma pessoa muito importante na sua formação?

ALO: Foi muito importante na nossa vida toda. Até mesmo esse livro que eu ganhei prêmio agora, As Fábulas, quando eu falo que escutava histórias que a minha babá contava, é ela mesma. Ela foi muitos anos babá lá em casa, depois se casou. E continuou amiga da família sempre. E depois ela foi babá do primeiro, do filho do mais velho que se formou em medicina. Então ele foi médico dela depois. Ele era o médico. E ela depois ficou viúva, ficou doente e foi lá para casa, morreu lá em casa, já idosa. E atendida, a doença toda acompanhada pelo meu irmão mais velho, de quem ela tinha sido babá, foi o primeiro. Depois quando ela se casou, não sei se foi o meu pai que comprou uma casa para ela, na mesma cidade, mas era assim um lugar um pouquinho mais longe.

TP: Mais afastado?

ALO: Do centro, não é? E a gente ia muito à casa dela, que tinha um quintal. E até acontecia, porque a mamãe teve 14 filhos. Então eu ainda me lembro por exemplo, quando ia nascer criança, um grupo grande ia para casa da babá. Quando a gente voltava, a cegonha já tinha trazido a criança, e a gente não sabia de nada. Porque a gente foi criada na ignorância da vida, ignorância total. E não fez falta nenhuma viu?

TP: Saber como era exatamente.

ALO: Fui saber muito mais tarde, até é... [inaudível]. E você vê que era uma coisa assim, diferente, não é? E a gente aceitava, e às vezes olhava assim, que a cegonha levou. Eu lembro que a gente levantava a cabeça, já grandinhas, umas já bem grandes, e achava

estranho, mas havia tanta coisa estranha na vida não é?

TP: Chegava em casa tinha mais um presentinho, mais um bebê.

ALO: A cegonha que trouxe e acabou-se a história. A cegonha também foi embora. E se você puxasse conversa, tinha uma imaginação bastante larga, para contar até como a cegonha voou. [*risos*] Mas eu acho que a gente criança, isso até eu já escrevi um trabalho sobre isso, a fantasia e a realidade se confundem muito. Hoje então, a realidade de hoje seria a fantasia do nosso tempo. Você já imaginou, hoje uma criança que escuta à distância na televisão, que vê imagens distantes. Então você conta uma estória de fadas para ela, não é muito diferente. Porque a ciência progrediu tanto, e foi além de muita imaginação.

TP: E só uma outra coisa a respeito da babá a senhora fala, ela era negra, e a senhora se lembra de histórias que ela contava, certamente os pais foram escravos, ou avós...

ALO: Ela contava muito, e lembranças de histórias propriamente, assim, completa e tudo, eu não tenho. Mas quando eu escrevi as fábulas eu imaginei que algumas, ou pelo menos coisas semelhantes tinham sido contadas por ela. Coisas semelhantes tinham sido contadas por ela. Eu sei que há irmãos meus que guardavam mais, que ela contava e eles fixaram as histórias.

TP: Mas de qualquer maneira foi uma pessoa importante.

ALO: Foi muito importante. E ela ainda tem isso, ela tinha sido escrava de meu avô.

TP: Ela mesma?

ALO: Quando ela fez sete anos meu avô deu de presente para uma filha. Depois a filha deu para a mãe. Porque aquele tempo, depois, quando acabou a escravidão ela virou uma pessoa que trabalhava em casa, mas era quase uma pessoa da família. E quando ela casou, ela se casou por exemplo, ela ia toda a semana com o marido visitar a minha mãe. Fazia uma visita lá para a gente. Nós gostávamos muito dela. Aí começamos a gostar também do marido, que se chamava João. Então passou a ser tio João. Até engraçado que sempre, não sei se todo mundo chamava assim, a babá de tia. Hoje, tia até nas professoras, todo mundo é tia. Então ele era tio João. Até aconteceu uma comigo. Eu estava, estamos contando tudo mesmo. Já estudava no Colégio Sion, no

curso normal, e recebi uma carta da minha irmã. A superiora me chamou no gabinete, porque tinha uma notícia para me dar. A carta dizia que tio João tinha morrido. Então ela conversou comigo: “Olha, o seu tio, seu tio João”, - “não, tio João, meu pai é que se chama João.” Então aquela carta, ela contava com tanto sentimento que a superiora achou que eu não devia ler a carta, podia ter uma emoção muito grande, que ela é que tinha de dizer - para você ver a delicadeza das religiosas. Ela é que tinha que me contar a morte de tio João. E tio João era o marido de tia Lisa. A gente se ligava bem à família. Tinha... Os preconceitos, não sei explicar bem os preconceitos de preto, mas a minha idéia aí nesse caso, eles não tinham preparo, mas ela era de uma inteligência fora do comum. Ela tinha uma visão da vida, de tudo. Sabia ler e escrever, mas era... [inaudível]. Ele mais tranqüilo, não revelava assim inteligência. Mas isso eu acho que hoje, mesmo o preconceito, eu acho o que falta é um preparo, porque um preto preparado quase ninguém tem preconceito. A gente pode falar, eu acho que no Brasil, que a gente tem um pouco da cor. Para relacionamento, para casamento e tudo. Casar com um. Nos Estados Unidos eu via o preconceito de raça, então se o nariz era assim, ou se a boca era assim, era sinal que você tinha na família, era já uma certa reserva, não é? Agora, nós aqui, não tínhamos. A gente foi formado mesmo de preto, de índio, de índio, de branco, tudo misturado. Já tinha uma certa naturalidade. Mas a cor ainda, a gente aceitava menos. E hoje está havendo uma reação também, o Brasil está aceitando a cor também.

TP: Mais tranqüilo hoje, na nossa sociedade. Foi bom a senhora ter falado no Colégio Sion, porque nós queríamos voltar um pouquinho também, nós estivemos ouvindo o que a senhora nos contou na semana passada, e a gente queria e a senhora falasse um pouco para nós, como era a rotina da senhora no Colégio, porque para nós é importante. A senhora foi interna para um colégio numa cidade, não era onde a senhora morava, no meio de muitas meninas, algumas das suas irmãs já estavam no Colégio...

ALO: Uma já tinha terminado, quando eu entrei. Então a primeira temporada que fiquei lá, fiquei a temporada toda, só eu.

TP: E quais são as lembranças mais marcantes da senhora nesse período, D. Alaíde?

ALO: A minha sensação, era que a nossa educação era uma educação rigorosa, mas era

tranqüila. Então a gente não sentia muito o rigor não. Por exemplo, obedecer, que hoje é quase um verbo feio, uma criança obediente hoje até que não é bonito, não é? Então no meu tempo ser obediente era bonito. Mas a gente obedecia com essa sensação de que quando o pai, ou a mãe, ou o irmão mais velho, porque logo ao irmão mais velho era atribuído, ou às irmãs mais velhas, era atribuído o direito de ajudar, de colaborar. Quando eles falavam, mesmo que você estranhasse, você pensava assim: “*É para meu bem.*” Eles convenceram a gente que quando eles queriam alguma coisa nossa, era para o nosso bem. Então a gente sabia também que existia uma idade, que era chamada a idade da razão. Então, enquanto a gente não tinha a idade da razão, tinha de ouvir mais o pai e a mãe, para não correr tanto risco. Quando atingia a idade da razão, sete anos.

TP: Ah! Era sete anos?

ALO: Sete anos, a idade da razão. Então quando você atingisse a idade da razão, aí você tinha um pouquinho mais de liberdade, porque você já era capaz de fazer alguma opção, de perceber algum [*inaudível*]. Mas essa coisa de idade da razão, me impressionava muito, engraçado.

TP: A senhora ouvia muito essa explicação em casa?

ALO: Chegou a idade da razão, era pena não ter entrado na idade da razão. Então era uma coisa que absorvia muito. Depois que a gente entrava na idade da razão, já tinham... já trazia... Julgar quando pai e mãe, quando mais tarde com a idade da razão se prolongando, que era uma coisa que eles exigissem, que a gente talvez achasse que não fosse necessário, a gente não criticava. Interiormente a gente achava – não sei que precisa? Por que? – a gente se perguntava, mas nunca para contradizer. Engraçado, eu nunca tive revolta. Eu fui educada com rigor, mas nunca tive revolta. Eu acho que nunca fez mal para mim, porque na hora que pude ter liberdade eu me senti tão bem. Não tenho lembrança que a infância tenha me prejudicado. Agora, às vezes me perguntam hoje se você é feliz na infância. Eu acho que felicidade é muito relativo. O que é ser feliz na infância? É estar solta na rua, correndo com carro [*riso*], fugindo de automóvel para atravessar a rua, não é? Ou aqui na cidade grande, ou então na cidade pequena entre os matos correndo riscos de uma cobra picar a gente e tudo mais. O que é? Eu sei que tudo assim é um pouco interrogação, mas não sei se a mamãe dava a

gente a idéia de que o papai era severo, era rigoroso. Mas eu acho que era para apoio dela, ela sentia isso, porque é uma coisa que me lembro, que ela qualquer coisa, às vezes quando ela falava: “*O seu pai não vai gostar, o seu pai...*”, não é? Então nós tínhamos assim muita... O papai era uma pessoa que a gente tinha muito respeito. Mas ao mesmo tempo, ela tinha uma série de brincadeiras que eu me lembro que já contei da vida dele, nós tínhamos lá na casa, um pé de laranjeira, tinha uma figueira, tinha não sei o que, tinha um quintal. E quando dava as laranjas, quando amadurecia, isso é outra coisa que lembro, quer dizer, eu não sei se alguém saía escondido para apanhar laranja verde. Mas eu nunca saí [risos]. Então a gente esperava amadurecer. E quando amadurecia, a gente ia para baixo da laranjeira, então a gente: “*Olha deixe as mais bonitas para o seu pai.*” – então a gente: “*Essa é do papai, essa é do papai.*” Quer dizer, você não ficava com raiva não. Então, ao mesmo tempo que ela cultivava, ele merecia. A figueira por exemplo: “*O primeiro figo é de seu pai.*” E ele achava graça. Eu acho que ele via o jogo da mamãe, qualquer coisa assim, aquele jeito dela e aceitava, mas também não dava sensação de vaidade não, sabe? Mas... [barulho de carro]

TP: Então, a senhora estava nos dizendo que, apesar de uma disciplina rigorosa, que a senhora foi criada tanto em casa quanto no colégio, a senhora não guarda mágoa.

ALO: Não tinha muita diferença. E também havia sempre isso, uma recomendação muito grande. “*Professor é uma coisa sagrada.*” Então respeitar o professor, ouvir o professor, aquela história de autoridade constituída. Isso a gente aprendeu muito, desde pequena. A pessoa merece respeito, quer dizer, chegou lá e era professora pronto, a pessoa que você vai respeitar. Tem um caso, não sei se é interessante contar, que se eu fosse reportá-lo, eu estava... Porque lá é assim, a gente estudava e tinha uma religiosa que guardava o estudo. E havia uma religiosa que era responsável, cada turma tinha um religiosa responsável por aquela turma. Chamava-se mestre de classe. Então, nós tínhamos que prestar contas à mestre de classe de tudo que acontecia durante o dia. Toda manhã a gente tinha um encontro e a gente prestava conta de como foi o seu dia. Então a gente dava quatro notas. De procedimento, de ordem, de aplicação e de polidez. Regulamento e polidez. E a gente mesmo que dava nota. E quando a gente dava... a gente dava até em francês, quando a nota era muito boa. Porque a melhor nota

era sete e a pior era dois, dois era o mesmo que zero. E sete o mesmo que dez. Então quando a gente tinha nota boa a gente dizia: “*Je sais partou et na note des [termo em francês]*”, quer dizer eu tenho sete em tudo e minha nota é de sabedoria, ou de outra coisa. A gente dá conta, quando acontecia do dia ter sido bom. Senão a gente dava três, quatro ou cinco numa, sete na outra. [*inaudível*] E isso tudo formando um espírito crítico. A gente mesmo que analisava. E tinha sempre gente que às vezes conversava e esquecia de tirar o ponto. Mas a gente conversava e em geral tinha que tirar ponto, porque conversou numa hora que não pode, quer dizer, conversar no dormitório, tirava todos os pontos, passava a dois e era zero não é?

TP: É mesmo?

ALO: Agora, conversar na fila, por exemplo, já tirava um ponto. Havia tudo assim, se na hora do estudo, você falava uma palavra, também era um ponto. Mais ou menos assim, mas quase que era isso mesmo. Então eu estava contando. Tinha a freira guardando e as freiras guardavam e registravam. Se foi bem, se corria tudo bem, se os alunos ficaram estudando, ou se houve alguma coisa, registrava. E na manhã seguinte ela ia ler também – “*Aconteceu isso, aconteceu aquilo...*” – Então eu estava estudando e olhei assim para o teto, aí a freira fez o sinal na mesa, - “*Alaíde – o que está pensando*”, quer dizer, porque eu tirei os olhos do livro. Eu disse – “*na mamãe.*” Ela sorriu, e pronto. No dia seguinte, a nota lá. “*Alaíde etre distraít mais elle ne pensent rien lejan [francês]*”. Quer dizer, Alaíde estava distraída, mas não pensava nada de mau. Então você vê a preocupação, mas você achava... em vez de você ser contra, a gente pensava: ela quer que eu só tenha pensamentos bons e bonitos. Então, você louvava, quer dizer, interesse até do meu pensamento. Em vez de dizer, quer me governar. Não, a gente não tinha essa sensação, que era um ideal dela que as meninas só pensassem coisas boas. Para você vê, como é que estão certos. Aí então, a mestre de classe perguntou – “*Como é que ela sabe o que você estava pensando?*” “*Ela perguntou.*” [*risos*]

TP: Ou seja, todo esse relacionamento era passado numa.

ALO: São passagens que representa, parece passagens simples, mas que representa uma disciplina colegial.

TP: Um sentimento.

ALO: Uma disciplina, uma orientação. Uma forma de educar.

TP: E com relação a si mesmo, porque a gente sabe um pouco por ouvir, por contar que as escolas, internatos, como o caso da sua escola, tinham uma disciplina com relação a horário muito rígido. Isso também não, a senhora não se lembra se incomodava?

ALO: Não. Não incomodava porque era tudo assim muito bem organizado. Não sei se a gente se adaptava logo. Porque por exemplo, nós tínhamos horas de estudo e horas de aulas. A gente levantava, mais ou menos, seis horas, seis e meia, e tal. E tinha missa diária. Depois a gente ia para a sala de aula, para ter esse encontro com a professora e logo após começavam as aulas. Aí a gente tinha três horas de aulas na manhã. E agora, durante à tarde você podia ter também mais três ou quatro horas de aula, mas podia ser entremeado de estudo. E à noite três horas de estudo, mas não eram três horas de estudo, eram duas horas, uma hora e meia, mas meia hora cada estudo. Então, tudo era marcado. Por exemplo, se você tinha amanhã aula de português, e geografia e história, por exemplo, então aquelas meias horas...

TP: Da noite anterior.

ALO: Eram destinadas e já marcadas estudo de história, estudo de geografia, estudo... Então você já sabia que estava estudando geografia para amanhã, estudando história para amanhã, estudando português para amanhã. A tarefa que a professora tivesse dado, você fazia nessa hora. Quer dizer, não dava idéia de...

ALO: Policiamento.

TP: Você não sentia porque entrava, saía, você já sabia, cada uma tinha seu horário direitinho. E cumpria horário, batia a companhia, você sabia o que era, como era. Quer dizer, tinha as filas, tinha que sair sempre em filas. Por exemplo, deu sinal para o recreio, todas as classes vão para o recreio. E o prédio era grande, tinha mais ou menos duzentos alunos, cento e tantos, quase duzentos. Internas. Até um dia, teve a festa das duzentas, duzentas alunas, fizemos uma festa, porque já cento e noventa, cento e noventa e cinco, então quando chegamos a duzentos, teve a festa das duzentas. E muitas salas, algumas tinham cada ano, uma turma e havia também o curso primário. Agora, o primário era completamente separado, quer dizer até no outro andar, não tinha relacionamento nenhum com o curso normal. Eram dois cursos autônomos. Então essas

filas, as alunas adiantadas vinham para a porta esperar, dava a mão para a primeira da fila. Então eram chamados “*anjos*”, anjos e sub-anjos. Duas, porque quando uma não podia, ia outra. Então as do quarto ano, já quando estavam no último ano, elas eram designadas anjos da classe tal, anjo da classe tal. E em geral o pessoal gostava de rezar, ou na fila rezava, ou levava terço, ou rezava mentalmente. E sempre a gente em silêncio, ia para o refeitório também em silêncio. Agora, depois que acabava o refeitório, tinha o recreio e a gente podia mais gritar do que conversar. [*risos*]

TP: Eu tenho ainda duas perguntinhas para a senhora, com relação a esse momento de sua vida escolar. Primeiro para que a gente possa entender um pouco melhor, a senhora foi para ao colégio Sion, já para o curso normal. Então naquela época como era/

FIM DO LADO A DA FITA 02

Entrevista – fita 02 – lado B

TP: D. Alaíde, então é o seguinte, eu queria que a senhora contasse para a gente um pouquinho, para que a gente possa conhecer melhor como era a estrutura de ensino fundamental naquela época. Eram quatro anos do grupo e depois ia-se direto para o curso normal?

ALO: Depois não. Tinha um pré-normal de um ano.

TP: Um ano.

ALO: É, de um ano. Que você podia fazer em seis meses, conforme o seu nível.

TP: Rendimento.

ALO: É, você podia fazer... Chegando no meio do ano, ou seja, ou você fazia inteiro, chegava no início do ano e ia até o final, ou você entrava no meio do ano. Então, quem entrava no meio do ano fazia um exame para ver se a pessoa tinha nível para alcançar. E a gente tinha que estudar um pouco as coisas que já tinham passado e alcançar a turma. Agora, uma coisa que eu notava do colégio o tempo todo é que, as coisas que eles ensinavam, a preocupação maior era com o essencial, é a idéia que tenho. Então nós fixamos. Quando fui à Europa, fui sei lá quantos anos depois de formada, suponho que seja cinqüenta anos. Eu vi, a França sobretudo, como o colégio Sion me encantou. Porque você aprendia tudo. Você aprendia história muito bem, mas a essência da história, quer dizer, os reis, os imperadores, o regime, e tudo que era importante, não havia muito supérfluo. Mas isso você tinha que saber mesmo, porque, para aprovação, você tinha de conhecer. Então a gente fixava. Por exemplo, a língua também era essencial, você tinha que aprender a ler e escrever bem. Então a correção da língua era importantíssima. De sorte que não se perdoava erros, não se descuidava da coisa errada. Agora, para você não errar você tinha que conhecer as normas gramaticais. Então a gramática era estudada. Mas a gramática era estudada, e era agradável. Não sei, ainda me lembro do autor, era Maximínio Maciel, a nossa gramática.

TP: Qual o nome?

ALO Maximínio Maciel. Mas a gramática, era uma gramática tão agradável. Eu achava agradável, não sei se hoje apanhar a gramática eu vou achar tão agradável como achava. Porque tudo era exemplificado. Porque muita gente diz assim: lendo muito você vai aprender. O ler muito pode colaborar, mas não leva a você a aprender corretamente. Porque muitas vezes você encontra erros e você não sabe julgar, você não tem a consciência da língua. E quando se aprende as normas, você vai ler e você percebe o que está errado. Isso é que é a vantagem, porque só leitura não leva você a julgar. Porque às vezes está de um jeito em um autor, no outro está do outro, qual é que é o certo? O certo é aquilo que vem na norma. Agora, não havia, mesmo que decorasse, eu também defendo, apesar de ser professora de didática, eu defendo um pouco o decorar nesse sentido, porque eu acho que há coisas que devem ser decoradas. E talvez não sejam entendidas na mesma hora, mas depois elas acabam se esclarecendo na cabeça da gente. E você não pode raciocinar sobre coisas que você não guardou. Então, em vez de falar decorar, lá na minha didática, eu falo, é preciso fixar algumas coisas. Fica até mais elegante você falar fixar do que decorar. Mas você tem que fixar. Por exemplo, as normas gramaticais você tem que fixar, você tem que saber a colocação dos pronomes, tem que saber quando ele vai ficar antes do verbo, quando ele vai ficar depois do verbo. E há normas. Agora, os exemplos eram excelentes nessa gramática. Eu lembro, por exemplo, que além de você estudar a gramática, mas ele tinha a necessidade, e a professora também, que você distinguisse o que é um adjetivo, o que é um verbo, o que é um advérbio, o que é um substantivo. Não sei se eu tinha uma vocação lingüística, se já era uma atração. Eu sei que eu tive uma satisfação de perceber as variações. Então eu lembro que naquele tempo o adjetivo possessivo era uma coisa e o pronome possessivo era outra. Hoje eles se fundiram, só há o pronome, se chama pronome adjetivo, já fizeram uma mudança não é? Então a gente distinguia. Até tem uma placa de automóvel, um dia passei, não tem muito tempo, assim um pouco discreto, diz assim: “*Conquiste as mulheres que quiser, mas conserve a sua direita.*” [risos] Então, eu lembrei muito do emprego do “*seu*”, do “*sua*”, porque se eu digo “*conserve a sua direita*” é adjetivo, “*sua direita*”, agora, “*conserve a sua, direita*”, seria pronome no caso. Está subentendido a mulher.

TP: Sua mulher.

ALO: Está subentendido, então “sua” absorvia. [risos] E quando eu vi no caminhão eu lembrei. Então, essas nuances a gente estudava bem, mas era de uma maneira, para fixar, havia possibilidade. Você tinha de conhecer direitinho, saber como é que se [inaudível] Eu lembro hoje o Abgar Renault, uma carta dele para mim, que ele conta que, citando um professor de lingüística, ele diz assim: hoje estava ensinando lingüística a aluno que não sabe língua nenhuma. [risos] Então isso é que é, dão uma porção de cogitações lingüísticas, agora... não sabe língua nenhuma. Não sabe língua porque não é capaz de saber a sua. Porque se ele soubesse a dele bem, então você vai além, porque não é que não se deva dar lingüística. Se bem que é melhor dar no curso superior, mas se der no secundário como uma espécie de seqüência, uma explicação para ajudar a compreensão de língua, daquela língua que você tem. Isso cuidado de língua... as cartas que a gente fazia para escrever para casa, a gente fazia norma no...

TP: Rascunho.

ALO: A gente faz o rascunho, fazia o rascunho antes. O rascunho passava pela irmã, corrigia os erros todos. Voltava o rascunho, e aí você copiava com toda a letra caprichadinha para mandar a carta para casa.

TP: Então, as irmãs exerciam, porque a senhora comentou inicialmente, que uma carta que lhe chegou também, a irmã abriu para dar notícia de morte do tio.

ALO: Elas liam as cartas todas antes.

TP: Tanto as que chegavam quanto as que saíam.

ALO: Isso a gente entrava lá sabendo que era assim.

TP: E não havia revolta entre as meninas?

ALO: Não, nenhuma.

TP: Agora, voltando um pouquinho, porque a senhora, acho que acabou não me respondendo a questão de quantos anos, quando a senhora se formou, quantos anos eram?

ALO: Eram quatro anos.

TP: Quatro.

ALO: É. Se fazia o primário depois esse “*prê*”, que seria uma admissão.

TP: Até um ano.

ALO: O equivalente a um ano.

TP: Então uma moça tinha por volta de 15 anos quando ela terminava.

ALO: É, isso.

TP: E nesse momento ela estava preparada para dar aulas.

ALO: E já com muito ideal. E com vontade de transmitir. É engraçado, não sei se todos iriam lecionar. Porque também, havia o seguinte, a gente em geral não ia logo lecionar, porque pelo menos na minha terra era assim, as professoras, iam ver aquelas que eram mais velhas, aquelas que tinham preferência, porque era o político que escolhia – na minha terra o político era meu pai. Mas, a gente entrava na fila como qualquer outra. Só quando chegasse a sua vez é que você entrava. Então só entrei quando chegou a minha vez. De sorte que a gente não ia lecionar logo. Porque tinha outras, estavam na frente, formadas anteriormente. Estavam na expectativa. E às vezes a idade também não dava, tinha que esperar para ser nomeada.

TP: Tinha uma idade mínima.

ALO: É.

TP: Uma outra coisa ainda com relação a esse tema, D. Alaíde, que nós ficamos curiosos, é que a senhora nos contasse um pouco como era o material propriamente dito que era utilizado na escola, no Colégio Sion, por exemplo. Porque hoje em dia, nós estamos acostumados a cópia, xerox, e as bibliotecas que são muito precárias. No colégio, quando a senhora estava fazendo curso normal, como é que era? A biblioteca era muito grande, tinha livro para todo mundo?

ALO: Não. A biblioteca das irmãs, das professoras. Alunos não frequentavam biblioteca, não havia biblioteca de aluno. A biblioteca de aluna era a coleção de livros daquele ano que ela recebia. Então, e aqueles eram lidos, relidos. A gente pensa que leu um texto e acabou, não! Por exemplo, antologia que era antologia do [Fausto] Barreto, do Carlos de Laed, é uma antologia que até hoje tem. Antologia belíssima. Então essa

antologia, você lia o texto, uma vez, duas vezes. Você analisava o texto todo. Depois você levantava o vocabulário do texto, para você saber que aquela palavra podia dizer aquilo, e dizia aquilo, mas poderia dizer outra coisa, também, não é? Então a gente estudava assim, a professora dava o texto, em geral, vamos falar em português, no ensino de português. O texto, e depois ela dava sinonímia, que chamava. Então a sinonímia, a gente não ia para o dicionário não. Ela que dava toda sinonímia para nós. E me lembro de Juca Pirama, Gonçalves Dias, ela dava não sei quantos poemas. Então do poema inteiro, ela tirava as palavras, e ela ditava e dava dois ou três sinônimos. Então tinha os cadernos com um vocabulário e os sinônimos daquelas palavras todas. Duas, três páginas de caderno às vezes, sinonímia, não é? E eu me lembro, eu tinha [*inaudível*] Ela chamava muito a atenção da gente por causa do vocabulário. Então ela dizia assim: “*Vocês não devem dormir nunca antes de aprender mais uma palavra*”, uma palavra nova. Eu falava que achava muito pouco, aprender uma palavra por dia. Mas depois eu digo, se aprendesse uma palavra por dia, quantas eu sabia hoje? [*risos*] Depois a gente esquece que aprendeu. A gente fica com vocabulário, não é? Aprende... às vezes num dia você aprende mais de uma palavra. Mas você vê que ela ensinava com amor à língua, não é? Você aprender uma palavra nova. A gente sabia que precisava enriquecer o vocabulário, precisava. Era muito cuidado. Então, nós tínhamos... depois esses quatro anos. Agora eles chamavam lá, que eles tinham um programa que era um programa oficial de Estado, que era normal. Mas esse programa oficial era acrescido do que elas chamavam o curso de Sion. Então além das aulas obrigatórias do curso, a gente tinha, por exemplo, francês era mais aprofundado. A gente aprendia francês, tinha muitas aulas de francês, francês sobretudo a gente desenvolvia muito. Depois desenho, depois pintura, música. Eram acréscimos.

TP: Bom D. Alaíde, agora eu acho que a gente pode falar um pouquinho do momento em que a senhora está terminando o curso normal, porque a gente tem ainda algumas dúvidas com relação o que a senhora nos disse na semana passada. Que é principalmente já falando de sua transferência para o Rio de Janeiro.

ALO:Sei.

TP: A senhora nos contou que seu pai inicialmente ia, nas funções dele de político, ficava

alguns meses e voltava para Lambari. Mas nós ficamos sem entender, se a família se transferia inteira com ele e voltava. A senhora podia explicar para a gente.

ALO: Quando foi deputado estadual ele vinha para Belo Horizonte. Aí a família não vinha. Ele vinha uma vez, porque eram três meses só e ele podia vir, ficava por exemplo 15 dias, voltava, ficava 15 dias, tinha o intervalo, dois ou três dias em casa. Então, uma vez talvez tenha trazido, mas acho que não era nascida. Agora, quando foi para o Rio, os primeiros anos a gente ia sete meses e voltava.

TP: E aí a família toda ia com ele?

ALO: A família ia com ele.

TP: E isso a senhora já tinha acabado o colégio Sion?

ALO: Já, já tinha acabado o colégio.

TP: A senhora então já não estava estudando mais, nesse momento.

ALO: Não. Mas eu estudava até depois... já no final, já tinha sido nomeada, porque a Henriqueta não quis ser professora, substituíu um pouco mas ela não quis assumir. Então eu fui. Aí o Chico Campos me designou porque estava esse problema de testes. E estava entrando a moda de testes, moda no Brasil. Paulo Maranhão e outros colegas dele, Isaías Alves, outros... acho que era diretor de instrução. Então, eles pediram para eu... ia com a família e como professora, visitando escolas, instituições, para saber, me informar. Até tive duas entrevistas com Isaías Alves sobre os testes e mandava relatórios. E foi um tempo, não sei quanto tempo foi não. Depois houve a Revolução, nós fomos...

TP: A Revolução de 30?

ALO: De 30. Nós fomos para Lambari e aí eu assumi uma classe, mas foi pouco tempo porque fui chamada para fazer o curso na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico.

TP: Então, quer dizer que antes, a senhora só assumiu uma classe mesmo...

ALO: Eu substituí o professor numa classe de alfabetização.

TP: Lá em Lambari?

ALO: E outra classe de... acho que de segundo ano. E depois fiquei comissionada para...

TP: Fazer essas entrevistas.

ALO: É até bom contar que eu mandava relatórios mesmo. Eu acho que já contei esse caso para vocês, que o Mário Casassanta que era o...

TP: Mas nós não gravamos.

ALO: Pois é, o Mário Casassanta que era o diretor de instrução. Então escreveu pedindo licença para publicar meus relatórios. E falando “os belos e grandes relatórios da Alaíde Lisboa” [*risos*] Isso deve ter sido um estímulo, uma confiança para escrever também. Porque se ele recebeu, chamou a atenção, quis publicar, não é? Realmente ele publicou. Depois, eu contei do colega de papai na Câmara que era o Cesário Alvin, que recebia jornal de Portugal, uma publicação pequena de Portugal sobre educação, problemas de educação e transcreveram meu relatório da Revista do Ensino.

TP: Nesse jornal.

ALO: Nesse jornal de Portugal. Aliás, o jornal que eu li já era a segunda parte. A primeira parte do relatório tinha vindo no outro número e não tinha.

TP: Serviu de estímulo para a senhora.

ALO: Serviu, a gente fica pensando, por que? Porque nem sabe quem é a gente nem nada, e publicando, reproduzindo, devia estar alguma coisa... [*inaudível*]

TP: Devia estar muito bem feito, não é D. Alaíde? Agora, deixa eu insistir um pouquinho com a senhora nisso. A senhora chegou a dar quantos anos de aula lá em Lambari, antes de ser convidada para...

ALO: Não cheguei dar anos de aula não.

TP: Não foi muito tempo?

ALO: Não, não foi muito tempo não. Eu dei, substituindo... Porque isso depois foi pouco tempo que eu vim para cá.

TP: Para fazer o curso de aperfeiçoamento.

ALO: Aperfeiçoamento. Em Lambari eu dei... Até quando eu fui, tinha um ginásio lá que

não havia professora de inglês, me pediram e eu dei também um semestre de aula, mas esse era particular, escola particular de inglês.

TP: De inglês?

ALO: É, porque eu tinha estudado um pouco de inglês.

TP: No Colégio Sion?

ALO: Não, no Sion eu não estudei inglês, não.

TP: Só francês?

ALO: No Rio mesmo que eu...

ALO: Ah, no Rio é que estudou?

ALO: É.

TP: Estudou com professor particular, D. Alaíde?

ALO: Professor particular. Professor particular e um cursinho dessas associações, não é? Mas não sabia muito. Mas como era começo, eram alunos que estavam... até alunos mais velhos que foram para fazer madureza, qualquer coisa. Mas o livro adotado eu dava conta, não saía de livro adotado. A tradução, a explicação, a concordância, e tal. Conseguia dar, porque não havia outro. Eu dei assim porque para ficar sem aula era... com pouco estudo. Mas foi bom porque eu desenvolvi muito, ensinando. Quando eu vim para a escola [*inaudível*], por exemplo, eu traduzia muitos capítulos de livro inglês para a turma, não é? E meu marido, nesse tempo era meu namorado, ele também era muito bom em inglês, sabia ler. Então, muitas vezes traduzia com ele, outras vezes fazia mesmo lá na escola, outras vezes fazia tradução com ele. Mas era mais fácil isso porque livro técnico a gente traduz melhor, ainda mais era meu setor, não é ?

TP: Mais simples.

ALO: Agora, no preparo para a parte literária e tudo em inglês, até hoje é muito relativo ainda.

TP: A senhora não se dedicou mais?

ALO: Dá para entender, ler. Então andei lendo muito estória da carochinha, não é? Porque

tem um livro em inglês, aí. Andei lendo em inglês porque são as histórias que você já conhece, de repente você não entendeu lá uma coisa você quase que adivinha.

TP: Dona Alaíde, agora falando um pouquinho do Rio, a senhora nos contou na semana passada que a senhora passou ali algum tempo, enquanto seu pai era deputado federal. E essa experiência no Rio, a senhora era moça na época e a senhora estava envolvida nessas tarefas, que a senhora estava nos contando, mas a senhora não tinha envolvimento com classe mesmo.

ALO: Não. E depois essa tarefa era muito aberta. Eu podia ir onde soubesse, quando soubesse e mandar informações.

TP: Eu queria que a senhora nos dissesse um pouquinho agora, sobre essa experiência de vida da senhora mesmo no Rio. Se a senhora até quiser ler o outro trecho. A senhora nos contar onde a senhora morou no Rio. E que lembranças mais marcantes a senhora tem dessa época da sua vida?

ALO: Sei. Até eu penso que as lembranças mais marcantes são essas justamente que eu pus, que eu fui lembrando aqui. Mas... bom, o que eu estranhei no Rio primeiro não é parte social, é o mar, não é?

TP: A natureza. A senhora nunca tinha ido ao Rio?

ALO: Não, eu tinha ido ao Rio menina e também já tinha tido aquela sensação, mas tive uma espécie de decepção quando fui menina, porque eu fui para o Leme e quando falava no mar, eu só imaginava o mar alto que a gente chama, não é? O mar sem terra, não é? No mar alto você não vê terra. De sorte que eu era criança quando fui a primeira vez e quando vi praia de lá, praia de cá, eu disse: “*Mas isso é que é o mar?*” [riso] Então parecia..., como havia lago na minha terra, eu achava que era um lago um pouco maior.

TP: Parecido.

ALO: Mas depois eu fui me apaixonando pelo mar e pelas ondas, não é? E quando eu voltei assim já moça, a gente ia muito, o mar tem um fascínio muito grande. Agora, somei tudo, eu acho que possa ler que mostra um pouquinho, não é? Essa parte que foi no Rio. Não falei da parte de diversão, parte assim de cinema, de tudo. A gente ia muito, visitas, até nós tínhamos amigas também, no Rio... relacionamento. Difícil até estar falando nessa

mineiridade não é? Porque eu não senti muita diferença. A única diferença que eu achava era a pronúncia do “*esse*” Elas falavam com “*xis*” a gente não falava. Mas a gente se entendia.

TP: A senhora se sentia em casa.

ALO: A parte cultural toda. Agora, eu no Rio, a diferença, depois vou contar quando vier para Belo Horizonte, é que a gente, talvez fosse um pouco fútil, era... acho que já falei isso com você. A minha idéia é que a moça antigamente, nesse período não só no Rio, era um ser decorativo. Então, mesmo quando você adquiria cultura era um enfeite para você. Então a gente...

TP: As mulheres?

ALO: É, era uma coisa... podia ser mais interessante, mais agradável, mas era um enfeite. Não tinha, assim outra função.

TP: Mas isso a senhora pensa... a senhora está nos dizendo hoje ou a senhora lembra de ter essa sensação mesmo naquela época?

ALO: Lá eu estava integrada e achando que era isso mesmo, e sentido aquele prazer assim... tinha um prazer espiritual, prazer afetivo e tudo mais, mas você sabendo que estava me formando, me preparando para ser uma moça interessante, agradável e de família. [*riso*] Preparada também, falava moça preparada, não é? Mas simplesmente para que eu ficasse mais agradável talvez, não é? Uma coisa que era para mim. Isso é que eu falo quando cheguei a Belo Horizonte quando fui para a escola e que senti a diferença, que me levou a pensar no outro. Então a cultura é em função do outro. Embora já tivesse lecionado, eu já fizesse relatórios. Mas eu achava que estava cumprindo uma missãozinha assim, com um certo prazer, mas que também era para você mesmo. Mais depois é que a gente se integra na escola, sobretudo com a presença da Helena Antipoff, que ela pensava no outro mais do que nela, também nem tanto, também é um exagero. Mas mesmo quando eu fiquei noiva, ainda me lembro uma carta que recebi do meu noivo, que ele era todo distinto... e ele exigia muito que eu escrevesse, que devia, quando fazia essas inscrições assistente técnico do ensino, que eu devia fazer relatórios e registrar a minha impressão da cidade, porque então, ele dizia que minha inteligência, eu tinha uma inteligência... O noivo queria elogiar a inteligência da gente. E não podia ser só enfeite. Então usou palavra enfeite [*inaudível*] ele

usou a palavra enfeite. Eu usei assim... decorativa, sabe? Para... [*inaudível*] decorativa. Então, você vê que ele deve ter sentido também em mim essa coisa. Ler é prazer de ler, outras vezes é para trocar idéias. Agora, se aquilo tinha função ou não, não cogitava, a escola me despertou para isso, me amadureceu. Quer dizer, custou um pouquinho podia ter amadurecido mais cedo, mas custou um pouco. Mas o Rio me fascinou muito em tudo, porque... Se bem que em Lambari a gente não estava longe de cultura, porque Lambari era freqüentado, era estação de águas. Volta e meia chegava gente importante, escritores e tal.

TP: Muitos turistas?

ALO: Havia uma associação qualquer. E como eu tinha interesse também na parte cultural, não é? Mas quando nós fomos para o Rio, então eu fiz, agora pode ler também, e diz assim: “*Pai deputado, amigos políticos, irmão poeta, amigos escritores.*” Você vê que eu ainda não era como um intelectual, não é? Era uma irmã que trazia os intelectuais, porque eu era enfeite ainda... “*Pai, mãe e filha cordiais*”, então amigos sociais. Porque tinha os amigos de mamãe. “*Festas nos Palácios.*” Isso é importantíssimo para mim, essas festas de palácios. Palácio do Catete, Palácio do Itamarati, Palácio da Guanabara, e foi no período de Washington Luís, ele fazia grandes festas, belíssimas, então era um fascínio. “*Salões, jardins, alamedas, luzes e flores. Flores e luzes lá fora, e aqui dentro, Presidente, Ministros, Senadores, Deputados, Empresários, Intelectuais. Todos se moviam. Homens de casaca, mulheres de longo. Todos dançavam. A valsa, xote, a mazurca, o tango. O samba a esperar.*” Você vê que eu coloquei “*o samba a esperar*”, porque eu acho que não sambava tanto.

TP: Não era muito comum?

ALO: O maxixe falavam no tempo, chamavam de maxixe também, não é? “*Na valsa*”, aí uma insinuação, o cavaleiro dizia a dama: “*Com você dançaria a vida inteira sem cansar.*” Quer dizer, dançar era uma coisa ótima, hoje a festa tem príncipe. O príncipe de Gales agora chegou aí o filho, não é? Ele cumprimenta na entrada daquele belo palácio. Cada convidado. A donzela chegou. A donzela veio cumprimentar o príncipe. Pensava que ele era encantado. Estendeu a mão suavemente, o príncipe deu []. Sorte. Não era príncipe encantado. A gente chegava, o Ministro estava esperando e apresentava ao príncipe cada um, quem chegava era apresentado. E realmente quando fui apresentada, quando dei a mão,

pensando que a mão ia ficar assim... sei lá... [risos]. E um palácio histórico. A lembrança do Conde D'Eu e a Princesa Isabel. E o diplomata jovem que pergunta à donzela – “*Como [inaudível] a história do palácio?*” E a donzela conta a história no caminho do jardim. Jardim para os salões. Porque em festa oficial há uma permissão de a própria pessoa se apresentar. Pelo menos havia nessa época, porque depois você tem que ser apresentada a fulano, beltrano, não é? Mas em festa oficial presume-se que todo mundo que foi convidado, ele diga o nome do outro. Então a pessoa pode se apresentar, tem os recursos que ela quiser usar. E a donzela conta a história no caminho do jardim. Jardim para os salões. E ele convida a donzela: “*Vamos dançar?*” e ele diz em surdina em castelhano. “*A história do palácio, eu sabia. A pergunta foi pretexto. Pretexto para aproximar-me de você.*” “*Ah foi!*” Dançaram. Dançaram. E se despediram. E se foram cada um para o seu rumo. Uma história que era interessante, nesse tempo você ia às festas, você conhecia, você dançava. Mas cidade grande, no dia seguinte, eram estranhos. Desaparecia porque já numa cidade menor, você dança hoje, amanhã você encontra com todo mundo, você continua... Então, agora numa outra festa, seriam outros, seria um outro lugar, não é? Então esse problema de relacionamento era muito diferente. Hoje são as conferências. Hoje uma, amanhã outra, depois de amanhã mais outra. Um [inaudível]. [inaudível] é um salão lá e que havia sempre essas conferências. E o poeta, jornalista, cronista, de nome [Vasco] Portela da redação do Fon-Fon, a revista mais da moda. E depois das conferências... E lá presentes os poetas. E depois das conferências, versos, crônicas, notícias da revista tão querida, a lembrar intelectualmente e também socialmente, aquelas tardes de cultura. E o teatro nacional. “*Quem era maior que Procópio? Pequenino no tamanho. Grande em função da arte. E Leopoldo Froes, com toda elegância. Eram justamente os dois mais...*” É engraçado como pesa o artista, estou lembrando mais dos homens. “*E os concertos?*” Vou lembrar do quarteto de Londres, porque vinham essas orquestras de fora, não é? O quarteto de Londres foi muito afamado. Nunca mais foi esquecido. Música para a inteligência. Música para a alma. E os corações que batiam porque na platéia de verdade ou na imaginação, no olhar ou no sonho, o amor presente estava naquela correspondência de sentimentos sentidos. E sempre aquele conhecimento, aquele encontro, todo assim... de momento. “*As óperas.*” Teatro municipal com toda aquela elegância, de palco e de platéia. A Itália com belas vozes, com belas músicas, com bela expressão teatral. Contavam aquelas

histórias de amores e frustrações, de exageros e resignações. E aqueles homens belos e aquelas mulheres belas. Sempre um pouco volumosos, apresentando-se musicalmente no cenário apropriado. E a [*“coment ditê français?”*] Com Racine, Molière, sempre com amor relembrados naquele francês cuidado, os sons de cada palavra. Como no dia da frase, o profundo sentimento na riqueza de inteligência. E a platéia correspondia. A língua era também bela. Na época, francês, português, línguas irmãs. Qual era a mais dominada. Muito difícil dizer. Era época em que o Brasil absorvia com ardor toda a cultura da França. E os dramas italianos? D’Annunzio em toda altura. Maria Bellato a interpretar. Era [*inaudível*]. Cada um tinha um desejo. A sétima [*frase em italiano*]. Então, justamente essa afetividade, você ia no teatro e a coisa mais bonita, Maria Bellato, uma artista italiana afamadíssima na época. E então, ela recitando e você vê, no fim fica a lembrança, tantos anos depois, “*para amar somente, não queria mais nada*”.

FIM DO LADO B DA FITA 02

	A		T
Abgar Renault, 17		Teatro municipal, 27	
	C		
Casassanta, 21			
Colégio, 9, 18, 22			
	F		
Fon-Fon., 27			
	G		
Gonçalves Dias, 19			
	M		
Maria Bellato, 27			
	P		
preconceito, 9			
	R		
Revolução, 21			
Rio, 20, 22, 23, 24, 25			

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 08 DE MAIO DE 1991

Entrevista – fita 03 – lado A

AT: Hoje é dia 08 de maio de 1991, nós estamos entrevistando dona Alaíde Lisboa de Oliveira, a entrevistadora é Thaís Pimentel e a auxiliar é Anny Torres.

ALO: Os dramas italianos, D’Annunzio em toda altura, Maria Bellato a interpretar, era []. Cada uma tinha um desejo italiano. Uma noite Romeu e Julieta, e a jovem na platéia procurava seu Romeu. Agora na Academia Brasileira de Letras, não fiz?.

TP: Não.

ALO: Então, o teatro e depois agora, a sessão na Academia Brasileira de Letras que a gente freqüentava também. E havia sessões na Academia, toda quinta-feira. E um acadêmico falava e os outros aplaudiam. Temas, os mais variados. Literatura, história, arte, biografias. Poemas ditos em voz sonora e também alguns debates. E a platéia acompanhava. Gente de ouvidos atentos e de olhares arregalados. Donzelas ao lado de cavalheiros, todas intelectualizadas. Ali, um par bem atento, os dois amavam as letras, ou quem sabe se amavam. Ouviam com atenção e se olhavam ternamente. Armazenavam cultura para trocas de idéias que viriam após a sessão. Era um falar e vibrar, um entender e querer bem, continuando a sessão. Ou dia, uma advertência. Não convém ir à Academia, vai haver barulho por lá. Acadêmicos modernistas, discordam

dos tradicionais, estão dispostos a tudo. Nunca o auditório da casa esteve assim tão lotado. E a sessão começou. Nosso grande Graça Aranha levanta-se com pompa antiga e arrasa o que é já velho e proclama a independência. Independência das letras. E acusa a Academia de atraso e negligência, de resistência ao progresso, de incompreensão artística, um verdadeiro libelo. De repente, do cenáculo, uma voz forte e incisiva, a do nosso Coelho Netto, faz graves reflexões, e termina em desabafo. Direto ao renovador: “*Não se cospe no prato em que se come.*” Expressão contundente, talvez não apropriada ao ambiente fidalgo de uma academia de letras. E a sessão foi encerrada.

TP: D. Alaíde, a senhora podia comentar para gente um pouquinho, a senhora já nos disse que a senhora está relatando nesses poemas um pouco da sua experiência quando jovem no Rio. Com relação a esse último poema sobre a Academia, esse impacto que a senhora registra agora dos modernistas, lógico que tem uma elaboração da senhora aí, mas a época, a senhora podia nos contar um pouquinho o que a senhora sentiu na época com relação à proposta dos modernistas?

ALO: Eu mesma não levei muito susto não. Nesse tempo era bem jovem, talvez hoje eu me assustasse. Então, compreendi a revolução, compreendi o valor intelectual da mudança. E a tentativa de uma busca. E até nesse sentido nós fizemos, mais ou menos nessa época, um pouquinho depois, mas dentro desse período, nós fizemos, depois eu já tinha vindo para Belo Horizonte, mas nós fizemos uma antologia, eu e mais duas colegas. E os modernistas elogiaram muito nossa antologia, que era uma antologia escolar, até [*inaudível*]. E com poetas modernos e poesias modernas. Então foi uma surpresa para eles. O próprio Carlos Drummond escreveu, a antologia mereceu artigos. Então escreveu elogiando, até o título parece que era assim: Informação por favor. Pelo menos a gente estava levando à escola aqueles poemas, aquela tentativa de renovação da poesia. Porque ela era ainda bem criticada.

TP: Socialmente não era muito aceita?

ALO: Não, não era muito não. Era um pouquinho ironizada também. Porque a mudança tinha sido muito brusca. E Tasso da Silveira também foi muito elogiado, também aceitava modernidade que escreveu, comentando, e diversos outros, eu não me lembro.

Mas houve essa surpresa, então nós sentimos. A idéia nossa, fazendo a antologia era: nós precisamos levar também alguma coisa nova à escola. Então houve uma inovação nossa também de levar para a escola uma coisa que ainda estava um pouco no ar.

TP: E agora, só para retomar um pouquinho o que a senhora nos disse da sua experiência no Rio. A senhora não deu aulas, não ministrou classes enquanto a senhora estava no Rio de Janeiro. A senhora fazia o trabalho de fazer os relatórios. E com relação à atividade de professora mesmo, a senhora em nenhum momento exerceu essa atividade no Rio?

ALO: Eu visitava escolas. De sorte que a atividade era nesse sentido, porque estava havendo uma aplicação de testes. Então eu não só ia ver os maiores dos testes, Paulo Maranhão, Isaías Alves, tive contatos com eles mesmo, como também eu freqüentava as escolas. Até tive uma surpresa que acho interessante contar, havia uma escola que se chamava Caetano Campos, o nome da escola. E era uma escola um pouco experimental. Era uma escola renovada, era oficial e eu sabia que para lá iam... escolhiam muito os professores que iam para lá. E quando fui visitar a escola, percorrendo as salas, conversando, eu chego numa sala e alguém me apresenta a professora Cecília Meireles. Recém-formada também, mocinha do curso de... como é que chama, lá era Instituto? Instituto de Educação... escola normal oficial, agora me foge o nome. Então as alunas que se formavam, haviam uma, não sei se era determinação municipal ou estadual, mas todas as alunas que se formavam, elas não podiam ser nomeadas para a capital, elas tinham que ser nomeadas para os bairros ou mais retirados, para a periferia. Dois anos elas tinham que trabalhar na periferia, para depois então virem para mais próximo. Agora, as primeiras colocadas, não sei se até três ou quatro, estas eram aproveitadas. E foi justamente a Cecília Meireles que apesar de poetisa era brilhante também no seu curso normal. E foi chamada. E essa escola era a que escolhia mais ainda, porque era uma escola, escola modelo que chamava, sabe? E então tive essa surpresa.

TP: Conhecer a Cecília Meireles, no início da carreira.

ALO: No início da carreira. Eu não sei quanto tempo ela foi professora primária. Lembro até hoje ela sentada, ela mesmo levantou e com aquele jeitinho que ela tem, porque

depois eu tive convivência maior, não muita, mas tive mais encontros com ela.

TP: Tem ainda algum material sobre o Rio, que a senhora queira falar para nós?

ALO: No Rio eu não sei se... Eu pus aqui, esse foi o primeiro, já fiz aquele [refere-se aos poemas escritos] parece que já fiz este.

TP: Já.

ALO: Então aqui só tem uns...

AT: Tem uma parte sobre a Revolução. A senhora se lembra?

ALO: Ah! Pois é, isso eu não escrevi, mas posso contar.

AT: Sobre o soldado.

ALO: Pois é, isso eu posso contar sobre a Revolução de 30. Essa eu não contei não, ainda?

AT: Não.

ALO: A Revolução de 30, uma lembrança assim um pouco incompleta, mas vamos falar da Revolução de 30 no sentido da ideologia?

TP: Não, das lembranças da senhora.

ALO: Dos fatos, não é? Eu estava cursando, eram aulas de inglês que eu freqüentava, um curso na Rua Marquês de Abrantes, de uma associação, acho que era Associação Católica de Moços. Eu sei que ia para as aulas de inglês. E saindo de uma dessas aulas, quando nós saímos, quando cheguei assim na rua, porque a gente tomava ônibus para ir para casa no Botafogo, e aqui acho que era mais Flamengo, talvez, ou começo de Botafogo. Então quando eu saí já encontrei a rua transversal, a Marquês de Abrantes, toda cheia de soldados até o Palácio de Guanabara, porque o Palácio de Guanabara ficava do lado.

TP: É logo atrás.

ALO: Então estava tudo parado porque eles tinham ido para negociar com Washington Luís a desistência, porque já foi no fim de mandato dele, não é?

TP: Foi.

ALO: Foi depois da eleição do Júlio Prestes. E os soldados esperando porque se ele não

quisesse a conversação, então haveria um movimento armado. Mas eles estavam já assim, ajoelhados com metralhadora na mão. *[risos]* A gente quando é jovem nada assusta, não é? Hoje eu lembro, penso que era para ter assustado. Achei assim... qualquer coisa de diferente, estranha, a revolução. E ainda atravessei a rua, e o soldado esperando a ordem para atirar, não é? E uma amiga minha que ficou atrasada, ou era de outra turma que não tinha terminado ainda, chegou cinco minutos depois, ela não achou mais condução porque já paralisou tudo. Naquele momento... até chegar... foi no momento exato que tinha começado. E aí, os automóveis ofereceram carona porque... graças a Deus. Hoje a gente teria medo de tudo, mas naquele tempo era mais tranqüilo. Mas eu ainda apanhei o ônibus para ir para casa. Cheguei contando casos.

TP: A senhora chegou sem problema?

ALO: Sem problema.

TP: Mas conta para nós uma coisa com relação a esses fatos. A senhora, por ser filha de deputado, a senhora tinha notícias concretas que a Revolução podia acontecer ou a senhora se espantou de ver esse fato na rua?

ALO: Não, as notícias de revolução já estavam nos jornais. Em geral, por exemplo, meu pai era deputado, mas se ele soubesse qualquer coisa seria, assim, confidencial, então nunca transmitia, era aquele escrúpulo, aquela coisa, aquele cuidado.

TP: Era muito confidencial?

ALO: É. Mas os jornais já falavam e quando... eu não sei se, outra coisa, foi antes ou depois, não, depois da vitória parece. Porque o Senado que o Palácio *[inaudível]* aquela... tinha um respeito. O Palácio do mesmo tipo... mesmo estilo arquitetônico da Casa Branca, de...

TP: Washington?

ALO: E então foi depois da Revolução. Os soldados foram morar lá, morar, dormir e tudo mais, sei lá se, como é... Mas então a gente passava e aquilo era um respeito, era o Senado, aquela coisa assim, cheio de cueca de soldado enxugando *[risos]*. Fizeram varais, não é? Depois disso aí tudo são...

TP: Episódios?

ALO: Varais e mais varais, aquela roupa toda pendurada, porque eles estavam morando lá, tinham que lavar, até estabelecer a ordem de novo e tudo mais. Os soldados, gaúchos que vinham, os gaúchos... a revolução foi os gaúchos e os mineiros também, e a Paraíba também, eram os três Estados. Que chegaram e se encontraram.

TP: Tiveram de se acomodar.

ALO: Então é isso, a gente ficava surpreendida.. Mas o Washington Luís cedeu e não teve mais problemas não.

TP: É, acabou se resolvendo numa forma mais tranqüila.

ALO: E Getúlio assumiu. No começo é... aquela idéia de ditadura, porque durante muito tempo eles chamavam de ditadura, não é? Porque era ditadura, porque realmente sem Congresso, resolvia tudo assim sozinho, foi um período.

TP: D. Alaíde seu pai, ele continuou deputado ainda?

ALO: Não. Depois disso ele voltou para Lambari, então eu voltei também para assumir a minha cadeira, para assumir minha cadeira. E eu assumindo a minha cadeira, não sei o mês exatamente, eu recebo o convite para fazer o curso na Escola de Aperfeiçoamento. Porque o processo de escolha era um pouco complexo, mas a diretora indicava nomes de professores que tinham interesse de se aprimorar, mais cultura e tudo mais. Então eu fiquei pouco tempo porque até eu cheguei um pouquinho atrasada porque tinha que pôr um substituto, e vim para Belo Horizonte.

TP: E então nós chegamos em Belo Horizonte finalmente. Nós vamos falar um pouco de sua mudança para cá.

ALO: Aqui, o que eu tinha posto na minha..., o negócio que apresentei, não sei se interessa. A formação humanística que é a formação da gente. Então eu pus, e o gosto da leitura quando é que foi chegando, não é? Me absorvendo... [silêncio] [inaudível] foi bem devagarinho. *“Mãe lia nas horas vagas, pai lia nas horas vagas, os irmãos mais velhos também. No grupo desde o primário, na escola... Todos os livros de leitura adotados, tinham um gosto literário. Tanto em prosa como em verso.”* Então aí a minha formação mais literária. *“Olavo Bilac, Coelho Netto, na melodia das frases e no vigor da idéias sustentavam fortemente o desejo de muito ler. Ao passar para o secundário,*

descoberto de beleza e novas antologias de textos seus expressivos. Logo a busca dos livros, dos autores, dos textos, e assim foram chegando Machado de Assis, Castro Alves, Macedo e A Moreninha. Padre Antônio Vieira, os belos lances retóricos, da lucidez do pensar, naquele amor a verdade, a verdade do céu, e as verdades da terra. Naquele fôlego notável pressentido em fala escrita, confirmando em fala oral, de um trecho de sermão, em antologia encontrado, passei aos encadernados, em quinze lindos volumes. Onde a beleza de dentro, supera a beleza de fora. Descrições e narrações, digressões as mais profundas. Vem todas sempre envoltas na melodia da frase. Advertência incisiva ora sutil, ou velada. Convida ao leitor ouvinte a procurar a perfeição. E volto àquela leitura, a redescobrir os valores na língua e nas idéias, nos sentimentos mais nobres” Então é isso para mostrar o meu desenvolvimento intelectual, nesse período que saio do Colégio Sion, depois o Rio, como é que absorvi e tudo isso. E aí vim para Belo Horizonte. E teve uma condição...

TP: Foi em 1933?

ALO: 33, é.

AT: Na realidade, quanto tempo a senhora morou no Rio de Janeiro?

ALO: Eu acho que foi mais de seis anos. Exatamente quantos... porque a gente ia e voltava para as férias. Depois nos últimos anos é que a gente...

AT: Estabeleceu?

ALO: É... ficou, o meu pai vinha para resolver os problemas, mas a família ficava. E aí já estava... já o [inaudível]. O deputado trabalhava sete meses no ano, então a gente vinha para as férias, depois tornava a voltar e depois ficou lá.

TP: A senhora nos relatou isso. Mas a mudança para Belo Horizonte, D. Alaíde, em 1933. Como é que foi? A senhora estava nos contando que recebeu um convite para vir...

ALO: Porque havia uma... eu não sei se vale a pena lembrar, porque havia um certo processo de convite e tudo mais. Eu sei que eu recebi depois, não pude vir imediatamente quando começou, eu acho que estava [inaudível], ou qualquer coisa que dificultava. Então veio um telegrama do diretor...

TP: O diretor da Escola Normal?

ALO: Diretor de instrução, era o Manoel Casassanta, depois foi o Mário Casassanta. Nesse tempo era o Manoel Casassanta.

TP: Era então da Secretaria de Educação?

ALO: Pedindo que eu viesse com urgência. E quando eu cheguei aqui, eu vim logo e fiquei sabendo que havia a política local, uns de um partido, outros de outro, e que o outro partido estava pondo dificuldades, para eu não vir. Porque achava que a moça era inteligente, era capaz de trabalhar no sentido de ser algum intermediário, algum intérprete, algum mensageiro do partido do outro, que não era o deles. Então eles ficaram preocupados, com medo de haver uma outra interferência superior dizendo, não chama a fulana não, porque o partido tem de... para você ver o que é política, não é? Ele então me chamou, ele queria que eu viesse porque já conhecia a gente de nome, o Casassanta já conhecia, sabia quem era a família Lisboa e tal, não é? Então ele me perguntou se eu vinha logo porque na hora que eu viesse não tinha mais problema.

TP: Eu ia perguntar para a senhora o seguinte, se a senhora atribui esse tipo de coisa à sua pessoa, ou ao nome da família, no fato do seu pai ser deputado...

ALO: Eu acho que... o único representante da família que vinha, não é? Mas então, um representante, []. Agora, talvez porque eu tinha sido muito apaixonada naquela época de Revolução, não é? Porque houve uma confusão assim... um pouco grande naquele período político, porque era Aliança Liberal, não é? Então a gente pertencia à Aliança Liberal. Acontece que o Mello Viana, que era o chefe dos deputados do partido, acho que era o PSD, então tinha um grupo que era fiel e ele e tudo mais. E ele era também da Aliança, mas acontece que como ele era vice-presidente - porque ele foi candidato a Governador de Estado - mas como ele era vice-presidente do Washington Luís, parece que os políticos tinham uma certa má vontade que ele fosse Governador de Estado porque achavam que a ligação dele era mais ao Washington Luís do que com a Aliança propriamente. Então ele não teve indicação. Aí tomou partido contra, e os deputados dele, eles até tiveram um problema que foi assim muito angustiante para eles, sabe? Meu pai foi menos porque justamente, meu pai nessa ocasião teve uma doença muito grave, foi preciso operar, então ele estava na Casa de Saúde, de sorte que ele não podia viver muito o problema.

TP: Não viveu isso.

ALO: Quer dizer, vivia um pouco, a gente tinha um certo cuidado para não chegar, porque ele preocupado, mas a solução dele seria o Mello Viana, era o chefe deles, porque na política você vai para ali, para cá, conforme o grupo. Mas dois amigos dele, muito talentosos, um é o Sandoval Soares de Azevedo, e o outro o Mário Matos. E os dois sofreram, eram todos dois muito amigos do papai, e eles sofreram demais, de tomar uma resolução, eles mesmo diziam, lembro que eles foram em casa: *“Onde é que está, a dignidade: é continuar na Aliança ou acompanhar aquele que toda a vida foi chefe político...”* O coordenador da política deles. Você vê o que a pessoa tinha de escrúpulo, e eles lutaram, mas acabaram deixando a Aliança, acompanhando o Mello Viana. Mas isso tudo criou muita angústia. E o meu pai estava doente, ele acompanhou mas foi tudo com certa reserva, porque estava internado na Casa de Saúde.

TP: E com relação a senhora mesmo, pelo que estava relatando...

ALO: E eu era da Aliança muito. Então eu também tive de encolher, porque a gente mocinha, exuberante, não é? Então tive de encolher. Mas isso também, essa minha maneira de ser também talvez tivesse influenciado aquele receio deles. Depois o que aconteceu é que vim para cá acabei sendo até vereadora. Quer dizer que eu devia ter uma qualquer inclinação nesse sentido. Então constituía-se assim uma espécie de pedido político.

TP: Uma ameaça.

ALO: Uma ameaça [*riso*].

TP: De ser uma opositora?

ALO: Uma ameaçazinha, uma ameaçazinha de criar um clima... sei lá. Você vê que a gente já tinha prestígio porque o outro quando soube mandar um telegrama para evitar que houvesse pressões maiores, para eu não vir. Isso tudo eu fiquei sabendo depois, na ocasião não. Eu recebi o telegrama, não estava sabendo o que era, o que não era.

TP: Bom, superado esse problema inicial, a senhora efetivamente se transferiu para Belo Horizonte...

ALO: E agora para mim, tem um problema. Eu não sei se interessa também, seria um

problema de educação porque apesar de ser um pouco desembaraçada e tudo mais, a gente tinha uma educação muito rigorosa. E tinha aquelas normas de vida todas. Mas sempre achei natural, nunca fui revoltada, nunca achei que fiquei com complexo não. Achava que por ser pai e mãe, era o mais certo, e o que eles queriam era para o nosso bem. Então sempre fui nessa linha, não é? Mas isso é... [esqueci].

AT: A senhora estava dizendo o problema de educação, da sua transferência para Belo Horizonte.

ALO: É, pois é. Então quando eu vinha, quando eu fui pedir licença ao meu pai para vir, ele disse: “*Você vai se o seu tio e sua tia hospedar você em casa, porque você ir para ir para pensão em Belo Horizonte não vai*”. Então, aí tive que recorrer, de ficar nessa expectativa. Isso que me atrasou também, tive de descrever porque meu tio tinha, irmão da mamãe, casado com a.... Quer dizer, já com as filhas moças e a filha dele já tinha feito Escola de Aperfeiçoamento também. E depois foi nomeada diretora da Escola Normal, ela foi diretora. E eu viria para a casa dela. Então eles me aceitaram muito bem, só mulheres em casa, não é? [risos] [inaudível].

TP: E a senhora D. Alaíde, foi a primeira filha a sair sozinha de casa? Na sua família?

ALO: Eu acho que sim. A gente saía sozinha para o Colégio Interno, não é?

TP: Mas para morar em outra cidade...

ALO: Mas para sair, morar em outra cidade, de jeito nenhum. Foi a primeira vez. E assim, foi condição, a condição era essa.

TP: Certo.

ALO: Agora, depois que eu vim para Belo Horizonte, quando já tinha terminado o curso, aí o meu pai foi eleito deputado estadual. Ele era federal, não é? E aí nesse período ele ficou sem Câmara, houve a eleição... a Constituinte.

TP: De 34?

ALO: É, 34 /35 isso mesmo. Então ele...

TP: Foi eleito?

ALO: Ele foi eleito e se mudou para aqui. Então já saí da casa do tio e fui para casa dos

país.

TP: Então efetivamente a senhora morou pouco tempo na casa do seu tio?

ALO: Dois anos.

TP: Dois anos?

ALO: É, dois anos.

AT: Uma coisa que eu queria perguntar para a senhora, nós não falamos disso antes. A senhora já conhecia Belo Horizonte?

ALO: Não.

AT: Não?

ALO: Nunca tinha vindo a Belo Horizonte. Porque as minhas irmãs mais velhas vieram uma vez com papai, ele foi deputado estadual muitos anos. Então elas tinham vindo, não sei há quantos anos, vieram uma vez, assim a passeio, acho que numa quinzena, com ele. Mas não veio a família não.

TP: Então a senhora vai nos contar um pouquinho, que isso nos interessa especialmente. Qual foi a expectativa que a senhora... porque a senhora estava nos dizendo, nascida em Lambari, conhecia o Rio de Janeiro que era capital do país e não conhecia ainda Belo Horizonte, que era capital do Estado. Uma cidade jovem e a senhora, tendo vivido tudo isso que a senhora já relatou no Rio de Janeiro, qual era a expectativa em relação a cidade de Belo Horizonte? O que a senhora sabia da cidade, o que a senhora esperava encontrar aqui?

ALO: A gente ouvia falar... a capital, um lugar agradável, chamava Belo Horizonte, que era muito bonita. Então essa idéia de horizonte... desconfia se era belo mesmo, ou se não era. Então essa expectativa. Agora, o primeiro susto que eu levei foi o de ver tanta ladeira. Porque justamente a gente vinha do Rio, aquilo plano, e chega em Belo Horizonte, de uma rua para outra, só subida, descida. Então essa parte física, e eu fui morar na rua Alagoas. Eu me lembro até quando... eu ainda não tinha uma visão de Belo Horizonte e eu saí uma vez, estava não sei onde, procurando onde seria a rua Alagoas, para ir para casa. E fui perguntar a alguém, sabe? Então uma pessoa disse: “A

rua Alagoas existe em muitos lugares em Belo Horizonte. Ela começa de um lado, atravessa e vai até o outro, na Contorno”, de Contorno a Contorno”. A pessoa riu, eu devia estar até perto de casa, mas eu acho... o que eu senti, que o Rio era muito claro para mim, porque o Rio tem assim, a praia, você vai, então as ruas tem assim, você sabe, muito fácil...

TP: O traçado?

ALO: O traçado é muito fácil, muito acessível, a gente aprende assim logo. E aqui não, porque...

TP: A senhora se desorientou muito?

ALO: É, para andar na cidade. Agora, para as aulas, o curso não, porque era bonde, tinha bonde. Então a gente descia, eu não morava longe da cidade...

TP: Em que altura da rua Alagoas a senhora morava?

ALO: Eu morei no começo, por uns poucos meses, na rua Alagoas já perto do centro, não sei o número, mas não era longe do centro.

TP: Era bairro Funcionários?

ALO: Era, era bairro Funcionários. E logo depois nós mudamos para rua...

TP: Fugiu... Depois a senhora se lembra. Isso ainda com o seu tio?

ALO: É, depois eles mudaram de casa e... [silêncio] eles mudaram de casa e era perto da rua da Bahia.

TP: Também próximo ao centro.

ALO: É, próximo. A gente podia descer a pé a rua da Bahia para pegar o ônibus na cidade e ir para a escola. A escola funcionava lá onde é o Minas Centro, não é?

TP: Ah sim! Onde é hoje o Minas Centro, onde foi a Secretaria de Saúde?

ALO: É, onde foi a Secretaria de Saúde. Lá é que funcionava a escola. Não só o nosso curso como o próprio curso anexo que chamava escola anexa, e tinha as séries. Funcionava também no mesmo prédio, onde a gente fazia prática de ensino, dentro do próprio prédio. Tinha tudo, biblioteca, o prédio todo era nosso.

TP: E D. Alaíde esse Curso de Aperfeiçoamento durou quantos anos?

ALO: Ele começou em 29. A primeira turma é de 29, agora a última turma, não sei exatamente, foi uma coisa até um pouco errada terminar, sabe? Porque a Escola de Aperfeiçoamento quando ela estava no auge, porque Chico Campos foi o fundador, e ele idealizou aquela escola e ele dava todo o prestígio àquela escola. E a escola era em tempo integral.

TP: Ah, a escola era em tempo integral?

ALO: Tempo integral.

TP: Eu acho que formulei mal a pergunta. O que eu queria saber na verdade era efetivamente quanto tempo durava o curso para o aluno? O aperfeiçoamento se fazia em quanto tempo?

ALO: Dois anos em tempo integral. Então parece que dava 3.000 horas de estudo, de trabalho. Porque de manhã, a gente ia de manhã, depois almoçava lá mesmo. Agora, a gente pagava o almoço, tinha um desconto nos vencimentos, do almoço. Depois tinha um café também que era descontado, e depois vínhamos para casa. Sábado acabava mais cedo. Era 2^a., 3^a., 4^a. e ainda tinha no sábado.

TP: Quer dizer que a senhora passava a semana toda ocupada com o estudo...

ALO: Toda. O estudo quase todo era lá, porque a biblioteca muito boa, muito bem organizada, porque justamente uma das professoras tinha feito curso de biblioteconomia, especialização em biblioteconomia, nos Estados Unidos. Então dirigia, e trouxe tudo o que havia de mais moderno de livros, de sorte que tínhamos os livros em inglês, todos. O [nomes de autores em inglês] depois também os que chegavam de outro lado, mas através dos Estados Unidos mesmo, o Piaget, não é? A biblioteca era muito boa. A gente tinha duas horas para o almoço e mais uma hora e meia... duas horas de almoço e uma hora e meia livre, para fazer exercícios físicos e tal, esse era um horário que aproveitei muito na biblioteca. Para ter liberdade depois para ir para casa... [risos] Eu já estava presa mesmo, [risos] então aproveitava./

FIM DO LADO A DA FITA 03

Entrevista – fita 03 lado B

TP: Então, efetivamente foram dois anos de estudos intensos. Quando a senhora se mudou para Belo Horizonte passou a maior parte do seu tempo dentro da Escola de Aperfeiçoamento, estudando.

ALO: A gente podia ir ao cinema, às vezes à noite. E alguma festa, uma coisa assim. No mais era o estudo. E a gente se integrava muito, porque a escola, as pessoas tinham um nível muito bom. Muito conscienciosas de tudo. Então, além de conhecer bem a matéria, se preparavam, tinham uma formação muito boa. Era aquela geração que eu falo, ensinar é uma missão, não é uma profissão, dedicadíssimas, não é? E as aulas eram muito boas, a gente ouvia com o maior prazer qualquer das aulas. Quase todos eram mulheres porque no começo parece que houve algum homem que ensinava em 29 ou 30, [acho que nesse período]. Depois, no meu período não, todas eram mulheres. As cinco que tinham feito curso nos Estados Unidos. Porque antes de começar a escola, Chico Campos mandou os professores fazer um curso na...

TP: Se preparar?

ALO: É, no *Teachers College*, na Universidade de Colúmbia. Até quando eu fui aos Estados Unidos fiz questão de ir porque no fundo eu achei que recebi muito do *Teachers College*. Então eu fui lá, ver o...

TP: Foi lá ver *in loco*?

ALO: É, ver onde elas aprenderam aquilo tudo, porque era renovação do ensino lá também, não é? Então foi uma coisa que veio muito cedo para Belo Horizonte. Você vê, esse trabalho de testes, esse problema de discutir o interesse e o esforço. E o nosso tempo era interesse a não discutir escola não, quer dizer, a escola era esforço, você tinha de lutar. Agora, eu acho que isso houve uma má compreensão da pedagogia moderna, porque quando se valorizava o esforço, ou se valorizava o interesse, era em benefício do esforço, quer dizer, que o esforço viesse através do interesse. Mas o que aconteceu é que muita gente interpretou que a escola do esforço tinha acabado, que agora é a

escola de interesse. Então era a escola para divertir, escola e vida, não é? Então se é igual a vida, como se a vida não exigisse esforço também. Que exige tanto, mas parecia que a vida exigia era conforto, bem-estar e alegria. E eu acho que isso foi um pouco causa de decadência. Porque sem esforço você não consegue nada.

AT: D. Alaíde, a senhora falou bastante de cultura no Rio de Janeiro, que a senhora participava desses encontros todos. E aqui a senhora ficou mais na escola. Mas tinha algum movimento assim também, de encontros para se ler poesias, ou teatro municipal da cidade, como era?

ALO: Engraçado, esse movimento, aconteceu isso comigo, eu continuei o interesse por cultura porque eu conheci nessa ocasião o jovem que foi meu marido depois. E ele estava se formando em direito, mas ele tinha anteriormente curso no Caraça, quer dizer, já era professor, ele era professor, terminou o curso de direito em 33, eu terminei o meu em 34. E ele tinha uma cultura fora do comum, completamente diferente de todos, porque ele vivia estudando, então o nosso encontro era muito assim intelectual. Porque tinha cinema, uma coisa, mas o maior interesse era estar ali lendo o livro. Então chegava da França os livros tais, então vamos ver, era Maurriac, Duhamel, [inaudível] E depois também... porque se fazia bibliografias, Stefan Zwaig, aqueles livros todos que estavam... porque antigamente os franceses vinham na liga francesa, a gente conhecia, não era esperar tradução, não é? Chegava imediatamente, hoje custa a chegar, você não tem a mesma notícia. Mas eles chegavam, e os romances mesmo até de gênero *jeune fille*, a gente falava, o romance das moças, era em francês. E tinha aquela saída porque as meninas todas fizeram um pouco de francês, não é? Tinha um romancista que era muito querido das jovens assim... de menos interesse cultural, mas para começar o interesse também, Delly, valia para estudar francês. Depois tinha [inaudível], Coli Posteaux, Paul Bourget – Paul Bourget já era de nível assim mais alto. E a gente lia esses livros todos e discutia. Então não havia... eu me lembro quando a gente ia aprender, porque depois papai veio para cá, e a Henriqueta veio para cá com um interesse cultural, assim, muito grande, me lembro que ela fundou uma associação... Alphonsus Guimarães.

TP: Era uma associação literária?

ALO: Literária. A primeira reunião, eu me lembro, foi lá em casa, uma reunião muito grande que ela promoveu. E parece que o aniversário dele era o mesmo dia do aniversário dela, uma coisa assim qualquer, sabe? E ela tinha muita paixão também pela poesia do Alphonsus, um velho, que era juiz. Então ainda me lembro, nessa reunião em casa, eu me lembro como fiquei conhecendo o deputado jovem, era colega de papai, chamado Milton Campos. Milton Campos, era o primeiro mandato dele, de 35, não é? O próprio Murilo Chagas...

TP: Todos freqüentavam a sua casa?

ALO: Foram em uma reunião, não era uma freqüência constante não. Mas a gente tinha assim conhecimento. Agora, outras reuniões literárias propriamente, acho que tenho que pensar um pouquinho...

TP: Mas vamos falar um pouquinho para pôr em ordem aqui algumas informações que a senhora está nos dando sobre a sua vida pessoal, porque para nós é importante. A senhora está nos contando que essa fase de namoro, a senhora conheceu a pessoa que depois veio a ser o seu marido, ainda na fase que a senhora estava na Escola de Aperfeiçoamento?

ALO: E justamente ele tinha escrito uma coleção de artigos sobre a escola.

TP: E a senhora podia contar para nós como o conheceu, onde foi?

ALO: Então ele tinha essa coletânea de artigos, uma série de artigos sobre a Escola de Aperfeiçoamento, porque ele era procurado, ele fez até palestras lá na escola uma vez, sobre a futura raça brasileira para o curso de educação física, e ele tinha muitas amigas, quando eu cheguei, ele tinha muitas amigas que eram alunas da escola. As alunas da escola faziam muito sucesso. Não sei se porque chegavam muitas, não sei porque era. E naquele tempo a mulher andava muito arrumada, porque usava chapéu, não é? Então você tinha, mesmo que você fosse para a escola, você tinha que arranjar uma boina, um chapéu e uma moça que põe um chapéu na cabeça ela tem que estar bem vestida, porque você não põe o chapéu arrumado, andando de qualquer forma. Então havia uma certa, mesmo as que vinham do interior, elas todas, porque muitas vinham do interior, tinha de estar bem arrumadinhas. Um tempo atrás andaram inventando boinas para ir para a escola, não é? Até saiu um romance de Moacir

Andrade, A República Decroly.

TP: Ah! Exatamente.

AT: Tem uma crônica do Carlos Drumond que fala...

ALO: Exatamente, o Drumond fala que ele passava, elas passavam, Carlos Drumond. Quando eu cheguei o Drumond já tinha ido, dessa vez. Eu conheci o Drumond...

TP: Mais tarde...

ALO: É. Ele veio para um Congresso, depois mais duas vezes, depois tive um pouquinho de correspondência, mais ou menos, umas cartinhas dele. Mas ele também impressionado, quer dizer, elas impressionavam porque era o seguinte, eram moças em geral novas e tudo, e bonitinhas, deviam ser inteligentes quase todas, porque era uma condição, procurar as mais... já era assim.

TP: Havia uma seleção?

ALO: É, para escolher.

TP: A senhora está falando elas o tempo todo, mas a senhora devia estar dizendo nós, não é? [risos]

ALO: Quando cheguei, porque do Rio já tinha vindo uma, porque eu estava no Rio. Teve uma do meu grupo, que tinha feito, até é minha prima também. Fez e depois ficou aí, foi até diretora da escola. Agora, houve até um momento que elas chegavam aqui e acabavam querendo ficar em Belo Horizonte. Você vê que a gente... Belo Horizonte tinha uma atração qualquer. Então eles começaram a querer fazer uma espécie de contrato para obrigar a pessoa a voltar e trabalhar dois anos no seu grupo. Mas não pegou muito pelo seguinte, porque mesmo no meu ano é que começou, quando eles trouxeram o contrato para você fazer, que você iria trabalhar dois anos, eu por exemplo disse: estou assinando com o governo, só saio de lá se o governo me chamar. Então se ele me chamar o meu contrato é com ele, não posso assumir, meu compromisso não é... Foi o que aconteceu, eu terminei e eles me nomearam assistente técnico de ensino. Tinha que residir aqui, fazia umas viagens. E depois eu fui nomeada professora de português do Instituto de Educação. Porque naquele tempo não havia Faculdade de Filosofia, então eu tinha metodologia geral e metodologia de português, português e

literatura. E já fazia esses relatórios e tal, fazia os discursos lá. Sabe escrever então... fui ser professora de português. E outro que era professor de português, meu colega lá, era José Osvaldo Araújo, quer dizer, era um banqueiro, mas fazia poesias, gostava muito de literatura. Os literatos é que eram chamados também para ir, porque não havia escola. Porque tinham gosto pela língua.

TP: Em princípio estavam habilitados.

ALO: Estavam. Às vezes, que haviam feito seminário, que em geral faziam [*silêncio*]. Esses que tinham feito seminário, tinham uma formação boa, assim também, de língua, e eram chamados para professor. Bom, então quando eu cheguei tinha que ficar na casa de meus tios. Agora, tinha acontecido um fato interessante porque o professor José Lourenço de Oliveira que era professor de latim nos colégios, de português, ele era professor de português da D. Helena Antipoff, era professor dela. Então ele ficou amigo da escola também, bem relacionado com ela. A D. Helena nas férias, ela morava aqui, formou casa e tudo mais. Então ela foi para a Europa e pediu para ele ficar na casa, tomando conta da casa dela, enquanto ela estava fora. Bom, então ele ficou. E depois ela mesmo pediu que vinha, ou escreveu, não sei como foi, que vinha essa família da Maria José, que tinha sido... eu não sei se foi assistente dela, era assistente na escola. Vinha a família para cá, então para ficar a família lá com eles até arranjar casa. A família era o pai, a mãe, mais quatro moças. Se ele concordava. Então ele concordou, continuava na casa. Então ele fez amizade com o meu tio, esse que era meu tio e minha tia. Depois, meus tios arranjaram uma casa. Quando eu vim já não estavam mais. Mas ficaram amigos. Então já anunciaram que chegava uma prima que ia ficar lá. Então parece que ele ficou perguntando muito: “*Como é que é?*” [*risos*] Mas também tinha outras moças lá, quem era prima, quem não era. Então elas deram algumas informações. E a prima chegou, ele foi visitar a prima. Aí eu não sei se ele levou algum susto [*risos*].

TP: E bateu logo então?

ALO: É, mas aí, então deixe eu contar em pormenor. Mas é engraçado, porque ele era muito reservado e embora tivesse muitas amigas ele não... parece que não estava nos planos dele, até agora ele foi escolhido para patrono de uma cadeira lá na Academia,

isso foi contado lá, de sorte que já foi contado. Então já estava no plano dele, no plano dele não estava casamento. Tinha as amigas, várias amigas e... [*inaudível*] então ele lá, ele dizendo que o dia que ele conheceu uma professora um pouco parecida, porque a formação... a minha no Sion, ele no Caraça, então tinha aquela formação, a formação francesa muito igual e gosto literário, ele tinha muito, não é? E com aquelas infinitudes nós começamos. Aí, um interessado no outro. Mas o namoro começou assim discretamente, como era naquele tempo o namoro, um namoro assim discreto. Eu falo que no meu tempo era simbólico. Você tinha que adivinhar que você era namorado, porque a esperança é um olhar para o outro e tal, não tinha.... Era muito discreto. Mas depois foi ficando... Então era assim... depois nós já éramos namorados, tinha tomado consciência que era namorado, mas ainda não era para ninguém saber que era. Então, ele ia me esperar, por exemplo, eu chegava da escola, ele esperava no ponto de bonde e subia comigo. Mas não chegava até em casa para ninguém ver que ele foi me esperar e... [*risos*] Então o que eu me lembro vou contando, estão querendo escutar, depois vocês cortam lá. Então ele às vezes dizia assim: “*Vou visitar vocês. Vou visitar a família*”. Então eu me preparava e tal e aí minha prima, uma delas fez assim: “*Engraçado, parece que Alaíde adivinha quando ele vem*” [*risos*] “*Porque quando ele chega, ela está tão arrumadinha.*” Então daqui a pouco já começou a descobrir, mas chegou um ponto que então aceitou o negócio, era namorado, acabou essa história. Aí já ficou assim estabelecido. Aí eu fui, fiquei esse primeiro, fui para o Rio, porque a minha mãe ainda ficou no Rio um ano com Henriqueta. Papai ia mais, e ela... Papai ainda estava em Lambari, ele ia sempre lá mas ficava no Rio. Henriqueta tinha lá seus contatos literários e tudo mais. O trabalho que tinha de publicar. Então ela ficou lá. Então eu fui para o Rio também passar as férias. Até nem na formatura dele eu fiquei porque a gente achava que terminou, tem de ir para casa, não pode ficar mais um dia, não é?

TP: A senhora nem pôde esperar?

ALO: Era no dia seguinte, mas era complicado. Então eu fui, mas essa distância parece que aproximou mais. Porque eu nunca tinha escrito carta para namorado nenhum, não usava muito também. E ele também não sei, se já tinha escrito, ele era discreto. Deve ter escrito para as amigas. Então foi uma correspondência durante esses três meses de

férias, sabe? E acentuou muito, deu muita segurança à nossa afeição. Quando eu voltei ele mesmo estava na estação esperando, apesar de, como ele mesmo disse na primeira carta dele: “*Acostumado a sacrifícios afetivos, não sabia de antemão o que era partir alguém que nos importa.*” Não pôs que amamos não. Porque...

TP: Era cuidadoso?

ALO: “*Alguém que nos importa*”. Então, alguém importante para nós. Só depois que ele ficou acompanhando o trem, os vagões e tal, é que ele compreendeu o que era ausência, então ele pôs que compreendeu e sentiu o que era ausência. Mas você vê... as cartas estão aí, discretíssimas. Até engraçado, toda [Alaíde e tal], tinha sempre uma coisa assim afetiva, ou para acabar, ou no começo ou no meio, feito essa. Mas, sempre... sempre assim, muito discreta. Ainda lembro, porque eu fui reler as cartas, estava lá: “*Alaíde... de repente uma: minha querida Alaíde.*” Eu disse: “*Ah, então já estava casado*”. [risos] Quando veio “*minha querida Alaíde*” é porque já tinha casado. Para você ver a diferença, antigamente era o contrário, você põe querida antes, depois é que tira. [risos]

TP: E quanto tempo durou o namoro D. Alaíde?

ALO: Foi... logo que começou, posso falar que em fins de 33, que ficou mesmo... 34. E 35 fiquei noiva, 36 eu casei.

TP: A senhora se casou então em 36?

ALO: 36, é. Aí meus pais vieram, nós ficamos noivos.

TP: E o professor Lourenço, ele era de Belo Horizonte mesmo, D. Alaíde?

ALO: Não. Lourenço era de Coroaci, e ele tinha vindo para Belo Horizonte. Primeiro foi para São João Del Rey, quando saiu do Caraça, depois estive em Mariana também, e depois acho que veio em 26 para...

TP: Belo Horizonte?

ALO: E aí teve de fazer os exames parcelados porque naquele tempo o curso de seminário não valia para vestibular. Então você tinha de fazer, ele fez os exames todos, depois ele se matriculou na Faculdade de Direito e fez o curso. Já moço feito. Por isso é que ele

fez até com... [Então] vou contar as vantagens que ele fez... Ele tirou primeiro lugar no vestibular. E tinha assim, o aluno primeiro colocado tinha o outro ano de graça. Então ele fez o curso todo de graça, porque no vestibular ele tirou o primeiro lugar, depois passou... segundo... Mas ele mesmo achava que não era vantagem, porque ele era mais velho um pouco e já tinha uma cultura diferente. E serve também para trabalhar, quer dizer, as aulas... ganhou prêmio lá... e tudo mais, sabe? Mas muito assim sério, estudioso. E aí nós casamos.

TP: Em 36. Havia uma diferença grande de idade entre a senhora e ele D. Alaíde?

ALO: Não, não.

TP: Não era muito grande?

ALO: Uns cinco anos mais ou menos.

TP: Agora, só uma outra pergunta, antes da gente voltar à história do seu casamento. Quando o seu pai se mudou para cá, de Lambari, a senhora então deixou de morar com os tios, voltou para a família e aí, onde foi que a senhora morou nesse período?

ALO: Eu morei na rua Paraíba, e que agora fui ver, a casa foi destruída. Uma casa muito bonita que era.

TP: Aqui no Funcionários mesmo?

ALO: É, no Funcionários, era uma casa... Primeiro nós fomos para a Serra, tivemos... chamava: “*Mirador do céu*”, a casa, sabe? Depois nós passamos para rua Paraíba que era a casa de D. Margarida, mãe desses... como é que se chama... [silêncio] são muito conhecidos... foram para o Rio, e o marido também era... e ela era viúva. Eu acho que a casa era deles, ela ficou viúva e alugou a casa. Tanto que no primeiro ano, quando me casei, o primeiro ano morei com papai e a mamãe. E depois é que alugamos casa.

TP: E aí, nessa mudança a senhora foi para onde?

ALO: Aí, eu fui para a rua Santa Rita Durão.

TP: Sempre mesmo por aqui, no bairro Santo Antônio?

ALO: É, tudo aqui, Santa Rita Durão.

TP: Santo Antônio não, Funcionários.

ALO: É, Funcionários. Ali nós ficamos um tempo e depois o meu pai, um amigo dele fez um edifício de quatro apartamentos, apartamento mas quase casa. Dois embaixo, dois em cima, mas desligados. Então, tanto os de baixo quanto os de cima tinham horta, tinham quintal, tinham... Porque o de cima tinha assim, uma passarela, pegava o lote mais alto. Então esse amigo convidou para ele ir para lá, também convidou para nós irmos e nós ficamos morando no apartamento de baixo e eles no de cima. Aí já tinha... as crianças nasceram logo em seguida.

TP: A senhora teve os filhos logo?

ALO: É, logo.

TP: No início do casamento?

ALO: E é uma defesa que faço. Quanto mais você estiver amando, melhor para ter filho [risos]. Que ajuda, a criança nasce...

TP: E foram quantos filhos D. Alaíde?

ALO: Quatro.

TP: Um atrás do outro?

ALO: Uma diferença de um ano, um ano e meio... não sei se algum tem dois anos de diferença.

TP: São mulheres e homens?

ALO: É, primeiro foi uma menina, depois, o segundo menino, e depois o terceiro menino, e a quarta menina.

TP: São dois meninos e duas meninas.

ALO: É, duas meninas que estão por aí. A primeira é Abgail, que é professora universitária. Aliás eles se interessaram muito pela universidade também. Abgail, o Silvio também é professor de medicina e a Marina, professora na Educação. E o José Carlos é que saiu um pouco daqui porque disse que não queria cair na universidade. [risos] Foi monitor, chegou a dar... uma espécie de autonomia, ia ser engenheiro, mas

com muito gosto de literatura que ele tem. Mas foi para Salvador, estive um tempo na construção da Leste. Ele chefiava o escritório, depois terminou lá, ele veio para cá. Mas hoje ele é mais empresário, quando sai [*inaudível*] empresário acha engraçado, porque veio menino [*risos*].

TP: E D. Alaíde, a relação da senhora com a cidade de Belo Horizonte. A senhora comentou com a gente que inicialmente a senhora estranhou, em relação ao Rio... seria importante para gente, saber um pouco, como a senhora foi se adaptando ao lugar onde a senhora estava. O que Belo Horizonte passou a significar para a senhora? A senhora sempre morou, mais ou menos, na mesma região. Como é que era a vida da senhora na cidade, até em relação a lazer, se a senhora permanecia aqui durante as férias ou se havia aquela necessidade de sair daqui durante as férias? A senhora podia falar um pouquinho disso para nós?

ALO: Bom, eu me adaptei bem a Belo Horizonte. Agora, depois de casada, você fala depois de casada. Nós casamos, a família me absorveu bem. De sorte que eu fiquei um período ideal de constituir família, de viver com a família. Nesse período eu só lecionava no Instituto de Educação, quando eles eram pequenos, porque depois, mais tarde é que eu fui convidada para ser assistente na universidade, na Faculdade de Educação. E aí então, fiquei trabalhando um pouco assim comum, mas depois eu deixei o Instituto e fiquei só na universidade, aí em tempo integral. E como o marido também trabalhava, era também professor. Agora, ele também não tinha tempo integral, porque ele tinha outro trabalho. Então ele se dividia de manhã...

TP: Ele advogava mesmo?

ALO: Não, ele era professor também. Professor na Escola de Oficiais da Polícia, sabe? Então eles tinham até tenente-coronel [*inaudível*], militar. Dava português e literatura. E foi um dos fundadores da Escolado DI que chamava, não é? E trabalhou lá acho que tanto...

TP: Se aposentou?

ALO: É, aposentou-se lá. Mas ele trabalhava na universidade. Então de manhã no DI, porque lá tudo cedo, e à tarde na universidade. E eu ficava assim. Agora a preocupação, engraçado, preocupação com divertimento, eu ia um pouco ao cinema,

cinema eu gostava muito. Gostava bastante de cinema.

TP: Que cinema a senhora freqüentava?

ALO: Dois cinemas naquela época, o Glória e o Brasil. Então era assim, os filmes nos dias... o mesmo filme duas vezes.

TP: Na semana?

ALO: Na semana. Cada filme dois dias na semana. E no sábado que havia uma repetição, então a gente não ia. Quer dizer que a gente ia um dia no Glória e no dia seguinte no Brasil, no outro dia no Glória, no Brasil... Mas a gente ia muito mesmo no cinema.

TP: E a senhora ia sempre acompanhada com seu marido?

ALO: Sempre com ele, sempre com Lourenço. E as crianças, nesse ponto eu tive um pouquinho de tranqüilidade, porque eles sempre, desde pequenino, dormiam cedo. Iam todos para a cama. Eu tinha uma empregada de confiança, e deixava todo mundo deitado, assistia a primeira sessão, de 7 às 9, acabava de jantar e ia deitar. Assim, bem disciplinados. A gente voltava às 9 horas, estava em casa e estavam todos dormindo, já. E durante muitos anos nós fizemos assim. O cinema distraía. Agora, quando vinha também conferencistas... Havia também um período que houve muita sessão na Prefeitura. Chamávamos assim... um nome de cultura. Eu sei que até o meu irmão foi ser chefe de gabinete do Prefeito e ele promoveu muita coisa, muito assim... [*inaudível*] Então... como é que chamava? Vou perguntar para ele, que ele sabe. Conferências, exposição, teatro era... E eu lembro que até meu marido fez uma palestra sobre estética. Havia uma palestra e depois uma visita a uma exposição de pinturas, sabe?

AT: Eram atividades culturais?

ALO: É.

AT: Promovidos pela Prefeitura?

ALO: É. Então a gente freqüentava. Agora vinha também, vinham conferencistas, a gente estava na escola, vinha muito professor de fora. Vinha da França, vinha dos Estados Unidos. Esse também era um contato muito bom que a gente tinha, que eles vinham

para fazer as conferências e em geral o diretor chamava muito o Lourenço e eu para colaborar, porque se vinha francês, nós dois falávamos.

TP: Para organização?

ALO: Não, para receber, porque nós dois falávamos francês bem, não é? Então ele chegava aí, não falava francês. E a gente... Antes de assistir a conferência... Teve em espanhol, ele mesmo que trouxe uns espanhóis, porque ele também era professor aqui na área de didática, de língua e literatura espanhola. Então trazia professores, o [*inaudível*] da Espanha. Tinha o [*inaudível*] que veio aqui, esteve até lá em casa e foi agora prefeito de Madrid. Foi político, ele tinha aquelas idéias um pouco contra o Franco. Depois quando acabou, eu nem sei o que foi feito dele. Um fez uma palestra sobre ideologia e utopia, um sociólogo, esse que foi prefeito de Madrid. E o outro era literatura, história da literatura da Espanha. Então ele fez... Eles estiveram alguns dias. Em geral passavam uns dois ou três dias e a gente tinha um contato assim muito grande. E também enchia bastante a vida da gente, da forma intelectual.

TP: É, o meio intelectual.

ALO: E a gente recebia em casa. Por exemplo, o [*inaudível*] que era professor de francês, era da Sorbone, era da região [*inaudível*]. Ele veio e nós tínhamos três dias seguidos, uma recepção lá em casa. Uma espécie de banquete, não, mas um jantar assim mais solene. Porque veio também do Rio o Faria, que era também de latim, com a senhora. E depois uma recepção. Até lembro que ele estranhava porque os professores aqui chamavam os alunos pelo apelido, não é? Neusinha, Julinha, Helinha. E na França é Mademoiselle, o sobrenome. Então ele estava espantado, sabe? Até tinha umas brincadeiras do professor [*inaudível*], que se ele... que era muito bom ser professor no Brasil, [*risos*] poder ter esse tratamento com os alunos.

TP: Quer dizer que pelo que a senhora está falando, em termos do meio acadêmico, a intelectualidade em Belo Horizonte, havia uma certa efervescência. Tinha sempre um movimento de intelectuais...

ALO: É. E às vezes vinham de [] Athaíde fazer palestras, vinham outros professores. Então sempre que vinha conferencista, a gente ia assistir. O próprio Chico Campos, muitas vezes veio aí para falar, fui assistir. Esse movimento todo cultural era assim...

Mas era mais mesmo conferências, às vezes algumas pessoas de pintura. Mas era menos, a pintura mesmo depois que pegou [*inaudível*].

TP: D. Alaíde, e clubes? A senhora freqüentava em Belo Horizonte com a família, as crianças...

ALO: No começo eu fui a clube em Belo Horizonte. Eu cheguei a ir uma vez ou duas, mas depois o namorado, meu marido, não dançava. Então eu deixei essa parte, assim, festiva, não é? De dança. Porque eu já tinha dançado bastante, não é? [*risos*] Eu gostava da dança pela dança. É engraçado, mas deixei sem sacrifício. Engraçado como é que a gente aceita, não é? Então eu brinco para ele aprender comigo, sabe?

TP: Ah é! A senhora estava dando umas aulas?

ALO: E às vezes ele ficava entusiasmado. Mas ele não aprendeu não, porque... [*risos*] Porque tinha música, ele gostava muito de música. Então ele tinha ouvido bom, mas nunca tinha dançado, mas tinha uma sensibilidade auditiva muito boa. E isso aí ajuda, porque quando a gente dança é uma combinação entre os membros e os sons. Então era fácil, não é? Mas o melhor [] não dançar, não é? Eu não ia contar, mas vou contar essa. Quando eu fui ao clube a primeira vez, nós estávamos... eu disse: “*Vamos lá, no clube Belo Horizonte?*” “*Eu não danço.*” “*Conversamos, pelo menos tem movimento, tem música. A gente fica vendo, em vez de ficar só conversando em casa.*” Então concordou, nós fomos. E quando chegamos lá/

FIM DO LADO B DA FITA 03

A

Academia Brasileira de Letras, 1
Aliança Liberal, 9

C

Casassanta, 8
Cecília Meireles., 3
cinema, 15, 16, 25

D

Drumond, 2, 18

E

Escola de Aperfeiçoamento, 6, 11, 14, 15, 17

F

Funcionários, 13, 22, 23

G

Getúlio, 6
Graça Aranha, 2

L

literatura., 19, 25

M

modernistas, 2

P

Prestes, 5

R

Revolução de 30, 4

p

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 15 DE MAIO DE 1991

Entrevista – fita 04 – lado A

AT: Hoje é 15 de Maio de 1991, nós estamos entrevistando dona Alaide Lisboa, e a entrevistadora é Thais Pimentel.

TP: Bom. Então a senhora podia... vamos fazer a seqüência do que nós falávamos na semana passada. A senhora estava nos contando do noivado...

ALO: Então, sobre casamento, quer dizer, que eu cheguei a Belo Horizonte, e eu costumo dizer que eu cheguei aqui, até pus no discurso, quando deram o título de cidadã belohorizontina, eu cheguei jovem decorativa. E realmente, parece que inteligência eu tinha, e tinha cultura um pouquinho acima assim do comum das moças, porque eu gostava muito de ler. Mas escrever, provavelmente não, a não ser, acho que eu já contei, uns relatórios que eu fazia, e trabalho, mas nada propriamente de publicação, de trabalhos escritos. E quando cheguei a Belo Horizonte, vim para fazer a Escola de Aperfeiçoamento, mas vinha com essa formação que eu chamo de jovem decorativa, porque eu gostava de ler e gostava de música, então eu cheguei a estudar um pouco de piano, e tocava, eu acho que eu já falei isso. Tocava a Serenata de Schubert, mas era tudo assim como enfeite. Um enfeite. Eu nem tinha prazer, um prazer espiritual, um prazer afetivo, mais para trocar idéias. Não tinha função propriamente não, era mais uma satisfação que me dava. Mas sempre lendo muito, e sem preocupação de estudo,

de fazer fichas, de pesquisa. Não. Talvez esportivamente até. Mas gostava muito. E quando cheguei aqui eu conheci, eu fui logo apresentada ao professor José Lourenço de Oliveira, que tinha estudado no Caraça, feito, curso no Caraça, então tinha uma cultura assim um pouco fora do comum, e estava estudando direito.

TP: E ele era professor já nessa época?

ALO: Já lecionava. Lecionava latim, lecionava latim, lecionava história também até...

TP: Nas escolas públicas? Na escola secundária?

ALO: Nas escolas secundárias. É. Secundárias. Nas particulares, depois ele foi professor também no Instituto de Educação, lecionou um pouco, no Instituto... mais colégios particulares, []. Depois fundou até colégio, Colégio Afonso Arinos, ele foi um dos fundadores, mas como professor. Sempre como professor. Nada com...

TP: Com administração?

ALO: Com administração, nem mesmo participação da fundação, a não ser a participação para fazer regimentos e....

TP: Certo.

ALO: Mais o trabalho, não é? Não era sócio, propriamente.

AT: Nessa época ele já tinha entrado para a polícia, D. Alaíde?

ALO: Não. Ele só entrou um pouquinho depois.

AT: Em que época mais ou menos?

ALO: Ele entrou em 34. Quer dizer, em 34. Isso foi mais ou menos essa época sim. E então que ele foi convidado, não é? E justamente... Nós estávamos já namorando.

AT: Já foi... Ele entrou como professor?

ALO: Como professor. É professor, então eles todos tinham o título de capitão. Capitão professor. Que criaram esse título, criaram o cargo, a função. E nem todos podiam ser, os oficiais, eles não tinham oficiais para darem essas matérias...

TP: Não tinham formação, não é?

ALO: Essas matérias, essas disciplinas todas. Então eles convidaram professores de fora.

Eu sei de dois que foram convidados na ocasião. E eu lembro, foi o Dorneles que era Secretário da Segurança, e que encarregou alguém de procurar..., queria 2 professores, um de matemática e outro de português e literatura, mas que escolhesse o que houvesse de bom, de melhor na capital. Então foi...

AT: Dorneles o quê?

ALO: O Dorneles, Ernesto Dorneles. Ele era secretário de Segurança, depois foi ser Governador do Rio Grande do Sul. Ele era gaúcho, veio para cá no tempo do Benedito, e ele que idealizou essa escola. Essa DI, que chamava, Departamento de Instrução da Força Pública. E que escolhesse dos melhores. Então, eles não pediram, não solicitaram nada. Foram procurados para professor. E aí no começo, eles achavam que era melhor, eles punham até farda, eles fardavam de capitão para dar aula. Depois voltavam, podia tirar a farda. Mas que era um serviço que fazia parte do militar. Mais depois eles abandonaram essa parte. E eles tinham, porque eles tinham o título de capitão, quer dizer, não tinham passado por, tenente, primeiro-tenente, não tinham tido acesso. Começaram como capitão.

TP: Como capitão.

ALO: Mas depois também não tinham,... como é que chama?

TP: Ascendência, assim.

ALO: Não podiam ascender na carreira. Acesso, não é? Não podiam. É. Eles não passavam de... era sempre capitão. Mas aconteceu que os próprios alunos, no fim de alguns anos, muitos daqueles que eram ou colegas... chegaram a coronel. E os professores continuaram como capitão. Então eles mesmos, numa questão muito delicada, eles conseguiram no Congresso uma lei. No Congresso não, aqui, como é que chama?

TP: Na Assembléia.

ALO: Assembléia. Naquele tempo era diferente. Conseguiram uma lei, e que dava o título de... dava acesso à carreira, de acordo com o tempo, igualzinho aos outros.

TP: Sei.

ALO: Mas com todos, todos os direitos. Então eles foram promovidos. E ele chegou até a

tenente-coronel. Mas depois terminou o prazo dele, e, até,... como é que chama..., não é aposentadoria não...

AT: Para a reserva?

ALO: Reserva. Isso mesmo, é reserva, isso mesmo.

TP: Bom, então tudo isso aconteceu quando a senhora estava noiva?

ALO: Estava, ou pelo menos namoro firme [*risos*]. Antigamente, antes de noivado, havia o que a gente chamava já de namoro firme, não é? [*risos*]. Não sei se ainda usa a expressão. Porque tem os namoros que não são firmes, quer dizer, namora amanhã um, depois é outro. Quando a coisa vai acertando, então chamava-se namoro firme. E do namoro firme para o noivado a coisa era rápida. E depois, então, em 35, o meu pai veio para cá, acho que eu já tinha falado...

TP: Isso.

ALO: Como deputado, e aí eu fiquei noiva. E em 36, nós nos casamos.

TP: Só interromper a senhora um minutinho para saber um pouquinho disso aí. A senhora estava dizendo do namoro firme, mas a senhora chegou, depois de vir para Belo Horizonte, a senhora chegou a ter outros namorados que não fossem firmes? A senhora...

ALO: Não. Aqui em Belo Horizonte só tive ele. [*risos*]

TP: Ah é, é?

ALO: Porque em Belo Horizonte eu cheguei e conheci logo, acho que eu já tinha contado até antes, já consta na história...

TP: Já.

ALO: E então começou o namoro. Até no começo, a gente era assim muito discreto, era namoro e não era, porque parece que ele estava com os planos de casamento, no sentido geral, não é?

TP: Exato.

ALO: E então, a idéia de casamento foi nascendo assim, devagarinho. Na hora que

verificou que gostava mesmo, tinha que casar. [*risos*]

TP: E o casamento mesmo, como é que foi, D. Alaíde? A senhora se casou na Igreja, em casa?

ALO: Eu casei... O casamento foi assim. Eu não sei se isso de repente já era desse processo, mas o meu foi assim. O casamento civil, nós fizemos o casamento em casa. Mas o juiz vinha, é juiz? Como é..., quando se faz o casamento...

TP: É. É juiz...

ALO: De paz. Juiz de Paz. Então, ele ia à casa. E eu já casei vestida de noiva.

TP: No civil.

ALO: Civil. No mesmo dia, mesmo dia, quer dizer, os papéis estando arranjados. Então eu casei vestida de noiva umas 2 horas antes do casamento religioso. E aí, eu casei no civil assim simples, e uma taça de champanha quando acabou. E quando o juiz foi embora, aí eu fui para a Igreja para encontrar com o noivo. Não. Aí ele estava ali também. Nós dois, nos casamos [*risos*], casamos no civil. Mas cada um foi no seu carro [*risos*]. Não usava você chegar na Igreja com...

AT: Juntos.

ALO: Ele tomou o carro, foi para a Igreja para esperar, não é?

TP: E qual Igreja que foi D. Alaíde?

ALO: Na Igreja de Lourdes.

TP: Na Igreja de Lourdes?

ALO: É. Até tive que pedir licença, porque eu não sabia que a Igreja da Boa Viagem que era ligada à nossa. Mas como, quando nos verificamos, foi preciso pedir licença para casar na outra, porque já estava encaminhando pela Igreja de Lourdes. Até um padre [] atendeu, muito gentil, e tudo, mas assim, lamentando da gente não casar na Igreja da Boa Viagem. Mas já estava tudo preparado para Lourdes.

TP: Sei.

ALO: Porque era perto também, onde nós morávamos, era perto das duas Igrejas. E a gente

não conhece muito bem assim as paróquias. Mas você não pode casar, se você pertence àquela rua, pertence àquela paróquia, é preciso que a paróquia dê licença para fazer o casamento. Aí nós fomos. E o meu padrinho era deputado, também. Então, ele pediu o carro, não era mordomia [*risos*] Então ele fez questão de trazer o carro, o carro do presidente, que o presidente da Câmara tinha carro diferente, naquele tempo os cargos tinham [] e tal. De sorte que nós fomos com todas as honras para a igreja. E foi muito bonito o casamento, muita gente. E, sobretudo, eu era professora nesse período na Escola Normal. Lecionava só na Escola Normal. Então o coro da Escola Normal que foi para cantar.

TP: Ah, que cantou no seu casamento?

ALO: Sabe? Então as meninas, professoras, assim, o coro, foi bonito, porque tinha coisa assim também afetiva. E o coro era muito bonito. O coro da escola.

TP: E tinha muitos convidados D. Alaíde?

ALO: Tinha. A Igreja estava [*risos*] cheia, porque só de professores, os colegas dele, os meus, e família da minha mãe, os conhecidos do pai. Então a Igreja de Lourdes ficou cheia, não é?

TP: Repleta.

ALO: Agora, não houve recepção. Não sei se foi um período. Que houve um período que estavam casando sem recepção. E eu me lembro que eu fui a uns casamentos assim também. Depois houve um período que voltou, recepção de casamento.

TP: Nem sempre usava recepção.

ALO: É. Não, não. Parece que não usava. Então nós íamos naquele dia mesmo, o casamento foi acho que 5 horas da tarde, mas naquele dia mesmo íamos para o Rio, não é?

TP: A senhora foi...

ALO: Que eu já contei, que também o presidente, o Governador ofereceu a cabine presidencial, que era de trem.

TP: Não. Isso a senhora não nos contou, ainda não. Pode contar.

AT: Pode contar. [*risos*]

ALO: Então. Não era mordomia, porque não tinha despesa nenhuma. Porque o presidente tinha uma cabine permanente, para quando ele precisasse usar. Aquela cabine nunca era usada porque ele podia de uma hora para outra precisar da cabine oficial, não é?

TP: Sei. Quando a senhora fala presidente, a senhora está falando o presidente da...

ALO: É, era presidente. Aqui...

TP: Presidente do Estado?

ALO: É. Porque antigamente chamava Presidente do Estado. Antigamente chamava o Governador, o que chama hoje governador, chamava presidente, não é?

TP: Exato. Mas isso até 1930, não, D. Alaíde? Depois, mas talvez as pessoas continuassem falando.

ALO: É. O Presidente. O Benedito Valadares era Presidente. Não era Governador, não. Ainda era Presidente. A gente só falava Presidente. Depois é que mudou. Então a gente falava cabine presidencial, mas Presidente do Estado. Era da Rede, acho que Mineira de Viação.

AT: Mineira de Viação.

ALO: Mas engraçado que não tinha baldeação, naturalmente, não sei se o vagão já era também assim, fazia a mudança, transferência sem se sair do vagão, Acho que o pessoal todo que ia, por exemplo, para o Rio de Janeiro, aquele carro...

TP: Aquele carro ia direto?

ALO: Aquele carro fazia mudança. Lá, só o carro, a gente não descia. Porque em outros lugares a gente descia para tomar outro trem. Então, aí eu disse que não era mordomia, porque não dava despesa nenhuma para o governo, porque era uma cabine que ficava vazia, quando não era usada. Talvez eles fizessem mesmo algumas atenções, aproveitando. Então, ofereceu, ele ofereceu a cabine, nós fomos. Nós fomos e voltamos. Quer dizer, ida e volta, também...

TP: E esse oferecimento, a senhora atribui à figura do seu pai ou a do seu marido?

ALO: Não. Eu acho que era mais papai, que era deputado, era constituinte, não é? É que, foi naquele período da Constituinte.

TP: Da Constituinte?

ALO: E ele era deputado da Constituinte, fazendo, e sempre trabalhando, assim. E muito contato com o governador.

TP: Certo.

ALO: Então, era conhecimento, assim. Mas, que engraçado, que isso tudo era feito com escrúpulos, sabe? Porque naquele tempo...

TP: Era muito diferente de hoje.

ALO: É. Não era, não era. Não tinha gasto nenhum. Isso aí, quer dizer, em vez da cabine ir vazia, ela ia com alguém de confiança, qualquer coisa... De certo usava ceder em casos também especiais.

TP: Exato.

ALO: E foi uma gentileza que eles faziam para... [*risos*]. Então começou com alguma importância, apesar de que começar, a vida tinha que ser mais dura um pouco. E depois, então fomos para o Rio, e passamos lá e voltamos, não é?

TP: A senhora foi... A viagem foi longa para o Rio? A senhora ficou muitos dias...

ALO: É... Noturno... Lá ficamos, acho que uns dez dias, mais ou menos.

TP: E em hotel, D. Alaíde? Naquela época, ou em casa?

ALO: Não. Não. Foi assim: era um apartamento, que havia umas casas que alugavam, era um apartamento, de uma casa que alugava apartamentos. E que era próximo da residência do meu irmão, que morava lá. De sorte que ele mesmo que providenciou, e então nós fomos para esse apartamento. Deixa eu ver o que mais...

TP: Bom, aí a senhora estava falando que ficou lá uns 10 dias, e voltou para Belo Horizonte.

ALO: É. E eu morei então um ano, eu morei em casa de papai com mamãe. Até organizar mais a vida. Depois nós alugamos uma casa, que eu já contei, que tinha sido do Cyro

dos Anjos.

TP: Cyro dos Anjos?

ALO: Até quando eu fiz a biografia do Lourenço mais tarde, eu falava que saíam livros e entravam livros. [risos]. Porque o Cyro também era poeta, escritor, romancista. Então também de biblioteca. Ele se mudou para o Rio. E eu lembro que ele mesmo telefonou para avisar, porque eu tinha pedido, porque eu sabia que ele ia. Não sei se o ponto era bom, se era fácil ou não era de arranjar casa. De sorte que nós mudamos para essa, moramos nessa casa, na rua Paraíba... não era Paraíba, não. Santa Rita Durão, mas foi embaixo que eu já tinha morado. Perto da Santa Rita, fica perto da Paraíba. Santa Rita Durão.

TP: Fica. D. Alaíde, deixa eu fazer uma perguntinha para a senhora, a propósito desse tema. A gente sabe muito bem que hoje o professor vive com muita dificuldade, pensando em termos financeiros. Como é que foi no momento do casamento da senhora, quer dizer, a senhora trabalhava e o professor Lourenço também. E era fácil, por exemplo, alugar uma casa, manter uma família, assim, em termos da renda familiar mesmo. As condições da senhora e do marido eram boas, na...

ALO: Não, não era fácil, mas a vida também não era difícil, entende? Quer dizer, não era fácil, não era muito fácil porque você tinha que pagar aluguel e tudo mais. Mas ao mesmo tempo os aluguéis eram baratos, a vida não era cara. E mesmo, os gêneros alimentícios, você ganhava um pouco proporcional ao que o professor podia viver em qualquer época.

TP: Sei.

ALO: Era de maior ação. E agora, verdade que tinha que trabalhar muito, por exemplo. Ele trabalhava dobrado, eu só passei a trabalhar dobrado depois que as crianças cresceram. Ele trabalhava no DI, quer dizer, no Estado, e trabalhava no Colégio Arnaldo, também, dava aulas.

TP: Ah, sim!

ALO: Depois ele passou para a Faculdade, que foi criada. Se bem que a Faculdade durante alguns anos não pagava nada. Nada, nada.

TP: Ah não?

ALO: Nada.

TP: Inicialmente não remunerava os professores?

ALO: Não. Durante uns 6, 8 anos, mas nada, nada, nada.

TP: É mesmo, D. Aláide?

ALO: E ninguém deixava de trabalhar, ninguém deixava de ir. E até eles brincavam que o Lourenço sempre foi muito assíduo, e às vezes podia cair uma tempestade, que o pessoal brincava: “*Pode chover [risos] que lá vem ele com guarda-chuva [risos]*” Não falhava de aula, sempre. Então, como ele dava muitas aulas, eu também. Depois nós ficamos com 2 empregos, porque passou, quando passou para a Federal, aí eles passaram a ter uma remuneração.

TP: Uma remuneração.

ALO: Razoável, e a remuneração do DI, de manhã. Tanto que ele trabalhava em tempo integral, trabalhava de manhã no DI, e de tarde na...

TP: Na universidade?

ALO: Na universidade. Então eram 2 trabalhando...

TP: Nesse momento ele deixou o colégio Arnaldo?

ALO: Ai deixou o Arnaldo. E depois teve também, quando ele fundou outro colégio...

TP: O Afonso Arinos?

ALO: Onde lecionou, algum tempo. Ele continuou durante algum tempo, ainda dava aula no curso secundário. Principalmente quando estava fundada, antes de receber na filosofia, ele trabalhava um pouco mais.

TP: E me conta uma coisa. Esse colégio Afonso Arinos era um que funcionava lá na Praça Afonso Arinos? Em frente era uma casinha antiga ali na esquina?

ALO: Era. Era, fica aqui na esquina de rua da Bahia, e depois mudou. E depois foi lá para, onde foi o Aplicação, na rua Carangola. Foi lá também.

TP: Ah sim!

ALO: É. E até Afonso Arinos, o nome foi proposto por ele. Porque ele tinha admiração muito grande pelo Afonso Arinos, ele colaborou na formação, ele fez estatutos, essa coisa toda, essa parte toda, mias intelectual, mais de escrever, ele tinha facilidade. Bom, depois...

TP: E, a senhora, nesse meio tempo. Qual que é a trajetória da senhora? A senhora...

ALO: Pois é. Eu era professora, eu primeiro... deixa eu ver... Eu fui, eu terminei a Escola de Aperfeiçoamento, então eu fui nomeada assistente técnica do ensino. Então eu tinha 4 cidades, eu devia coordenar o desenvolvimento, que gerem escolas, escolas normais, que eu era designada não para grupos escolares, para escolas normais. Trabalhei, não sei, não cheguei talvez a um ano. Porque depois, eu fui nomeada socializadora na Escola Normal de Belo Horizonte. E para mim tinha vantagem de não ter que viajar, porque eu já estava preparando o casamento, eu estava noiva já, quando eu estava viajando, eu estava noiva. A gente ia, viajava, passava os dias, ficava..., às vezes no próprio colégio, que era interno e tinha quarto, recebia a gente. A gente visitava, analisava, fazia relatórios. Era um trabalho interessante, porque nós tínhamos acabado o curso da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, então a gente ia com aquele interesse de pedagogia total. Para analisar, discutir. E a gente era muito bem recebida mesmo. Muito, sabe?

TP: Mas a senhora ia nas mesmas cidades ou variava?

ALO: Não. Eu fui uma, umas 2 vezes em uma, outra, porque terminou o meu prazo. Eu fui chamada.

TP: Foi pouco tempo.

ALO: Mas ficava assim uns 10 dias lá, mais ou menos.

TP: Ah é?

ALO: Era, ficava.

TP: Acompanhada?

ALO: Trabalhando um tempo. Depois fazia relatórios para o Estado.

TP: Secretaria de Educação?

ALO: Secretário. É. E o que mais interessava, chamava assistente técnica de ensino, não era inspetor, nem fiscalizador. Era assistente técnico, que ia para discutir os problemas...

TP: Da escola?

ALO: Da escola. Então a gente, a gente surpreendia, por exemplo, fazia logo um levantamento, a gente fazia uma espécie de pesquisa com os alunos, quais eram os problemas. Eles mesmos... Até no começo os diretores ficavam um pouco assustados pensando que a gente estava querendo ou descobrir alguma coisa... Porque havia, a gente via que havia uma preocupação. Mas depois eles compreendiam que a gente amava a instituição, queria era o melhor, e tudo que fosse bom a gente sabia elogiar também. E o que pudesse melhorar, a gente também propunha. De sorte que havia uma compreensão muito grande. Então a gente pesquisava. E eu me lembro uma coisa que me impressionou, porque eu fui a uma escola, os problemas e tal. Os alunos, quase que a turma toda: o professor tal é muito tolerante, não se preocupa com a disciplina dos meninos. Os meninos reclamando, que...

TP: Se queixavam?

ALO: Querendo um professor mais..., que exigisse. Mas isso que eu falo muito hoje, porque quando... sempre que fui professora, mas falava assim: *“Olha, vocês tem de ouvir em silêncio, quem não quiser ouvir pode pensar em outra coisa, mas falar, não”*. Porque, a gente tem de respeitar, não é a mim o respeito, não, é aos colegas que querem aprender. Quer dizer, que aquele que não quer aprender não faz mal, é só ficar quietinho, pensar no que quiser, mas contanto que não fale.

TP: É. [risos]

ALO: Então pode sonhar, até não acompanhar, porque depois se for reprovado, é você sozinho.

TP: É.

ALO: Não prejudicou os outros. E eu falo um pouco isso brincando, sempre tive disciplina muito boa em classe. Nunca tive problema de disciplina, não. Nunca tive. E eu ensinava com muito prazer e dava aula com muito entusiasmo, acho que isso tudo

ajudava.

TP: Ajuda. Claro!

ALO: É. Não tive problema. Aí nós casamos e os filhos vieram assim um pouco seguidos. Mas eu dava aula. Aí eu já passei a ser socializadora na escola, e o trabalho...

TP: O que é socializadora?

ALO: Socializadora. Pois é, isso já era também um produto da escola renovada.

TP: De aperfeiçoamento?

ALO: É. Mais ao mesmo tempo, um produto do curso que as professoras tinham feito no *Teachers College* da Universidade de Columbia, que elas foram. E havia uma que era especializada justamente. A socialização é uma espécie de aplicação da sociologia. É uma aplicação da sociologia um pouco relativa, porque não é assim aplicação. Então, por exemplo, atividades, as atividades extra curriculares. Elas faziam parte da socialização, porque elas tinham uma função social, uma função socializante, paralelamente àquela função cultural que os alunos tinham, informais, diante dos programas. Então, por exemplo, nós fazíamos teatro. Então vamos fazer representação. E às vezes traduzindo as peças. Quer dizer, tinha um valor intelectual, porque a gente, se a peça era estrangeira, então vamos traduzir juntos, porque havia a hora de socialização, chamava hora de...

TP: Ah... tinha uma hora no turno.

ALO: Então trabalhava com os grupos, e tinha uma hora de todos, não é? Então quando era a hora de toda a turma, era num auditório que você tinha que apresentar alguma coisa para o grupo, para a escola toda.

TP: Ah, que interessante.

ALO: Era muito interessante. A primeira socializadora tinha sido outra aluna da escola, que era a Maria José Melo Paiva, que depois passou a diretora. E eu entrei. Até foi interessante que quando eu fui socializadora, eu fiz uma espécie de relatório. Não. Foi um artigo muito grande, contando o que era socialização.

TP: A experiência.

ALO: O que era socialização, como é que nós fazíamos. Eu sei que o “Minas Gerais” publicava muito os trabalhos da gente, principais, eu lembro, três páginas no “Minas Gerais”. Você já imaginou hoje a gente com 3 páginas no “Minas Gerais”. [risos] Sobre a socialização. E eu me lembro que o diretor nessa época era o Firmino Costa, que era muito conhecido. E que ele me chamou no gabinete, e na expressão dele assim, um pouco surpreendido de ter lido, e estava correto, porque também eu tinha cuidado, mas arranjava sempre alguém para tornar a revisar, para discutir se estava bom ou não. E ele cuidava muito do português, que tinha até gramática, tudo mais. E ele era um professor assim muito competente. Então ele ficou um pouco surpreendido, a gente sentiu, de ter um trabalho assim, e correto e de explicar tudo. Então ele me olhava assim, e eu, um pouco nova ainda [risos]. Em relação a hoje, novíssima [risos]. Então disse: “Ah... você gosta de escrever hein?” Assim, quer dizer, me viu, pensou mais na escritora, não é? “Você gosta de escrever, não é? Você escreve bem”, assim num jeito bom. Ele feliz de eu fazer um comentário e sair. Não tinha mostrado nada para ele, nem nada. E também nem pedi licença antes, nem nada, até podia, não é? Engraçado. Ele tinha autonomia. Hoje até que eu lembro disso, que ele viu depois de publicado. Mas sempre com toda cautela, quer dizer, eu falava sobre a escola, sobre ele e tudo mais. E aí a gente contava tudo, tudo o que significava...

TP: Relatava a experiência.

ALO: Mas depois eu passei... É, experiência. Depois eu passei para professora de português, porque aí houve uma vaga de português e eles quiseram que eu passasse. Porque antigamente era o seguinte - acho que isso eu já falei uma vez aí - o professor de português, porque não havia escola, não é?

TP: Exato.

ALO: Então...

TP: A senhora já nos falou. Não havia o curso de Letras.

ALO: Eu falei... O curso de Letras. Então, quem amava as letras era convidado para ser professor de português.

TP: Mas nesse momento para a senhora, pareceu uma proposta atraente ou... Que veja: a

senhora estava dizendo que a experiência como socializadora foi interessante, foi importante para a senhora. Quando apareceu essa proposta da senhora passar para a sala de aula como professora como é que foi..., a senhora gostou da proposta?

ALO: Não. Eu achei a proposta boa porque era mais específica e eu podia trabalhar assim, com uma participação maior minha, talvez. E num campo mais intelectual. Embora a gente procurasse na socialização também esse aspecto intelectual, esse aspecto cultural. Mas ali seria, então, um amor à língua, uma amor à literatura, eu podia me dedicar mais. E talvez eu já tivesse começado a sentir atração pela...

TP: Pela literatura?

ALO: Pela literatura e pela... Porque eu tinha atração esportivamente, agora atração para vir a produzir, não é?

TP: Ah certo. A senhora já sentia uma inclinação.

ALO: Uma inclinação. Que eu podia ter uma relação maior, dominar bem a língua, e quem sabe, escrever. Porque eu já tinha escrito os dois livrinhos. Os dois livrinhos foram escritos quase que na escola... Um na Escola de Aperfeiçoamento mesmo. Seria o pré-livro, que é o “*Bonequinho Doce*”. E o outro logo depois que eu saí, eu fia a “*Bonequinha Preta*”. Então, eu dar aula de português seria um caminho, estaria mais relacionado com alguém que está querendo escrever. O que... não tinha muito definido essa idéia de escrever, não. Mas pelo menos eu sentia...

TP: Era uma inclinação, não é?

ALO: Uma inclinação. É. Eu tinha uma inclinação. Porque eu comecei a escrever assim, mais tarde. Porque mesmo intelectual, eu passei a ser [risos] muito depois, do tempo que eu vim..., eu mais nova, os intelectuais de casa eram a Henriqueta Lisboa e o José Carlos. Então a gente achava, a gente era um consumidor de arte e de beleza. Não, a gente não se sentia produtor, também não produzia. E eles produziam. Talvez o exemplo deles, ou talvez, não sei, a tentativa que a gente começou a fazer para escrever. Isso eu já contei até, que a D. Helena Antipoff que me ensinou muito, que quando eu fazia os trabalhos ela, ou quando fazia uma manifestação, ela achava que o nível estava, assim, acima do que era comum, que eu devia escrever, me dando

responsabilidade. Isso tudo vai..., foi dando coragem. Aí a gente começou a publicar mais coisas. [risos]

TP: D. Alaíde, então nesse momento que a senhora assumiu as aulas de português, a senhora ficou muito tempo nessa função? Como é...

ALO: É. Fiquei 18 anos.

TP: Ah é?

ALO: Dando as aulas de português. É.

TP: Sempre na Escola Normal?

ALO: É. Na Escola Normal. E tinha isso. Porque você está falando justamente os problemas da família. Como é que a gente que é mulher, não é? Porque a Escola Normal, o professor secundário era obrigado a dar 9 aulas por semana. Agora, ele só podia ficar na escola 9 aulas. Agora, havia as horas que você trabalhava em casa, ou preparando as suas aulas, ou corrigindo. Mas preparava mesmo, não é como essa gente que acha que lá em casa rende mais e quer ir passear, em vez de ir..., arranja tempo integral e não fica lá, porque diz que em casa rende mais. Às vezes é, às vezes rende, mas em geral é uma fuga. Mas a gente não tinha tempo integral. Então eram 9 aulas, você só ganhava pelas 9 aulas que você dava, quer dizer, ganhava por mês. Mas o ordenado de curso secundário não era assim tão baixo não, em relação, sabe? Era uma categoria já assim prestigiada [tosse]. Não. Relativamente pouco, [tosse] mas em relação a primário a diferença era bem grande. E entre a professora primária e a professora secundária havia uma diferença muito grande. Tanto que depois, eu te contei já, acho que já gravaram isso, que eu fui eleita Presidente da Associação das Professoras Primárias. Porque eu fui professora primária, depois eu fui técnica de ensino, era considerada também primária, apesar de ter passado, de ter sido indicada para o normal. Então, aí eu fui compreendendo muito o problema. Eu fui duas legislaturas, fui eleita e fui reeleita, e trabalhei muito. Isso eu já contei...

FIM DO LADO A DA FITA 04

Entrevista – fita 04 lado B

ALO: E então eu podia ser eleita pela associação, fui eleita, e comecei a trabalhar para resolver os problemas. Realmente, porque o Benedito Valadares é que ainda era..., não. Tinha sido Governador. E ele esqueceu um pouquinho das professoras, parece, sabe?

TP: Sei.

ALO: Não, não houve preocupação. E era um meio mesmo de quase que, tinha umas pobres. Porque, então, se era viúva, ou se tinha mais filhos, era uma luta. Então, a primeira coisa que eu consegui foi arranjar com a Legião Brasileira de Assistência. Isso foi antes, ainda era no tempo do Benedito. Porque o pessoal comunicava que a mulher do Benedito era muito ativa, ela fazia um trabalho muito bom na Legião Brasileira de Assistência. Então, quer dizer [risos] não sei se isso é discreto, que ela podia ser a Governadora do Estado e deixar o Benedito na Legião. Então o pessoal dizia: “*Acabava com a Legião [risos] melhorava o Estado.*” Valorizando o trabalho dela, não é? Se bem que ele também fazia as coisas dele, são os anedóticos políticos, que ele tinha as partes positivas, os valores positivos, os valores negativos.

TP: Mas é até importante registrar isso.

ALO: Mas é que a mulher, então essa parte feminina, não é? Então eu fui, expliquei a situação para ela, porque... Engraçado, nós quando administramos, eu não sei se todo mundo é assim, eu fui administrar, as preocupações minhas, a gente transfere, vendo que a gente venceu, e que quer que os outros vençam também. Então eu pensava assim, por exemplo, elas têm filhos, não é? E não podem ir ao médico. Não havia previdência ainda. Não havia nada. E para mim, por exemplo, um médico resolver os problemas dos meus filhos, era aquela coisa que mais me preocupava. De sorte que eu fui, propus, se ela me ajudaria para eu contratar um médico...

TP: Para a associação?

ALO: Para a associação, para os filhos, os filhos...

TP: Das professoras?

ALO: Das professoras. E depois eu consegui um para as professoras também. Então o médico que eu consegui para as crianças era o médico que era o médico dos meus filhos.

TP: É mesmo?

ALO: Era o Melo Teixeira. Afamadíssimo aqui em Belo Horizonte. Era do melhor médico. E era um homem de sentido humano, uma beleza. E toda a sociedade aí, as grã-finas todas levavam os filhos para o Melo Teixeira. Ele era o melhor médico. Pois olha, ele atendia as, as minhas professoras sem dar preferência nenhuma para outras mais isso, mais aquilo. Porque era assim, a gente pagava por vez a importância X, nós estipulamos. Ficava muito mais barato para ele, era muito pouco que ele ganhava.

TP: Por tantas horas de trabalho?

ALO: Não. É por mês tanto. Tanto podiam ir 20 crianças, 30 crianças, 40 crianças ou 10 crianças, era o que ele recebia. Quer dizer, com toda a liberdade. A professora chegava lá, se inscrevia e pronto. E tinha a hora dela, e podia estar outro, tinha que esperar, outro que talvez pagasse mais. Mas ele foi gentilíssimo. Depois ele foi para o Rio, ele ficou, não sei se uns 2 anos mais ou menos servindo. Depois ele foi para o Rio, o outro que substituiu já, também depois começou a aparecer a previdência e tudo, já tinha menos interesse. E o médico das professoras era o Osvaldo Melo Campos. Quer dizer, também afamado.

TP: Também afamado.

ALO: Agora com ele o contrato foi diferente. Ele cobrava, naquele tempo, 100 mil réis a consulta. Então ele disse que podia fazer para nós por 30.

TP: Uma tremenda redução.

ALO: De redução. E então se precisasse de abreugrafia, ele tinha o aparelho, se precisasse de fazer a radiografia, ele tinha o aparelho e não cobraria mais. Que ele examinando, se a pessoa precisasse... Então as professoras iam e ele registrava o nome delas. No fim do mês, por exemplo, se foram, até às vezes ficava mais barato, se foram 10, por exemplo eram 300. Pagava para ele, se foram...

TP: Pagava pelo número de consultas.

ALO: Pelo número de consultas. Mas podia..., não tinha limite também. Quer dizer, naquele tempo, é claro, não havia..., acho que o total aí de professoras acho que eram 900 ou 1000 professoras...

TP: Não era mais do que isso?

ALO: Não era.

TP: Hoje eu não sei dizer para a senhora, mas deve ser muito mais do que isso, não é?¹

ALO: E acho que era...

TP: Algo em torno de...

ALO: Em torno disso. É.

TP: Disso. 900 professoras.

ALO: Então isso tinha resolvido. Mas algumas, elas tinham uma situação financeira tão difícil, que a gente, se elas fossem comprar, elas tinham que pagar [*risos*] o que estavam devendo antes, então a gente que tinha de comprar para resolver o problema, não é? E fazia e tinha secretária...

TP: Ou seja: isso, essa era a situação do professor primário.

ALO: É, do primário.

TP: A senhora disse que do secundário já havia uma diferença.

ALO: Não. Primário a diferença era bem maior.

TP: Bem maior.

ALO: E era bem tranqüila. E até, isso para mim foi bom, porque eu já era secundária, não estava defendendo...

TP: O seu interesse?

ALO: Então eu podia fazer com muito mais entusiasmo, com muito mais, não é? E depois então veio o Júlio Carvalho, que foi ser interventor, meu pai passou presidente da...

AT: Da Assembléia?

ALO: Não. Não tinha Assembléia, nesse tempo chamava Conselho Administrativo do Estado. Porque ainda não tinha... tinha fechado o negócio de... ainda era interventoria, não é?

TP: Era interventoria. Foi na época do Estado Novo, que a senhora estava falando?

ALO: Pois é. Da interventoria, então não tinha, nesse tempo era o Dutra lá. Tinha era o Dutra. Então, depois é que foi criado. De sorte que as leis eram feitas nesse Conselho. Chama Conselho Administrativo. Até esse Conselho devia ser mais estudado. Uma vez eu vi o Iglesias falando nele, mais eu acho que não falou muito no livro dele. Uma coisa que eu acho que valia a pena fazer um estudo desse Conselho...

TP: Sobre o papel político do Conselho.

ALO: O papel do Conselho. Porque o Conselho era... Até o Ayres da Mata Machado era da Secretaria também do Conselho. Fazia parte. E ele legislava. Parece que eram diversos conselheiros, o Aminthas de Barros era um também, que fazia parte. Não lembro os outros. O que eu sei, o meu pai era conselheiro e foi eleito presidente, foi eleito não, nomeado, naquele tempo, pelo Dutra. E tinha então um relacionamento muito bom com o interventor. E sabia que, com a convivência comigo e tudo, ele sabia da situação das professoras, ele conhecia o problema. Então ele, quando eu fiz a proposta, até por aumento, se havia possibilidades, ele conversou primeiro com o Júlio Carvalho. E o Júlio Carvalho verificou que podia fazer um aumento. Tinha lá uma verba qualquer. E até aconteceu que aí as professoras secundárias queriam também entrar, mas não devia. Eu fiquei constrangida, eu disse: “*Bom, vamos mandar propor*”. Porque aí eu já estava no meio. Mas então ele mandou dizer que não ia fazer para os secundários, porque se ele fosse fazer para os secundários, não resolveria nem de um nem de outro, porque o problema das primárias era tão, assim grande. E precisava de verba maior. Quer dizer, a verba toda que ia dar para o secundário ia prejudicar. Que ele queria fazer, só resolver o problema dos professores primários. Então, eles atenderam. Uns até ficaram assim um pouco ressabiados comigo, achando que eu podia arranjar, mas arranjar sacrificando os outros, Não podia. Então, nós fomos, eu já contei, não é feito greve,

¹ Boa Tarde! → Nesse instante o irmão de D. Alaíde entra na sala, e permaneceu até o final da entrevista. D. Alaíde manda-lhe um beijo.

bandeira nem nada, no salão, no Palácio, 900 professoras ali que não tinham trabalho...

TP: A senhora conseguiu juntar praticamente todas as professoras.

ALO: Convidou, que tinha reunião, todo mundo foi. E apresentamos um plano de carreira para o professor.

TP: Sei.

ALO: Não tinha. Foi a primeira vez apareceu o plano, de carreira, tanto tempo promoção.

Tinha lá no planozinho. O plano foi aprovado. Foi de certo melhorado, tudo mais, não sei. Mas aí, quando nos apresentamos, então eu fiz o discurso. apresentando. E já estava tudo combinado antes. Ele respondeu já, respondeu quase que garantindo que ia fazer. Porque ele já tinha, sabia, já tinha feito o levantamento. Quer dizer... Por isso que eu falo, um pouco de diplomacia, mesmo hoje, é muito melhor do que sair greve. Uma vez eu vi uma greve de professoras, não há muito tempo, as professoras vestidas de palhaço e ainda levando crianças na frente do Palácio da Liberdade. Quer dizer, no fundo elas queriam dizer que eram palhaços. No fim, parecia que elas estavam mesmo concordando em ser, porque é difícil você interpretar professoras vestidas de palhaço. Para dizer que elas estão fazendo papel de palhaço? Por fim... Não é doloroso? É doloroso. Porque eu acho que reivindicar, eu acho que é certo. Agora... Nesse caso por exemplo, eu tive possibilidade de fazer porque tinha um bom relacionamento com as autoridades. Mas eu acho que não é só o bom relacionamento. Hoje não é, porque a gente sabe que tudo tem sua hora, tem seu dia, tem [inaudível]. Mas eu acho que a conquista maior que na reivindicação se deve fazer é dos meios de comunicação. Imprensa. Então eu penso que hoje, por exemplo, qualquer reivindicação deve ser feita... A primeira coisa é a conquista da imprensa. Porque a gente admite o operário fazer porque se ele, o recurso dele é movimento. Porque ele não é capaz de escrever, de falar, dizer. Ele pode é mover-se, então que ele se mova na greve. Mas agora, você vê a professora, que pode fazer relatórios, publicar notícias, manter uma sessão no jornal. Mas tem que ser a conquista da imprensa. Não sei até que ponto que pode conquistar, como é que se conquista, isso aí é...

TP: A senhora acha que a arma do professor devia ser o que ele sabe fazer, assim, que é escrever...

ALO: O que ele é competente. Então ele é competente. Nós vamos lá.

TP: Convencer...

ALO: Com a nossa inteligência. Mas vamos também, não basta ser inteligente e escrever se não há publicação. Agora, vamos ver se os meios de comunicação.

TP: Comunicação.

ALO: É. Rádio. Você imaginou, o rádio sempre falando. E falando coisas, coisas que desapontem até o próprio Governador, mas sem ofender. Mostrando: “*Olha, o professor está ganhando tanto*”, insistir nisso. Ela trabalha tantas horas, ela ganha tanto. Porque a gente..., por mais que você queira, você não sabe quanto a professora ganha. Pode fazer até um paralelo, quantas horas. Então explicar até que ponto, e se descobrir alguns meios... Que eu me lembro de uma vez que eu fui procurar também, antes de conseguir isso, porque eu vi um relatório que eu - eu já contei também, que eu costumo contar isso - eu vi um relatório do governo e havia um superávit. No relatório. Orçamento, que eles publicam tudo, o relatório de orçamento. Então eu vi o superávit e aí eu fui procurar o secretário e disse: “*Olha, nós, as professoras estamos precisando de mais, quem sabe se esse superávit pode ser usado para elas*”. “*Por que vai guardar ele, isso*”. Ele foi e falou assim: “*Superávit no papel, no papel*”. [risos] Então disse que o superávit era no papel. E por isso, quando eu tomei posse de vereadora, eu não falei nem nome de secretário nem nada, mas quando eu fui tomar posse de vereadora, eu fiz o meu discurso - eu acho que eu já contei isso também, não sei...

TP: Não.

ALO: Eu disse, o [(?)] tem uma frase que ele diz assim: “*O povo prefere mentiras robustas à verdades anêmicas*.” Então, o que é que os políticos fazem. Mentiras robustas, não é? Então eu fui fazer [risos] o meu discurso de posse, até o meu irmão que era deputado veio falar comigo: “*Você já vai entrar falando dos políticos...*” Eu disse, sabe o que meu marido respondeu? Disse: “*Mulher pode*.” [risos] Porque eles têm uma consideração, não fazem escândalo nenhum. É uma coisa... Tem muito significado esse mulher pode, não é? Então eu falei mesmo. Agora, eu falei, não acusei ninguém, eu disse: “*O que são os relatórios, mentiras robustas ora, pois se está com superávit e não existe*.”

AT: E só no papel, não é?

ALO: Ele que falou, não é? Ele que falou para mim. E essa coisa de preferir, você vê, quando o governo promete muito, é uma alegria total. Agora, na hora de fazer, o que faz? Então é a história de agradar o povo com as mentiras robustas [*risos*] e verdades anêmicas. Eles não gostam não. [*risos*]

TP: D. Alaíde, vamos explicar um pouquinho melhor para nós essa passagem da senhora aí, quando é que a senhora virou vereadora. Quer dizer, a senhora ficou duas legislaturas na Associação das Professoras. Isso foi na década de 40, foi...

ALO: É 49. Foi... Olha 45 a... 45/47, 47/49.

TP: São duas... Dois mandatos seguidos, não é?

ALO: Dois mandatos de 2 anos. É.

TP: E nesse meio tempo é que apareceu a oportunidade...

ALO: Não. No final do mandato, fui convidada para ser vereadora, PPM. Eu fiquei meio assim, porque... mas então os colegas...

TP: A senhora tinha ligações com o partido?

ALO: Nem sabia. O convite foi porque vai ver eu estava assim em evidência, qualquer coisa, o nome, não é?

TP: Em função da Associação.

ALO: É. Associação. Eu sei que então eu disse: “*O quê que a gente poderá fazer?*” Eu fiquei um pouco preocupada porque a vereadora era municipal. E a minha preocupação era estadual. Eu sentia uma coisa... O que eu posso fazer como vereador municipal pelo Estado, porque a minha vontade era fazer pelo Estado.

TP: Era atuar no âmbito do Estado.

ALO: É. Mas então, eu concordei. Agora eu fui, fiquei como primeira suplente, uma diferença de 6 votos, parece.

TP: E como é que foi isso em casa. Assim, com o professor Lourenço, a decisão da senhora por ser vereadora? A senhora discutiu?

ALO: Olha. Com tudo, a maior naturalidade, não foi nada discutido: “*Olha, me convidaram para ser*”, “*você vai?*” “*Então pronto.*” Porque a gente fala de homem machão, isso e aquilo, talvez o Lourenço tivesse até todo o jeito de machão, mas num certo sentido. Uma independência que ele tinha para fazer as coisas dele. Mas sempre me deu liberdade, nunca fui tolhida. Quer dizer, eu fui eleita para a Associação, vai assistir minha posse, vai ver..., quando eu fui vereadora ele foi lá para assistir a posse. Talvez eu achasse até engraçado, porque [risos] a única mulher tinha que ser a dele, vereadora lá [risos]. A primeira, não é? Havia de ser a mulher dele. Mas é..., achava...

TP: Que era natural isso.

ALO: Interessante. Era natural. E depois havia assim, muita confiança. A gente tinha assim, uma amizade muito grande um pelo outro. E um amor mesmo, sempre muito assim discreto e tudo. Mas um respeitava muito o outro. Ele continuou a ser quase que do jeito que ele era mesmo. A gente não tinha..., porque eu, eu sempre falo que o casamento, às vezes as divergências são porque o homem casa querendo que a mulher seja aquilo que ele sonha, que ele queria que ela fosse, e ela quer que ele seja aquilo que ela queria que fosse. Então ficam os dois com um [], que não dá. Então a gente tem de casar sabendo: “*eu sou assim e ele é assim, então nós vamos receber um ao outro do jeito que cada um é.*” Não é? Pelo menos esse foi nossa..., sem..., hoje eu estou tirando teoria disso...

TP: É... claro que isso não era traduzido dessa forma...

ALO: É. Teoricamente não era. Mas a idéia era essa. Ele é assim, e eu sou assim. Então, eu fiz carreira, publicava livros à vontade. Nunca, nunca teve o menor, o menor...

TP: Agora, deixa eu então aproveitar e perguntar para a senhora uma coisa. Quer dizer, a senhora está nos dando um relato de que entre a senhora e o seu marido isso era muito natural, que nunca houve problema, não tinha nem muita discussão, e a senhora está teorizando a posteriori. Mas a senhora, no meio de onde a senhora vinha, assim, suas amigas, os casais amigos, a senhora acha que... A senhora era vista como uma pessoa diferente, uma vez que as mulheres, atualmente eram mais voltadas para assuntos domésticos. Como é que a senhora vê isso?

ALO: Não. Engraçado, elas não... Nenhuma estranhou, muitas foram assistir a posse, todas

acharam natural. Porque a gente vivia no meio intelectual também, não é? Então as colegas professoras... E depois, eu tinha sido eleita por professores. Quase que eu fui por elas. De sorte que no fundo eles, não estava, se eu fosse eleita assim, fazendo campanha política, e tudo mais, mas se eram as próprias professoras que quiseram, então já estava uma coisa um pouco feminina, porque era uma classe toda feminina. Agora muitos homens votaram e eu mesmo fiquei surpreendida de alguns homens ilustres, eu até levei susto, que encontrava comigo: “*Vou votar na senhora*”. Eu levava susto porque... [risos] Não é? “*É, não vou votar em nenhum outro...*”

TP: Declarando o voto para a senhora.

ALO: Porque o secretário. O secretário da Educação da época mandou lá em casa, porque, a gente tinha cédula. Mandou lá em casa buscar o as cédulas, ele e o chefe do gabinete queriam votar em mim. E mandaram buscar.

AT: Como que é? Vocês tinham a cédula.

ALO: É a cédula, a gente fazia...

TP: De propaganda, não é?

ALO: Não. Na hora não tem propaganda, não. Na hora da eleição você votava, levava já a cédula pronta.

TP: Ah... é! Entendi que era material de propaganda.

ALO: Não. A cédula, a votação não era assim como é hoje, você chega lá não. Você já, você já...

AT: O candidato que escrevia a cédula?

ALO: O candidato já podia levar, podia receber ou ir buscar em qualquer lugar, ou na hora achava na cabine. Mas se aí já levasse de casa, chegava lá era só por aquela, sabe? Já podia...

TP: A cédula com o seu nome.

ALO: Com nome. Para vereadora fulana de tal...

TP: E a pessoa assinava um papel lá.

ALO: Lá assinava. E punha a cédula. Acho que eles punham um carimbo na cédula que você levava. Naturalmente carimbava e punha na caixa. De sorte que o processo, eu achava muito mais interessante.

TP: Mais simples.

ALO: Mas... Olha, eu não gastei nenhum real.

TP: Nada?

ALO: Não, não.

TP: Não, D. Alaíde? A senhora não se empenhou?

ALO: Não, não gastei nada, nada.

TP: Financeiramente na sua campanha.

ALO: Nem de jeito nenhum. Financeiramente. Nada, nada. Porque quando eles falaram, as professoras todas quiseram muito, que eu fosse, e eu me lembro que o Otacílio Negrão que era o prefeito na ocasião, ele chegou para mim e disse assim: “*A senhora vai ser eleita.*” Aquelas pesquisas que eles fazem, não é? E, fizeram a pesquisa e já sabiam que eu seria. Mas a votação feminina do magistério deve ter sido quase total. Porque elas estavam felizes, vendo que eu trabalhei e que eu podia fazer mais alguma coisa lá. E eu, eu achava que lá na Câmara eu não ia poder fazer muita coisa. A única coisa que eu tentei depois que eu cheguei lá foi aumentar o número de escolas. Que havia..., sobretudo escolas da periferia.

TP: Escolas municipais?

ALO: Escolas da periferia, sabe?

AT: D. Alaíde. E na campanha, a campanha era feita como? Comícios, rádio?

ALO: Não.

AT: Não?

ALO: Não. Não tinha. Olha, eu não tinha comício, não tinha discurso, não tinha nada. Eu lembro que houve uma reunião dos vereadores para discutir e tal, mas eu não fiz campanha nenhuma. Eu sei... [risos] eu vou contar esse caso. Na hora que nós

saímos..., porque o Djalma Andrade foi candidato também.

TP: Na mesma época. Na mesma eleição.

ALO: Na mesma. Junto comigo. É. Ele até não se elegeu. Mas quando nós saímos da reunião, ele sempre assim muito cavalheiro, até conhecia pouco, mas enfim... Ele chegou para mim e disse assim: “*É, Alaíde, pode contar o meu voto vai ser seu.*” Eu fui disse assim: “*Não, o seu voto tem de ser seu, porque se você vai pedir voto para os outros, como é que você vai votar em outro. Se você vai pedir para votar em você, tem de acreditar em você mesmo.*” Primeira pessoa que tem de acreditar. Ele levava susto, porque ele estava fazendo cortesia, e eu [risos].

TP: A senhora respondeu prontamente.

ALO: E eu, e eu levando... Porque eu custei muito a entender a gente votar em si mesmo. Mas, foi, eu entendi. E como eu já tinha entendido. Porque realmente, se eu peço para você votar em mim, como é que eu não vou votar em mim, não é?

TP: O aval da senhora é o seu próprio voto.

ALO: Eu tenho. Se estou pedindo, é porque eu acho que eu posso ser então. Então, eu acho que eu tenho de votar, acreditar em mim também. E [risos] depois, assim, o meu nome é conhecido um pouco. Mas tinha as antigas professoras da escola. E saía no jornal. Aí, a única coisa que eu sei e que a...

TP: Mas não como propaganda?

ALO: Me pediram um plano. Me pediram um plano, eu fiz o projeto, até tenho aí um projeto, o que eu pretendia, na parte do setor da educação e tudo mais. E então uma diretora de escola mandou imprimir e distribuiu isso. Isso foi distribuído, não sei se nas escolas, o plano da candidata. Só.

TP: Foi o material que a senhora produziu, de punho próprio.

ALO: É. Que eu fiz um plano. E justamente preocupada com educação, com a escola, com a situação disso. Fazer...

AT: Aí a senhora foi eleita em que ano?

ALO: Eu fui eleita... acho que eu tomei posse em 49. Porque eu não fui eleita...

TP: A senhora foi suplente.

ALO: Eu fui suplente. Eu acho que foi em 49, depois que saiu o outro, eu entrei. Mas foi pouco tempo, eu não fui muito tempo vereadora, não.

AT: Certo. Mas aí a senhora foi eleita, vamos supor, em 49, como suplente, e tomou posse quando? Em que ano, a senhora lembra?

ALO: Eu acho que foi em 49 mesmo/

AT: Mesmo?

ALO: Eu acho... Ah... isso aí eu tenho. Você quer que eu pegue aí... Pode... eu vou buscar.
[gravação interrompida – D. Alaíde foi buscar papéis, recortes de jornal, para confirmar a data da eleição].

ALO: Então, tem o plano, aquele, as coisas que eu sugeri. Não precisa falar muito disso não, não é? Não precisa.

TP: Ah...

AT: O, o panfleto, não é?

ALO: É. O panfleto. Tem o plano. Tem o plano aí? Não fala o que eu pretendia fazer? Então...

AT: Não, não. Eu acho que não, D. Alaíde.

ALO: Ah... então... Mas eu tenho uma outra coisa qualquer. [Interrupção de Fita] Então depois se eu achar o projeto, eu mostro...

TP: Bom, nós paramos aí no momento da vereança. A Anny pediu que a senhora nos contasse um pouquinho como é que foi a posse. Assim, o momento da posse.

ALO: A posse. Olha... a posse, eles fizeram um... me receberam, mas..., otimamente, sabe? Com uma atenção muito grande. E havia naquela ocasião acho que 6 partidos. E todos partidos fizeram saudação muito linda para receber, sabe?

TP: A primeira mulher?

ALO: Primeira mulher. Com toda a cortesia. E depois um fez um, homenageando, papai tinha morrido, tinha sido político, então fizeram uma homenagem também a ele, em

separado, sabe? E depois eu fiz o meu discurso. Agora, falei [risos], nem espantou ninguém não. Agora, eu nem sei se isso é de gravar, que houve uma brincadeira... Isso, essas fofocas, não é? Que disseram: “*Iiihhh agora ninguém pode falar nome feio na,...*” Eu falei...

TP: A senhora comentou.

ALO: Pois é, mas não foi gravado, acho que não, não é?

TP: Não.

ALO: Mas muito finos, muito educados, isso que eu fico pensando. Como era bom esse processo, dessa atenção, dessa gentileza, dessa cortesia. Porque hoje ela desaparece um pouco, porque a mulher é que não quer. Porque começou a querer ficar muito parecida [risos] com o homem, então não precisa mais cortesia não, não é? Ela quer ser igual. [risos] Não sei, a gente se quiser tirar conclusões, não é? Porque eu até tenho escrito muito sobre isso, porque eu falo que, a gente não deve concorrer com o homem, nem mulher contra mulher, nem homem contra o homem, porque eu acho que a concorrência é com a gente mesmo. Cada um de nós deve ir até onde pode. Agora, se o homem ficou para trás ou para adiante, não importa. Eu vou até onde eu posso ir.

TP: Um limite, não é?

ALO: É, até... Porque a possibilidade de cada um. Não precisa..., não precisa. Agora, tem que haver certas diferenciações, tem. Pois se a gente é tão diferente fisicamente, fisiologicamente e talvez que intelectualmente. Outro dia, ainda lendo essas coisas assim no passado, era interessante, porque houve um período em que não se acreditava na inteligência da mulher. Era a mulher, era tida como não inteligente. Mas agora, talvez, ela fosse menos desenvolvida mesmo, intelectualmente, porque era limitada a sua vida. Porque as experiências, antigamente, eram experiências reais só. E se você não tinha experiência real, você não podia fazer experiência em livros, em leituras, porque elas quase não existiam. Mas, depois a mulher foi sentindo que a mulher também tinha inteligência, era capaz de aprender alguma coisa, e ela foi aprendendo devagarinho. E depois, intelectualmente, eu acho que ela concorre, a capacidade, eu acho que é a mesma. Agora, eu sempre achei que as funções são diferenciadas. E as funções da mulher às vezes prejudicam um pouco esse desenvolvimento intelectual.

Porque a mulher, se ela trabalhar fora, ela chega em casa, ela não tem tempo, ela tem de cuidar, mesmo que ela não queira tem de cuidar. Mesmo que o marido ajude, não adianta, porque ela é que tem de dirigir mesmo, de orientar, de coordenar, porque não é ele que vai coordenar, também ela não vai se submeter, não é? Se ele começar...

AT: O marido da senhora ajudava? Como era?

ALO: Não. Ele não ajudava, mas também não me preocupava muito, porque ele não era exigente também. Então era tranquilo. De sorte que... tinha história, tinha hora de almoço, que era certa, porque ele trabalhava fora. Tinha de almoçar, hora certa, e jantar hora certa. Isso era bem organizado. Mas colaboração, quando criança nasceu, por exemplo, ele pegava uma criança, mas assim, quase que festivamente. A criança está chorando, ele pegava um minutinho assim para a criança parar, parava de chorar. O primeiro filho no colo. Mas no serviço de casa, não. Agora...

AT: Na alfabetização das crianças, ele participou? Como era?

ALO: Não, na alfabetização ele teve, assim, mas muito pouco, porque as crianças iam para a escola e, modéstia a parte [risos], os 4 filhos nasceram bem inteligentes [risos]. Então, aprendia com certa facilidade, não precisava de reforço...

TP: Não davam trabalho em casa.

ALO: Não. Nenhum trabalho. Mas na aprendizagem, eu me lembro dele, por exemplo, dando umas aulas de alfabetização para um dos meus filhos, era o José Carlos, e o outro ficar espiando, o outro menorzinho. Ficava com os olhos arregalados. E eu achei engraçado que esse, quando foi para a escola, em 15 dias ele aprendeu a ler. A professora ficou espantada, porque num instantinho ele aprendeu. E eu acho que ele já tinha...

TP: Uma influência ali.

ALO: Já tinha feito algumas..., já tinha encontrado algumas soluções na hora em que ouvia a explicação. E uma vez ele deu ... Eu tinha um filho que teve uma hepatite, e teve que perder 3 vezes de escola. Ele estava no 3º ano. Então achava que ele ia repetir o ano. Mas ele não quis, ele quis tentar passar assim mesmo. E então ele tinha direito a fazer 2ª. época, porque é...

TP: Motivo de saúde?

ALO: 50%. Não. Porque 50% de frequência dava, não é?

TP: Dava direito.

ALO: Dava direito. E ele tinha os 50% de frequência. Então ele fez todos a 2^a. época, e só perdeu na 2^a. época..., com direito de fazer ainda outra, não é? Porque era uma licença que a gente fazia como se fosse o primeiro exame. Então tinha o direito de fazer 2^a. época da que ele fazia [risos]. A 3^a. época, se quiser, a 2^a. época A, não é? A e B, não é? Então ele perdeu em latim. E aí ele veio me pedir, o filho, para eu dar umas aulas, eu disse: “*Não, latim, latim é com seu pai.*” Ele disse: “*Não, mas você me explicando aqui tudo, eu resolvo, é só uma dúvida.*” Então o Lourenço deu..., uns 15 dias de aula, dava todo dia, porque tinha 15 dias depois, ele tinha de fazer. Deu 15 dias de aula para ele, e ele passou. Então ele não repetiu o 3^o ano. Mas isso fez falta que depois ele, por exemplo, não entrou direto na faculdade. Então ele teve de fazer um ano de cursinho.

TP: Prestou os exames.

ALO: Prestou os exames, e teve de fazer o cursinho. Mas como ele não tinha feito nem admissão, os dois meninos têm uma coisa interessante, os dois meninos não fizeram admissão. Entraram no 4^o ano para o 1^o ginásial.

TP: Ginásio.

ALO: E as meninas entraram do 4^o para o 5^o. Acho que elas entraram, acho que por questão de idade, não sei porque que foi, ou era mais fácil, ou o que era. E justamente as duas meninas entraram direto, direto no vestibular quando terminaram, e os dois meninos levaram um ano.

TP: É. Curioso.

ALO: Agora... Um deles não quis fazer, disse que não ia fazer cursinho, não, porque ele já sabia o que faltava. Ele fez medicina na Federal e na...

TP: Ciências Médicas?

ALO: Católica. E foi aprovado. Porque naquele tempo eram, acho que 3 matérias. E ele foi aprovado em 2 matérias em um, e 2 matérias no outro. E matérias diferentes, quer

dizer, [risos] ele teve aprovação. Mas não valeu. Se ele tivesse tido 2 aprovações na outra era melhor. Mas eu achei bom porque ele estava só com 17 anos, para medicina. Ele tinha terminado.

TP: Muito novo.

ALO: É. Eu não falei nada não, mas no fundo achei bom, que eu achei que era um pouco cedo para ir para a escola. E ele foi e disse: “*Não quero fazer cursinho porque eu já sei o que me falta.*” Ele era muito organizado, sempre foi. Então, ele todo dia...

TP: Estudou em casa.

ALO: Estudava e ia sozinho. Sozinho lá, 2 horas por dia, estudava, e fez também o vestibular. E os dois passaram, quer dizer, cada um na sua época. Um para engenharia e outro medicina, e aí passaram.

TP: D. Alaíde, a propósito desse tema, a senhora podia nos contar um pouquinho sobre... Onde é que seus filhos estudaram? Porque sendo a senhora e o seu marido pessoas tão envolvidas com o meio acadêmico, com a escola, onde é que os seus filhos estudaram, como é que foi a decisão de mandá-los para escola...

ALO: Olha. A decisão foi primeiro... Eu lembro que a D. Helena Antipoff falava assim: “*Bom, bom mesmo é escola pública, para menino*”. Então nós morávamos, não era muito longe do Instituto de Educação, que tinha a classe primária. De sorte que eles todos fizeram o primário aqui no...

TP: No Instituto de Educação?

ALO: No Instituto de Educação. É.

TP: Os meninos também?

ALO: Os meninos também. É. Os meninos e as meninas. Agora, as meninas, uma delas foi...

FIM DO LADO B DA FITA 04

A

Associação das Professoras, 17, 25

B

Benedito Valadares, 7, 19

C

casamento, 1, 5, 6, 7, 10, 12, 27

Ciro dos Anjos, 9

Conselho, 22

Conselho Administrativo, 22

D

Dorneles, 3

E

Escola de Aperfeiçoamento, 1, 11, 16

Escola Normal, 6, 17

H

Helena Antipoff, 16, 35

I

interventoria, 22

L

Legião Brasileira de Assistência, 19

P

Palácio, 23

Presidente do, do Estado, 8

S

Socializadora, 14

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 29 DE MAIO DE 1991

Entrevista – fita 05 – lado A

AT: Bom, hoje é 29 de maio de 1991, nós estamos entrevistando dona Alaíde Lisboa de Oliveira, e a entrevistadora é a Thaís Pimentel.

TP: D. Alaíde, nós terminamos a última entrevista, a senhora estava contando para a gente justamente como é que a senhora encaminhou, a senhora e o professor Lourenço encaminharam a educação dos filhos. Então a senhora nos contava sobre as escolas onde eles estudaram, não é?

ALO: Sei.

TP: Como é que foi a vida escolar de cada um deles e nós terminamos exatamente nesse momento. Agora eu queria aproveitar, antes a senhora falar das lembranças que a senhora teve aí, da gente conversar um pouco disso justamente que a senhora estava falando, quer dizer, a senhora chama a atenção da gente. Como uma pessoa, uma mulher que desde cedo, embora tenha tido seus 4 filhos, a senhora estava envolvida com trabalho desde antes do casamento. E a gente queria que a senhora nos dissesse um pouco isso para gente, desse um depoimento da senhora, de qual é o lugar que o trabalho ocupou na sua vida, nos diferentes momentos e o que a senhora acha, como mulher, do trabalho da mulher dentro e fora de casa.

ALO: Sim [*silêncio*]. Eu acho assim: eu acho que trabalho fora de casa é bom. Agora, quando a gente tem filhos, sobretudo quando eles são pequenos, então a gente tem de limitar um pouco fora. Agora, pode é claro sair de casa também, mas aí você sai com as crianças ou não. Eu, por exemplo, não gostava de pôr criança no jardim, nem maternal.

TP: Sei.

ALO: Eu achava que a... assistência individual. [*barulho de porta batendo*] [*silêncio*].

AT: É a porta aqui que bateu, não tem importância não, D. Alaíde. [*Interrupção de Fita*]

ALO: Então... Trabalho, não é? Então eu não gostava, nunca eu quis... [*risos*] não sou contra creche não, mas eu acho o tratamento assim coletivo, eu tinha sempre um pouco de receio. Vai ver essa preocupação que eu tinha com micróbio também, eu achava que se mandasse as crianças, podia haver contágio. Porque toda criança está sujeita a alguma doencinha dessas, dessas doenças comuns, ou sarampo, ou coqueluche, ou mesmo infecções de garganta. E esse contato, era muito constante com outras crianças. E, e às vezes as doenças encubadas. De sorte que eu tinha muito medo que as crianças ficassem doentes. Eu achava que a assistência individual era melhor. E eu não era assim exagerada, no sentido de fora não, porque em casa eu também tomava todo cuidado. Se um gripava ele já sabia que ele tinha que se isolar dos outros, sabe? Pequeninho, já sabia. Então o outro podia perguntar: “*Você como é que vai*”, chegava na porta do quarto mas não entrava no quarto. [*risos*] Nem uma gripinha. Então, tinha assim esse cuidado, talvez um pouquinho exagerado. Mas acho que mal não fazia, não é? [*risos*] Bom. Depois, sair de casa. Também eu tinha preocupação, eu tinha... Porque naquele tempo, isso é uma coisa que eu já pensei, era muito mais fácil você conseguir domésticas. Mesmo as famílias que não tinham assim uma facilidade assim de vida assim tão grande. Porque nós dois éramos professores, a gente ganhava regularmente, mas era uma vida mais ou menos apertada, quer dizer, apertada, com muitas limitações. Mas empregada eu tinha 2, até 3. Quer dizer...

TP: Dava para pagar.

ALO: Parece que, seria hoje um luxo. Dava para pagar e também não é só o problema de pagar. Eu acho a diferença hoje também, os gêneros alimentícios, não eram caros

também. Então, quer dizer, se você tem mais gente em casa para almoçar, para jantar, não fazia muita diferença não.

TP: Isso. Porque a senhora estava..., pelo que a senhora está dizendo a sua casa chegava a ter um movimento de, eram 4 filhos, a senhora e o marido, 6 mais 3, eram 9.

ALO: É, 3. Uma delas não era interna, ia para colaborar. Às vezes lavar roupa por semana, ou uma coisa assim. E aí as outras... Mas eu tinha sempre uma que arrumava a casa, mas se eu saía de casa, era assim uma espécie de ordem que eu dava: esquecer tudo que existe na casa, só existe a criança. Então a atenção com os meninos, e como no tempo eu tinha casa assim de 2 pavimentos.

TP: Nessa época a senhora morava na rua Timbiras.

ALO: Timbiras. Nessa época eu morava na rua Timbiras.

TP: Era uma casa de...

ALO: Era uma casa de 2 pavimentos, e então eu já tinha os 4 filhos ali. E aí a recomendação era: enquanto eu estou fora, ninguém vai..., porque não tinha grade nas janelas, ninguém vai em cima. Quer dizer, eu saía... eu era um pouquinho assim rigorosa, mas era natural, espontâneo, as crianças não sentiam. No fundo tinha quintal, eles brincavam no quintal, ou então cada um ia cuidar dos seus afazeres, mesmo que não fosse fazer assim muita obrigação, e nunca ficava muito tempo fora de casa. Voltava e eles tinham liberdade já de subir, de descer, de fazer o que eles quisessem. Agora, então eu comecei... em geral eles iam no último ano só de jardim. Acho que todos foram, não sei lembrar exatamente. Mas eu me lembro da Maria, por exemplo. Eu morei na Timbiras, ali o Imaculada Conceição tinha jardim, e a entrada era pela rua Timbiras mesmo. Quer dizer, era só atravessar, atravessava a rua, que a casa era quase em frente do jardim. De sorte que aí já era ir para o jardim. Bom. Eu vou contar um caso dela [risos], no sei se... [tosse]. Ela chegou um dia na casa contando que ela estava na sala e que uma religiosa chegou e foi falar com a outra no ouvido, sabe? Começou a falar. Então, “*Quem cochicha o rabo espicha. Quem cochicha o rabo espicha. E aí ela veio para mim...*” Aí me contou um caso, não é? “*Maria, com as madres a gente não fala assim.*”[risos] Você vê, no fundo [inaudível], quer dizer, eles tinham um certo desembaraço, não eram crianças constrangidas. Porque se fosse, ia

chegar em casa e me contar o caso todo, como foi, não é? E aí eu participava muito. E depois, os meninos também, estou lembrando de um, que esse foi para o jardim nessa ocasião, o mais velho, o jardim do Colégio São Paulo.

TP: Sei.

ALO: Também. O último ano do jardim. Depois, depois eles começaram o primário, começou o primário ali, mas depois todos acabaram o primário, uns fizeram um período, no Instituto de Educação.

TP: No Instituto de Educação. A senhora nos disse.

ALO: É, a turma toda. Só a mais velha, que eu contei também já isso, que tinha o Colégio Zilah Frota, não é?

TP: Exato.

ALO: Que ela foi fazer o último ano lá. E depois do primário tinha que fazer a opção pelo secundário. Então as meninas ficaram no Instituto. Agora, nesse período, o período delas já era diferenciado, já tinha, porque antigamente só tinha Normal lá. O ginásio, que chamava, e depois os 3 anos de...

TP: Normal.

ALO: É, de curso Normal. Aliás, isso também era uma coisa que era muito mais importante, e muito mais eficiente, de muito melhores resultados. Esse curso Normal, porque era específico, porque esse que eles criaram depois. o curso de...

TP: De magistério?

ALO: Magistério. Em geral, eles chamam de profissionalizante. E entre os profissionalizantes existe o de magistério, não é? Eu não discuto os outros profissionalizantes, mas esse magistério, eu acho muito fraco, porque, no fim ficou o magistério para o final. Agora, antigamente o magistério tinha objetivo imediato. Então o Instituto de Educação, por exemplo, você estudava 3 anos para ser professor primário. E tudo que você aprendia era com esse objetivo, para ser professora primária. Agora, hoje, com essas divergências todas, essas mudanças todas que tem havido, esses profissionalizantes, mesmo o Normal, eles não vão com essa preocupação de ser

normalista. Nem chama mais normalista, chama...

TP: Magistério, é. Mas por que a senhora diz isso? A senhora acha...

ALO: Porque eles começaram também a preparar dando direito ao vestibular.

TP: Ah... sim. Porque...

ALO: Porque não havia... A normalista não tinha o direito de fazer vestibular.

TP: Exato. Não era um curso preparatório para a faculdade.

ALO: Para o vestibular, não podia. E então, os objetivos eram diferenciados mesmo. Você aprendia bem o português, aprendia a aritmética, que era também muito..., nem era chamada matemática, porque era mais uma parte da matemática, e aprendia um pouco de pedagogia, como lidar com criança, psicologia também. E tudo com esse objetivo. Mas depois, no profissionalizante não. E hoje se sabe, a ciência quando diz que o Aristóteles, dentro dele, ele dominava a ciência dominava do mundo, não é? Mas a ciência daquele mundo, não sei que ciência era em relação à nossa de hoje. Hoje quem é que domina a ciência do mundo, não é? Ninguém. Se tivesse essa especialização, porque cada uma, não é? Mas eles começam a dar muita coisa para os alunos, e muita coisa que às vezes eles passam a vida sem usar. Não há essa preocupação prática, objetiva, funcional, acho que não há. Uma preocupação de dar aquela matéria, de aprender aquilo. Agora, para que propriamente você não sabe. Agora, eu acho que a nossa escola era mais utilitarista, talvez, porque ela lecionava com funções específicas.

TP: Ou seja, a senhora está mostrando a diferença como se fosse o seguinte: o curso Normal naquela época, ele tinha um objetivo em si mesmo. Ele era um fim, não é? E hoje, como curso profissionalizante ele passou a ser um meio para outros fins, não é?

ALO: É. E uma parte importante, eu posso fazer até comparação agora, com a licenciatura também nas faculdades de filosofia. A licenciatura, quando começou, ela era, não sei se com vocês foi assim, era um curso separado. Por exemplo, primeiro você fazia o bacharelado, tirava o diploma, e depois você matriculava um ano inteiro para fazer a licenciatura. Eram as matérias pedagógicas. Então era muito mais lógico, porque depois quiseram fazer a integração do curso, da licenciatura com as escolas todas. Então o que acontecia: você pegava, por exemplo, os alunos que estavam fazendo

letras, estavam no 3º ano, e, aprendendo, por exemplo, lingüística lá, complicadíssimo, cheio daquelas nomenclaturas, toda estranha. E ia lá para aprender didática para que, para ensinar o quê? Não é para ensinar lingüística que eles iam aprender didática. Para ser professor. Agora, no curso secundário, então, que já era melhor que no curso primário, que a outra professora estava se preparando. Mas a semelhança que eu estou fazendo entre o Normal e essa licenciatura. E não havia integração nenhuma, porque enquanto eles estavam estudando lingüística em altas esferas, você estava aqui ensinando como é que você deve, na didática especial de português, como é que deve ser ensinada a gramática, como é que deve ser ensinada concordância, regência, não é? E os verbos, e como que é para aprender verbo, verbo irregular. Em vez de ensinar como dar essa parte básica, você ficava assim, naquela incerteza, o que é que eu vou fazer? Então, ficava um pouco [inaudível] o curso. E eles saíam sem também nenhuma determinação. Essa mudança... Isso que eu falo, eu lembro da D. Helena Antipoff uma vez, ela falou da mania das pessoas mas eu acho que ela queria falar do brasileiro. De acabar com as coisas boas para fazer outras. E ela não falou piores não, mas eu completo. Tiram as boas para fazer outras piores. Acabam com uma coisa, de repente você sabe, acabou isso. Mudou. Porque, por que não aperfeiçoava? Se haviam algumas falhas... [tosse] Isso é que nós aqui no Brasil, não fazemos muito. Em vez de melhorar, eu não sei se essas preocupações, acho que eu já falei isso aqui uma vez com vocês, deles fazerem coisas novas para repetir o nome do político que fez aquela coisa.. Porque aperfeiçoar ninguém fala: ele aperfeiçoar o curso Normal. Não é. [risos] Não é o título para amanhã ele ser deputado [risos] Agora, se ele criou os cursos tais, então já tem... O político, a gente fala o político, mas nós todos temos nossa culpa também no meio. Mas eu não compreendi essas mudanças. Então, vamos ver o curso Normal. Agora, os meus filhos, você estava falando, então eles fizeram, as meninas fizeram ginásio mas não queriam ser professoras. Pelo menos professora de curso primário, que era normalista.

TP: E como é que isso, só um intervalo aí. Como é que a senhora viu isso, quer dizer, a senhora que tinha toda uma formação nesse sentido do lecionar e tal, essa resistência das suas filhas nesse momento a não querer ser professora, como é que a senhora encarou isso?

ALO: É, mas talvez não quisesse ser professora de curso primário, porque eu já tinha passado a minha época também. Porque eu fui pouco tempo. Eu fui normalista, e depois de normalista eu fiz o curso de pedagogia. Então eu passei logo para secundário. Então elas não queriam começar, [risos] talvez...

TP: No primário, não é?

ALO: O primário. Por que depois todas duas foram professoras.

TP: Acabaram...

ALO: Secundário e superior. Secundária até que eu não sei, não estou lembrando se elas já foram logo para..., não foram para curso secundário não. Nenhuma. As duas...

TP: Foram direto para a Universidade.

ALO: Para o curso superior, é. Fizeram. Mas, agora então, elas quiseram..., acho que escutaram as conversas, porque eu sempre tenho relações com colegas, o Colégio Estadual, que era chamado, ainda tem o Colégio Estadual, é hoje o Milton Campos.

TP: É.

ALO: Era afamado, era difícil para entrar e lá aprendia-se mesmo. Então a Abigail, quando chegou no último ano de ginásio ela disse que queria ir fazer, ir para o Colégio Estadual. Então eu concordei. Ela mesma fez a opção. E a Maria, a mesma coisa. Agora, a Maria, ela hesitou entre o científico e o clássico. Mas eu talvez tenha forçado um pouquinho, porque a Maria também é um pouco [inaudível] sabe? E ele tinha vocação matemática muito grande. Mas tinha para língua, que ela foi na Cultura Francesa, eu lembro, ela também tinha esses extras aí, a gente [inaudível] dar para os filhos, não é? Quando ela terminou, o francês falou: “*Olha, são 500 alunos e a melhor de todas, é a sua filha.*” Falou para mim. Quer dizer, para língua. Então ela tinha também a vocação. E eu preferia porque eu achava que, clássico ela já estava em um nível tão bom, que ia ser mais fácil para ela fazer, sem muito sacrifício, sem muito esforço.

TP: Sei...

ALO: Mas eu me lembro que os professores chegaram até a falar comigo, o professor de

matemática no clássico, falava assim: “*A Maria está perdida no clássico*”, porque a matemática do científico era muito mais avançada, e ele sentiu não tê-la no científico, aluna de matemática. Mas em compensação, na parte de clássico ela ia bem. Mas as duas foram para o clássico. E depois que fizeram o clássico, então elas foram fazer opção de curso superior. E Abigail, acho que até já contei, estava começando a ser fundada aquela escola de serviços sociais, sabe?

TP: A senhora não nos contou.

ALO: Não. O primeiro, acho que o primeiro e segundo ano. E ela tinha assim uma vocação, uma preocupação com problema social muito grande, de atendimento, de servir, de fazer alguma coisa. Então, ela quis fazer essa escola. Chegou a fazer a opção dela, era para essa. Mas eu fiquei preocupada, porque a escola, primeiro ano, estava se construindo ainda essa escola, em todos os sentidos, não era só prédio, nem local de trabalho, mas era a própria estrutura. E eu também não desejava muito. Mas aí eu conversei com o Lourenço também, com marido, mas a gente não ia contrariar. Mas ele conversou com ela, ele é que conversou, sabe? E disse: “*Olha, quem sabe, se a escola, está começando...*” Porque ela sempre foi aluna, sempre muito boa, sabe? Então a gente achava que devia procurar uma outra escola. Mas eu me lembro que ele conversou e disse: “*Olha, você podia fazer o seguinte, como essa escola está nova, você podia escolher um outro curso qualquer, e depois, se você quiser faz esse também.*” Hoje a gente manda fazer pós-graduação. Hoje pode, não é?

TP: É. Pode.

ALO: Então ela concordou, mas ela só falava assim: “*Mas para os cursos da filosofia não quero.*” Mas era uma coisa de auto-afirmação também.

TP: A senhora acha que em função do seu nome e do pai que...

ALO: É. Eu e o pai lá, então ela... E também por a gente estar lá lecionando também, é desagradável você estar no meio, e comentário daqui, dali, não é? Você saber que o seu pai está ensinando, sua mãe, também há esses problemas. E talvez, para essa auto-afirmação mesmo. Então ela disse: “*Então eu vou estudar Direito.*” E aí ela foi para a faculdade de Direito. Foi muito bem, fez o curso. Mas nunca sentiu uma vocação para advogar. Ela se formou, e depois ela se especializou em administração e foi

convidada... Até foi assim, a entrada dela foi assim convite, para dar aula de administração na escola de Biblioteconomia. Mas depois ela teve de parar, porque o marido tirou uma bolsa para fazer um curso de..., acho que economia, talvez administração no Chile. Aquela escola, não ei, qual é o nome dessa escola, era uma escola que era afamada naquele tempo...

TP: CEPAL.

ALO: CEPAL, é. Então ela teve de deixar, e como era só contratada também, ela perdeu esses dois anos, mas foi para acompanhar, mas foi bem. E foi para o Chile com ele. Ele fez o curso, ela aproveitou a parte assim de mudança, ir para a capital, a gente sempre adquire, visita as escolas, assiste conferências, assiste..., embora ela não tivesse feito curso nenhum, porque também já tinha levado o filho novo, já tinha casado. E a Maria escolheu pedagogia. Até achei engraçado, era a que era mais autônoma, procurou a pedagogia.

TP: Seguindo...

ALO: Fez. Mas aí começou a achar, não agüentar aula. E ficava, arranjava sempre uma desculpa de ter bolsa, de ir para cá, e viajou, foi para a Europa, e depois voltou e, enfim, chegava, fazia 2^a. época, fez o curso todo assim, sabe? Eu me lembro quando ela fez 2^a. época, o examinador foi..., ela respondendo lá tudo, porque ela tinha facilidade de aprender, não estava entendendo como é que de 2^a época uma aluna daquele jeito, não é? [risos] Entende, ela na 2^a época e tudo, porque ela...

TP: Saía-se muito bem, não é?

ALO: É. Saía-se bem. É. Engraçado. Aí fez, mas custou. O último ano, quis desistir: “Agora eu quero trabalhar, não quero continuar.” Faltava acho que uma matéria só, sabe? E ela achou que não queria mais aquilo. Então ela foi fazer um curso de computação. E fez, ela tinha vocação matemática muito grande, que aí se revelou. O curso, quando o professor acabava a aula, depois diz que ela que dava aula para os outros, gente formada, gente que já trabalhava há muito tempo, sabe? E tinha a impressão que ela tivesse feito curso disso já alguma vez. Mas ela tinha uma facilidade matemática muito grande, não é?

TP: Sei.

ALO: Então, desenvolveu muito e foi trabalhar, mas aí foi chamada para trabalhar no Colégio Universitário. Na parte de administração. Então chegou lá, sentiu..., isso que o Lourenço falou com ela: “*Você está na Universidade, e sem terminar um curso superior, não é?*” É uma coisa que você fica numa situação inferior. Aí ela voltou...

TP: Para terminar o curso...

ALO: Trabalhava. Voltou, mas faltava acho que uma disciplina ou duas. Então ela ia só no..., porque antigamente se podia se fazer aquela matéria que faltava.

TP: É.

ALO: Aí ela formou, formou em pedagogia. Depois fez pós-graduação também, mas também não fez tese não, pós-graduação e continuou. Mas agora fica nessa atividade de administração também.

TP: Administração ligada à educação.

ALO: À educação. Agora, a Abgail foi também absorvida um pouco pela parte de magistério, porque quando ela foi lotada, ela é formada em Direito mas ela fez, porque depois ela foi para o Rio. O marido teve uma nomeação lá, no Rio, da Xerox, então ela foi para lá e fez o curso de Ciência da Informação, tinha isso na escola. E ela, primeiro ano ela cursou, quando foi no segundo ela foi convidada para lecionar no primeiro, porque administração ela já tinha assim um desenvolvimento muito bom. E aí chegou aqui foi, voltou para a universidade, e então quando fizeram aquelas lotações, em vez de ser lotada em Direito foi lotada na Ciência Econômica. Porque Administração ficou na Ciência Econômica, não é?

TP: Exato.

ALO: Então ela especializou-se em Administração e como professora na Ciência Econômica. Isso as meninas, não é?

TP: É.

ALO: Agora, os meninos, não é? [risos] Os meninos também, o Sílvio..., até não sei que ano: “*Ainda não sei o que eu quero ser...*” O dia que terminou disse: “*Quero..., vou ser*

médico”. Assim, logo, muito impositivo. Agora, eu acho que a influência foi de um irmão médico que eu tinha, e que se mudou para Belo Horizonte, porque ele era do interior, muito tempo foi prefeito no interior, e tudo mais. Mas o Juscelino Kubitschek, esses problemas políticos interessantes, foi a Lambari e ficou muito encantado com ele, sabe?

TP: O seu irmão foi prefeito lá em Lambari?

ALO: Foi prefeito e era médico. Até o pessoal contava que lá, acho que não nasceu nenhuma criança que não fosse na mão dele, sabe? [*risos*] Porque ele especializou mesmo em ginecologia, mas era clínico geral, atendia a todos, mas... E ele tinha paixão por essa parte, um professor da medicina, que tinha, ele gostava muito do professor, depois trabalhou com esse professor lá também. Então o João... Morava lá toda vida, não é? Ele se formou, ficou lá, voltou para terra para clinicar e foi prefeito. Falam que mulher, tudo que era mulher lá votava nele, porque mulher já votava, todas tinham tido filho com ele, não é? Então ele foi, fez, [*inaudível*] um negócio de revolução, sei que ele ficou, parece 12 anos. Mas aí quando o Juscelino foi lá, simpatizou, gostou muito, não sei se já conhecia um pouco, não é? Aí, estava fundando a Mannesmann, o serviço médico da Mannesmann, ele foi convidou o João, se ele queria ser o chefe de serviço médico da Mannesmann. Já um lugar assim... Então mudou e veio para cá e trabalhou. Mas então, quando ele mudou para cá, para mim foi ótimo porque resolveu o meu problema. Que os médicos eram muito bons, todos daquela época, tinha amigo de papai, e tudo mais, todo mundo era... Os médicos eram muito dedicados, aqueles médicos tradicionais, não é? Mas ele veio, e para mim foi ótimo, porque qualquer probleminha, ele tinha assim..., ele era um médico assim... muito, ele tinha uma amplitude assim de visão, era muito bom. Tanto que na Manesmam eles gostavam muito dele, os operários, porque eles sabiam que ele estava acostumado, parto ele fazia com tanto amor que até eu acho que ele gostava de fazer mais parto das pobres do que das ricas sabe? E ele ia, e se ele era chamado, podia ser a maior pobreza, até assim no chão, a pessoa assim no chão, ele fazia. Era assim desses médicos de interior, dedicadíssimo. E aqui os operários gostavam demais dele. Quer dizer, os alemães também, os estrangeiros. Depois que ele se aposentou, até depois que ele morreu, eles fizeram até uma clínica lá de, acho que clínica do trabalho, uma sala especializada, e

deram o nome dele, sabe?

TP: Nome dele. Ah, uma homenagem.

ALO: Até nós fomos convidados, e para você ver, foram lá os alemães, até nós fomos para conhecer o Presidente, alemão que eles falavam, então ele disse que quando falava o nome, ele contou, que todo mundo, ah... Dr. João [*risos*], concordando de ser ele. Mas isso que eu acho que influenciou um pouco no...

TP: No seu filho.

ALO: No Sílvio. Porque eu lembro do Sílvio, por exemplo, uma gripe que chegava, ele arregalava os olhos, chegava dava aqueles conselhos, e ele sempre muito prático, faz assim, faz isso, faz aquilo, o que pode, o que não pode. E resolvia, não é? E ele sentiu... Eu penso que foi a...

TP: A influência do tio.

ALO: Eu penso que foi, a gente nunca sabe, não é? Aí ele escolheu, foi e parece que sentiu bem. E depois, ele sempre muito assim organizado, ele no sexto ano já fez o concurso, acho que para o Pronto Socorro, tinha vaga lá, ele entrou. Até isso que eu lembro, quando eu fui falar com meu marido, porque ele levantava, por exemplo, 7 horas, 8 horas, sei lá, que tinha as aulas dele, para ir. Eu levantei, o Sílvio tinha levantado muito cedo, quando ele chegou eu disse: “*O meu filho, o que é, o que foi, você hoje saiu mais cedo*” “*Ah... fui fazer concurso.*” Aí eu falei: “*Gente! Mas a gente quando faz concurso todo mundo sabe que você vai fazer concurso, não é?*” E, então [*risos*] não falou para ninguém que ia fazer, nem você via que havia movimento de... Eu acostumada a fazer concurso..

TP: Não havia nada de diferente acontecendo em casa.

ALO: Não. Nada, natural, “*fui fazer concurso*”, então fez o concurso e passou. E depois, quando ele fez concurso para professor, depois de formado, para professor na Medicina, aí ele deixou os outros, porque ele queria ter a clínica, ele não podia ter 2... Não dava tempo, tanto que ele não é tempo integral na Medicina não, para não deixar...

TP: Para não deixar a clínica.

ALO: Para não deixar a clínica. E também encaminhou. Tudo é... Agora, esse interesse de cultura, ajudou, não é? Todos gostam de ler, sempre se desenvolvendo. Agora, o outro... Isso é para falar mesmo?

TP: É. A senhora está falando de cada um dos filhos.

ALO: Agora, o outro, o Zé Carlos, ele chegou e falou que ia estudar engenharia. E foi, fez o vestibular e passou..., quer dizer, de 2^a vez, o outros também, de 2^a vez. Até o Sílvio foi muito engraçado, que ele falou que passou na 1^a, porque ele fez nos dois, na católica e na outra, passou nas matérias, numa, e umas na outra, quer dizer, uma favorável, a outra não, mas foram diferentes, naquele tempo eram só três matérias. Foram duas em cada uma, mas não é a mesma que faltou não. Era diferente. Você vê, isso que eu falo de concurso. Aprovado em uma matéria aqui e não lá. Mas o outro, disse: *“Não vou fazer cursinho”*, ele mesmo falou: *“Porque eu já sei o que está faltando.”* Então, ele todo dia estudava um pouco e ficou. Agora, o outro, também engenharia, mas o outro estudava, tinha uns colegas e eles todos combinaram, os 5 colegas que tinham sido..., parece que o curso tinha sido um pouco fraco, sabe? Então os 5 colegas que não passaram, viram o que era que faltava, para engenharia, eles todos, e eles todos estudaram o ano inteiro, que tinha aqueles momentos de aula, todos foram aprovados, os 5, não é? Mas por eles mesmos que organizaram o planejamento todo de preparação de vestibular. Mas quando ele fez vestibular, ele chegou..., e que ele tinha dito, isso eu acho que eu já contei para vocês, que, *“Olha, eu sei porque que eu vou estudar engenharia, porque eu quero saber coisas que os outros não sabem”*. Isso eu já contei. Então, os outros era eu e meu marido, porque nós éramos das letras, das línguas e tudo mais. Mas aí então, diz que depois que ele escolheu por isso, ele ficou, *“Será que é a minha vocação?”* Aí então ele foi para o Rio. Ficou até na casa desse meu irmão, que tinha casa lá, 15 dias fazendo aqueles testes do... Nilo Lopes, aquela turma de... o que é, ISOP ou lá é SOSP?

TP: É, isso mesmo. Lá é SOSP.

ALO: Lá é SOSP. Então o SOSP, ele foi para lá, para o SOSP. E fez os testes. Então voltou do Rio, aquele dia, disse que o resultado era que ele era [*pluri hábil*], então podia estudar engenharia como poderia estudar letras. Ele gosta muito de literatura, sabe?

Então ele ficou mais confiante, não é? Porque, pelo teste ele também podia fazer. [risos]. A inteligência ia dar para a engenharia. Aí fez o curso de engenharia, e no último ano ele foi convidado para monitor. Então ele achava muito engraçado, porque ele disse que tinha de dar aula, acho que era para os colegas, eu não sei como é que monitor trabalhava. Mas ele ia achando um pouco de graça, sentindo que ele não tinha aquela competência para ser professor dos colegas. Mas era a função dele. Mas quando saiu da monitoria, ele disse: “*Ô mãe, eu vou para fora, porque se eu ficar aqui, eu vou cair na Universidade*”[risos]. Aí que eu contei, cair, cair é engraçado. Que os outros todos caíram, não é?

TP: Caíram na Universidade.

ALO: Então ele foi, ele tinha feito especialização em transporte, foi para Salvador. Para dirigir... Ele fez um concurso também, foi para o Rio, fez um concurso, até, parece que eram 22 candidatos, uma entrevista parece. E ele foi escolhido, lá ele chefiava, ele era o gerente do...

TP: Do setor de...

FIM DO LADO A DA FITA 05

Entrevista – fita 05 lado B

ALO: Olha. Então ele foi para o Rio de Janeiro, quando fez os testes, como eu estava contando não é? E quando ele chegou, ainda estava com as malas na mão, então ele chegou e disse assim: “*Mãe absorvente, mãe absorvente.*” Eu disse: “*Uai, que isso?*” Ele disse: “*Olha, os testes revelaram que você é mãe absorvente*”. Os testes... Então eu lembrei... Diferença de filhos, diferença de linguagem. Eu imaginei que se fosse, por exemplo, com aquele outro que nem anunciou que foi fazer concurso, se falasse, ele ia tomar as providências, falou que a mãe é absorvente, mas não havia essa comunicação, assim, tão espontânea. E aí foi bom, quando ele disse: Bom, então nós vamos ver em que eu sou absorvente, vamos combinar, vamos ver, você escolhe um pouco, eu escolho de lá. Mas eu achava que, um pouco é porque havia afinidade, assim, os gostos, qualquer coisa mais é...

TP: Com esse filho em especial?

ALO: E ele tinha interesse. E ele tinha esse interesse. Eu me lembro, por exemplo, uma carta que ele me escreveu para o Rio, que eu fui para o Rio, ele ficou naquela aflição, de eu fora, então ele disse assim... Ele escrevia assim bem, uma carta até meio poética. Eu sei que disse que, quando eu tenho que sair de casa: “*Para quem vou pedir licença. Não tenho a quem pedir.*” Então não precisa pedir licença para ninguém. Mas é [risos]... não saiu de casa. Tanto é, quer dizer, mãe absorvente. Até pedir licença, ele sentia falta, não é? Quer dizer, no entrar e sair, quer dizer, ele se sentia independente, mas em vez de achar bom, achava ruim não ter alguém para você falar, “*O, como é? Posso ir ao cinema?*” Ele gostava muito de cinema, ele ia quase todo dia no período de férias. Até um dia eu fui perguntar lá para o psicólogo, porque às vezes ele estava indo 2 vezes por dia. Eu disse: “O que eu faço. Tem de fazer alguma coisa com esse menino, porque, duas vezes por dia, no, assim, duas sessões de cinema em um dia é demais”. É... “Vamos ver, vamos ver se continua, vamos ver se depois passa”. O psicólogo [risos] me tranqüilizou. Mas você vê que é interessante, como é que a gente vê os filhos, cada um de um jeito. Então, aí ele quis ir para Salvador. Mas escrevia

sempre. Recortes, mandava, “*Estou lendo isso.*” Mandava comentários, sabe? Quer dizer...

TP: Então a senhora era uma interlocutora, não é?

ALO: Era uma necessidade de comunicação, uma necessidade mesmo de comunicação. E ele, depois quando voltou, uma ocasião, ele chegou e disse assim: “*Eu saí para ter minha autonomia, e estou vendo os dois caçulas, o Silvio e a Maria, estão mais autônomos do que eu.*” Quer dizer, que não saíram de casa, e tinham... Quer dizer, era um coisa talvez mais interna mesmo, uma necessidade de ficar assim mais ligado. Ele achou que os outros se libertaram mais, sem sair.

TP: Sem ter que sair.

ALO: Agora, eu acho que o ser absorvente... O Lourenço, ele tinha um sentido. Ele se impunha muito. Ele tinha, os meninos, todo mundo, acho que sempre respeitou muito ele. Não precisava falar propriamente não. Mas acho que..., ou adivinhavam que ele podia ter uma reação que não fosse positiva, e já se fazia. Por exemplo, criança, barulho era uma coisa que ele não gostava, de barulho. Demais, não é? Então, criança, se tinha que fazer barulho, ficava longe, porque... Não sei, eles já sabiam, então: “*Papai está aí, não gosta de barulho*” e pronto. E tinha autonomia, por exemplo, para ver televisão. E ele não está perguntando o que você quer ver, ou o que vocês querem não. Ele ligava, você quer ver, você fica quieto, você não quer ver, você... [risos]. Mas sem forçar. Mas era o jeito... Mas ele se impunha. Eu lembro que eu tinha uma sobrinha que vinha aqui visitar. E tinha 4 crianças, e às vezes ela chegava com os 4, ficava comigo em casa. E as crianças se adaptavam também à maneira. Então, ela um dia brincou: “*Eu quero levar a sua fisionomia para a minha terra, porque me ajuda muito*”, sabe? [risos]

TP: Impõe bastante.

ALO: Só o rosto, só a fisionomia já resolvia. Porque ela mesma sabia, como as crianças eram levadas em casa, e como se adaptavam àquele regime, assim, de certa tranqüilidade. Por exemplo, a cadeira dele era muito respeitada, mas quando ele saía, a coisa que eles mais gostavam era sentar, era sentir também poderoso. Então, os meninos gostam de também ter aquela independência, achavam bonito.

TP: Ocupar o lugar do pai.

ALO: Eu lembro um neto. Um neto. Um dia, ele estava, acho que 11 anos, 12 anos. Que chegou, disse: “*Olha, eu quero começar a trabalhar logo, porque eu quero aposentar cedo.*” Com 12 anos: “*Quero aposentar cedo e ficar feito o vovô, fazer o que eu quiser.*” [risos] Você vê, com 12 anos. Em todo caso ainda falou em trabalhar primeiro, não foi só [risos] aposentar, não é? Mas que [risos] queria trabalhar, começar cedo para aposentar, [inaudível]. Com 12 anos. [risos]. Mas isso vem um pouquinho de personalidade e o ambiente familiar, não é?

TP: E pelo o que a senhora está nos dizendo, a senhora, quer dizer, o ambiente familiar, muito ligado à atividade intelectual acabou influenciando de uma certa maneira sobre os 4 filhos. Quer dizer, cada um a seu modo, eles seguiram os seus próprios destinos.

ALO: É. Seguiram. Eu me lembro, por exemplo, quando saiu aquela... Como é que chama, a..., encíclica “*Rerum Novarum*”.

TP: “*Rerum Novarum*”?

ALO: Foi a “*Rerum Novarum*” ou foi a..., acho que foi a “*Rerum Novarum*” mesmo. Que tinha uma porção de coisas sobre vida, sobre os valores, sobre... Acho que é a “*Rerum Novarum*”. Tem uma outra que é..., como é que é? “*Mater et Magistra*”, também.

TP: “*Mater et Magistra*” acho que é anterior, não é?

ALO: É. Mais recente “*Rerum Novarum*”. Eu acho que é “*Rerum Novarum.*” Eu sei que os 4 leram a encíclica. Eles tinha [inaudível] e tudo mais, sabe? Agora, cada um formou sua idéia e discutia, e argumentando. Então, o outro perguntava assim: “*Em que ponto que está isso que você falou?*” Porque eles discordavam. Quer dizer, eles já tinham essa parte intelectual de querer esclarecer, de querer ver o que era, o que era certo.

TP: De debater, não é?

ALO: Eu me lembro, também, uma outra coisa que eu me lembro, apesar da gente criar assim, igualmente. Você vê a autonomia. Quando o Jânio renunciou, então veio a notícia de renúncia, e o Jango que ia assumir. Cada um aqui tomou uma atitude, sabe? Uns achavam que estava certo, outro achava que estava errado, outro achava que tinha de esperar mais argumentos para poder chegar à conclusão. [risos]

TP: Tinha todas as posições políticas aqui.

ALO: É. Mais engraçado, não é? Até que ponto. Porque muita gente aqui: “*Não, Jango não. Logo*”. Porque a gente era contra mesmo, de todo. Não. Então estavam assim... O outro: “*Vamos aguardar, vamos aguardar ainda. Porque se não. A gente não pode estar julgando...*” Esse que queria aguardar soluções já era o Sílvio, que era da lógica. “*Vamos esperar, não vamos precipitar os julgamentos*”. [risos]

TP: E, D. Alaíde, vamos aproveitar essa fala da senhora para perguntar o seguinte: nessas situações, por exemplo, quando a senhora está frente a um fato político como esse que a senhora está narrando, e que a senhora está mostrando que os seus filhos, cada um tinha a sua opinião, e a senhora, evidentemente, tinha a sua, como é que era nesses momentos assim? A senhora era uma pessoa de fazer valer a sua opinião, ou a senhora procurava dar uma versão das coisas para os filhos, ou a senhora tinha com eles uma relação mais de troca?

ALO: Olha... Não... Eu em geral tinha assim uma opinião um pouco firmada. Em geral eu tinha. Mas não queria dizer que eles tivessem, nem que eu deixasse de ter, sabe? Agora, nós pensamos diferente, nós pensamos diferente. Mas, eu..., não é que eu exigisse muito e nem também exigia que eles pensassem.

TP: A senhora não procurava impor a sua opinião.

ALO: Não. Não. Eu acho... Isso eu acho que não. Mesmo o Lourenço, por exemplo, que teve um período que ele tinha muita simpatia pelo integralismo, no final. Depois acabou não, até andou..., mas não chegou a camisa verde, nem nada.

TP: Verde.

ALO: Nem nada. Mas ele tinha. Ele dizia que as idéias, não era ele que concordava não, que as idéias é que concordavam com ele. Com as dele, não é? Então ele tinha. Mas até evitava que os filhos ficassem, tivessem qualquer influência. Engraçado, eu vi que ele preferia que os filhos não pensassem, como ele pensava. Deixar cada um resolver o que ele achar melhor.

TP: Ou seja, nem a senhora, nem o professor Lourenço procuraram influir em termos da ideologia dos filhos?

ALO: Não. Acho que não. Isso, eu acho que não, nunca, nós... Acho que não. A gente nunca... É um pouco suspeito para a gente mesmo falar. Se for perguntar para eles, é capaz deles falarem assim [*risos*].

TP: De qualquer maneira, não era nada deliberado, consciente, e tal.

ALO: Não. Não. A gente tinha assim, é... Eu não sei se eu estou pensando hoje, por exemplo. Porque hoje, por exemplo, muitas vezes eu vou conversar com a Maria, e nós discordamos. Em muitas idéias, em muitos sentidos. E não importa. Ela pensa assim, eu penso de outro, e qual será o melhor modo de pensar, você às vezes não sabe. Mesmo essa questão pedagógica e tudo. Outro dia, eu achei graça, foi que ela foi fazer uma referência, porque às vezes você fala as coisas e pensa que não influi, não é? Porque eu não sou muito favorável, quer dizer, sou favorável à reivindicação.

TP: Certo...

ALO: Todo mundo tem direito de reivindicar. Mas eu acho que isso que eles inventaram, que chama greve, eu acho que tem de haver alguém criativo para modificar. Porque a gente vê que o resultado, nem para a própria pessoa que faz greve, o resultado é positivo. Ainda que concorde que aumentem, você sabe que prejudica às vezes prejudica porque o próprio país sofre conseqüências da greve. E outras vezes prejudica outros dentro, que não tem, que não concordam com aquilo. Porque, vamos imaginar, quando pede aumento, por exemplo. Nós sabemos que quando aumenta muito, o que acontece é que as empresas com o tempo vão diminuindo o número e exigindo mais dos empregados, e diminuindo o número de empregados para poder compensar. É uma coisa que a gente não sabe se é certa ou se é errada, mas para garantir a própria empresa, que volta e meia entra em falência, também, a gente está vendo como é que é. Então, eu acho que greve é uma coisa perigosa. Devia ser um outro processo. Eu sempre até falo, o que eu achava melhor, sobretudo eu penso, o operário, eu ainda acho, porque ele não tem tanto recurso intelectual para usar outros processos. Então o recurso dele é esse. Agora, professor fazer greve, por exemplo, para que você tem inteligência, tem cultura, se você precisa usar processos, que não têm... prejudica terceiros. Porque a gente também tem as formações morais, você quer pensar só em você. Você abandona a sua classe, você prejudica seus alunos, você complica a vida

das famílias, e você terá direito de fazer isso só para você se sentir melhor, porque você vai ter um vencimento que você não tem, para alertar. Porque, se dissesse que alertando para isso, alertou para todos os problemas do Brasil, seria uma coisa. Mas não é. Fica, ficam as coisas assim. Então eu acho muito delicado. Acho que deve reivindicar. Uma ocasião que as professoras queriam fazer, eu comecei, eu disse: *“Olha, então vamos fazer o seguinte, vocês fazem..., arranjam bandeiras, cartazes, quem dá aula de manhã vai de tarde fazer o movimento todo, e quem dá aula de tarde vai de manhã. Porque vocês conquistam as famílias.”* *“Ô coitados, estão dando aula, não falharam, estão aí trabalhando e estão lutando.”* Então vem a simpatia da família.

TP: Isso foi..., essa sugestão da senhora foi na época que a senhora era da Associação?

ALO: É. Na Associação, não houve nada. Foi depois, sabe? Que eu já tinha falado. Quando eu era da Associação não havia, era uma coisa assim, um período, era o Estado Novo foi 49?

TP: Não. Já era o Governo Dutra. [tosse]

ALO: Mas era aquele jeitinho militar um pouco, não é? Não era, não, o Dutra já é eleito?

TP: É.

ALO: Mas não se falava muito em greve, não. Então... mesmo..., as coisas que eu consegui.

TP: Não era o único recurso, não é?

ALO: Por exemplo, quando eles me elegeram, porque eu consegui aquela coisa para elas. E sem um trabalho, assim. É verdade que houve circunstâncias que favoreceram, meu pai tinha posição na ocasião, e tudo mais. Isso tudo ajudou.

TP: A senhora está falando nisso, eu vou aproveitar para fazer uma pergunta, que nós ouvimos a última fita, e ficamos sem entender. A senhora nos contou um caso, a semana passada, que num desses momentos que a senhora foi reivindicar melhores salários para as professoras, quando a senhora era da Associação, que a senhora falou com um secretário, que disse para a senhora, mas a questão do superávit, ele falou...

ALO: Ah...sei!

TP: O superávit, mas é só no papel.

ALO: É no papel. É.

TP: Que Secretário foi esse?

ALO: Pois é. Isso é que eu...

TP: A senhora não lembra?

ALO: Não. Isso eu esqueci [*risos*].

TP: Ah... Então tá. Tá bom.

ALO: Não. Sabe o que é? Porque ele era uma boa pessoa e tudo, e fica uma coisa marcada, é melhor ficar assim vago, sabe? Porque era uma pessoa...

TP: Tá...

ALO: E que, que falou assim confidencialmente: “*No papel*”. Então é quase uma confidência para mim, não é?

TP: Certo.

ALO: Então ficou, de sorte que fica como caso, sabe?

TP: Está ótimo.

ALO: Porque...

TP: E outra, outra pergunta que eu queria fazer para a senhora... Que essa, na verdade é porque a gente não sabe, e não tivemos tempo de procurar, e a senhora certamente sabe. A senhora mencionou para nós, a mulher do Benedito Valadares, que era uma mulher muito positiva, o nome dela, a senhora se lembra?

ALO: Odete.

TP: Odete. Odete Valadares.

ALO: É.

TP: Ah... É o nome da maternidade.

ALO: É. Ah... é. Da maternidade. É isso.

TP: Exato.

ALO: A Odete. E eu até, eu não..., a gente escuta falar, mas eu como presidente pedi audiência, marcou na mesma hora, a mulher do presidente, e quando cheguei falei assim: “*Olha, eu, nós estamos na situação, quem sabe...*” E eu achei que Deus conta, tanto é assim. Vou dar, não é? Na mesma hora falou, respondeu e pronto, e começou a mandar, e todo mês a gente, mandava a conta, e ele fazia os pagamentos. As coisas... Eu sei que ela fez uma vez um abrigo, e hoje, talvez o pessoal achasse que era ditadura isso, mas na ocasião ninguém achou. Tinha muita pobreza na rua, muito, criança também solta e tudo mais, e sem aviso nenhum. Houve um recolhimento, mas um recolhimento delicado. A polícia estava toda combinada e tudo, parece que tinha uma sala especial, e recebia assim os grandes e os pequenos. E os grandes, mendigo, muito e tudo. Então era para resolver..., todos aqueles que quiseram foram para... É lá perto de contagem que tem aquela São Vicente?

TP: São Vicente de Paula?

ALO: É... Mas tinha um outro nome, Como é que chamava?

TP: Sociedade...

ALO: Associação. Associação de pobreza. Então quem quis..., porque lá tinha casas, tinha tudo. Eu sei... Os que aceitaram, uns não aceitaram, preferiram ficar na rua pedindo esmola. Então, quem preferiu ficar pedindo, ficou assim. E depois, eu acho que com crianças também, sabe? Era para ter. E isso, quer dizer, é uma idéia, é uma idéia difícil, porque se você..., não foi para prender nem nada, para chamar, levar, reunir; mas no fundo havia uma pressãozinha. Você está na rua, convida você para ir para uma sala, para você resolver aquilo, não é? E os inesperados, porque estava gente na rua, parece demais, pedindo esmola e tudo mais. Era difícil resolver, quem precisa e quem não precisa. Então fazia aquele estudo, sabe? E foi ela também, sabe?

TP: D. Odete Valadares?

ALO: É. E eu me lembro outra coisa, que uma vez ela mandou para uma conhecida minha do interior; que ela também fazia no interior, atingia não era só aqui não.

TP: Sei...

ALO: Então a mulher do prefeito é que..., ficava representando, não é? Então mandava a importância para a mulher do prefeito, para ela fazer o seu programa, municipal. E eu me lembro que um dia ela veio conversar comigo, que eu conhecia uma do interior. Que recebia... que eu conversasse... porque ela me... Você vê, era delicada. Ela não quis falar. Que em vez de ficar só comprando coisa para comer, porque às vezes, [risos] gente do interior, chegava dinheiro, o pessoal passando fome, você compra uns sortimentos e manda para casa. Quem sabe se ela, tem de criar uma entidadezinha lá, que encaminhasse soluções ou ver o que é, por que está pobre, por que não come, se precisa de emprego. Você vê que ela já tinha idéias boas, visão social.

TP: D. Alaíde, agora nós vamos falar um pouquinho sobre Belo Horizonte. Quer dizer, a senhora está nos contando aí uma série de fatos da sua vida, da criação dos seus filhos. E aí nós vamos voltar um pouquinho para o cenário onde isso tudo está acontecendo, que é Belo Horizonte. E para a senhora nos contar um pouco, porque a senhora veio para cá na década de 30, e Belo Horizonte era uma cidade muito pequena ainda, não é? Quando a senhora veio para cá.

ALO: É. E em relação a hoje, não é?

TP: Não é?

ALO: Porque a gente não achava tão pequena, apesar de ter morado no Rio, mas a gente, a vinda do interior marcava, não é? De sorte que a gente chegava ainda era uma capital.

TP: Ah... é? Isso///

ALO: Ainda mais que tinha...

TP: Ah... em relação a Lambari...

ALO: Tinha bonde. Pois é. É. Em relação a Lambari.

TP: [inaudível] Era grande.

ALO: E bonde era uma coisa também interessante. Onde é que já havia bonde? No Rio de Janeiro, assim nas capitais. O automóvel às vezes chegava mais fácil, mas o bonde não chegava no interior não. Bonde então era uma coisa...

TP: Destacava a cidade, não é?

ALO: Destacava. E sobretudo, era também muito acessível, era muito barato. Além de ser barato, ainda tinha 2 vagões, o vagão mais barato e o vagão já melhorzinho. Então um era 200 réis, o outro era um tostão. Tanto é que era assim, era baratíssimo. Mesmo em relação ao que você ganhava na época, se for fazer uma proporção ao de hoje, eu acho que a diferença era muito grande. Por exemplo, a Escola de Aperfeiçoamento, que a gente ia todo dia de bonde, não é?

TP: De bonde?

ALO: Nem se pensava que aquilo entrava no...

TP: No orçamento?

ALO: Aumentava a despesa. Não, não...

TP: Era irrisório, não é?

ALO: Era muito pouco. Muito pouco.

TP: Tá bom. Então a senhora está nos contando aí, isso a senhora não tinha nos dito ainda, que Belo Horizonte... A senhora não tinha a impressão de uma cidade pequena pelo equipamento que a cidade tinha.

ALO: É. Já naquele tempo...

TP: Por exemplo, o bonde...

ALO: Depois ruas calçadas, já tinha. Acho que quando eu cheguei já tinha as ruas calçadas. E os prédios, quer dizer, já havia edifícios grandes. Isso em interior a gente não vê. Mesmo no Rio, não... estava começando em Copacabana, não é?

TP: O processo de verticalizar, não é?

ALO: É. Copacabana chamava atenção porque começaram, quer dizer, os lotes lá serem valorizados, que cada casa podia ser vendida e transformada em não sei quantos apartamentos. Mas estava também no início, 30, não é? 30. Aqui eu cheguei em 33, não é?

TP: E a senhora, no primeiro tempo que morou com seu tio, mas mesmo depois que a sua família veio para Belo Horizonte, a senhora tinha como hábito passear pela cidade?

Assim, por exemplo, o seu pai fez isso com a senhora quando era menina, ou depois, eu quero saber até mais, se a senhora e o professor Lourenço faziam isso com os filhos, por exemplo, de passear pela cidade, para ver a cidade crescendo, ver bairros novos. A senhora tinha esse hábito?

ALO: Não, a gente não tinha muito não. Cada um..., saía..., os filhos saíam todos cada um para o seu estudo. Cada um estudava num local. Quer dizer, os meninos que iam para o Colégio Estadual tinham de tomar condução, as meninas. Então vão para outro bairro, diferente. Quer dizer, já iam...

TP: E iam sozinhos, a senhora não tinha uma preocupação específica de levar, de buscar os filhos, não é?

ALO: Não, não. Já eram maiores.

ALO: Já eram maiores.

ALO: É, é. Não tinha. Porque..., e era muito tranqüila a cidade, não preocupava a gente, a criança.

TP: Sei...

ALO: A criança, a gente tinha mais preocupação de, no ônibus..., já tinha ônibus depois, no [inaudível] já tinha ônibus também. É de entrar, entrar e sair do ônibus.

TP: Sei...

ALO: Perigo de subir e de descer mais. E os ônibus também eram tranqüilos. Tinham hora certa, não eram muitos, então a gente sabia o ônibus... Não era ônibus particular, não era ônibus específico do Colégio, não é?

TP: Certo.

ALO: Era qualquer ônibus que eles...

TP: Era ônibus comum?

ALO: Eles iam, é. Agora, os meninos é que era engraçado, que eles, quando eles foram para o ginásio... É aqui no Colégio Arnaldo, os dois estudaram aqui com os padres no Arnaldo. Então era só descer a rua. Era perto. Depois quando eles foram..., o da

engenharia às vezes tomava condução. Nas outras vezes ia à pé. Porque daqui na engenharia também não era longe. Na medicina também ia a pé, não é? Daqui...

TP: É... Fica muito central. Ah, por falar nisso a senhora não nos contou ainda que ano foi que a senhora mudou para cá, para essa casa.

ALO: Para essa casa?

TP: É.

ALO: Gente... Você sabe que eu não estou lembrando que ano que foi que eu vim para cá...

TP: Os meninos eram pequenos...

ALO: Não. Para essa aqui, não. Porque eu morava na outra casa lá em frente, não é? Quando eu mudei para a Carandaí, mudei para aquela casa, mudei em 47.

TP: Ah... Para uma outra casa aqui mesmo.

ALO: Aquela casa grande. É. Aquela casa que tem aquela...

TP: Certo...

ALO: Que tem aquela grade, que mandou por. Na esquina. Que nós fizemos também, peguei... para outra coisa também, fizemos pelo INPS, não é?

TP: Como? Construíram a casa?

ALO: É. A gente comprou o lote em leilão da prefeitura. Havia leilão. Então você vê, a gente professora podia comprar, a prestação também era marcada, não tinha correção. Então comprou o lote. Eu lembro que quando nós fomos comprar, nós arrematamos um que tinha mais de 600 m², que eu pensei assim: “*Se a gente..., se ficar difícil pagar, vende a metade*”. [risos] E foi o que aconteceu. Na hora de... para acabar mesmo o pagamento, a gente vendeu a metade do lote e ficou com a outra metade. E aí fomos ver a construção. Então era, o processo era apertado, era tabela “*price*” que chamava.

TP: Sim...

ALO: E a tabela “*price*” era assim, fazia um cálculo de juros, acho que eram juros pequenos, não sei quanto, não me lembro mais. Mas os juros... Suponhamos que o empréstimo fosse de 200 contos, parece que eram 200 contos na época. E os juros X.

Então eles faziam o cálculo para 20 anos, você pagava os 200 contos, em 20 anos. Então considerava que primeiro fazia o cálculo de todos os juros que você pagaria, começava você pagando os juros. Mas a prestação era a mesma. Se você parasse, você está pagando por enquanto os juros. O cálculo, era o cálculo só, matemático, era assim. Então o nosso, por exemplo, era 2 contos por mês que a gente pagava. Agora, no começo era um pouquinho puxado.

TP: Apertado.

ALO: É. Deu um pouquinho... É... Mas quando foi no fim de... sei lá... alguns anos, ainda faltavam, por exemplo, pelos 200 nós iríamos pagar 400 e tantos contos. Quer dizer, seria o dobro do valor. E quando faltavam, eu lembro, 90 contos para pagar, quer dizer, que ainda era muito, nós resolvemos, para não ter esse trabalho de todo mês pagar, porque não tinha essa preocupação de você guardar dinheiro, porque também não tinha poupança, o dinheiro tinha que ficar embaixo do colchão mesmo. Então podia ficar embaixo do colchão lá do INPS, não é? Então nós pagamos porque...

TP: Saldaram a dívida?

ALO: Porque ficava hipotecada. Se você deixasse de pagar, a casa ficava hipotecada ao INPS. Então, aí pagamos 90 e liberou a casa. Você a diferença, não é? Dificuldade para os dois e depois de repente você tem 90 contos para...

TP: Exato. E essa decisão por mudar da rua Timbiras para cá, foi uma decisão resolvida entre a senhora e o seu marido, ou a senhora que impulsionava esse tipo de mudança? Como é que era isso entre vocês?

ALO: Não. Era assim, ele não tinha muito espírito comercial não, mas achava graça. Eu tinha um pouco. Mas achava graça e concordava. Eu lembro quando nós fomos para arrematar o lote, eu disse assim: “*Vamos arrematar um lote que depois já... é prestação.*” Então: “*Então vamos.*” Então ele foi junto comigo. Mas nesse dia nós não demos conta, os lotes estavam..., não sei, foi mais alto do que a gente planejava, não apareceu muito, porque... em leilão fica sempre aumentando, você não sabe, de repente a gente fica entusiasmado e vai além. Então ficou para eu voltar, novo leilão estava anunciado. E o melhor [*inaudível*] o plano todo, eu escolhi e falei: “*Ô Lourenço, vou fazer assim. E, então eu acho que eu vou, nós vamos arrematar esse.*” [*campainha*]

Mas aí ele não podia ir. Porque ele tinha aula e não faltava de aula de jeito nenhum. E nem eu. Eu também não posso falar que eu também..., aula era coisa sagrada. Por isso eu não posso [risos]. E... Então, se a gente não...

TP: Do leilão, que a senhora estava dizendo.

ALO: Pois é. Aí então eu escolhi, aí eu fui, e lá eu ainda me lembro que quem estava concorrendo comigo, aumentando, aumentava um pouquinho, cada um aumentava, outro aumentava... Era o Alkimin. Eu disse: “*Tiihh... com o Alkimin eu não vou agüentar*”. Porque o Alkimin tinha nome, era conhecido. Eu não sei, de repente ele parou. E eu arrematei.

TP: Sei.

ALO: Esse lote/

TP: Era o mesmo lote. A senhora e ele querendo, e a senhora acabou levando a melhor?

ALO: É. Porque leilão é assim: você via o outro, por acaso eu conhecia e vi que ele que estava dando. Porque tinha muita gente lá para... Mas esse no fim ficou assim comigo e com ele. Eu tinha feito o cálculo. “*Até tal ponto eu vou.*” “*Até tal ponto eu vou.*”. Mas eu também teria de parar, mas ele parou antes de mim. Ele parou antes do meu plano... Aí nós arrematamos. E depois nós começamos a pagar. Mas estava difícil, porque tinha de pagar..., era..., quer dizer, além de estar pagando aluguel da casa, despesas, e mais 500 por mês. 500 mil réis que era..., mais 500. Então a gente começou a atrasar um pouco. O máximo que podia atrasar eram 3 meses. E depois veio uma ordem, uma decisão que não podia mais... você, por exemplo, se você atrasou 3 meses, você, para pagar outro mês, você tinha que pagar os 3 atrasados. Não podia mais você ficar pagando só um.

TP: Sei... tinha que saldar a dívida que tivesse.

ALO: Toda. Aí... [risos] eu disse: “*Então está na hora de vender*”. [risos] A metade, não é?

TP: Aí a senhora vendeu a metade, ficou com a metade.

ALO: Então nós vendemos a metade. Vendeu a metade. E resolvemos, para por uns

requintes qualquer na casa, e tudo, já deu. E a metade já foi vendida, apesar de não ter inflação, por um preço já bem maior do que...

TP: Sei... do que a senhora tinha pago mesmo no leilão.

ALO: Naquele tempo já estava há algum tempo, não é? Aí, porque... Quer dizer, então nós estávamos livres do lote, e para construir, também pelo INPS você precisava ter o lote independente.

TP: Ah... sim!

ALO: Era um outro processo. Aliás, essa tese eu tinha defendido. Porque quando eu fui vereadora, eu fiquei na casa popular, na Comissão da Casa Popular, e eu era Secretária. Aí, foi muito interessante, primeiras casas populares, a Comissão, eu fazia parte, eu era Secretária.

TP: É mesmo?

ALO: Pois é. Eu tinha uns livros de atas. Que pena que eu não tenho para você, mandei para prefeitura, não sei se, porque eu achei que devia, achei que...

TP: Que era para ter arquivado, não é?

ALO: O que eles fizeram. Então, fazia as atas. E eu falava assim, porque..., era o contrário, se você tinha lote não podia fazer. E no começou era mais..., só para as pessoas mais pobres mesmo. Então aquele que por acaso tinha um lote, tinha de vender para ter o privilégio de...

TP: De participar do programa.

ALO: De participar do programa. E eram casas bem melhores que essas pequenininhas, que o Otacílio Negrão, que isso ele era muito cuidadoso... Então... espera aí...

TP: Mas deixa eu fazer então uma outra pergunta para a senhora. Quando a senhora resolveu ir ao leilão, interessada em adquirir um lote, a senhora escolheu esse lote aqui... Tinha uma listagem de lotes.

ALO: É.

TP: A senhora viu o que interessava, e a senhora achou esse da Av. Carandaí uma boa

opção.

ALO: É, é.

TP: E por que a senhora se sentiu atraída por essa região da cidade? Isso que eu gostaria de saber.

ALO: Pois é. Interessante. Eu sentia que era próximo mais ou menos da Av. Afonso Pena. E o lote era barato, e a gente sentia que havia ali possibilidade, uma espécie de tino qualquer, de melhoria. Mas eu me lembro que o meu pai ficou um pouco preocupado como...

TP: É?

ALO: Onde é que nós íamos construir. Porque disse assim: “*Mas a Alaíde vai morar tão longe...*”

TP: É mesmo?

ALO: Porque o centro lá..., porque aqui já ia para o São Lucas. O centro... Ele ficou...

TP: O seu pai morava onde, nessa época, D. Alaíde?

ALO: O papai morava nessa época, eu acho que na Bernardo Guimarães, lá perto da Praça, [inaudível]

TP: Perto da Boa Viagem, por ali...

ALO: Boa viagem ou mais para cima, assim de Lourdes...

TP: Então ele achava aqui muito longe?

ALO: Aqui já estava longe. Porque na Bernardo tinha tanta facilidade de... E um pouco deserto, também, se preocupou. Agora o deserto...

TP: Era isso que eu ia perguntar para a senhora. O que já tinha por aqui?

ALO: Nem era muito. Essas 3 casas que até uma depois nós compramos, que o José Carlos, meu filho ficou com ela, comprou, uma construtora já tinha feito 3 aqui, sabe?

TP: Sei...

ALO: E essa aqui já existia, mas era uma casa antiquíssima. Tanto que você pode ver pelas

paredes. Você olhando a largura de...

TP: É... É verdade...

ALO: De divisão e tudo. Aquela, inclusive aquelas dali são assim... Era um sobrado.

TP: Sei...

ALO: Sabe? Antigo. E aquele ali tinha. Essa que já era bem velha e aquela. E no lado de lá não tinha nada, a não ser essas 3 casas novas da esquina. E aqui também não tinha. Que isso foi feito depois. Então era assim, uma casa aqui, outra ali, pois assim...

TP: Salpicado de casas, só.

ALO: É. Não devia ter por aqui, nós viemos, já tinha.

TP: Existia lá embaixo o Colégio Arnaldo, sem dúvida.

ALO: É. O Arnaldo.

TP: A Igreja, não é?

ALO: Pois é. Que é uma coisa próxima. Que era...

AT: Isso era que ano, mais ou menos? A senhora se lembra?

ALO: 1947.

TP: 47.

{Foi mais → voz ao fundo da filha da D. Alaíde}

ALO: 47 foi que eu fiz a mudança. Quer dizer, foi um pouco antes, porque levou um ano, porque em 46, não é?

TP: A senhora construiu.

ALO: Eu levei um ano para construir. É.

TP: Então quando a senhora foi vereadora a senhora já morava aqui nessa casa?

ALO: Naquela...

TP: Na de frente. É?

ALO: Na de frente. Morava na Carandaí. É. Porque lá nós moramos 35 anos. Ah... então é,

fazer a conta e saber quando eu vim para cá. Quer dizer, eu não lembrava para aqui. Porque aqui quando eu vim, o Lourenço já estava doente. Ele morreu faz 7 anos, então faz uns... acho que uns 12 anos mais ou menos que eu já moro aqui.

TP: Ah... Então a maior parte do tempo aqui, no São Lucas, a senhora morou nessa casa em frente, na Av. Carandaí.

ALO: É. É. Lá nós moramos... Foi de 47, 57... então eu vim para cá em 60 e tantos. Não... é mais... há 35 anos, 77... Se foi 47, 57, 67, 77, faz 30 anos, não é? Então... é isso mesmo, mais 5... é 83 que eu vim para cá, não é?

TP: 83... Ah... Então aqui nessa casa...

ALO: Então não faz 10 anos ainda não, não é?

TP: Não fazem 10 ainda.

ALO: 7,... deve ser 10, só que ele morreu... 10 anos.

TP: Bom. Agora, uma outra coisa que a gente podia falar um pouquinho, é sobre o que era a rotina da senhora, ainda com os filhos pequenos ou adolescentes, com relação...

FIM DO LADO B DA FITA 05

A

Alkimin, 30

B

Belo Horizonte, 1, 11, 25, 26

C

CEPAL, 9
científico, 8
clássico, 8
Comissão da Casa Popular, 31
crianças, 2, 3, 17, 24

D

Dutra, 21, 22

E

Escola de Aperfeiçoamento, 26

H

Helena Antipoff, 6

I

INPS, 28, 29, 31

J

Juscelino Kubitschek, 11

L

Lourenço, 1, 9, 10, 17, 19, 20, 26, 30, 34

M

Mannesmann, 12

N

normalista, 5, 7

R

Rerum Novarum, 18

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 05 DE JUNHO DE 1991

Entrevista – fita 06 – lado A

AT: Bom, hoje é dia 05 de junho de 1991, nós estamos entrevistando dona Alaíde Lisboa de Oliveira. A entrevistadora é Thaís Pimentel.

TP: D. Alaíde, nós terminamos a última entrevista falando um pouco das viagens que a senhora fazia com a família, ainda quando os meninos eram pequenos. E a senhora estava comentando conosco que algumas vezes, que seu marido não gostava muito de viajar, que ele preferia ficar em casa. Mas que algumas vezes vocês iam a Lambari, e que mais tarde a senhora começou a ir, a senhora foi algumas vezes a Araxá. E que no princípio ele não ia e depois ele passou a ir. Nós interrompemos aí a nossa conversa. Então eu gostaria que a senhora retomasse, falando para a gente um pouco dessa questão das viagens. E além das viagens, dos passeios que a senhora fazia com o seu marido e com a família toda. Aqui mesmo. Quer dizer, que tipo de lazer vocês freqüentavam, assim. Teatro, cinema, se levava as crianças ao circo, esse tipo de coisa. Se a senhora pode lembrar.

ALO: Bom. Porque nós falamos viagens, eu não falei sobre viagem ao Rio. Mas tem umas... Que foi interessante também, porque eu fui operada, operação assim, grave. Então quando passou, no fim de 30 dias, eu não morri [*risos*], era preciso festejar. Então, eles resolveram festejar, para nós irmos ao Rio de Janeiro, que os meninos não

conheciam. Então nós fomos, eu, Lourenço e os quatro. Eu não me lembro as idades, mas que eles queriam ver, por exemplo, o Pão de Açúcar. Naquele tempo, antigamente você ia ao Rio de Janeiro para ver o Pão de Açúcar, não é? A coisa mais importante. Agora, eu fui ao Pão de Açúcar, até dessa vez eu não fui, já tinha ido uma vez, porque eu tinha assim um certo mal-estar.

TP: De altura?

ALO: De ir, aquele bondinho, sei lá. Ir para o Corcovado, com aquele bondinho assim naquela altura, você vê... Então eu lembro que eu fui, cumpri a obrigação [risos]. Então eu fui uma vez. Mas os meninos, não, não é? Eles tinham interesse. Então eles foram, eu fiquei no hotel e com desculpa de... ainda não estava, era mais ou menos, não era convalescença, eu lembro, eu já estava bem, não é? E ele foi com os meninos para ver o Pão de Açúcar.

TP: A senhora ficou livre do programa, então. [risos]

ALO: Fiquei. Fiquei livre do programa. E o melhor é que eu tinha ficado, e havia um, até uma pessoa bastante conhecida, Ministro Alfredo Valadão. Ele tem trabalhos publicados, conhecido, de certa importância. É parente nosso, é primo da mamãe. Então, ele ficou no hotel também. Então ele contou que ele tinha um medo, [risos], já assim homem feito, medo de ir no bonde, e que ficava feio, não é? Um... Então uma vez também ele foi, ele não teve remédio [risos]. Era mais feio, era mais feio... ter, como é que é? Dizer que tinha medo do que enfrentar o medo, não é? Então, então que aí ele teria ido. De sorte que foi uma coincidência engraçada, porque, no fundo, eu estava fugindo de tornar a ir. E mais pessoas com essa impressão. Aí eu me lembrei de um outro amigo nosso também, que foi Ministro da Aviação, e quando foi inaugurar avião, foi convidado para dar uma volta. Ele disse que ficou apavorado. Porque também tinha horror de avião. [risos] O Ministro da Aviação, não é? [risos] Mas aí, ele disse que..., também, até história, eu sempre comparo. Ele achava que era mais doloroso você não ir e dizer que tinha medo, e que...

TP: Enfrentar.

ALO: Enfrentar, não é? Enfrentar. Então que ele enfrentou. Não sei se ele, se alguma outra vez ele voou, sabe? [risos] O Ministro...

TP: Talvez tenha sido a única, não é?

ALO: Ministro, Ministro da Aviação, isso é engraçado. Bom, depois, essa foi no Rio. Então nós estivemos lá, quer dizer, passeios, assim... Agora, aqui, eu e Lourenço, nós gostávamos muito de cinema. E naquele tempo só havia dois cinemas, era o Cinema Glória e o Cinema Brasil. E os programas, 2 dias, os filmes passavam só 2 dias.

TP: Passavam 2 dias.

ALO: Então, 2, 4, 6 e depois um ficava mais um dia, 3 não é? De sorte que a gente ia um dia num, no outro dia no outro, tinha um dia que não tinha [*risos*] aonde ir. Quer dizer, a gente ficava em casa. Mas era uma coisa assim, agradável.

TP: Era um hábito mesmo.

ALO: É. E que tinha assim, e assim afetivo, porque nesse período as crianças eram educadas, antigamente, com muito mais obediência, com mais regime, com mais... Não era que a gente mandasse, nem nada. Quer dizer, criança dorme cedo, não é? [*risos*] E se hoje falar que criança dorme cedo, quem é que vai ver televisão? [*risos*] Mas naquele tempo estabelecia horário, é hora, todos iam para cama. Também no dia seguinte tinha de acordar cedo, que todo mundo tinha colégio, também. Cada idade um colégio diferente. O jardim nunca eu fui muito favorável, tanto que agora não sou.

TP: A senhora já comentou conosco.

ALO: Pois é. Já falei isso, não é? Pois é. Então, era o curso primário, o secundário. E eles tinham de levantar. Aliás esse hábito de levantar cedo, mesmo depois, o curso superior eles tinham muito o hábito de levantar cedo. E depois que veio televisão e rádio - o rádio já existia há algum tempo já. Mas não havia assim muitos programas. Acho que era uma coisa assim mais de tarde. Depois é que começou. E também depois vieram esses gravadores. Pois é. Com os gravadores é que, eles trouxeram novidade, porque, por exemplo, o meu marido gostava muito de clássicos, Beethoven, Bach, esses mestres assim, é.

TP: Eruditos.

ALO: É. Não. Muito. Então Beethoven tinha assim um... Mozart muito. Acho que desde o Colégio Caraça, parece. Porque o Colégio Caraça, eles tinham esse amor à cultura

muito grande, e nessa parte musical, parece que havia um órgão... Eu acho que os padres é que tocavam, porque eles tinham uma espécie de orquestra, ou banda. E tocavam músicas, músicas clássicas também. E depois era assim, por exemplo, se lá no Caraça ensinava Beethoven ao mesmo tempo que você ouvia Beethoven, o professor queria que lesse a vida de Beethoven. E isso tudo ajudava. Essa cultura...

TP: Incentivava a pessoa. Ouvir e aprender.

ALO: É. É. Interessante, não é? Ouvir, aprender e desenvolvia. Então tem uma porção de livros sobre Beethoven, tudo, ele sabia as... [risos]. E ele se levantava muito cedo também, então trabalhando, naquela época trabalhava pai e mãe enquanto os filhos estudavam. E ele trabalhava muito cedo, tinha aula cedo. E isso que eu estou pensando, na minha geração, isso tanto o Lourenço como eu. Eu não tenho lembrança de eu falhar de aula, sabe? Era uma coisa que não acontecia, a gente perder uma aula. E também chegar atrasado. Aula era uma coisa tão sagrada, como dizia, não é?

TP: Tinha um horário muito rigoroso, não é?

ALO: É. Eu acho que se a gente fosse entrar numa sala de aula, assim, a aula já ter..., se ali já devia ter começado, ou já tinha dado o sinal, eu acho que dava um mal-estar. Eu não sei se todos os professores eram assim. Mas nós éramos assim um pouquinho, não era rigoroso, não, porque a gente tinha amor, fazia com alegria. Hoje quando vejo a preocupação, por exemplo, também de vencimentos, a gente não tinha muito. Você tinha preocupação econômica, mas se você está ganhando pouco ou não, porque dá aula, ou então, não tinha diferença nenhuma dar aula... [risos]. Porque tem gente que fala que a professora, não é bom, não dá aula bem porque ganha pouco. Não tem nada com ganha pouco e dá aula boa, não é? Porque quem pode dar aula boa, dá boa de qualquer jeito. É claro que às vezes acontecia, que eles diziam que as que eram mais..., tinham mais possibilidades, procuravam carreiras outras. E talvez fossem depois para curso superior e tudo mais. Hoje eles estão recebendo as pessoas de curso superior no curso primário.

TP: Exato.

ALO: Porque antigamente era separado. Então haveria isso, uma busca de coisa assim melhor. Ou melhor ou diferente, porque... Eu, por exemplo, eu lecionei no curso

primário, no secundário, no superior, e no pós-graduado, e eu costumo dizer que eu acho melhor aquele curso que eu estava dando. Se você perguntar: onde é que foi melhor lecionar? No primário foi muito pouco, que depois eu fui comissionada...

TP: Sua experiência foi rápida, não é?

ALO: É. Foi uma experiência pequena. Bom, agora...

TP: Mas deixa eu só voltar uma coisinha aí. Quando a senhora nos disse que a senhora gostava muito de cinema, tanto a senhor quanto o professor Lourenço [*o telefone toca nesse momento*]

ALO: Iiihhh... [*Interrupção de Fita*]

TP: Mas o que eu queria saber é o seguinte: como é que vocês escolhiam, a senhora e o professor Lourenço, escolhiam o filme para ver. Era a crítica que influenciava, havia um tipo de cinema que a senhora preferia ou ele? Como é que era isso? Ou a senhora ia no que estava passando...

ALO: Nesse período nós íamos, durante uma temporada grande. A gente ia a todos, não é? Que eram só 2 cinemas, você não tinha muita opção, a gente ia. Agora, os filmes eram, em geral, parece que melhores que hoje. Que hoje há muita coisa boa, ruim misturado. Eu acho que era mais equilibrado. Você podia chegar, achar um filme melhor que o outro, o de ontem foi melhor, o de hoje foi melhor, o da semana passada foi melhor, mas sempre eles tinham um interesse qualquer, um certo cuidado. Agora, quase sempre eram filmes americanos, mesmo...

TP: Americanos...

ALO: Depois foi entrando o cinema nacional. E o francês também. O francês também de vez em quando vinha e era apreciado. Agora, eu acho que era porque eram 2 dias só, já vinham filmes bons. A minha lembrança era sempre de filmes agradáveis. [*risos*] Não sei...

TP: E a crítica não influenciava tanto, assim, a senhora não lia sobre o filme antes de escolher.

ALO: Não, não. Nada. É aquele que nós vamos ver, nós é que vamos julgar. [*risos*] Agora,

quando os meninos cresceram, já, a gente tinha, cresceram quer dizer, estavam assim adolescência, porque aí o “Diário Católico” fazia uma...

TP: Uma crítica.

ALO: Uma crítica. Era uma crítica. Eu acho que era o Oscar Mendes que fazia. Uma crítica até muito interessante, e dava mais ou menos, era uma orientação para a família, das idades.

TP: Sei...

ALO: Então vinha..., esse filme tem que ser..., menor de 18 anos não vai assistir. E então nós comunicamos aquilo a eles, e eles mesmo já sabiam. Eles escolhiam e eles só iam de acordo com a orientação do “Diário”. E até eu me lembro que uma vez aconteceu, engraçado, que veio a notícia de um desses que apresentava a crítica..., e eu não sei mais exatamente o que, eu sei que apreciando alguma coisa, que a gente apreciava menos. Ou era um pouquinho avançado, eu não sei o que era. Então, o filho dizia assim: “*Mas ele aprecia essas coisas, e é ele que escolhe os filmes para nós?*” Quer dizer, então, o julgamento lá do julgador. Quer dizer, que aquele que julgava, só devia também ver e gostar daquilo que era bem escolhido, também, sei lá como é que era. [risos]

TP: Bom. E a senhora ia...

ALO: Teatro. Teatro havia de vez em quando. Vinha o Procópio Ferreira, o, o Leopoldo Froes. E tinha outros que vinham naquela época.

TP: A senhora ia comentar com a gente de uma opereta, [inaudível]

ALO: Vinha também, opereta. Porque havia o teatro, porque eles se apresentavam no Teatro Municipal, chamava. Aliás, uma coisa que até hoje eu sinto essa destruição do Teatro Municipal. Porque era um Teatro..., se houvesse já essa proteção de prédios...

TP: Patrimônio.

ALO: Patrimônio, é. Se houvesse patrimônio, ele ainda estaria, porque era um teatro assim um pouco antigo, mas tinha as frisas, que chamava antigamente. Porque todo Teatro tinha para operas, operetas, ele tinha. Chamava frisas. Era um tipo de camarote, mais

classificado um pouco. Então as frisas eram mais caras. Depois, logo acima, camarotes. As frisas também separadas. Camarotes. E depois as poltronas também, a platéia, as poltronas eram de nível quase equivalente aos camarotes. E depois as galerias para os estudantes, para quem tivesse menos disponibilidade [risos] para frequentar na ocasião. Então eu me lembro que quando era solteira eu fui algumas vezes, nós íamos de galeria, porque ele também estudante, eu também, não é? E para assistir [inaudível], era Rubistein, veio dar um concerto de piano. E, e nós fomos assistir. Isso antes do casamento. Eu me lembro que no dia seguinte ele fez um poema para Rubistein, [risos] estava na época de fazer..., que ele disse que todo homem é poeta aos 20 anos, ele já tinha mais de 20, mas ainda estava fazendo, ainda estava fazendo alguns. Então ele fez uma espécie de poema ao Rubistein, ou ao Bach, que ele tocou muito, até que eu me lembro, que ele disse que foi uma espécie de conquista dele, conquistou-o para o Bach, Bach. Não era tão apaixonado. Agora, operetas também. Operetas eram mais leves, divertidas. E a gente ia de vez em quando.

TP: E a senhora mesmo depois de casada, a senhora manteve esse hábito.

ALO: Depois de casada eu ia às vezes com ele. É. Mas não era constante, não. Esse programa de Teatro a gente, também nem havia sempre, não é?

TP: Sim, não havia oferta, não é?

ALO: Mas quando vinha, quando vinha ao Rio, quando vinha companhia, a gente sempre procurava ver um, dois espetáculos pelo menos. Agora, concertos em geral, também a gente ia. O teatro, depois até que eu fui deixando um pouco, porque..., embora eu..., fazendo as críticas ao marido também, porque ele gostava do Teatro, mas ele tinha um certo mal-estar com intervalo, sabe?

TP: Ah... é?

ALO: Aquela. É. Aquela expectativa, você ficar ali esperando uma coisa, quando ele podia estar lendo. [risos] Às vezes, acho que até levava livro para ficar lendo no intervalo, porque ele tinha aquela paixão de ler. Então, teatro ele ia, quando era uma coisa que gostava, que era muito boa. E mesmo que ele gostasse da peça, essa interrupção, ele tinha um certo mal-estar. E hoje eles estão acabando com esses intervalos. Outro dia eu fui ver essa Marido e Mulher, não é? E até lembrei dele, disse, ele podia assistir...

TP: Já ficar satisfeito.

ALO: Porque sem, sem intervalo. Então vai seguindo, vai seguindo, não é? E é mais natural, não é? Eles diziam que era para o artista descansar um pouco a vez, ou tomar um, sei lá, uma água, alguma coisa.

TP: Talvez porque as peças também fossem mais longas, hoje em dia há uma tendência de encurtar o tempo...

ALO: Em geral eram 2 horas, em geral. Em geral 2 sessões, sempre. De 7 às 9 e 9 às 11. Acabava às 11.

TP: D. Alaíde, e aconteceu alguma vez da senhora e o professor Lourenço saírem de Belo Horizonte para irem ao Rio, ou a São Paulo, que eram os grandes centros, para assistir alguma peça, algum concerto? Esse tipo de coisa mobilizava a senhora a esse ponto?

ALO: Não. Porque sair, porque Lourenço saiu algumas vezes, e que eu também, em geral era problema de, ou fazer conferência ou assistir a congressos, ou dar curso. Tanto ele como eu, mesmo quando ele foi a São Paulo, acho que umas 2 vezes, quando ele foi a Niterói também, concurso de filologia, às vezes os nossos concursos não,..., cursos ou então... encontros, não é?

TP: Congressos.

ALO: Congressos, encontros. Então, às vezes eram um pouco diferentes. Se era assim especificado, dele, ele ia. E se era mais dentro da pedagogia, eu ia. E cursos também, às vezes a gente saía. Eu mesma saí muitas vezes para cursos. Até em São Luís do Maranhão eu dei um curso na Universidade para os professores universitários. Até era muito interessante, porque era para os professores... eu não sei, eram 33, eu lembro, eram 33 matriculados. Eu não sei qual era o processo antes, como era feito. Mas eram assim, por exemplo, 5 médicos, 5 professores de medicina, 5 professores de direito, acho que cada um tinha direito a 5 lugares, a 5 vagas, 5 das Ciências Sociais. Eram 33 alunos, todos professores de universidade. E os catedráticos, professores assistentes, ou categoria diferente, sabe?

TP: Certo. Então na maioria das vezes a senhora ou ele saía para... [*inaudível*]

ALO: Nós saíamos... em geral... Também no Paraná, eu fui dar um curso, esse foi para

professores e para os assistentes. E professores de curso secundário, mas era a universidade que dava. Em geral a gente tinha de fazer prova, dar nota, essa coisa toda.

TP: Era um curso com avaliação?

ALO: É, era um curso com avaliação, é. Depois eu dei um em Assis, também, em São Paulo. Porque esse em Assis nós fomos 5 professoras. Mas aí não... o Lourenço não foi. Cada um dava uma..., durante 10 dias cada um dava um curso. Quer dizer, havia, nós éramos acho que 4 ou 5. O Bessa foi, até o Bessa foi quando ele ficou doente. O professor. Ele teve de interromper o curso e vir quando ele teve...

TP: Ah é!

ALO: Ele era psicologia. Eu dei a evolução da didática, o outro professor deu português, outro professor... o Iglesias deu história...

AT: Qual o nome do outro professor que a senhora disse? O que ficou doente?

ALO: O professor...

TP: Bessa. [*falas simultâneas e confusas*]

ALO: Bessa. Ele chegou a dar uma aula, ele depois teve uma paralisia, mas ele venceu a paralisia dele. Depois ele sarou, chegou... Ele teve qualquer coisa na coluna. E começou... acentuou, acentuou lá, e ficou..., teve paralisia lá mesmo. Teve de... ele estava com a esposa, estava lá, às vezes estava sentindo qualquer coisa, não é? E a Maria Célia, que era psicóloga também, que foi com ele. Então, a gente tinha uma comunicação assim boa, de universidade. Quer dizer, isso era prazer também, esse contato que a gente tinha. Depois havia troca de livros, muitos professores da universidade que tinham contato com a gente, eles ofereciam, a gente também oferecia, e tinha, mantinha depois das aulas, um contato. E também, eles mesmos que procuravam para a gente conhecer melhor a cidade. Então via todas as coisas assim curiosas, sabe? E no fundo isso tudo era agradável. Lourenço foi a uns congressos, tem até uns congressos que ele foi também, congressos já específicos dele, em São Paulo, no Rio de Janeiro, Espírito Santo ele foi uma vez. Até foi interessante. Levando alunos. Ele era professor secundário nessa ocasião, do Colégio Marconi.

TP: Ah...sim.

ALO: É, então naquele período que o Espírito Santo tinha uns probleminhas com Minas Gerais, não é?

TP: Discussão sobre fronteira?

ALO: Fronteiras, não é? É, e ele foi com... mas eles foram muito bem recebidos lá, e ele foi também... no Fórum, e tudo mais. Com os alunos. E o que eu achei interessante, que veja, essas coisas do magistério eu gosto sempre de lembrar. Quando ele voltou, o diretor, que nesse tempo era o professor Veloso, foi lá em casa para saber como é que tinha sido. Mas se você visse os dois conversando na maior felicidade, saber, como é que foi a reação, como é que foi a reação lá, como é que os alunos estiveram, e que contatos, não é?

TP: Estavam fazendo balanço das experiências.

ALO: Balanço. Mas cada qual mais feliz. Porque o Veloso também era um dedicado ao magistério, a paixão dele, não é? Ele gostava de dar aula também. Interessante...

TP: Bom. Vamos continuar a nossa conversa aqui. A senhora podia nos contar um pouco, até sobre isso que a senhora estava dizendo... Assim como a senhora ia em algumas outras cidades para dar cursos, a senhora também deve ter recebido pessoas aqui em Belo Horizonte, na sua área. E alguma vez a senhora teve que mostrar a cidade para essas pessoas? Vamos pensar um pouquinho nessa cidade que a senhora viu crescer. Quer dizer, eu gostaria que agora a senhora nos falasse um pouco como é que a senhora viu o crescimento da cidade. Porque a senhora veio para cá em 30, a cidade era ainda muito pequena, embora a senhora já nos tenha dito que, para quem vinha de Lambari era uma cidade grande, não é?

ALO: É. Para Lambari era grande. E do ritmo tinha uma diferença...

TP: Isso. Eu queria que a senhora falasse um pouquinho para a gente isso, quer dizer, comentando as obras mais significativas que mudaram um pouco a feição da cidade, como a Pampulha, as mudanças aqui no seu bairro que a senhora assistiu, como é que a senhora vê essa questão do progresso da cidade. Eu queria que a senhora falasse um pouco sobre isso.

ALO: É. Porque é engraçado isso de progresso, porque mesmo que você esteja presente,

esteja assistindo, mas o assistir não é ver propriamente. Por exemplo, só depois que você vê uma porção de arranha-céus que você viu assim: gente como tem arranha, como existem esses arranha-céus em Belo Horizonte. Agora, na hora que está construindo você não sente que a cidade está crescendo. Você acha que ela está crescendo depois que ela cresceu. O crescimento, eu acho que é como a gente mesmo, pessoalmente também é, não é? A gente está com, sei lá, 10 anos, daqui a pouco 11, 12, tudo, você não percebe. De repente, você pensa, eu já tive 10 anos. Você está com 20, não percebeu a passagem. E eu acho que a cidade também é assim, se a gente mesmo que está dentro dela, é preciso você sair e voltar. Quando a gente sai e volta, e a gente sente a diferença. Não sei se todo mundo é assim, ou se... Mas, eu vi bonde, por exemplo, é uma diferença que eu tive de sentir. Que havia bonde, eu andava de bonde, e eu achava muito natural andar de bonde. Eu me lembro, a gente ia para a escola, quando eu estava fazendo curso, logo que eu cheguei. Tomava o bonde, era ponto no..., como é que chamava o ponto, ponto de bonde ali embaixo, tinha... Bar do Ponto?

TP: Bar do Ponto, da rua da Bahia.

ALO: Bar do Ponto, da rua da Bahia. É, e a gente tomava, ia para a cidade... Depois, baratíssimo mesmo. Se você foi fazer a relação mesmo com o ordenado, quer dizer, uma professora, não significava nada no ordenado da professora a condução.

AT: D. Alaíde, só um instantinho, a senhora está falando que tomava o bonde no Bar do Ponto e ia para a cidade. Mas, como era, onde que era o centro da cidade?

ALO: A cidade que era chamada, naquela época a cidade era a Avenida Afonso Pena. E tudo que é pertinho da Avenida Afonso Pena, aí que era chamada a cidade. Mesmo a rua da Bahia toda, você vê, não chamava, rua da Bahia, a parte que está chegando a Afonso Pena que já era cidade. Daqui já eram os bairros, não é? E porque também a gente descia, tinha o bonde também que descia, subia também, tem até uns versos, subia Bahia, descia...

TP: Descia Floresta.

ALO: É. O bonde. E depois, o outro que ia lá, que onde é a... foi Secretaria de Saúde, é ali no...

TP: É onde foi a Escola de Aperfeiçoamento?

ALO: É, quando era a Escola, não é? Só que tomava... às vezes a gente tomava dois bondes, outras vezes a gente tomava um. Podia tomar, não era por economia que você não tomava não. Porque não significava. Eu acho que eram 200 réis, que eram. Era um negócio mínimo mesmo, não alterava nada, nada, nada, a despesa. Quer dizer, um lanche que você pagava na escola, por exemplo, ficava muito mais caro do que o bonde que você ia e vinha todo dia. E nem o bonde oferecia assim muita despesa, não é? E era engraçado também, era assim, muito até socialmente, porque as damas e os cavalheiros tinham aquele costume. Por exemplo, se um conhecido via que você estava sentado, ele vinha, ele pegava o bonde e ia no estribo, e ia, e ficava conversando, em vez de sentar lá... tudo... Era uma coisa, ia conversando... até...

TP: Era um espaço de sociabilidade mesmo, não é?

ALO: É. É. Era interessante. Houve um período que havia segunda classe também. Depois acho que tiraram. Eu acho, lá era um tostão, [risos] aqui é 200 réis [risos]. Mas sabe que eu não me lembro quando começaram os ônibus. Que coisa engraçada. Que esse tempo todo que eu trabalhei, depois para a escola ou ia a pé também, não sei quando é que os ônibus, os ônibus começaram.

TP: A mudança dos bondes, eles existiram, eles sobreviveram até o iníciozinho da década de 60, em Belo Horizonte. Mas aí já eram poucos...

ALO: Poucos, não é?

TP: Aqui. O que servia a região da Savassi, mas já no início da década de 60 já tinham os trolebus, que eram aqueles ônibus eletrificados. Mas que não eram mais os bondes, não é?

ALO: É. Mas esses também ficaram..., esses chamados trolebus, essa coisa durou muito pouco.

TP: É. Foi pouco tempo.

ALO: Não, onde tem a linha... Não pegou, não é?

TP: É [risos].

ALO: Uma coisa qualquer.

TP: Agora deixa eu fazer um outra pergunta para a senhora. Quando foi que vocês, eu não sei nem se a senhora teve carro, professor Lourenço dirigia? Comprou carro cedo? Como é que foi isso? E também a senhora podia nos contar se a senhora aprendeu a dirigir?

ALO: Olha. O carro, quando é que nós tínhamos um carro? Primeiro aconteceu o seguinte: quando o Lourenço foi trabalhar, teve mais trabalho e tinha de ir lá para o DI. Era longe e com hora certa, não dava para carro, então ele comprou uma motocicleta. Então eu falo que [risos] ele era o primeiro motoqueiro.

TP: E é mesmo?

ALO: Foi o primeiro motoqueiro de... [risos]

TP: De Belo Horizonte.

ALO: Professor, não é? Capitão [risos]. Mas depois, no começo até eles iam fardados, depois eles não tinham mais obrigação de usar farda, que eles tinham as honras, regalias e tal. Mas eles não tinham propriamente a carreira. Depois até criaram carreira e tudo mais. Então... ia de motocicleta. Mas vocês acreditam que ele não sabia, nunca tinha andado nem de bicicleta.

TP: É mesmo? [o telefone toca nesse instante] [Interrupção de Fita] Bom. A senhora estava então nos contando sobre os hábitos. A senhora estava falando um pouco da cidade. Eu queria que a senhora dissesse para a gente um pouquinho a respeito da Pampulha. Como é que foi, se a senhora acompanhou a construção da Pampulha. O que achou, inicialmente.

ALO: É. Porque... Primeiro a gente não ia muito lá, mas ouvia falar. Que ano que foi precisamente?

TP: Foi 41.

ALO: 41.

TP: É.

ALO: Exato. Então, está fazendo a Pampulha Juscelino, Juscelino está fazendo a

Pampulha. E todo mundo conversava. Fazendo a Pampulha. E muita gente assustada. Será que vai pegar, não vai pegar. De repente uns tinham coragem, faziam uma casa melhor, faziam assim, está arriscando. Então, houve aquela angústia, aquela aflição, aquela preocupação sobre a vantagem ou não. Então todo mundo discutia. Se convinha, se não convinha, se era cedo, se não era cedo, não é?

TP: Mas o que se discutia era: a decisão da prefeitura de abrir um novo bairro, ou era o tipo de arquitetura que a Pampulha...

ALO: Era tudo. Acho que era tudo. Porque o tipo de arquitetura, no nosso meio era bem aceito, porque era novidade, e eles tinham nome. Então era... desenhos, pinturas do Portinari, e era o...

TP: Niemeyer.

ALO: Niemeyer. De sorte que isso era bem recebido no mundo intelectual e...

TP: Certo.

ALO: Agora, o mundo financeiro tinha as suas preocupações. Agora, esses preocupados com o jogo, também estavam bem...

TP: Animados?

ALO: Satisfeitos. Animados. Porque muita gente pensava que a Pampulha era muito longe, aquele isolamento, Pampulha. E ninguém queria ir para lá, então era uma coisa assim distante, projetada... Parecia que estava um pouco fora de hora. Mas o que aconteceu é que, para o jogo, por exemplo, não interessa lugar não. O jogo você pode pôr, é só por condução, e pode pôr no fim do mundo que tem gente que vai lá para jogar. Tem que sair do Brasil para jogar, não é? Você vê... essa ânsia de jogar, ou esse vício de jogo, eu costumo falar que agora está até todo mundo discutindo o problema, que está vendo se abre se não abre. Eu via muito, que na minha terra havia o jogo. Era permitido, não é? Então aqueles que ficavam viciados, mas era uma coisa, você tinha a impressão que o vício era fisiológico. Não era psíquico nem psicológico, ou qualquer coisa assim. Era uma necessidade, quase...

TP: Vital.

ALO: É. De vida. Então era uma coisa, e ia, e não importava. Hoje hipoteca metade da casa, amanhã hipoteca a outra metade. Porque antigamente tinha um negócio de hipotecar a metade, não é? Não sei se ainda usa agora hipotecar só a metade.

TP: Eu acho que não.

ALO: Hipotecava a metade, daqui a pouco hipotecava o outra metade e a família podia estar passando maior aperto. E depois era uma coisa assim: sempre a expectativa de ganhar. Você não acredita que o jogo possa arruinar a pessoa. E então eles... E eu acho que só a sensação, eu não sei explicar, mas só o gosto de jogar. Não importa perder. Você nunca viu jogador com raiva porque perdeu, não. Ele sai sempre achando que perdeu aquela hora é porque vai ganhar na outra.

TP: É verdade.

ALO: Então a expectativa do ganho acompanha o jogador de uma maneira... E isso é que forma os que exploram o jogo não é? É um vício...

FIM DO LADO A DA FITA 06

Entrevista – fita 06 lado B

TP: Vamos lá, a senhora estava contando para a gente, comentando a respeito do jogo, e a senhora não nos disse, a senhora tinha o hábito, alguma vez de ir ao cassino, com o professor Lourenço, para jogar propriamente?

ALO: Quando a gente viajava... ou aqui, olha aqui eu fui..., não. Para jogar, eu nunca fui, poucas vezes. E até tenho uma lembrança... Não sei se já contei isso até, que Gabriela Mistral quando esteve aqui, nós fomos mostrar o cassino, naquele tempo a gente mostrava. Gabriela Mistral veio. E foi com Henriqueta e comigo, e nós fomos mostrar o cassino e jantar lá. E quando acabou o jantar nós, então, quisemos mostrar a sala de jogo. Ela foi saindo... Parecia uma espécie de... Achei isso belíssimo, uma espécie de protesto educado, quer dizer, nem para ver, não é?

TP: É.

ALO: O jogo. Quer dizer, não vamos considerar a existência. Mais ou menos. Muito fino, muito educado. Até nesse dia ela ficou lá e tudo e eu fui ver um pouco, como é que era o jogo. Ela ficou com a Henriqueta e as outras pessoas que foram, eu fui lá ver como era o jogo. Eu já conhecia muito o jogo da minha terra, porque existia, não é? Mas assim... Lá em Lambari o Lourenço ia, jogava um pouco, ele se distraía. E a gente ia para ouvir um pouco de música, porque tinha salão. Antes de eu casar, menina, que freqüentava lá, o jogo não interessava nada, interessava a dança. [risos]

TP: E essas viagens que a senhora chegou a fazer para Araxá, a senhora fez enquanto o cassino ainda funcionava lá no Grande Hotel, ou não?

ALO: É. No Araxá tinha, já tinha o Cassino. Mas a gente, assim, olhava, também não tinha...

TP: A senhora não tinha envolvimento mesmo.

ALO: Não interessava muito não, não tinha nenhum envolvimento não. Eu não sei, eu, por exemplo, não sei até que ponto a gente é contra, porque a gente fica pensando em liberdade tudo mais, você tem o jogo, quem quer vai e quem não quer não vai. Mais eu

sei que no Líbano, por exemplo, isso eu não fui, no Líbano eu não fui, mas a minha filha foi, e minha irmã. Elas foram lá e foram ver os cassinos, porque o Líbano é afamado pelo jogo também. E você sabe, o pessoal do Líbano, é proibido de jogar.

TP: É, não é? Só para os turistas, não é?

ALO: Eles podem acompanhar a pessoa, a pessoa pode jogar, eles não podem jogar. É uma proteção para a cidade, para as famílias. Porque é claro, se você vai em um lugar e joga é uma coisa, agora, se você tem permanente um jogo ali que você pode ir todo dia, que no fim vai, a miséria vai...

TP: É.

ALO: Porque se tem tanto interesse, e se eles têm tanto lucro, é claro que os outros perdem. E o jogador, mesmo que aconteça de ganhar muito num dia ou durante um ano, depois..., enquanto ele não perdeu tudo ele não... [*risos*] não pára não, que não pára de jeito nenhum. Nem perdendo nem ganhando, não é?

TP: Bom...

ALO: Agora, viagem no estrangeiro, porque o Lourenço não viajava pelo estrangeiro. Então, acho que eu já contei isso, que eu fui...

TP: Que a senhora foi aos Estados Unidos... Primeiro a Europa, não é?

ALO: Não, Estados Unidos ele já tinha morrido, quando eu fui.

TP: Ah... sim, a senhora foi na década de 80.

ALO: É. Isso eu acho que eu já contei, minha viagem à Europa.

TP: A senhora contou muito rapidamente. A senhora só comentou. Se a senhora quiser...

AT: Gravado, não. Acho que não.

ALO: É, porque eu tinha... Até dos Estados Unidos, eu escrevi até, pode talvez ler, ver aquilo que interessa, eu repito. Quando eu fui aos Estados Unidos eu anotei um pouco, e aí eu fiz, “*a América que eu vi.*”

TP: Isso que a senhora fez...

ALO: Foi publicado...

TP: Foi no jornal, não é?

ALO: Não, eu fiz para mim. Mas aí o cônsul americano pediu, quer dizer, quis para publicar, publicaram numa página do “Diário da Tarde”, com a Estátua da Liberdade assim no meio. Muita gente acha interessante, porque muita gente tinha ido aos Estados Unidos e não via daquele jeito [*risos*], então não viu aquilo. Mas o título que eu achei foi justamente esse, “*a América que eu vi.*”

TP: É.

ALO: Então não tem nada com os outros. [*inaudível*]

TP: Impressões pessoais.

ALO: Mas justamente das coisas que me impressionaram, porque foi antes do Gorbachev, eu senti lá uma tranquilidade em relação à Rússia, sobretudo a Rússia tinha mandado um acervo de quadros de pintura, modernos, antigos, e estavam numa exposição [*inaudível*] oficiais lá, e nós fomos visitar, e os americanos todos vendo, com a maior..., todo mundo interessado em ver. Eu achei que tinha uma diferença qualquer ou então, aqui a gente achava que Estados Unidos e Rússia, só faltava se atracarem. E lá, isso... Então diz que era intercâmbio cultural, os Estados Unidos tinham mandado coisas para lá, e, e a Rússia mandando para os Estados Unidos e bem recebidos. Agora, eu tenho uma prima também que foi consulesa, foi qualquer coisa lá na Rússia, antes do Gorbachev também, e ela contou aqui duas anedotas, acho que eu já contei para vocês.

TP: Anedotas a senhora nos contou.

ALO: Anedotas brasileiras. Então isso que eu pensava, eu disse: “*Gente, então não está mais aquele rigor*”. Porque do jeito que contavam para a gente, não sei. E já era mesmo, estava...

TP: Eram os ventos da mudança, não é?

ALO: Uma tendência, já era. Quer dizer, eu estranhei demais. Você vê, os Estados Unidos receberam muito bem, Gorbachev e tudo mais...

TP: Exato.

ALO: Parecia que já estava mais ou menos... eles tem essa espionagem, essa coisa secreta aí, que eles descobrem tudo. Não sei como é que é possível.

TP: É, é verdade.

ALO: A gente quer saber às vezes uma coisa, está perto da gente, não descobre, [*risos*] eles descobrem, está longe.

TP: Eles tem escola nisso.

ALO: Tem uma coisa, não é?

TP: Mas eu vou aproveitar que a senhora está falando um pouco dessas questões políticas que impressionaram a senhora nessa viagem, para perguntar para a senhora alguma coisa relativa à política também, aqui. Enfim, na sua experiência pessoal. Por exemplo, eu gostaria de saber como foi que a comunidade intelectual, da qual a senhora faz parte, acompanhou e percebeu, por exemplo, a movimentação anterior ao golpe de 64. A senhora podia nos dar a sua versão mesmo. Como é que a senhora acompanhou isso, a senhora pressentia alguma ruptura no sistema de governo, como é que foi isso, D. Alaíde?

ALO: Olha, eu acho que essa ruptura foi assim uma consequência de uma formação mais conservadora do Estado e do próprio país. Em relação a uma situação que se criou e que não foi prevista. Foi a renúncia do Jânio. Não é isso que você falou? É esse período da renúncia, não é?

TP: Exato. O início dos anos 60.

ALO: Então a renúncia do Jânio foi uma surpresa para todos. Não sei se havia alguém que podia, que estava mais ou menos sabendo, porque às vezes há algumas coisas que, como é que..., passam por debaixo da porta, não sei onde a pessoa descobre. Mas houve aquele impacto, porque todo mundo sabia que o Jango tinha tendências d esquerda, todo mundo já sabia. Mas não importava que ele fosse, que ele fosse...

TP: Vice, não é?

ALO: Vice. Porque o vice naquele tempo, hoje eles já estão pondo vice para trabalhar com os Presidentes também. Naquele tempo vice era uma figura quase que decorativa, e

numa expectativa permanente. Não participava. Então se morreu, ou se tirou licença, aí o vice aparecia. E quando houve isso, todo mundo começou a tomar partido. Convém vir, ficar esse homem? Os estudantes ficaram na maior alegria, [risos] os jovens. Os jovens, porque... E começaram quase que a mandar. E aconteceu, porque o Jango não era só, ter essas tendências não, parece que ele não tinha assim..., não sei, não gostava, a gente nunca sabe. Uma capacidade administrativa também, uma força de energia e tudo, para o governo. Parece que havia. Eu lembro de um senhor de certa responsabilidade que falou assim, que ele mal daria para ser vereador de São Borja, porque eu acho que tinha sido, sabe? Como é que ia ser? É um pouquinho forte, mas no fundo era um conceito. E um conceito de gente assim... preparada. E eu me lembro, lá em casa, por exemplo, quando houve o golpe, eram 4 filhos, e cada um recebendo de uma forma. Um, que era muito lógico, “*Vamos aguardar para ver porque, quais são as causas, porque aconteceu*”. Todo coisa, sabe? O outro: “*Não, não podia ser isso, isso que está acontecendo não podia, onde é se viu, o homem tinha todo direito de ser, como podem tirar..., isso aí é ditadura*”. Sei lá o que é. [risos] Como é que... Antigamente... O reacionário perdeu o jeito, porque você... chegou uma hora que você não sabe quem é reacionário não. Porque a palavra...

TP: Mas era um termo muito usado.

ALO: É. Era, e reacionário é uma palavra que dá idéia de reação num certo sentido, e justamente os reacionários são aqueles que querem a coisa mais..., eram aqueles que queriam as coisas mais conservadoras até.

TP: Conservadoras, exato.

ALO: E a formação da palavra, isso que eu via problema de, de sentido da palavra e da aparência. É que sugeria. Então o que aconteceu foi isso. Assim como eu ouvi em casa, uns achando...

TP: Opiniões diversas?

ALO: Olha, fulano falou, fulano foi, achou..., e se ele acha, que ele é com..., que ele tem capacidade... As opiniões eram divergentes, e eu acredito que fora também foi a mesma coisa. Uns achando que seria uma atitude um pouco de ditadura. Olha, quando houve, isso também é uma coisa que eu me lembro bem... não, dessa. Naquela ocasião

de ditadura militar, ou foi depois, não é?

TP: Do AI 5?

ALO: Do Pedro Aleixo... Quando morreu...

TP: Foi quando morreu o Costa e Silva.

ALO: Não era, não era o...

TP: O Costa e Silva, não é?

ALO: O Costa e Silva. Mas você viu que não houve reação, e aí era a hora de haver uma reação, quando não aceitaram o...

TP: O Pedro Aleixo.

ALO: O Pedro Aleixo. Tanto que eu costumo falar, quando eles dizem assim, 20 anos de ditadura militar, eu desconto muito, por exemplo, os 2 primeiros anos o Milton Campos era o Ministro da Justiça, do Castelo Branco.

TP: Exato.

ALO: Quer dizer, o Castelo Branco podia ser militar mas estava fazendo um governo razoável. E Milton Campos. Depois então, esses 2 anos você tem de descontar. Segundo, eu acho que enquanto ele foi o vice-presidente, e foi o vice-presidente aceito, também aquele período não era. Agora, eu acho que houve a ditadura naquele momento que impediram o Pedro Aleixo. Ali foi um ato ditatorial.

TP: Sim...

ALO: Impediram o Pedro Aleixo de tomar posse. E aí foi junta militar e coisa, e ficou assim. Agora, quando do João Figueiredo também, é outra coisa que a gente pergunta sempre; o Aureliano era o vice-presidente e ele não evitava as viagens. Ele saía e deixava o...

TP: O Aureliano Chaves.

ALO: O Aureliano. O Aureliano substituí muitas vezes. Quer dizer, então você não pode dizer que era uma ditadura com o Aureliano, por exemplo. Se o Aureliano estava lá dentro, se substituí... Se fosse ditadura ele não servia.

TP: A senhora acha então que o fato de ter um civil que às vezes ocupava o posto principal da República, isso de certa forma abranda.

ALO: Abranda, já deixa de ser um... deixa de ser considerada ditadura militar. Pois se estava ali o civil, vice-presidente assumindo, umas 3 vezes ele assumiu, mais longo, não é? Então você não pode chamar de ditadura militar. E você não vai dizer que o Aureliano aderiu a ditadura militar porque também não é isso, não era adesão à ditadura, talvez ao regime. Não sei. Umass coisas meio complexas. Então quando veio essa do Jango, o que nós vimos foi justamente essa primeira dúvida, e depois o receio do comunismo, da ditadura comunista. Agora, o receio da ditadura comunista, às vezes implicava numa ditadura... como é que nós chamamos a outra ditadura, conservadora, não é?

TP: Conservadora. Ou anti-comunista. Que a senhora...

ALO: Conservadora. Anti-comunista ou uma ditadura de conservadores não é? Porque não seria, você não vai dizer que... porque não era ditadura, justamente eles queriam fugir da ditadura. Porque isso que aconteceu em Minas também, quando eles falaram nesse movimento que foi contra, eles foram contra o Jango, porque era o movimento que eles consideravam democrático. Porque eles tinham medo da ditadura comunista, não era do comunismo em si. Era a ditadura comunista, que era justamente o que a gente via, que hoje a gente sabe que foi pior, porque você vê o Stálin, o que ele fez lá, as barbaridades, tudo mais. Hoje eles estão tirando até o nome de comunista, aqui dos nossos partidos, estão querendo tirar. Então não era o comunismo, talvez não fosse nem as teorias do Marx propriamente. Se você for ver isoladamente as teorias dele, ele fez aquilo pensando naqueles mineiros lá da Inglaterra, sugestionado com aquela situação, e tinha um interesse pelo trabalhador, pelo homem, assim, um interesse que se você quiser você pode até achar bonito. Agora, o problema era da maneira de aplicar, eles aplicaram um... Que ele criou, só o problema de luta de classe é que era, não é? Que ele criou a luta de classes, no fim, você criar uma ditadura de classe também, tanto podia ser a ditadura da esquerda quanto a ditadura da direita. Porque se é luta de classe, se todos dois tem inclinação ditatorial, se os dois tivessem inclinação ditatorial então você não está fugindo. Os dois estão querendo cada um uma ditadura

para si mesmo. Sei lá [risos]. Eu sei que essas coisas estão um pouco mais profundas, de certo que a gente não pode estar só trocando idéias assim..., mas pelo menos o que a gente viveu.

TP: Claro.

ALO: A sensação que a gente tinha era... Como no tempo do Getúlio, por exemplo, que eu vivi também, anteriormente. Porque a ditadura do Getúlio era uma ditadura até rigorosa, rigorosa. Mas sentia-se menos, porque não aparecia muita ideologia atrás da ditadura dele. Porque é mais fácil você criticar a ditadura quando você tem as ideologias, mas quando você tem os atos, em vez da ideologia. Você vê, quando ele chegou, ele resolveu que o operário ia trabalhar 8 horas por dia, e não 12, não estava dentro de nenhuma ideologia, não. Era uma coisa que você resolveu e que você fez. E até que ponto ela foi salutar e tudo, isso o tempo que ia falar. Agora, ele era dono de tudo, ele resolvia. Tanto que quando, foi ele que acabou com os 2, o comunismo e o integralismo, no mesmo dia, teve um decreto, não é? E ele também fechava Congresso, como fechou, era ditadura. Agora, você sabe uma coisa que eu acho, que tinham... que ele tinha também prestígio, sabe? Isso é importante, um ditador prestigiado por muita gente, ele quase que deixa de ser um ditador, ou pelo menos o conceito de ditador parece que fica atenuado. Por exemplo, eu falo sempre, quando era esse... como é que chama? Congelamento de preços. Getúlio fez muito. Mas você sabe, quando ele congelava preço, ou quando ele estabelecia, ou quando ele permitia, por exemplo, aumento, se ele permitia o aumento de preço, o comércio não podia aumentar o que já tinha dentro, entende? E havia uma fiscalização tal, por exemplo, os medicamentos. Os medicamentos foram aumentados, tanto por cento. Então, você chegava na farmácia, você sabia que foi aumentado, agora, aquele que chegou, era tudo carimbado, marcado, aquele que chegou ele podia cobrar o preço alto. Agora, o que já tinha lá... Porque, você já imaginou o lucro que dá para o comerciante quando vem assim de um dia para o outro, um aumento de tantos por cento. Quer dizer, tudo que ele tem dentro da loja dele passou a valer sem vender.

TP: Se ele tem estoque grande, não é?

ALO: Quer dizer, o estoque passou a ter valor. É um valor inflacionário, mas é um valor.

Então ele acha que tinha de vender também daqui caro para poder comprar outro caro. Não. Porque, tudo que o comerciante compra, ele compra não é para pagar na hora, então ele tem de comprar, vender aquele e pagar. É tudo proporcional. E era ótimo, porque você sabia, você procurava, quer dizer, era uma coisa que você já sabia, até você chegar lá, você já podia comprar 5, porque já estava um outro, se havia 5 do preço, você comprava 5..., como é que chama... volumes da mesma coisa. Porque se você vai usar o ano inteiro valia a pena porque já estava garantido que ia aumentar. Mas aqui, quando fala que vai aumentar, já aumentou. Quando você sabe que vai aumentar uma coisa, você pode chegar lá que já está no preço mais alto. [tosse]. Isso eu não sei como é que ele conseguia, mas eu acho que se conseguisse isso a inflação podia melhorar. Não sei porque que eles não pensam muito nisso. [tosse] Isso eu não sei... Matematicamente, ou... Vocês não sentem que é diferente?

AT: É claro.

ALO: E eu acho é que isso que manteve talvez, evitou inflação no tempo dele, porque não houve muita. [tosse]

TP: Era bem mais controlada.

ALO: É. Então nós saímos um pouquinho, mas de repente... mas esse ponto é importante.

TP: É importante a gente falar um pouco.

ALO: O que era?

TP: Das suas anotações tem alguma coisa que a senhora queria comentar aí.

ALO: Não. A não ser da fundação da Faculdade de Filosofia, que você disse que vai ficar para outro dia.

TP: É. Nós vamos fazer à parte isso, eu acho melhor. Então eu vou aproveitar para fazer uma outra pergunta para a senhora. A senhora já nos contou, evidentemente, sobre a importância que o livro teve na sua formação.

ALO: Sei.

TP: Desde menina. Como a senhora gostava das antologias, e, o hábito de ler, pelo meio a que a senhora pertence, mesmo. Mas aí eu queria fazer uma pergunta que vai um

pouco no sentido de saber como é que a senhora complementou a sua própria formação. Ou seja, eu estou querendo saber um pouco a sua opinião sobre imprensa, e mais especialmente sobre televisão. Que tipo de coisa a televisão trouxe, acrescentou à sua formação. Se a senhora teve televisão desde o início, se a senhora e o professor Lourenço se viram fascinados pelo objeto em si, se sempre houve hábito em casa de se assistir televisão?

ALO: Não. Acho que logo que chegou a televisão nós tivemos televisão. Mas... engraçado, não havia fascínio não, com ninguém. E a televisão era muito comedida, a primeira televisão. Hoje ela está completamente descontrolada, em todos os sentidos, moral, artístico. Porque tem umas coisas que não valem nada mesmo, nem artisticamente, nem literariamente, nem nada. De vez em quando um programa bom. Até quando eles me pedem informação, eu falo assim: *“Gosto muito dos jornais, porque as notícias, o noticiário é bem dado. E eles preparam muito bem, aqueles..., pelo menos as nossas televisões aqui, os locutores, eles tem dicção boa, e eles não erram muito, não.”* Você está vendo, até deputado que vai falar, erra regência e tudo. Eles parecem que tem uma formação, ou eles estudam, ou, não sei se é projetado e eles fazem leitura, leitura disfarçada, talvez seja isso. Mas uma dicção muito boa, então é um programa... E antigamente essas coisas que interessavam a gente, ter notícias, notícias boas, e via filme também. Havia filmes que a gente via, mas não houve fascínio pela televisão não. [Campainha]

TP: A senhora diria, por exemplo, se a televisão mudou os hábitos familiares, ou alterou alguma coisa, por exemplo no hábito de leitura que a senhora tinha, que o professor Lourenço tinha.

ALO: Não. Eu acho que não alterou nada, acho que não. Talvez a gente mesmo, por exemplo, o Lourenço, se ele ia ver televisão, você pode saber que tinha intervalos, tem anúncio. Então nos intervalos pode saber que ele estava com um livro perto, lendo. Tinha de ler as 24 horas por dia. [risos] E eu, por exemplo, quando ia ver televisão, era procurar assim um descanso, alguma coisa que não me fizesse pensar. Então, se eu não estivesse, não era fugir da leitura, não era a televisão que me tirava da leitura, a própria leitura que acabava exigindo de mim um certo repouso. Então, ou eu saía para fazer

uma outra atividade, para depois voltar à leitura, porque a leitura, no fim de algum tempo - a não ser os muitos resistentes [inaudível] especial, como o meu marido, que eu não sei como é que ele suportava - você tem que parar. E às vezes não é o livro que faz você parar não, porque às vezes você está no maior interesse, mas você sente um cansaço, que não pode continuar. Apesar do interesse. Então, a leitura... O que me tirava de leitura, que me tirou e tudo, que eu já contei para vocês, era justamente a preocupação com os filhos. Quando eram pequenos.

TP: Quando eram pequenos. Mas quando a televisão chega no Brasil, seus filhos já eram adolescentes.

ALO: Já grandinhos, é, eu estou lembrando, já tínhamos televisão aqui nessa casa. E eles viam... Mas acho também que eles não tinham muito interesse mesmo não, viu? Nunca vi nenhum apaixonado por televisão lá em casa, viu?

TP: Sei. E com relação a jornais, D. Alaíde? Vocês sempre tiveram hábito, por exemplo, assinavam determinados jornais, liam a imprensa de Minas e acompanhavam a imprensa nacional?

ALO: Eu devia ter muito bom hábito de jornal, porque o meu pai era assim..., gostava muito de jornal e se sentia... político, ele achava que tinha obrigação de ler, por exemplo, 2, 3 daqueles jornais, toda manhã. Então ele tinha de ler e a gente... Mas a gente não lia não, ele lia, a gente sabia que ele estava lendo, naquele tempo eu acho que eu não sabia ler ainda, não é? Mas, o jornal era sagrado. Além dos livros no intervalo, não é? Não era tão apaixonado por leitura, mas sempre tinha um livro, alguma coisa que ele gostasse de ler. Agora, eu não sei, eu acho que depois eu fui formando o hábito de leitura. Eu olhava assim os títulos, que eu não tinha, houve um período que eu não tinha tempo de ler livro, eu achava que não devia perder tempo de ler jornal, eu achava [risos] que era perder tempo. Então olhava assim os títulos e via se tinha alguma coisa de maior interesse, e lia aquilo que interessava mais.

TP: Uma leitura dirigida.

ALO: É. Exemplo: quando a gente começou a ler mais, as críticas literárias, os rodapés de jornal, se saía um livro, a gente então quer saber o que eles estão achando dos livros, então as opiniões sobre...

TP: E sempre a imprensa mineira?

ALO: O Lourenço também escreveu muito tempo em jornal também. E eu fui jornalista 15 anos do “Diário”, do “Diário”...

TP: Do “Diário Católico”.

ALO: Do “Diário Católico”. Eu fiz a seção infantil, “*Pequeno Polegar*”, e depois uma seção, cultura, ensino e educação. Eu era responsável e fazia acho que uma vez por semana, eu não me lembro. Uma espécie de recado, ou uma crônica, alguma coisa e depois colecionava outras coisas para informar, não é?

TP: E essa época o “Diário Católico” saía semanalmente?

ALO: Não. O “Diário Católico” era diário.

TP: Ah, lógico, Diário...

ALO: Não. Mas às vezes tem, acontece isso...

TP: É.

ALO: Chama Diário e vem de vez em quando.

TP: Mas o envolvimento da senhora não era diário com o jornal, ou seja, a senhora...

ALO: Não. O jornal eu tinha assim... eu escrevia...

TP: Tinha coluna.

ALO: Era semanal, era semanal. Agora, o outro tinha o dia certo, sabe? Essa seção, acho que 12, 13 anos que eu fiz a seção. Depois eu continuei nessa outra, e também acho que era semanal. Mas se a gente tinha alguma coisa interessante..., porque quando eu fui Presidente da Associação, os jornais apoiaram muito, viu? Eu tive um apoio da imprensa muito grande.

TP: É?

ALO: De sorte que até abriu campo, o “Diário” tinha um campo aberto para nós sabe? De sorte que, ou eu fazia um artigo, ou pedia um artigo, eu era responsável pelo artigo, e a gente publicava. Defendendo a classe, sempre, não é? Ou também um problema de educação, defesa da educação. Sempre alguma coisa assim interessante.

TP: E deixa eu fazer uma outra pergunta para a senhora. Hoje em dia, quer dizer, nós temos hábito aqui em Belo Horizonte, de sempre recorrer à imprensa de fora, a jornais do Rio e São Paulo, na sua maioria. Talvez pela qualidade que a imprensa mineira tenha hoje em dia. A senhora acha que a algum tempo atrás, acontecia dessa mesma forma, ou seja, havia uma necessidade, a senhora e o seu marido, por exemplo, sentiam uma necessidade de estar recorrendo à imprensa de fora de Belo Horizonte ou à imprensa daqui tinha uma qualidade aceitável?

ALO: Não. Eu acho que sempre a gente procurava, não talvez diariamente, porque os jornais de fora trazem alguma coisa, alguma coisa, não é que tudo do jornal de fora fosse interessante, mas às vezes uma referência mais nacional, e que fugia, por exemplo ao jornal estadual. Mas a gente sempre procurava. E como agora mesmo, por exemplo, eu tenho jornais daqui e eu tenho um jornal do Rio de Janeiro, que é “*O Globo*”, a minha filha tem de São Paulo um, o outro já recebe mais, acho que São Paulo e do Rio também. Mas, hoje, por exemplo, a gente nota que o “*Estado de Minas*” e mesmo o “*Hoje em Dia*”, eles trazem muita notícia de fora. De sorte que você, mesmo que [inaudível] você vai ler as notícias desses outros jornais, você sente que há uma semelhança. Agora, muita gente gosta, às vezes, do jornal de fora, quando o jornal de fora é mais oposição. Porque isso também é uma coisa que, o jornal que falar mal do governo... eu lembro do Milton Campos, uma vez um amigo dele chegou e disse: “*O Milton Campos, estão falando mal do seu governo, você tem de ver o que é, porque que é, não é?*” O Milton Campos disse assim: “*Iiihhh... mineiro gosta de falar do governo, deixa os mineiros divertir, não é?*” [risos] Mas não é só mineiro não, todo mundo gosta. E quando se sabe, tem um jornal, por exemplo, a “*Folha de São Paulo*”, até agora estão processando, a “*Folha*”. A “*Folha de São Paulo*” o pessoal aqui gosta muito, por quê? Porque fala mal. Sei lá se é mais agradável, se é por falar mal dos outros [risos]. Não sei, não é? Mas eles são mais audaciosos, na hora de criticar, mesmo. Se bem que o jornal aqui, o nosso...

TP: O “*Estado de Minas*.”

ALO: O “*Estado de Minas*.” Na hora do...

TP: Durante o governo Newton Cardoso?

ALO: No governo do Newton Cardoso, quer dizer, no fundo era até excessivo. Quer dizer, é claro, é um direito que o jornal tem de fazer críticas, acho que eles têm que ter autonomia, mas acho que há um limite. Porque o que você vai criticar, você tem de criticar sem parecer que você é contra o homem, você é contra aquele governo, aquele governador que está agindo assim. Mas quando você começa a sentir que está atingindo a pessoa, é um pouco assim, não é? Sei lá...Surpreende um pouco a gente. Mesmo que você seja contra, ou que você também considere que esteja certo eu acho que, uma certa reserva, não é? Eu não sei se isso é por causa da minha geração, na minha geração também há essa diferença, que eu falo de educação, uma era essa: autoridade constituída. Era uma coisa que já aprendia desde cedo, respeitar a autoridade constituída. Então a gente cresceu, se ele era Ministro, se ele era secretário, se ele é Presidente, você evita fala mal porque é, uma autoridade constituída. Mas hoje quanto mais constituída, mais você fala mal, porque... [risos] Agora, eu tinha posto uma coisa aqui, era mais, seriam algumas diferenças na educação, nas escolas.

TP: Ah... sim!

ALO: Na minha geração, já os meus filhos, e agora os meus netos. Esse problema também é interessante.

TP: Da senhora comentar.

ALO: Uma coisa que eu acho que a diferença é grande, que eu sempre achei, é que nós, por exemplo, nós respeitávamos - é aquela história, autoridade constituída, o pai e mãe são autoridades constituídas - e a gente achava que pai e mãe sabiam tudo perfeitamente. Isso aí...não tinha esse negócio de complexo Freud não. O Freud criou os complexos e eu acho que aqueles complexos é que vieram provocando outros, porque, como dizia D. Helena Antipoff: *“Se você não fizer o polimento dentro de casa, o filho vai ser polido lá fora. E talvez não seja uma lima, tão maciinha, não é? Seja até uma lixa”* [risos] uma lixa mais forte para polir, porque tem, não é? Então a gente acreditava no pai e na mãe. E havia também outra coisa que não falam mais hoje, a idade da razão. A idade da razão, isso eu acho que eu já falei, com 7 anos. Então era muito mais fácil, quer dizer, quando você saía de casa para a escola você encontrava a mesma coisa, autoridades constituídas. Ali são os professores, não é? A professora abriu a boca,

pronto – ela falou, ela quer o meu bem, então a gente acreditava que pai e mãe só queriam o bem da gente. E é isso mesmo, tem de acreditar. Mas a questão é que hoje as crianças não acreditam não. Eles querem ser felizes, mas eles não sabem o que é ser feliz. Eu acho que hoje essa educação está muito diferente, é a busca da felicidade, mas sem saber o que ela é. Então, no fundo inverte, eu lembro de pais que falam que obedeceram mãe, agora estão obedecendo filho, porque os filhos é que passaram a mandar. Mas não é mandar não, eu acho assim, é uma reação sem...

FIM DO LADO B DA FITA 06

A

Aureliano, 23

C

Colégio Caraça, 4

D

Diário, 6, 19, 28, 29

E

Escola de Aperfeiçoamento, 12

G

Getúlio, 24

H

Helena Antipoff, 31

L

Lourenço, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 14, 17, 18, 26, 27, 28

M

Ministro da Aviação, 2, 3

P

Pampulha, 11, 14, 15
Pedro Aleixo, 22, 23

T

Teatro Municipal, 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 19 DE JUNHO DE 1991

Entrevista – fita 07 – lado A

AT: Hoje é 19 de junho de 1991, nós estamos entrevistando dona Alaíde Lisboa de Oliveira, a entrevistadora é Thaís Pimentel.

TP: Bom D. Alaíde, então para manter a ordem do que eu expus para a senhora, a senhora podia só retomar o caso do professor Lourenço com a motocicleta que ele comprou e que a senhora começou a nos contar e nós interrompemos isso da vez passada.

ALO: Porque ainda estou lembrando que ele era muito cumpridor do dever, e desde de professor isso nós sempre combinamos muito, de não chegar atrasado para a aula, não faltar à aula, esses cuidados que a gente tem não só de preparar a aula, de levar a sério o que está transmitindo, mas mesmo essa parte toda formal, que é importante, porque isso serve de exemplo para os alunos. Então ele era assim muito organizado e ia ter aula muito cedo, acho que as aulas seriam lá no Prado e começavam acho que às sete horas, tinha que chegar lá às seis e meia. Então tinha que levantar às cinco e meia, [risos] achar táxi não era fácil, não tinha condução, comprar automóvel ainda não estava na hora de comprar. [risos] Então não podia, ele foi e comprou uma motocicleta. Agora, o interessante é que ele comprou a motocicleta e nunca tinha andado de bicicleta. A senhora imagina que no Caraça professor e tal não usava.

TP: Hum... hum.

ALO: E não fez os exercícios de bicicleta no tempo da adolescência, então ele ia para o parque andar de bicicleta primeiro, para depois montar na motocicleta. E não sei o treino, como foi o treino [*risos*] ou como não foi. E ele levantava às cinco e meia, até uma coisa que eu acho que já contei que ele levantava e ligava o rádio, ele gostava muito de Beethoven, e de Mozart, mas principalmente de Beethoven que ele ligava assim mais. Ligava mais ou menos em surdina enquanto ele tomava o banho e se aprontava. E na hora em que ele saía, já mais tarde então ele aumentava bem o Beethoven e então os filhos acordavam.

TP: Ah é?

ALO: Os filhos já estavam acostumados a acordar ouvindo Beethoven.

TP: Ah, que ótimo.

ALO: E, engraçado, todos gostam de música clássica, gostam de ir a concertos e a gente pensa que talvez, os filhos, porque eles gostavam muito, não é? E discos por exemplo, que depois ele também gostava de comprar. Mas aí era para acordar. De sorte que ele ia e o pessoal brincava porque era o primeiro motoqueiro de Belo Horizonte, porque no começo até era fardado, então parecia capitão.

TP: Hum... hum.

ALO: Porque ele tinha o tipo, tinha a farda e professor. O professor ia chegar de motocicleta, assentado até na farda, não é?

TP: Hum... hum.

ALO: Na motocicleta, parecia [*risos*] que era mesmo militar. Depois, mais tarde comprou um carro. Naquele tempo tinha uma que chamava baratinha.

TP: Hum... hum.

ALO: A, a baratinha, eu acho que a baratinha não é porque era barata de preço não, não é? Acho que ela parecia uma barata, não é?

TP: É, é.

ALO: Acho que era o formato do carro. E era mais barato também.

TP: Sei.

ALO: Era mais barato também, então podia associar o nome de baratinha.

TP: Às duas coisas?

ALO: Às duas coisas, mas isso já é invenção. E então ele já ia, na baratinha.

TP: Agora me conta uma coisa, enquanto ele foi motoqueiro, a senhora chegou a passear como motoqueira alguma vez?

ALO: Ah não, eu nunca passeei, nem mesmo os filhos. Eu tinha um sobrinho, sabe? Os filhos ainda eram um pouco menores, e esses cuidados assim que tinha. Eu tinha um sobrinho que às vezes, andava com ele [*risos*]

TP: E a senhora nunca teve coragem?

ALO: Não, nem nunca passou pela cabeça.

TP: É mesmo?

ALO: Engraçado, porque podia a gente pensar na hipótese, mas eu acho que nem em hipótese.

TP: É mesmo?

ALO: [*risos*]

TP: A senhora não queria correr esse risco.

ALO: Não sei, eu acho até hoje, uma coisa que me impressiona é ver gente na garupa de motocicleta, porque a motocicleta sozinha já é um pouco perigosa.

TP: Hum... hum.

ALO: Porque ainda mais que não há uma norma, não havia nesse tempo uma norma exata, até que ponto ele pode antecipar a passagem, até quando não, não é? Porque hoje também você vê, elas entram, às vezes, está fechado o sinal.

TP: É.

ALO: Hoje parece que está mais regulamentado, não é?

TP: Hum... hum.

ALO: Naquele tempo não era tanto. Então, um pouco perigoso mesmo. Mesmo ele, tinha preocupação, de estar andando assim.

TP: Então, apesar de o professor Lourenço ser a pessoa que a senhora já nos contou, uma pessoa com hábitos bastante definidos e tal, ele se lançou a esta aventura de ser motoqueiro em Belo Horizonte?

ALO: Ele tinha uma naturalidade total diante das coisas, ele enfrentava isso sempre. Uma outra coisa que eu me lembro da personalidade dele que eu acho que ele também foi, foi... como é que chama? Introdutor.

TP: Pioneiro.

ALO: Pioneiro, essa moda toda diferente de cores. E eu me lembro que um dia ele estava saindo...

TP: Para se vestir que a senhora fala?

ALO: Para se vestir sim, nesse sentido. Então ele estava saindo e um filho já maiorzinho, disse: “*Papai, você sabe que você está com seis cores?*” Foi assim, eu ainda me lembro da cena. Olhou para o sapato de uma cor, a meia de outra, a calça era de outra, o paletó era de outra, a camisa.

TP: Hum... hum.

ALO: A gravata. Ele olhou, olhou e saiu como estava, as seis cores. [*risos*] [*não há como entender o final da fala por causa do barulho intenso no ambiente*]

TP: Mas D. Alaíde, a proposta desse assunto que a senhora está mencionando, nesse caso das seis cores, do vestuário do seu marido, eu queria fazer uma pergunta para a senhora também que nós não fizemos ainda ao longo do nosso trabalho, que é saber da senhora um pouco sobre os seus hábitos de consumo aqui em Belo Horizonte. Por exemplo, se a senhora tinha uma loja preferida onde a senhora costumava comprar as suas roupas, por exemplo, a livraria que a senhora costumava frequentar para comprar os livros que eram instrumentos de trabalho para senhora. Além disso, a gente já falou um pouco sobre os lugares que a senhora frequentava como lazer. A senhora já nos

contou sobre os teatros e cinemas, mas agora, pensando principalmente assim em confeitarias, se a senhora tinha o hábito de levar as meninas ou os filhos para tomar chá em algum lugar. Esse tipo de coisa que eu queria que a senhora tentasse se lembrar.

ALO: O que a gente fazia um pouco sabe, chás não mas, ou jantar ou almoço, qualquer aniversário, por exemplo, no tempo em que nós já éramos seis, então no aniversário de um nós dizíamos: “*Vamos jantar ou almoçar fora*”. Em geral era jantar porque eu trabalhava o dia inteiro, às vezes até a noite. Então a gente ia ao restaurante. Até eu tenho retratos da família toda em volta da mesa, diversos retratos. Era naquela Camponesa que havia...

TP: Perto do Instituto de Educação?

ALO: Aquele alemão.

TP: O Alpino?

ALO: O Alpino! Esses dois é que eram os restaurantes que a gente freqüentava mais.

TP: Certo.

ALO: Agora chá era menos. Eu até estranhava essa coisa porque no Rio havia a Colombo, que era a confeitaria do meu tempo.

TP: A senhora freqüentou muito lá?

ALO: É, a gente freqüentava muito. O chá das cinco era afamadíssimo, tinha o chá embaixo e chá em cima. O chá em cima era mais “*society*” se você quiser, ou pelo menos quem ia lá para, com mais tranqüilidade, era mais para se divertir, para conversar, para ver.

TP: Hum... hum.

ALO: Até muitos iam, muitos iam, eu não podia ir, muitos iam para flertar, não é?

TP: Ah, claro!

ALO: Ver o flerte naquele tempo era muito interessante, porque a gente tinha muita cerimônia, os namoros eram discretíssimos. Você sabia que era namorado porque

falava que era, porque era simbólico, não é? Era mais trocar livro, um lê, o outro fala, o outro comenta, não é?

TP: É.

ALO: Não tinha, não tinha assim. Mas também, havia essa história de flertes e eram desconhecidos. Por exemplo, dançar você não dançava, você ia a uma festa, tinha que ser apresentada ao rapaz. Você não podia dançar com um que simpatizou. Tinha que procurar alguém conhecido, descobrir quem chegou perto, quem é, para fazer a apresentação.

TP: Hum... hum.

ALO: E dançava com toda aquela atenção. Acho que contei um caso de dança, não contei? Da mamãe [*Trecho incompreensível*]. No tempo das estações de águas, Lambari, a gente ia para os clubes e dançava, eu acho que já contei isso.

TP: É isso a senhora já contou.

ALO: Esse caso é para mostrar como era, que a gente não podia dançar muitas vezes com o mesmo moço. Então, na Colombo você via, era assim, era um olhar assim, achar interessante. Mas também, saía do chá...

TP: Acabou.

ALO: Não se fazia amizade, acabou [*risos*].

TP: Mas então no Rio a senhora freqüentou a Colombo e aqui o Alpino?

ALO: Freqüentei muito a Colombo. E depois, no Rio, além da Colombo, freqüentava muito, isso também eu já falei, as festas oficiais, não é?

TP: Isso.

ALO: Que a gente ia muito. E ia muito a concertos e também conferências. E tinha um lugar que se chamava [*Silogeu*], até qualquer coisa que era [*Silogeu*], engraçado, queria até ver, um centro cultural. Com conferencistas, Tristão de Athaide. Isso a gente estava na moda, na ocasião, não é?

TP: Sei.

ALO: Então a gente ia muito. E esse mundo intelectual eu vivi bastante, mas eu não era intelectual nesse tempo.

TP: Sei.

ALO: Agora que todo mundo fala: “*A intelectual, a intelectual*”. Quer dizer, comecei a publicar, a escrever livros, de repente virei intelectual também.

TP: Hum... hum.

ALO: Mas eu nem sonhava de ser, de escrever, de nada. Era mesmo aquela vida mais, mais... Ler sim.

TP: É, a senhora já falou que ler a senhora gostava muito.

ALO: É. E mesmo então namorar era isso, um moço, um certo moço inteligente, que trocava idéias, era troca de idéias. E como a gente mudava muito, porque ficava uma temporada, depois ia para a sede, para fora. Então, era tudo assim meio superficial.

TP: Certo. Mas então, voltando ao assunto, aqui em Belo Horizonte a senhora estava dizendo que estranhava porque não havia nada parecido com a Colombo em termos de lugar para ir tomar um chá.

ALO: Não havia o chá. É, não havia isso. Porque lá, além da Colombo havia Elite, no Rio, e havia outros secundários, não é? Mas a Colombo era a principal mesmo. E sempre chegavam pessoas de fora, você já convidava para ir.

TP: Sei.

ALO: E era agradável porque era também onde você via moda, porque o pessoal que ia lá ia muito elegante, então você estava acompanhando. Ninguém ia à Colombo que não fosse elegantíssimo. [*risos*] Engraçado é que chegava e todos olhavam, você tinha de ir de ponta a ponta, não é? Porque nesse período, por exemplo, havia um capricho, que hoje também eu estranho a falta de capricho, não sei o que introduziram na moda, que mesmo a mulher, não é?

TP: É.

ALO: Não é dizer, se você vê uma pessoa mal vestida, você pensa que é pobre, que está mal vestida, não, mulher rica. Não sei também se é falta de gosto, ou ficou bonito usar

essas calças, quanto mais estragado mais bonito, não é?

TP: Hum... hum.

ALO: [*risos*] Então umas ainda estragavam em casa. E com isso se acostumaram, você vê que se anda na rua. É uma diferença, que a gente sente. É, houve uma mudança muito grande. Agora, isso eu penso que não é só... no estrangeiro, quando fui nos Estados Unidos, quer dizer, eu fui... quando é que eu fui? Em oitenta e tantos, o pessoal bem vestido. Não é dizer, eu disse isso, parece que o pessoal lá é mais rico, não é não. Eu acho que ele já sai à rua arrumado, sabe que estão, não é? Porque aqui, sei lá, eu acho tão esquisito o jeito do pessoal.

TP: É, talvez seja pela diferença do clima, a roupa de inverno ela é sempre mais elegante.

ALO: Ela é mais cuidada, não é?

TP: É, sempre é.

ALO: É, pode ser.

TP: Então a pessoa pode não estar muito bem trajada, mas se ela está com um casaco bonito ela já fica mais alinhada.

ALO: É, pode ser pelo clima. Mas agora, em geral, os “*toilettes*” mais completos, mais... não é?

TP: É, a senhora tem razão. Mas falando nisso, então está bom, porque a pergunta que eu fiz à senhora, como que a senhora..., a senhora tinha, por exemplo, para os seus hábitos de consumo, a senhora tinha uma loja onde a senhora tinha especial gosto por ela, a senhora comprava roupas, mandava fazer, tinha costureira em casa, como é que era?

ALO: Em geral a gente comprava a fazenda, não se comprava, acho que no meu tempo não se comprava muita roupa feita não.

TP: Hum... hum.

ALO: Os homens sim, poucos faziam com alfaiates, mas em geral eles compravam roupas feitas. Agora, as roupas de alfaiate eram aquelas mais sofisticadas, mais cuidadas ou qualquer coisa assim. Agora nós, a gente comprava mesmo era fazenda. O que estava na moda, tal cor, não é? Porque também tem uma história de cor, agora por exemplo

estamos no preto e vermelho, não se sabe mais qual é... Porque no Rio também, naquele tempo em que eu morei no Rio, eu estranhei quando mudei para aqui, porque no Rio, no inverno, você não punha vestido claro para ir na rua de jeito nenhum. Usava-se ou marrom, ou preto, ou cinza escuro, a maioria era preto.

TP: Sei.

ALO: E todo mundo se adaptava. Engraçado é que não dava aquela sensação de tristeza nem nada. Mas você não punha um vestido claro para sair. Não era elegante. E agora, aqui, a gente está sentindo uma influência mais brasileira, não é?

TP: Hum... hum.

ALO: Hoje eu estava lendo alguma coisa sobre essa diferença de estados, era sobre escritores, sabe?

TP: Sim.

ALO: Que antigamente a projeção era o carioca, quer dizer, o escritor que ia para o Rio de Janeiro e os mineiros, os escritores que queriam ter nome. [*falas simultâneas*]. Tem muita gente que fala assim [*inaudível*] foi pena não ter ido para o Rio, achando que a projeção era o Rio. Agora eu não achava que era propriamente mudar-se para o Rio, era conviver na imprensa do Rio. A divulgação se fazia mais na imprensa, então, os jornais eram muito localizados, os jornais de Minas, os jornais de São Paulo. Ainda são um pouco, mas hoje, por exemplo, a gente vê que aqui muita gente assina os jornais de São Paulo e muita gente assina os jornais do Rio.

TP: Exato.

ALO: E não havia essa comunicação.

TP: Hum... hum.

ALO: De sorte que, o sucesso, quer dizer, o poeta mineiro só se tornava conhecido quando ele se mudava para o Rio. O próprio Drumond, quando foi para lá é que fez nome, Abgar Renault também, não ficou aqui, foi para lá, teve projeção, não é ?

TP: O próprio Pedro Nava.

ALO: O Pedro Nava.

TP: Fernando Sabino.

ALO: Fernando Sabino, o Fernando Sabino, aquele Pedro Paulo, Paulo Guimarães...

TP: Paulo Mendes Campos.

ALO: Paulo Mendes Campos! O Paulo Mendes Campos, Paulo Guimarães era daqui, não é? O Paulo Mendes Campos que também começou a fazer... Mas eu acho que é problema mais de...

TP: De divulgação?

ALO: De divulgação, é!

TP: Hum... hum.

ALO: E hoje mesmo, na televisão, você vê que eles ainda isolam. Quer dizer, quem é que vai ver lá no Rio a TV Minas. Um, talvez um com saudades de Minas, ou que morou aqui, é que vai ouvir alguma coisa, mas todo mundo vai ver os programas mais nacionais.

TP: Exato.

ALO: E isso também a gente, em tudo era assim. Então o Estado, rendeu-se na maneira de se vestir. Quer dizer, a carioca tinha fama de ser elegantíssima, tinha um cuidado, com a... Isso tudo parece que caiu e ficou cada Estado com o seu padrão de vida.

TP: E hoje, pelo contrário, D. Alaíde, é curioso porque o carioca perdeu completamente essa fama. [*A pergunta continua, mas D. Alaíde começa a falar.*]

ALO: Esses mesmos escritores hoje, eles gostam de vir a Minas, a gente vê que esses escritores hoje, agora que eu vi a notícia que o [*inaudível*] já tem noventa anos, mas vem, o Barbosa Lima Sobrinho, não é? Vem a Minas para fazer palestras, e eles gostam de ser chamados, de fazer conferências, já há uma projeção para eles também, não é? Se bem que depois sai nos jornais do Rio de Janeiro [*risos*]. Se saísse só nos nossos. Mas agora eu acho... Foi o Afrânio Coutinho que escreveu um artigo interessante sobre esse problema, mas eu acho que também a mudança da capital, fez perder um pouquinho do prestígio do Rio.

TP: Isso que eu ia perguntar para a senhora. Talvez a fundação de Brasília tenha influído.

ALO: E a mudança oficial, porque a gente do Rio, com toda a classe social elegante, mas a classe política era como quase a classe social. Os políticos tinham, freqüentavam essa classe social toda.

TP: Era a elite mesmo.

ALO: Era a elite mesmo. Os políticos lá, eles eram a elite. Então, o que aconteceu, agora, foram os ministros não é? Os ministros iam a uma festa, os ministros freqüentando as festas, era uma coisa assim, socialmente, de certo valor. E foram todos para Brasília. Então lá eles não se acostumaram muito. Nem se acostumaram muito por lá e nem continuaram com o mesmo prestígio no Rio.

TP: Hum... hum.

ALO: Porque desapareceu um pouco, não é? Mesmo as festas oficiais, desapareceram do Rio, e as festas oficiais do Rio eram notabilíssimas. Agora, o maior, a temporada que parece que foi de maior sucesso de festa oficial parece que foi do tempo do Washington Luís. Até disseram que o paulista, o paulista era mais discreto, mas eu não sei se é porque ele era diferente dos paulistas em geral ou se ele quis mesmo mostrar um paulista, fazendo sucesso nessa parte social.

TP: Mais “*status*.”

ALO: As festas dele eram afamadíssimas. Aquelas festas, um capricho, você vê que hoje já não tem mais esse capricho em festa. Flores, as flores, os palácios eram enfeitadíssimos de flores, quando você ia era aquela beleza. Então diziam que eram flores, flores fabricadas que vinham de São Paulo [*risos*]. Mas ou de São Paulo, ou de Minas ou lá do Rio, era aquela quantidade para enfeitar, era...

TP: Sei.

ALO: Era muito interessante esse cuidado, sabe? De festa. Por exemplo Príncipe de Gales que te contei dessa festa dele também, era uma coisa, toda a sociedade ia para ver o príncipe.

TP: Hum... hum.

ALO: E eram políticos e a alta sociedade, assim muito relacionados. Quer dizer, os

empresários sempre tiveram prestígio, mas eles também se associavam muito aos políticos, havia assim uma certa afinidade, não é?

TP: D. Alaíde, a senhora está falando em flores, eu estou me lembrando de fazer uma pergunta na mesma linha que eu fiz para a senhora antes. Pensando um pouquinho, a senhora como uma mulher que tinha os assuntos domésticos a resolver, mas a senhora tinha o seu trabalho. No ramo, por exemplo, de abastecer a casa, de cuidar da casa, a senhora conseguia conciliar isso, ou seja, a senhora, por exemplo, saía uma vez por semana para fazer feira, ou para comprar flores, ou a senhora delegou isso a uma outra pessoa? Como é que a senhora resolveu isso? Estou perguntando à Alaíde dona de casa.

ALO: Bem, feira, por exemplo, eu ia, quando os meninos eram pequenos, quer dizer, era uma maneira de estar com os filhos, era como se fosse um divertimento. Todos gostavam, não é? De sorte que eles iam, um maiorzinho se encarregava de tocar o carrinho, às vezes até ele mesmo fazia, eu ia no [*inaudível*] para preparar para a feira, quer dizer, eram eles que colaboravam. Mal eles sabiam que a gente queria é que eles ocupassem o tempo bem, não é?

TP: Sei.

ALO: Mas eles se sentiam assim importantes, não é? Porque eles...

TP: Tinham uma tarefa.

ALO: É, tinham uma tarefa e, quando iam crescendo mudava, não é? Uns gostavam de ficar mais perto olhando, quer isso, quer uma fruta, outro quer outra. [*Falas simultâneas*] Eu sempre ia com as crianças.

TP: E a senhora ia à feira livre ou ia ao mercado central?

ALO: Não, no mercado eu nunca fui muito não, eu ia de vez em quando, mas pouco. Eu achava mais complicado ir ao mercado. Agora, feira tinha sempre, essas feiras de bairro, feira livres, a gente ia muito assim com os meninos. Agora, compra de armazém também, no começo sempre tinha armazém... especial. E naquele tempo era assim; você comprava, no fim do mês tinha a caderneta.

TP: A caderneta, e ia anotando.

ALO: E registrava e pagava. E não dava trabalho porque você está devendo, tem trocado, não tem trocado, não é? Era no fim do mês, chegou o vencimento, vamos pagar o armazém. Só comprava nos armazéns. Depois, também...

TP: E os armazéns, os da sua preferência eram sempre os próximos da sua casa?

ALO: Próximos, quanto mais próximos! Tudo para mim era mais próximo, escola era a mais próxima também para as crianças não precisarem explorar a condução – porque a gente tinha que ter assim um pouco de cuidado, não exagerado, não é? E também para comprar facilitava muito, o armazém. Agora, quando você me perguntou aquele negócio de fazenda, eu me lembrei. Antes que eu me esqueça, tinha uma casa que se chamava Casa da Sogra, que tinha uma variedade de tecidos, não é?

TP: Ficava na Afonso Pena?

ALO: Não, não! Ficava perto da Afonso Pena, mas esquina, acho que é São Paulo esquina de Afonso Pena. Era assim pertinho. E era uma casa em que a gente comprava muito. E sempre tinha... Você podia escolher porque era uma quantidade enorme de empregado, e tudo, sabe? E tinha freguesia. Agora, de alimentação também aconteceu o seguinte. Aí é um caso especial meu, mas que também atingia todos aqueles que eram militares, porque eles tinham também a subsistência militar. Até no Sion acabou agora, há pouco tempo. Era uma coisa excelente, eu não compreendo por que ela acabou. Então você fazia uma vez por mês, podia fazer outra vez, se quisesse, mas, para facilitar, uma vez, duas. Então, você chegava, comprava tudo, e já descontava no...

TP: No salário?

ALO:... Nem pagar.

TP: É, mas era muito prático, não é? [*inaudível*]

ALO: Era ótimo, era ótimo. Então, fim do mês, que mais? Sabia quanto foi. [*inaudível*] “a conta desse mês foi alta, heim? [*risos*] Ficava brincando. [*inaudível*] nós estamos comendo...” [*falas simultâneas e incompreensíveis*]

TP: Havia um rombo no salário.

ALO: [*fala incompreensível*] [*risos*] Engraçado, você vê a diferença, como as coisas, ou, ou os vencimentos que diminuíram, a gente não sabe, ou se as coisas é que ficaram mais baratas. Eu não sei. Porque houve um tempo em que, era quase... Porque ele tinha também, ele era professor no DI, esse vencimento é que era atingido. Agora, o outro era independente, não era atingido. E então, a gente... Escapuliu! [*risos*]

TP: Mas então a senhora fazia as compras. Tinha as feiras livres, o abastecimento nos armazéns próximos, ou na subsistência.

ALO: Na subsistência! Quando entrou a subsistência mesmo, eu praticamente aboli os armazéns.

TP: Sei, porque a senhora...

ALO: Porque era tudo do bom e do melhor, houve uma época em que eles puseram até carne. Só os açougues que a gente tinha que ter também, os açougues da redondeza.

TP: Certo.

ALO: É, mas tudo o que você imaginava tinha, sabe? Muito, o serviço muito bem feito, e aquela ordem. Eu até sempre elogiei muito o militar porque eu acho que, no Brasil, é quem tem um pouco de disciplina, de ordem, tudo. Mesmo, por exemplo, agora que a gente tem pensões dos militares, é tudo organizado, tudo certinho, no dia, na hora. Eu acho que se os brasileiros aprendessem o processo de [*risos*], um processo de ordem, de cuidado, sabe? Se todos tivessem, não é? Mas infelizmente não é assim não.

TP: Pois é... Então, e a senhora não tinha, porque eu estou perguntando isto porque eu já ouvi relatos de outras pessoas que às vezes as famílias tinham, por exemplo, o hábito de comprar, ou via, por exemplo, algum tipo de compra específica ir fazer fora de Belo Horizonte. Aí tinha que ser Rio ou São Paulo, depois que São Paulo virou um grande centro urbano. E mais no início, por exemplo, quando a senhora mudou para cá, mas a senhora morava com o tio, a senhora se lembra de ainda ter acompanhado esse tipo de comércio ambulante das pessoas que vendiam as coisas na porta de casa?

ALO: Não, aqui já não tinha quase. Quando eu casei tinha verdura, verdura tinha. Verdureiro vinha em casa. Também, até a gente comprava por semana. O verdureiro vinha, fornecia, e pagava toda semana. E já levava o que sabia que a gente gostava e

tudo, e já chegava lá e a gente já comprava uma quantidade maior. Não podia ser muito grande, porque não havia geladeira. E quando as geladeiras vieram também, já havia para os outros e para a gente não tinha chegado [risos] porque vinha chegando devagarinho, não é? E, eu lembro do dia em que eu falei assim: “*Ah gente, acho que eu vou querer uma geladeira.*” O Lourenço enfiou a mão no bolso, e tinha dinheiro no bolso [risos].

TP: Para a compra da geladeira.

ALO: Então eu fiz assim, um suspiro e ele disse: “*Então vai comprar a geladeira. Compra.*” Foi a primeira geladeira. Acho que ele tinha recebido aquele dia, fora do outro ordenado. Quando tinha a geladeira você podia comprar... não tinha ainda freezer também, mas podia comprar com alguma antecedência, ter um certo cuidado, no caso. Agora, mercado também, às vezes a empregada ia, quando era... as empregadas, elas têm lá uns bons hábitos, não é? De comprar. Então elas gostam disso, disso, daquilo, e eu sempre dei um pouco de liberdade para a empregada. “*O quê que é? Como é que você prefere? Como é que é?*” “*Não, no do mercado tem isso, tem isso, tem aquilo...*” “*Então está bom, então vai no mercado*”. [falas simultâneas]... Ela mesma ia e fazia. Muitas vezes eu mudava de empregada e o processo mudava um pouco, mas em geral eu sempre dirigi essa parte da casa, nunca achei assim penoso. Agora, houve um período em que as crianças eram pequenas e eu tinha menos trabalho fora, porque quando eu passei a ter dois trabalhos, dois empregos, os filhos já eram maiores. E depois até acabei também ficando com um só, porque eu aposentei de um,...

TP: E aí continuou só na Universidade?

ALO: E aí eu continuei no outro, só no outro. Mas isso me deu cinquenta anos de trabalho.
[risos]

TP: Agora, ainda nessa mesma linha, eu vou fazer uma última pergunta para a senhora, nesse sentido, que é também uma pergunta que a gente tem feito para as senhoras que a gente tem entrevistado. Os cuidados com a senhora mesma, quer dizer, os cuidados que hoje toda mulher tem consigo própria. Salão de beleza, corte de cabelo, a senhora, assim, porque eu sei que, inicialmente, não havia salão de beleza.

ALO: Havia! Não, havia a Madame Levy, era afamada aí, Madame Levy, chamava

Madame Levy. E a gente ia, e eu tinha, logo quando cheguei aqui e depois de casada durante algum tempo, freqüentava. E tem isso, porque não havia esses aparelhos elétricos, então era esse ferro que faz [*tiotê*] em saia, que fazia “*plissê*” em saia também, era assim. A gente ia toda semana e então penteava o cabelo e tudo e você conservava, sabe? Mas, agora, e para unhas em geral não, em geral em casa mesmo é que a gente fazia.

TP: Fazia em casa?

ALO: É. Mas até não era economia nem nada, cada um tem uma cisma, uma coisa. Está nos dedos da gente. [*risos*]

TP: A senhora não gostava muito?

ALO: Não, não gostava de ficar... Depois, fica empurrando pelinha, não é? [*risos*] Tinha [*inaudível*] e acabei com isso. E depois me ensinaram, quando a gente ia para o chuveiro, tomando banho, então, se fizesse assim com a mão, a pelinha não incomodava.

TP: Não Incomodava.

ALO: Até hoje.

TP: Mas é mesmo? [*risos*] Uma boa fórmula.

ALO: O branquinho que aparece, não é?, já não faço mais não, agora já acostumei no lugar. A gente mesmo cuidava. Mas houve um tempo que eu era muito caprichosa, e me lembro que o meu marido – eu não sei se já contei isso – ele reclamou e falou comigo, assim: “*Olha Alaíde, eu vou falar uma coisa para você, seja assim caprichosa, não perca esse capricho não, porque às vezes você fica assim displicente, você deve conservar essa elegância bonita*”, não é? [*risos*] [*fala incompreensível*] – Então eu lembrava sempre disso, tinha um certo cuidado, sabe? Mas depois, eu fiquei um pouquinho displicente, fiquei mesmo, filho, aula e leitura, era tudo muito mais importante, sabe? Esqueci um pouco de mim. E aí as meninas começaram a crescer e eu percebi que as duas estavam assim como eu também, desinteressadas, não é? Porque eu via outras, todas. Porque, você vê, têm umas meninas que, dez ou onze anos, estão todas arrumadinhas, querem isso, querem aquilo, não é? Então eu disse:

“Bom, está na hora de eu voltar para dar bom exemplo”. E passei a ser caprichosa e até hoje, “tô que tô” [risos]

TP: É, a senhora conserva bem esse hábito. A senhora está sempre muito elegante.

ALO: [risos] Então, passei a ter esse hábito, e elas, acho que aprenderam até demais, sabe? Porque não concorro com elas. [risos]

TP: Só para complementar essa informação, essa Madame Levy, que a senhora fez referência, era um salão de beleza mesmo, ou ela atendia em casa?

ALO: Não, não, era um salão. A gente ia no salão. A gente ia. Eu acho que ela só cuidava mesmo do cabelo.

TP: E onde era, D. Alaíde, a senhora se lembra?

ALO: Sabe que agora eu não estou lembrando. Quantas vezes eu já fui? Depois ela mudou E agora...

TP: Mas ela era uma pessoa conhecida?

ALO: Era conhecida, Madame Levy todo mundo sabia quem era. E ela cuidava muito bem. Deixa eu ver. Por exemplo, se tem uma festa então, ia especialmente. Agora, eu ia assim uma vez por semana para...

TP: Para assim, manter o cabelo?

ALO: É, para manter o cabelo. E ela tinha um jeito. E não era coisa assim dispendiosa não, porque a gente vivia com uma certa economia, se fosse... Pensa bem, mesmo hoje eu vejo a diferença de preço, hoje. Em um, você vai cortar o cabelo, não é? Mesmo se for fazer uma proporção com a desvalorização do dinheiro, ainda é muito mais que naquele tempo. Mas também, em 15 minutos o cabelo estava pronto. E se precisasse cortar, cortava e ondulava. Porque usava cabelo ondulado. Você vê aquele retrato, eu trouxe do Rio, porque lá também eu fazia a ondulação, depois...

TP: Mantinha, não é?

ALO: É. E alfaiate também, tinha um que era afamado aí...

FIM DO LADO A DA FITA 07

Entrevista – fita 07 lado B

TP: Esse alfaiate então que a senhora falou...

ALO: É, o alfaiate, era Andrade que ele chamava, sabe? E eu me lembro que o Lourenço, ele foi do Caraça, depois foi interno de colégio e tudo, quer dizer, não tinha contato assim social propriamente, nem contato social, não deve ser... o que deve fazer isso, isso mais aquilo, não é? Mas ele fazia ternos para ele. Então no casamento, ele deixou - depois que eu fiquei sabendo, a gente não usava também meter muito. Hoje tem influência, não é? A mãe chega e: “*Nossa, onde é que você vai fazer seu terno?*” “*Ele vai ser assim?*” E a sogra, e todo mundo entra. Naquele tempo, o moço era respeitado e ele também respeitava a gente, cada um resolvia o seu... cada um tinha as suas funções. Eu tinha de fazer o meu vestido de noiva à minha moda, e ele tinha de fazer o terno dele à moda dele. Mas como ele não tinha assim a família, o Andrade fez todo o modelo. Então usava jaquetão, de quatro botões, trespassado, e a calça listrada, escura também. E a camisa, colete. Então, ele chegou bem alinhado, parecia que ele estava desfilando [*risos*] É, ele chegou lá todo elegante, todo elegante lá com o terno do Andrade.

TP: Do Andrade. E esse Andrade era um alfaiate famoso também, na cidade?

ALO: Alfaiate afamado aí, é. Esses senhores todos aí gostavam dele, ele era muito, e, muito assim educado e tudo.

TP: Bom, muito bom! Acho que...

ALO: Falamos de roupa, de armazém, de...

TP: É, estamos lembrando de velhos hábitos aí, não é D. Alaíde [*risos*]

AT: Livraria, a senhora não vai...

ALO: Ah, livraria! Você imagina, falei tanto em livros e não falei em livraria. A livraria afamada do tempo aí era a Francisco Alves, sabe? Até mesmo, inclusive, eu fiz lançamento de livros lá e tudo mais, no tempo da própria livraria. Mas, naquele... Ela antes não era na rua da Bahia. Onde é que era? Francisco Alves. Não era nessa casa,

era rua da Bahia, mas o número me foge. E tinha o seu Castilho que era afamado lá, que atendia todo mundo, que era representante da Alves do Rio de Janeiro. Então, eu tinha sempre muito livro, não procurava livro eu mesma porque eu tinha que escolher entre os dez que o Lourenço [*risos*], escolhia. Eu achava uns dois para mim, não é? Porque ele vivia... A paixão dele toda vida foi livro, então ele comprava. E, qualquer notícia que ele tivesse, de livro de fora também, era só falar, a Francisco Alves encomendava, sabe?

TP: Sei! Fazia o pedido?

ALO: É, a mesma daqui fazia o pedido. Então...

TP: Mesmo de livros importados, não é?

ALO: E mesmo até lançamento, lancei livro também na livraria Francisco Alves. E a pessoa ia para lá, ficava, às vezes, em pé assim lendo, escolhendo, comprava dois, três. Porque então, naquele tempo, não tinha muita diversão em Belo Horizonte, os intelectuais ou semi-intelectuais também sempre gostavam de ler. Mesmo não produzindo, procuravam em geral a livraria Alves. Depois tinha a Rex, que também...

TP: Na Praça Sete, não é?

ALO: É! Mas já foi, já foi posteriormente. Onde a gente também encontrava, mas a Rex também vendia muito livro escolar.

TP: E a livraria Itatiaia, a senhora se lembra de ter freqüentado?

ALO: A Itatiaia já começou mais tarde também, a Itatiaia era dos Moreira, não é?

TP: Isso.

ALO: É. Até, engraçado, foi fundada não sei qual o ano, mas ela já era, a gente já estava aqui há mais tempo, quando fundaram a Itatiaia. Eu acho que foi... Eu lembro do Edson, do outro mais novo, o Pedro Paulo, não é? Que agora tem também, a Itatiaia hoje tem até editora, não é?

TP: Exato.

ALO: Também, é.

TP: Tem editora agora.

ALO: É. E era dos irmãos. Depois o Vivaldi saiu da sociedade. O Vivaldi é um intelectual mais puro, não gosta, não gostava dessa parte muito comercial não. Bom, eu estou falando assim por minha conta, mas eu acho que era isso mesmo. E o Edson também não era muito interessado comercialmente, o jeito dele todo mais, mais... deixe eu ver, mais voltado assim para interesses culturais assim que propriamente para a parte financeira. Mas o irmão dele é que era o tipo mais comerciante da família, o Pedro Paulo. Justamente o que está lá com a livraria.

TP: Com a livraria.

ALO: Deixe eu ver outra livraria. Agora tem essas que são mais novas, Ouvidor, essas outras. Tinha a Pax também, que era um pouco antiga.

TP: Que é na Afonso Pena também, não é?

ALO: Na Afonso Pena, é. E a Pax também era bem freqüentada, era um pouco pequenina, uma porta só. Mas como havia o Café Pérola perto, e o Café Pérola também foi um Café que... Certamente já contaram alguma coisa para vocês do Café Pérola, porque esses homens todos iam para lá, tomavam café e ficavam na porta conversando. Você queria...

TP: E sempre foi um lugar só freqüentado por homens, não é?

ALO: E só eles...

TP: Não é, D. Alaíde?

ALO: É, mas é porque nesse período não usava mesmo, por exemplo, mulher parar e conversar com homem na rua [*risos*]... Então...

TP: Só eles é que podiam?

ALO: Eles podiam, Eles com eles, não é?

TP: É.

ALO: E se fosse com elas, as outras não deixavam. Engraçado, até hoje é uma coisa interessante, porque os homens, eles gostam de conversar com as mulheres, mas eles

têm um interesse qualquer, de um modo geral, para uma conversa assim coletiva entre homens. Até hoje a gente nota isso. Outro dia ainda eu estava vendo. Nós fomos num casamento aí, de repente as esposas estavam todas assim conversando e os maridos lá num outro grupo. Os maridos com os maridos, entre eles, e as esposas entre elas. Em vez de fazer aquele grupo misto, não é? Não, eu acho que ainda, eles sentem...

TP: A senhora acha então que esse é um hábito antigo que permanece?

ALO: É, é antigo. É, eu acho que há uma... Eu penso sabe, que é um problema de diferença de temas, de interesses. Porque há uma qualquer afinidade que a gente não define. Talvez entre eles mesmos... Agora, as mulheres, parece até que elas, procuram um pouco talvez...

TP: Mas a senhora diria isso mesmo no meio intelectual, por exemplo. A senhora acha que...

ALO: É, porque, engraçado...

TP: Que sempre havia essa tendência: os homens...

ALO: Até você chegava em festas, por exemplo, quando você via, estavam os homens todos juntos e estavam as mulheres do outro lado. Não era assim, não era que dissesse que era norma, que era para fazer isso. Não, era uma coisa espontânea. Eu acho que eles tinham prazer também de um reencontro, às vezes discutir negócios, que em geral mulher não acompanha muito. Naquele tempo acompanhava menos ainda, os negócios de marido. Agora, quando o interesse deles, por exemplo, se eram escritores que estavam conversando, mas também a mulher era assim, uma leitora de mais ou menos segunda categoria, você já pensou? *[risos]* Se alguma aparecesse com interesse, quer dizer, eles gostavam de saber o que achou do livro. Mas não nessa ocasião em que tem mais homem para trocar idéia, sabe? É interessante! Você vê, mesmo mulher escrever em jornal, é uma coisa muito rara.

TP: Rara, não é?

ALO: Aparecia poetizas, hoje em dia não chama mais poetiza, não é? Mas apareciam as poetizas, de vez em quando aparecia algum verso de poetiza. Então, todo mundo sabia que existia no Brasil a Francisca Júlia, que era conhecida. Cecília Meireles, que veio

um pouco depois, mas elas eram mais raras, não é?

TP: Sei.

ALO: Os homens... a quantidade... hoje é que há muita mulher escrevendo, não é? A gente não sabe até que ponto que está tudo bem, mas é... [risos] também é que muitas estão começando, não é? E acho também que o hábito de leitura, o homem é mais dedicado à leitura de que a mulher, eu acho. Mas é porque eu já ouvi falar que a mulher é intelectual de teimosia. Uma expressão que eles dão, sabe? Porque ela tem de acostumar a ler nos intervalos, não é? Ela não é uma pessoa que pode chegar... Por exemplo, o marido, mesmo que trabalhe a semana inteira, se sábado e domingo não trabalha ele não tem propriamente obrigação nenhuma. Nem que ele queira colaborar na família. Ele é livre, quem dirige, quem governa realmente é ela. E ela tem de estar sabendo tudo, tem de estar acompanhando tudo. Então, tem de parar e ler, o esforço é muito maior. Não, é muito, é muito. Eu vejo, mesmo hoje, por exemplo, às vezes numa hora em que você está com uma frase no meio e vem um para saber se faz feijão preto ou se faz feijão...

TP: A gente que o diga, não D. Alaíde? Tem que dar aula, tem que instruir as empregadas.

ALO: É, pois é!

TP: É verdade.

ALO: E às vezes você não quer ofender também, porque às vezes, estão sozinhos, um está lá, e vem contar um trecho de novela para a gente, você então larga e escuta o pedaço da novela. [risos] Mas são problemas de casa, que absorvem muito. Além do que as crianças sempre absorveram muito, não é?

TP: Também.

ALO: Agora depois não, depois que crescem eu acho que elas ajudam a mãe que é intelectual, sabe?

TP: É.

ALO: É, e depois, eu acho que...

TP: Por que, D. Alaíde?

ALO: Porque são mais críticas que o pessoal de fora, sabe? É, às vezes você precisa convencer que aquilo vai assim mesmo [risos]. E nós sempre tivemos na família esse costume, de trocar, um ler a do outro sabe? Mesmo os nossos irmãos todos, tinha o Zé Carlos que é escritor e tudo. Sempre um trazia para o outro ler antes de publicar sabe? E sempre muito objetivo. Mesmo a parte afetiva entrando, eles sempre foram muito objetivos. Eu acho que isso é que faz a gente progredir também. [o telefone toca nesse instante] [Interrupção de Fita]. O que é que nós estávamos, [risos], Está vendo, oh? [risos]

TP: A gente dizia que, para a mulher, é uma sobrecarga. A senhora estava citando aí essa idéia de que a mulher intelectual é uma teimosa, não é?

ALO: Agora, a gente está falando que essa colaboração da família, os filhos, que eu falei, os filhos colaboram. Hoje, por exemplo, se eu tenho os meus trabalhos, eles comentam. O que sai, o que eles acham, sabe? E, muitas vezes eles concordam, outras eles não concordam, mas de qualquer forma é um alerta. Porque, primeiro, com o marido, eu tinha muito, isso eu acho que eu já contei. Ele lia os meus trabalhos sempre, antes de publicar. E eu lembro que depois de um tempo eu falei assim: “*Olha Lourenço, você não está vendo, não atento a esses trabalhos*”. “*Não precisa mais*” [risos]. Então, [falas simultâneas e incompreensíveis], que eu já tinha progredido o suficiente, não é? Mas sempre é preciso, eu acho que sempre é preciso, porque às vezes, é uma coisa pequena que você se descuida, e pode evitar, não é? É sempre bom.

TP: Então a senhora sempre contou com o apoio tanto do marido, como dos filhos e os irmãos também, quer dizer, havia um tipo de troca.

ALO: Dos filhos e dos irmãos, sempre, havia sempre essa troca. Agora, o do marido, por exemplo, o tipo dele era assim um pouco diferente, porque ele é que tinha de estar satisfeito com aquilo que ele fez, sabe? Então, podia escrever duas até três vezes, se alguém achasse alguma coisa, não alterava para ele não. Ele já achou o que era, o outro não... tinha aquela segurança. E era um feitio. Mas a gente lia então. Muitas vezes lia antes, ou lia depois, mas, já era uma coisa terminada, afirmada, porque não era para ser... E ele era assim muito perfeccionista, mas, com esforço, com coisa pessoal. Ele mesmo que se aperfeiçoava. Não era de procurar reforço, não [risos]. A perfeição dos

outros [risos].

TP: Nós podíamos aproveitar que a senhora está falando disso e conversar um pouquinho – eu estou pensando até no tempo que a gente tem, talvez a gente até deixe para a frente a questão da faculdade, porque o tema está muito interessante, essa conversa aqui hoje. A senhora nos dizer um pouco como é que é – agora eu estou falando, primeiro eu perguntei para a Alaíde dona de casa, mãe de filhos e tal. Agora eu estou perguntando para a Alaíde, intelectual, não é nem a professora. É a intelectual. Como é o processo de criação da senhora? A senhora tem idéias a respeito do que a senhora está com vontade de falar e anota? Ou a senhora grava o que a senhora está pensando para depois escrever sobre aquilo? Como é que se dá isso, dona Alaíde?

ALO: Bom, o que partiu... São dois aspectos em que eu fiquei mais ou menos intelectual Um, na literatura infantil que foi mais literário, o primeiro momento, não é? E o outro que era mais de ensaísta, se quiser, que foi a partir da professora universitária.

TP: Sim.

ALO: Então, os meus trabalhos, por exemplo, de magistério, em geral eles iam nascendo proporcionalmente. Por exemplo, meu livro “Ensino de língua e literatura”. Eu ia descobrindo os problemas todos, e esses problemas eu ia transmitindo. Então, a cada aula nova que eu dava, ou cada aula não nova, a mesma aula que era sempre diferente, porque eu sempre aperfeiçoava a minha aula, eu progredia. Quando chegava num ponto em que eu... sobre aquele tema, que já chegou para poder ser escrito, eu fazia os capítulos, ou fazia um artigo. E depois esses artigos eram aperfeiçoados e transformados em livros.

TP: Então a senhora amadurecia a idéia no processo de dar aula?

ALO: Amadurecia no processo de dar aula e de estudar para a aula. No processo de estudar para a aula, de dar a aula, a reação, e de reorganizar o trabalho.

TP: Sim.

ALO: E esses são, por exemplo, “A Nova Didática”, o livro didático foi tese também, foi justamente pelo mesmo processo que a gente faz. A gente vai e busca, a gente está sempre pesquisando, no fim. Mas não é uma pesquisa, essa pesquisa com esse sentido

completo de todos os pormenores da pesquisa. Quando você é professora, você tem de dar um tema, você vai pesquisar, vai procurar nos livros. Às vezes livros diferenciados. Então quando eu dava didática de português e literatura, não havia nada, quer dizer, quase que você tinha de criar. Como deve ser ensinada a literatura, no sentido da... [o telefone toca nesse instante] [Interrupção de Fita].

TP: A senhora estava dizendo sobre a dificuldade, porque quase não havia material sobre literatura...

ALO: Ah, pois é, então, como é que eu escrevia. Pois é, então, a gente tinha de procurar, procurar no estrangeiro e ter... Eu tinha uma certa facilidade, no francês eu lia muito bem, no inglês eu lia livros técnicos, assim, também tinha facilidade, e sempre procurando e recriando, não é? De sorte que o meu livro, ao mesmo tempo que ele tem uma certa erudição, ele tem muita assim criatividade, mas é porque a criatividade da gente, ela não vem, não brota sozinha, ela tem sempre atrás dela uma coisa que foi vista, que foi ouvida, que foi lida, alguma lembrança que ficou. Porque a criatividade vem de uma sucessão, é uma provocação. Ela vem de provocações. Então a gente é provocada e cria. E quando cria a gente experimenta e vê que dá resultados e a gente continua. De sorte que esses livros, e essa parte de artigos que me pedem, sempre baseado nisso. Agora, por exemplo, outro dia eles me pediram para fazer um trabalho sobre... Me deram o título: “*A Bela Língua Portuguesa*”. Era uma conferência, mas era num jantar lá no [nome do lugar], quer dizer, entre brasileiros e portugueses, não é? E eu preparei o trabalho, quer dizer, ele nasceu, nasceu naquela semana quase, naqueles dias que ela pediu. Então eu fiz foi uma volta. Vocês estão falando: quem sabe não é por causa dessa entrevista? Que eu também fico fazendo memórias, não é? Então eu comecei a lembrar que mamãe era filha de portugueses. Ela perdeu o pai aos sete anos, mas ela sabia de cor os trechos dos *Lusíadas*, que ela aprendeu assim, o pai recitava e ela ouviu. Então, às vezes ela estava arrumando assim a casa “*As armas e os Barões assinalados que da ocidental praia lusitana*” e aquele ritmo, e eu achava aquilo interessante. Algumas vezes, talvez uma, duas ou três vezes ela fez isso. Então, num primeiro momento... a melodia do Camões, a melodia da frase foi ficando, não é? E eu fui fazendo assim a sucessão do trabalho, fui chegando num Vieira, num Bernardes, fiz um estudo. Bom, então foi criado, foi criado o trabalho. Agora eu até

mandei para não sei se... Então mandei para... Sabe, essa revista de São Paulo, chama “*D. O. Leitura*”, você conhece?

TP: Não.

ALO: É “*D. O. Leitura, Diário Oficial Leitura*.” É um suplemento literário.

TP: Sim, do Diário Oficial?

ALO: Do Diário Oficial de São Paulo.

TP: Não, não conheço, não.

ALO: Até não sei se [*inaudível*] colabora, porque ele mudou para São Paulo, e sempre trabalhos muito bons. Então era assim. Eu fui ler, comecei a receber o jornal, eu li que podia mandar a colaboração. Agora, eles avisaram que se não aceitassem eles não devolviam não. Não ficavam com obrigação nenhuma, tudo o que eles faziam... [*risos*] obrigação nenhuma de devolução, não é? Então mandei, mandei esse.

TP: E já teve resposta?

ALO: Ontem eu recebi um telefonema de São Paulo, que foi publicado nesse número.

TP: Ah, que ótimo!

ALO: E que pagam, ainda tem isso.

TP: Oh, mas que coisa boa, não é D. Alaíde?

ALO: E pediram colaboração para mandar, para mandar mais. Então você está... Tem uma certa relação, você está falando como é que nasce, como é que você cria, não é? Como é que... Eu quis falar sobre a beleza, “*Bela Língua Portuguesa*”, o título que me deram. E eu fui pensando, e a coisa foi saindo. Primeiro eu peguei do Camões, depois eu pensei na bela língua portuguesa no Bernardes e no Vieira, não é? Eu gostava muito dos dois, mas sentia uma diferença muito grande de um e de outro, não é? Então agora eu pude mostrar a diferença, a bela língua em Vieira e a bela língua em Bernardes. Um trechozinho que mostrava a diferença do estilo, do uso da língua e tudo. Depois eu fiquei pensando no Machado de Assis, e pensei no Guimarães Rosa. Você vê que coisa, como que a bela língua portuguesa do machado de Assis é tão diferente, é muito diferente da bela língua... mas eles têm beleza. Então, que beleza que há no Guimarães

Rosa...

TP: Então a senhora já estava pensando nesse trabalho, ou esse é um novo?

ALO: Isso tudo eu estou contando o que já fiz.

AT: É o que foi publicado.

TP: Ah, então foi esse? A senhora chegou então a trabalhar Machado de Assis e [*inaudível*]

ALO: Não, não, pouquinho, não é? Porque foi uma palestra numa noite. Então, eu... as idéias... você está falando da idéia, como é que vem a criatividade, quer dizer, você não sabe. Agora, quem te fez ver... O Bernardes me traz essa lembrança. Agora mesmo nós vamos ver aqui, de repente você vê o Machado de Assis que você lia. Agora, por que há beleza também num Guimarães Rosa? Você não está pensando a bela... a língua portuguesa tem tanta gente que escreve diferente, e no fundo é a mesma língua. Então é cada um, fui chegando, até chegar nos poetas, noutros poetas. Depois achei uns trechos muito interessantes de alguém que comentava a língua no século XVI, sabe? A gente vai procurar alguma coisa comentando da língua, da nossa língua, e falando das vantagens, das belezas da nossa em relação ao italiano, ao francês; tem isso do francês, tem aquilo do italiano. Então eu fui encontrando essas coisas curiosas. E aí, agora eu arrumei muito serviço, e ela disse que iria mandar mais dois números.

TP: Ah, a senhora falou e nós queremos ver sim.

ALO: Agora eu já te contei. Então é para te mostrar, a criatividade mesmo é um estudo, não é uma criatividade... Agora, por exemplo, nos livros de literatura infantil. Citar a “*Bonequinha Preta*”, por exemplo. Como é que ela veio? Então eu costumo dizer que, às vezes, é uma lembrança também afetiva. Porque Preta? Muita gente pergunta, porque ninguém falava em bonequinha preta. Você nunca viu em loja, você nunca tinha visto em loja bonequinha preta. Por que é que eu fui inventar uma bonequinha preta, por que ela veio? Eu não defino, ou na hora eu não definia, mas hoje eu penso, que eu gostava da preta, da preta que era minha babá.

TP: Que era babá.

ALO: Pois é! Então, uma homenagem... eu fui bonequinha branca, de uma babá preta. Então agora eu sou a branca com a bonequinha preta, criei a bonequinha preta. Agora,

a gente se surpreende a cada momento, você vê o problema de, de, de criança, de leitura. O “*Bonequinho Doce*”, por exemplo, você leu? O “*Bonequinho Doce*”, o motivo não é original, aí já é outra coisa. Eu li diversas, são histórias populares de um bonequinho que é feito de massa. Não tinha o doce não, o doce já foi criativo. Que já criou, deu um sabor diferente, não é? É, então isso é que a gente... Mas eu pus lá, motivo popular, não é? E, e esse boneco foge, e aí, até aí a coisa é assim. Mas um, o lobo come, e o outro cai na água. Porque tem questões diferenciadas. Então eu fiz e comecei a parte afetiva. Elas queriam um irmãozinho para brincar, aquela coisa, você hoje está sozinha, vamos fazer um irmãozinho para brincar, então elas fizeram, e ele foge. Aí então eu comecei a pôr as pessoas. Então você associa. Tem um mais velho que corre atrás, então é a vovó, que foi atrás do bonequinho que fugiu. Agora, eu lembro que o papai não gostava de ser velho de jeito nenhum, ele nunca quis ser velho, sempre se conservou jovem. Então eu pus o tio, para não falar o avô! [risos] Mas você vê que no fundo a realidade vem, e se funde na fantasia. E aí a gente faz. Mas o que me surpreendeu agora foi um menino que conheceu a minha netinha e disse: “*É a sua vó que escreveu, a sua vó? Você me leva lá? Será que ela me ensina a fazer o bonequinho?*” Então aí é que eu compreendi: eles pensam que eu fiz e o bonequinho andou e falou, entendeu? Isso foi uma descoberta para mim agora.

TP: Muito interessante. Tanta imaginação, não é?

ALO: É tanta a deles, você vê a deles, eles acham que eu tenho o poder. Então eu entendi também quando eu fui a Santa Luzia, que eles me conheceram e que o [inaudível] lá trouxe e uma criança escreveu: “*Fada existe*”, não é? “*A D. Alaíde*”. Porque eles achavam que só fada podia fazer o bonequinho andar e falar, não é? De repente eles me viram, então a fada existe. Aí, mas eu entendi depois, entendi depois, que eles queriam: “*Será que ela me ensina?*” Quer dizer, ele achou que era um segredo meu fazer o bonequinho. Você vê como é que é criança. Você, quando escreve para criança, acho que a gente deve ter uma delicadeza, eu não posso ser demais realista, essas coisas assim não, sabe? Chocantes. Eu acho que deve ser sempre o mais delicado. Eu mesma achei que eles iam sofrer com o bonequinho se desmanchando n’água, e sofreram. Muitos contam que choraram e tudo. Hoje estão grandes e falam o quanto que sofreram [risos] Eu devia ter tirado, feito um transplante, não é? [risos]

TP: Mas, sobre esse assunto...

ALO: Então... criativa... Pois é, aí a criatividade... Por exemplo, agora eu estou fazendo uns poemas. Eu até estou chamando... Outro dia eu vi, fizeram um jornal especial do [Caxeta] um poeta de Patos de Minas. E então ele, ou publicou um livro, ou ele que criou, eu não sei, mas depois eu já vi escrito, chamando de prosoemas. [risos]

TP: Prosoemas?

ALO: Prosoemas, alguns que ele fez. Então eu achei o nome muito bom, sabe?

TP: A senhora está fazendo prosoemas?

ALO: Porque os meus mesmos são prosoemas. Vê, todo mundo falando que é poema, que é poema, é poema... Mas eu tenho um certo receio ainda... Tanto é que ainda não publiquei não. Quer dizer, às vezes sai aí no jornal alguma coisa, não é? Porque, eu ainda tenho de me definir assim nessa parte poética propriamente, porque a sensação que eu tenho lendo poesia criticando poesia... Porque eu sempre fiz muita análise, porque eu estudava muita análise de texto. [o telefone toca nesse instante] [Interrupção de Fita] Então, porque eu justamente, eu criticando poesia, eu analisando poesia, fazendo análise de texto com os alunos, a gente sente, sobretudo a poesia moderna, ela é mais velada. Agora, antigamente o clássico, muito clara, não é? É nítida! Você quando lia um poema antigo, você sabia o que estava sendo dito, no soneto. Agora você lê hoje a poesia moderna, você quase que inventa o que eles disseram, porque às vezes não está claro. E até eles dizem mesmo que cada leitor se projeta naquilo que eles escrevem. Então esse velado, o meu jeito, mesmo na prosa que é uma coisa que toda vez gerava elogios, da clareza dos meus textos, mesmo em prosa. Então é uma tendência de ser clara, e na poesia você tem de ser mais velada, mesmo que seja simbólico. O simbolismo, hoje por exemplo, não é aquele... Porque o simbolismo antigamente era definido. Você já sabia o que estava sendo simbolizado ou simbolizando, não é? E na poesia de hoje são alusões mais vagas. Mas eu acho que está havendo uma tendência, uma volta à esta coisa mais... Se houver esta volta então, não precisa chamar de prosoema não. [risos] Mas eu queria muito fazer feito [inaudível] que é prosa poética, não é? Você vê aquele quadro dele, como é? “*Dormi e pensei que a vida era alegria. Acordei e vi que a vida era servir; depois servi, e vi que*

servir era a alegria”, não é? Quer dizer, é um texto assim, é prosa e é poesia.

TP: Agora deixa eu fazer uma perguntinha para a senhora. Duas aliás. Uma, eu gostaria de saber, quando a senhora vai falar publicamente, como a senhora fez referência à essa exposição que a senhora foi fazer sobre a língua portuguesa, a senhora sempre prepara um texto, a senhora tem por hábito, quando vai falar em público, ler alguma coisa que a senhora preparou antes, ou falar espontaneamente, a partir de um assunto que a senhora estudou?

ALO: Não, quando eu vou falar assim, ou fazer uma palestra, em geral eu faço, escrevo e faço uma leitura, uma leitura como se fosse uma conversa, mas levando o texto. Eu faço um apoio, muito forte, porque é o que está ali mesmo, sabe? Apenas a maneira de apresentar fica talvez mais... O tom até, acho que não é nem da parte de concordância, regência, tudo, que ela fica perfeita no texto. Eu faço leitura. Agora, falar sem escrever, é engraçado, eu sinto uma diferença muito grande porque... aula a gente não dava com papel na frente, não é? Algumas vezes você fazia um esquema no quadro e depois, desenvolvia. Ou então você levava um esquemazinho de três, quatro palavras, e você dava a aula sobre aquele tema. Eu sempre tive muito desembaraço nisso. Eu tinha domínio também, eu estudava muito, eu tinha domínio da matéria, e isso ajudava. Mas o que acontece é que, às vezes, você tem.. Agora, vai falar, não é a mesma coisa, você sabe que não é a mesma coisa. Então eu me lembro sempre de falarem... Uma vez convidaram um padre para fazer um discurso e ele disse: “*Não, só sei falar no púlpito.*” E eu tinha a idéia de que precisava me dar uma mesa de professora para eu ficar desembaraçada para falar. Então eu prefiro, sempre quando falo assim, prefiro sempre falar escrevendo. Agora, quando eu era mais jovem... Eu não sei se já contei esse caso para vocês, dessa parte aqui, mas então eu vou contar. Quando eu era mais jovem, a memória era muito boa, e eu me lembro que eu fui nomeada Assistente Técnica de Ensino e andei viajando. E estive, acho que esse caso foi em Itabira. E aí me contaram em segredo, reservadamente, que iam fazer uma homenagem para mim. Porque a inspetora escolar chegava tinha sempre – acho que eu não contei isso não, não é?

TP: Não, a senhora não contou não.

ALO: Tinha sempre festas, e eles faziam comemorações e tudo, sessões solenes, a gente tinha de ir para a mesa. A gente estranhava porque tinha acabado de sair de cursos, então fiquei preocupadíssima. Porque eu disse: “*como é que eu vou falar*”. Eu ficava na casa das irmãs, tinha um quarto lá em... Como é que foi? Hotel, sei lá. E então eu escrevi e decorei o discurso que ia fazer. E depois chegou na hora, e tal, eu levantei... e fazia as minhas pausas, porque a gente quando é jovem, a memória é muito boa, não tem problema nenhum, tudo certinho. E fazia as minhas pausas, como coisa que eu estivesse procurando, enfim. E quando acabei, o diretor disse assim: “*Nunca ouvi um improviso tão bom.*” Eu fiquei com uma vergonha, eu não tive coragem de falar: “*Não foi improviso não!*” [risos] Não foi improviso. Estava tudo decoradinho, bem ensaiado. A gente quando é jovem, a gente tem uma coragem, não é? E dramatiza, não é? E foi...

TP: O diretor ficou impressionado com o improviso?

ALO: Com o improviso, um improviso tão bom.

TP: D. Alaíde, acho que, para terminar...

ALO: Isso é para mostrar para você que eu não... Minha tendência é mesmo, ou ler, ou dar aula que eu então improviso. Não é improviso, a fala é que é improvisada, a aula é preparada.

TP: É bastante preparada, não é?

TP: Mas então, eu acho que para terminar nossa entrevista de hoje, nós estamos no finalzinho da fita, eu queria fazer uma pergunta sobre a rotina de trabalho da senhora hoje, ou seja, a senhora já nos deixou claro que a senhora está sempre envolvida com algum trabalho, seja escrevendo um ensaio, seja escrevendo a sua prosa-poema, não é? Hoje, depois que a senhora se aposentou, hoje em dia, a senhora tira, como é que é a sua rotina, a senhora tira algumas horas por dia em que a senhora se fecha no seu gabinete de trabalho para escrever, ou não? A senhora faz isso em função de alguma idéia que lhe venha naquele momento?

ALO: Não, não é sistematizado não, para mim. Mas em geral, eu sinto que a produção escrita, a produção para publicação, de manhã eu tenho mais facilidade. Na parte de redigir, de pensar, e de organizar as idéias, eu tenho de manhã. Tanto que às vezes eu

fico, eu morro de raiva de jornal, porque quando a gente vai ler o jornal primeiro, o jornal sempre... Não pode parar, não é? Tem quatro jornais, daqui a pouco o outro, e tem mais notícias. Então eu às vezes, o que eu faço, eu deixo o jornal para depois. Porque se eu leio o jornal primeiro, já dá um certo...

A

Afonso Pena, 15, 23
Andrade, 21

B

Bernardes, 29, 30

C

Colombo, 6, 7, 8

L

Lourenço, 1, 4, 21, 22, 26

M

Madame Levy, 18, 19
Minas, 11, 12, 13, 32
motocicleta, 1, 2, 3

P

prosoemas, 32, 33

S

simbolismo, 33

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL E
ANNY TORRES
ENTREVISTADO: ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 17 DE ABRIL DE 1991

Entrevista – fita 08 – lado A

AT: Hoje é dia 25 de junho de 1991, nós estamos entrevistando dona Alaíde Lisboa de Oliveira e a entrevistadora é Thaís Pimentel.

TP: Bom D. Alaíde, o que nós combinamos para hoje, então, é da senhora nos contar a sua versão pessoal. É bom a senhora estar dando essas referências para a gente, do anuário, que depois a gente vai ter a oportunidade de ver melhor. Mas nós queríamos que a senhora nos relatasse, como esposa do professor Lourenço, que foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, como foi que a senhora acompanhou esse processo, em que medida a senhora discutia com seu marido em casa sobre as idéias de fundação da Universidade, e nisso a senhora nos contar até o seu próprio ingresso na Faculdade de Filosofia.

ALO: Bem, eu não fui fundadora propriamente. Talvez eu possa ser considerada fundadora da cadeira de Didática Especial, porque foi a primeira que teve uma, assim, professora em separado. A fundadora tinha sido a professora Celina Márcia de Almeida, que aliás tinha o diploma da Escola de Aperfeiçoamento, ela foi...

TP: Também.

ALO: Pois é. E isso também, acho que facilitou também a minha entrada e esse meu

concurso porque, se o diploma valeu como título para ser catedrática, então ele ia valer para você fazer um concurso de doutoramento também. Se for reconhecido também, a carta já dá o título de doutor. E nessa parte toda pedagógica minha foi por causa da Escola de Aperfeiçoamento. Porque quando a escola, quando a Faculdade foi fundada, eu não entrei logo, porque não foi criado o curso de pedagogia logo, e não foi criado o curso de didática. O de didática foi criado um pouco depois, com o de pedagogia. Quer dizer, o de didática só tinha sentido mesmo depois de três anos, porque era feito posteriormente ao bacharelado. Então, antes de bacharel, você não ia ter aluno para fazer curso de didática, tinha de ter o bacharelado primeiro. E esse grupo todo, eu me lembro, esse grupo que se reunia no Marconi, justamente que tem esses cinco nomes, acho que estão falando os nomes deles todos aqui, que foram os primeiros, nós vamos considerar fundadores mesmo da Escola, que arregimentaram outros. Então tem até os nomes deles todos, que depois foram fundadores de cadeiras, uma relação grande, tem. Então foi no Colégio Marconi, eu me lembro, o Espineli era o diretor do Colégio Marconi, era italiano, na Casa de Itália. E a idéia nasceu lá, justamente com diversos professores. Aqui não tem, por exemplo, não faz parte o Orlando Carvalho, que fazia parte também do Marconi, não é? E mais algum. Bem, aqui são os cinco e eles escolheram o Lúcio dos Santos, um nome de projeção quase nacional que ele tinha, acho que tinha projeção nacional mesmo. O José Lúcio dos Santos como diretor. E depois que organizaram o conselho. Então tinha o Veloso, que foi muito entusiasta também, o Brás Pelegrino que também, você vê, é Itália, o Espineli e o Brás, descendentes de italianos. Depois o padre Clóvis, que também era professor lá no [inaudível] e o José Lourenço de Oliveira, que era professor lá também. E eles começaram a discutir, e todos tinham um nível intelectual muito bom. E muito assim, conhecimento, e se encontravam, e cada hora uma idéia. E depois também começavam a se lembrar das pessoas competentes e capazes em Belo Horizonte que podiam fundar a faculdade. Porque você não podia procurar gente formada em Filosofia para ser professor, porque não existia antes uma faculdade de Filosofia. Nem de Filosofia, nem de Letras. Então você tinha de arranjar para as Letras, e eles procuravam em geral intelectuais, aqueles que tinham, ou que escreviam, ou jornalistas mesmo. Um foi o José Osvaldo de Araújo, que foi de português, e o Orlando Carvalho, que foi de

francês, formado em Direito. E na hora de física, química, eles foram procurar, por exemplo, ou na Medicina, ou na Veterinária, e depois matemática na Engenharia. Porque depois dos cursos feitos, hoje você já quer um professor de matemática para o curso superior, é formado numa Faculdade de Filosofia, porque antes ela não existia. Eles não tinham dinheiro nenhum, a coisa, como eles diziam, era um ideal, eles sonhavam, era só cultura. É engraçado, não é? A paixão de fazer uma Faculdade de Filosofia em Belo Horizonte para dar cultura, para criar um clima de cultura. E começaram, e depois prepararam até para fazer o vestibular, e enquanto isso os papéis iam andando, na parte formal. E eu me lembro, o Lourenço, justamente, o professor Luís, que era o meu marido, trabalhou muito no regimento. E eu lembro uma ocasião, que até você perguntou se ele, em casa, não falava, ele começava a discutir, dizer: “*vou convidar fulano*”, e tal “*ah, que bom*”, “*este tem muito valor*”. Agora, eu estava mais ou menos à margem porque não havia essa parte de Pedagogia e eu não entrei no meio, eu já te expliquei isso também, eu não estava com vontade de aumentar o meu trabalho. Mas o...

TP: Deixa eu só fazer uma pergunta para a senhora, que pode talvez ajudá-la a pensar um pouco sobre isso. Esses cinco professores que a senhora acabou de se referir, que eram colegas no Marconi, eles faziam reuniões no colégio e tal. E na sua casa, o professor Lourenço chegou a convidar essas pessoas? A senhora se lembra de ter assistido a reuniões deles, que estavam começando a fundação na sua casa?

ALO: Não, essas reuniões, porque em casa eu tinha essas reuniões, depois, quando vinham professores e tal, que iam lá em casa.

TP: Sei.

ALO: A gente tinha a casa aberta para receber sobretudo professores de fora que vinham, tinha muito contato. Mas, nesse momento, eles se encontravam no Marconi mesmo, porque além de já serem professores lá no colégio, eles tinham todo o jeito lá, porque eles já estavam reservando as salas e tudo. Tanto que o primeiro vestibular foi lá mesmo.

TP: No Colégio Marconi?

ALO: No Colégio Marconi. E a inauguração foi lá também, no Colégio Marconi.

TP: Ah sim. E o Colégio Marconi funcionava onde funciona até hoje?

ALO: Não, o Colégio Marconi funcionava ali onde funcionava a Câmara Municipal, que agora eles derrubaram, não é?

TP: Ah, onde foi a Casa de Itália?

ALO: A Casa de Itália.

TP: Ah, o Marconi foi ali?

ALO: Foi ali, ele começou ali.

TP: Ah, muito bem.

ALO: Ele começou ali. Depois Casa de Itália, e depois foi...

TP: O Colégio Marconi e depois a Câmara?

ALO: É, a Câmara foi depois, depois que ele saiu Então, quer dizer, não tinha despesas. Agora, aconteceu que foi naquele período, foi um pouquinho delicado. Tanto é que tem gente que falava que a Filosofia foi fundada dentro de um espírito... Não é fascista, não é?

TP: Autoritário?

ALO: Autoritário, porque era aquela turma, que de certa forma apoiava a Itália, tornava... O Brasil não tinha ainda entrado em guerra, nem nada. Mas o que foi interessante, aquela coisa que a gente estava falando de conversar pessoalmente, uma coisa, assim delicada, porque eles estavam fazendo o regimento, e eles fizeram, tinha lá uma cláusula. E eles de vez em quando liam o regimento para mim, liam umas coisas, discutiam. Não muito, porque eles tinham lá as idéias deles. Mas era assim, quer dizer, eles eram os donos, os donos da escola. A escola não tinha nada, mas eles eram os proprietários de uma Faculdade de Filosofia que estava nascendo. E que iria funcionar ali e tal. Então tinha a declaração que em caso de morte não havia transferência para herdeiro. Quer dizer, era mais ou menos particular, não é?

TP: Sei.

ALO: Então, se morresse qualquer daqueles fundadores, não passaria para herdeiro, quer

dizer, continuaria com o outro grupo de fundadores apenas. Mas aí... E entre os fundadores estava a Casa de Itália. Então você sabia quando é que a guerra podia acontecer, não é? EU disse: “*Olha, mas se for assim, no fim fica com a Casa de Itália, porque ela não morre*”. Porque os outros... [risos] Eles riram, que realmente, acabava transferindo para ela. Então não sei como é que eles resolveram lá o problema jurídico [risos]. Porque ela, não tinha passagem, ela não teria herdeiros nem precisava ter, porque era a idéia de permanência. Agora, não teve a permanência que era para ter, porque houve a revolução, e a Casa de Itália, não sei se a construção teria sido do governo para ser a Casa de Itália, se era um convênio ou o que era, mas houve aquele, uma espécie... Eu não posso usar a palavra... esses prédios e essas propriedades que eram assim, voltaram para o Estado ou para a Prefeitura.

TP: Sei.

ALO: Então, você vê que o Marconi, por exemplo, acabou que eles chegaram a construir.

TP: Acabou voltando para o Estado.

ALO: Lá passou para a Prefeitura, não é? E ali também virou coisa oficial do Estado. Mas eu acho que... Porque tinha sido [*inaudível*] para ser aquilo, parece. Então, eles assumiram. E um justamente, o Espineli, que foi o que não quis permanecer, porque tinha de se naturalizar para ser professor no curso superior.

TP: Ah, sim. E ele não tinha naturalizado ainda?

ALO: Não, ele não quis, porque podia, era fácil de pedir, não é? Ele não quis. A gente compreende. Você vê, se você ama a sua pátria, você... Porque a naturalização devia ser assim, uma naturalização que implicasse você continuar tendo os dois. Não ser naturalizado, não é? Naturalizado brasileiro, mas sem perder a... Não perde de fato, mas parece que há uma alteração, você passa a ser brasileiro, não é?

TP: Exato. E tem que escolher entre um e outro, não pode optar por...

ALO: É, parece que é uma opção, parece que é uma opção. Isto é que eu acho desagradável. Se você pudesse somar, não é? Então... [risos]

TP: Uma nova nacionalidade.

ALO: É, uma nova, não é? Eu sou da Itália e eu sou daqui. E eu compreendo muito bem esse escrúpulo de deixar a própria terra. Agora muitos não vêm aí... Têm a maior felicidade de se naturalizar, não se preocupam. Isso não quer dizer que deixem de amar a Itália, menos ou menos. Então eles fizeram. E a inauguração foi no dia 21 de abril, lá na Casa de Itália ainda.

TP: 21 de abril de? De mil novecentos e...

ALO: 1939.

TP: 39.

ALO: É, 39. Então foi inaugurado. E aí que eu lembro que quem falou foi o Mário Casassanta, que não está constando desses. Não sei se depois diz.

TP: E a senhora...

ALO: Aqui tem os primeiros diretores, quer dizer, o primeiro diretor foi o Lúcio dos Santos. Aliás, o Lúcio dos Santos tinha sido primeiro diretor da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de...

TP: De onde a senhora estudou?

ALO: De Minas Gerais. É, eu e a catedrática Francelina Matos...

TP: Se formaram?

ALO: Também, não é? E tinha tido as colegas. Eu acho que foi a lembrança dele trazer a escola, porque na Pedagogia você não tinha onde buscar. Não tinha. Você tinha que procurar mesmo na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico que estava junto, que veio junto. Depois, então, fundaram. Agora, depois tem aqui o reconhecimento, aqui essa parte toda com data aqui, até aqui você pode ler que tem assim as datas. A fundação foi em 21 de abril de 39. Depois, a autorização para funcionamento já foi em 40, mas quer dizer, para funcionamento oficial, mas ela funcionava desde que fizeram...

TP: Desde a fundação?

ALO: É, desde a fundação. E eles davam cursos. Cursos de graça, trabalharam, acho... eu pensava que eram seis anos, acho que foram oito anos. Ganhavam nada, nada, nada. Não sei se os alunos pagavam alguma taxa. Talvez pagassem para dar para os

funcionários, não é?

TP: Isso a senhora não tem certeza.

ALO: Não sei se havia. No vestibular, eu sei que não pagava nada.

TP: Hum, era grátis.

ALO: O vestibular ia lá, era de graça, completamente gratuito. E era cheia a sala. O Lourenço dava latim, o Orlando Carvalho dava francês, o padre Clóvis dava Filosofia. Agora eu não estou lembrando dos outros. Português era o José Osvaldo, não sei se eram eles que davam as aulas de português do vestibular, preparando a turma, não é?

TP: D. Alaíde, e o professor Lourenço, ele, logo a partir da fundação da faculdade, ele manteve o trabalho dele no Colégio Marconi, ele conseguiu conciliar as duas coisas, ou ele ficou exclusivamente por conta da faculdade?

ALO: Não, ele continuou a dar...

TP: As aulas?

ALO: As aulas dele. E depois nessa ocasião, ele já era professor também no DI.

TP: Já estava no DI.

ALO: Então ele tinha... Porque antigamente o professor tinha um pouco de regalia, que eu acho que isso é que tem mudado. Porque nós tínhamos férias muito longas. A gente cumpria muito o dever naquele período, mas as férias, eram três meses de férias no fim do ano. Dezembro, janeiro e fevereiro. E quinze dias, a gente tirava em junho, de 15 a 30 de junho. E nas férias você podia trabalhar, não é? Então nas férias as pessoas todas eram dedicadíssimas na...

TP: Se desdobravam na faculdade?

ALO: Organização da faculdade. E mesmo o vestibular, por exemplo, eles estavam fazendo no período de férias, não é?

TP: Agora deixa eu fazer uma perguntinha mais pessoal para a senhora. Nesse período, eu imagino, da fundação, como a senhora mesma está dizendo, o professor Lourenço dava aulas no DI, continuava dando aulas e se desdobrando para garantir aí a consolidação

da Faculdade de Filosofia. A senhora, como esposa, se queixava muito, assim [risos]: “*Você está trabalhando demais, não sobra tempo para a família, para os filhos*”. Ou a senhora incentivava?

ALO: Não, eu achava, deixava natural, nunca interferi muito. Mas não achava que ficasse assim longe, porque todas as horas livres dele eram em casa. Porque ele não era homem de gostar de ir tomar um café com um colega, ou beber uma cerveja não, sabe? A casa era o descanso dele. Então ele chegava, ele estava sempre em casa. Sempre, quer dizer, tirando as horas de aula. Ele vinha muito, acho que ele nunca almoçou fora, sabe? Nunca almoçou fora, nem jantou fora assim, nem... Esse dever de ir para a casa para almoçar, ele tinha. Do trabalho...

TP: Conseguia manter a rotina normal?

ALO: É, é. Engraçado, eu acho que eu nunca interferi... Agora vou fazer o exame de consciência. [risos] Nunca interferi muito para alterar a vida dele. A gente conversava, discutia: e isso agora, como é que vai ser? Vai falar o tal fulano? É, às vezes ele chegava e dizia assim: “*Olha, hoje nós pensamos em fulano*”, não é? E eu dizia: “*Oh, que bom! Muito bem lembrado*”. Ou senão eu dizia: “*Bom*”. Mas assim, de passagem quase, porque eles é que faziam o trabalho com toda a seriedade. Agora eu sei que o regimento, ele...

TP: Ele trabalhou especialmente com o regimento, não é?

ALO: Ele trabalhou muito com o regimento. E esse eu lembro, o regimento, de eu ler e tudo, porque quando eu lembro que eu fui ver que, quando comecei a ler, não tinha... Talvez até eu estivesse procurando saber se os filhos iam herdar a escola, não é? [risos] Talvez eu estivesse, não sei se eu estaria preocupada também já com o futuro da família, porque naquele tempo de luta, não é? E quando eu vi que... Bom, esse já ficou, mas também não vai ficar só para... [risos] Aqui, então, continuando, você viu como é que foi: aprovação do regimento em 40, reconhecimento da faculdade em 46.

TP: Em 46.

ALO: Depois a dotação do governo. Agora, essa até, essa dotação, isso eu me lembro que a família toda se interessava. Eu lembro que quando eles pediram ao Júlio Carvalho, a

faculdade pediu... Antigamente havia pouco dinheiro, mas havia muito crédito, confiança no governo. Então, por exemplo, se você recebeu ações do governo, ações oficiais. Se você ver como é que essas ações eram assim... elas eram, tudo funcionava, assim. Você recebia em dia.

TP: Com fundos?

ALO: É, acho que chamavam ações.

TP: Do tesouro?

ALO: Do governo. E você vê que eles pleitearam esse auxílio. Parece que é isso, tinham que fazer, na hora do reconhecimento, um depósito, porque em geral é assim. Talvez fosse para isso. Porque eu me lembro que uma ocasião, de escola que se funda, na hora você tem de ter uma garantia, ter alguma coisa em dinheiro para conseguir o seu reconhecimento. Então as ações teriam esse valor. Aí, o Júlio Carvalho era interventor, e o meu pai era presidente do Conselho, chamava Conselho Administrativo do Estado, sabe? E que fazia a lei. E eu lembro que quando eles pleitearam isso no Conselho, o Júlio Carvalho pediu também que ele pusesse Ciência Econômica, porque o Júlio Carvalho também queria ver a Ciência Econômica. Era outra que vinha paralela à Filosofia, não é? Era uma que não era também oficializada e... Mas que também não era ligada à Filosofia, ela era paralela. Tanto que havia um pouco de desdobramento de algumas cadeiras que agora, nesse reajustamento, umas foram para a...

TP: A Filosofia.

ALO: Filosofia e outras foram, ficaram na Ciência Econômica, não é?

TP: Isso.

ALO: Nas Ciências Sociais e tudo o mais. Então ele pediu e o Conselho todo votou essa verba, sabe? Um tipo de verba, mas é, essa... eu não estou... como é que se pode dizer... eu sei que votou.

TP: Era um crédito mesmo?

ALO: Esse direito, e eles ganharam as ações. Não sei depois se venderam, ou o que foi que aconteceu. Mas que foi, foi a primeira... Você vê, o Estado, foi o primeiro que fez, que

ajudou.

TP: Isto, que investiu, não é?

ALO: Nessa parte financeira. Porque...

TP: Na criação.

ALO: A falta de dinheiro era muito grande naquele tempo. Hoje a gente fala... eles não estão querendo que haja muito dinheiro, não é? Eu estou vendo toda hora, por mais que você veja com sutileza o problema da inflação, do dinheiro que entra, do dinheiro que sai, é um pouco complexo. Aliás, os economistas, todo mundo sabe, uns falam que é de um jeito, outros falam que é do outro. Você não sabe quem é que tem razão, não é?

TP: É, em quem acreditar.

ALO: Quem é que tem razão. Mas eu sei que há esse problema, esse problema financeiro, que a gente hoje fala. Era uma falta, havia falta de dinheiro, o dinheiro era o mínimo. Era assim quase que o essencial, para uma grande classe social. A classe, devia ser a classe média, a classe mesmo mais alta, era tudo assim, um certo equilíbrio. Agora, você vê que eles não querem nem desbloquear, porque dizem que pode dar um susto, porque o pessoal recebendo começa a gastar. Mas se o dinheiro gasta, não circula e não volta, não joga... Porque se fosse tirar para jogar fora, então, como é que se gasta? Um gasta no rio, outro gasta no mar, não é? Isso é o dinheiro que circula... Mas, você acha que quanto mais dinheiro, as coisas aumentam de preço? É isso que...

TP: Essa ótica é engraçada.

ALO: E depois... não, esse negócio de economia é muito complexo. É como eu falo, a gente começa também a querer que o aumento seja igual à inflação, e eu acho que é diferente. Porque a inflação é calculada, por exemplo, nos eletrodomésticos, não é? Quantas pessoas precisam de comprar eletrodomésticos? Quantos já têm? Na hora que falam: subiu rádio, subiu telefone, subiu máquina de lavar roupa, subiu para quem vai comprar agora. Mas para muita gente que já comprou, significa o contrário, que aumentou o valor da coisa que ela tinha, não é? Então precisa aumentar os vencimentos porque aumentaram os outros. Só para os que vão casar, não é? [risos]

Aumentar os vencimentos de quem vai casar. Quem já está casado já está com a casa montada. Não precisa de economia, não. Não há problema, não precisa dessas coisas, porque eles mesmos não se entendem, não é?

TP: Não se entendem a respeito disso.

ALO: Não se entendem. Então a incorporação da universidade. Depois também houve esse problema, não é?

TP: Isso foi em...

ALO: Eles tiveram um certo receio.

TP: ... em 48?

ALO: Isso aí houve alguma luta, porque a universidade sempre teve um prestígio muito grande, a Universidade Federal de Minas Gerais. E incorporar faculdades novas, que ainda não estavam com o nome feito, nem nada, então sempre aqueles [*inaudível*] todos lá, vieram os fundadores da Universidade mesmo. Então houve uma série de dificuldades. Mas depois eles venceram, porque aconteceu que muita gente já era de lá também, fazia parte da Faculdade, e houve assim uma certa cordialidade, e eles admitiram.

TP: A entrada?

ALO: A entrada da faculdade. Fazia parte da Universidade. Agora, houve uma restrição uma ocasião, foi... Mais difícil foi na Biblioteconomia. Eles acharam que Biblioteconomia não era faculdade de uma universidade.

TP: Ah, é?

ALO: Porque era mais...

TP: Um curso mais técnico?

ALO: É. E hoje até tem contabilidade, tudo entra em universidade.

TP: D. Alaíde, deixa eu fazer uma perguntinha para a senhora, se a senhora saberia me responder, que a gente não conhece bem, embora trabalhando na universidade, a gente não conhece bem a história dela. A universidade, nessa época, ela se resumia a quê?

Eram os cursos de Direito...

ALO: Tinha Direito, Medicina...

TP: Medicina.

ALO: Odontologia...

TP: Engenharia.

ALO: Farmácia e Engenharia. Acho que eram cinco que funcionava.

TP: Então essas outras faculdades foram criadas separadamente e depois foram incorporadas?

ALO: Porque não era... O que aconteceu foi o seguinte: era Faculdade de Filosofia só. O que havia era só a Faculdade de Filosofia. Com departamentos. Então o nosso era Departamento de Doutoração, Departamento de Psicologia, como agora existe ainda lá a mesma coisa. É Filosofia, com departamento de...

TP: Com vários departamentos?

ALO: De Ciências Sociais não, porque passou para...

TP: Não, Ciências Sociais está conosco.

ALO: Ciências Sociais está com vocês? É, Ciências Sociais, História, não é?

TP: Filosofia.

ALO: Filosofia. Geografia resolveu ir para o campus, não é?

TP: Criaram um instituto separado.

ALO: É, porque Geografia e História eram um departamento junto Então nós éramos departamento. De repente, cada um achou que estava crescendo e tudo, e que podia se tornar independente. Então, foi no tempo, eu acho, do Aluísio que começou assim uma certa independência.

TP: Aluísio é o Aluísio Pimenta, que a senhora está falando?

ALO: O Aluísio Pimenta, é. Então a nossa transformou-se em Faculdade de Educação, que era Departamento de Pedagogia.

TP: Isso.

ALO: E na Faculdade de Educação então estavam inseridos o curso de Pedagogia e a Licenciatura. Depois a Matemática, a Física e a Química fizeram... Eu acho que chama Instituto de Ciências Exatas.

TP: Ciências Exatas, exato.

ALO: É um, Ciências Exatas, com os três cursos, não é?

TP: Isso.

ALO: Cada um não é faculdade, não é? A faculdade propriamente, como é que chama?

TP: Instituto.

ALO: Instituto, é.

TP: Assim como nas Ciências Biológicas, que hoje se chama ICB, Instituto de Ciências Biológicas.

ALO: É, Ciências Biológicas. O Instituto de Ciências Biológicas compreende...

TP: Compreende os cursos de Biologia, Geologia.

ALO: A Geologia também está nesse?

TP: É, e esses cursos mais... zootecnia, esses cursos mais especializados assim. Mas, esses institutos então, na época da fundação da Faculdade de Filosofia, eles eram departamentos da Faculdade de Filosofia?

ALO: Departamentos todos da Faculdade de Filosofia.

TP: Tinha o Departamento de Química...

ALO: Até o pessoal falava que a Filosofia era quase uma universidade.

TP: Era muito grande.

ALO: Era muito grande, tinha Letras, Geografia e História, Ciências...

TP: Biológicas?

ALO: Matemática, física e química, separados, também os departamentos de física e química.

TP: Pedagogia.

ALO: Pedagogia. Depois então começaram a fazer. De repente resolveram parar e ficou a Filosofia com aquele grupo menor.

TP: Bom, nesse histórico aqui que a senhora está nos relatando, a senhora podia nos contar agora quando foi que aconteceu o seu ingresso na Faculdade de Filosofia?

ALO: O meu foi assim... Porque logo no começo, tinha uma razão mais importante para mim, eram os filhos pequenos, sabe? Que eu não podia me dedicar. Eu via as professoras, colegas minhas ou professoras da Escola de Aperfeiçoamento indo, mas eu tinha assim um certo receio. Mas quando eu já estava assim... vi que as crianças cresceram e tal, estava disponível, então eu fui convidada, porque aí eu já podia. A diretora da Federal tinha o direito de ter assistentes. Naquele tempo acho que era menos, não sei se dois, três, quatro. Então ela me convidou para ser assistente dela. Era um convite, [*inaudível*]. Era convidada, mas tinha de ser aprovada pelo Conselho do Departamento tal. O conselho tinha de aprovar a entrada. Quer dizer, não tem [*inaudível*]. Então, eu me lembro que o Brás Pelegrino, eu encontrei com ele no dia que ele tinha acabado de aprovar, ele disse a mim: “*Bom, aprovamos agora o seu nome, não?*” [*risos*] Ver se eu estava satisfeita, não é? E ele devia ser esse Conselho. Então eu fui aprovada como assistente e assumi logo. Quando eu comecei a trabalhar. E aí a minha catedrática se aposentou em 57.

TP: Certo.

ALO: Então natural era quando aposentava, a assistente ia exercer a cátedra, provisoriamente. Porque não podia ser assistente de outras, de outros setores, tinha de ser assim, direto. Bom, aí eu fiquei exercendo. E aí deve ter havido um ato, isso eu não sei exatamente, um ato oficial qualquer que determinava, não é?

TP: A sua...

ALO: A minha aprovação.

TP: A sua mudança com aprovação [*inaudível*].

ALO: É, até fazer a cátedra. Isso foi em 57. Aí eu me inscrevi para fazer o doutoramento antes, porque é complicado fazer a cátedra sem fazer o doutoramento. Não só o

regimento parece que pedia, como também pelo fato de a Escola de Aperfeiçoamento ter também ainda aquele reconhecimento relativo, e aí eu requeri o doutoramento.

TP: Certo.

ALO: Então fiz. O doutoramento naquele tempo era feito diferente. Era... Eu não sei se hoje tem mais lógica, mas o outro era mais difícil. Porque era assim: você tinha que fazer primeiro três matérias, duas línguas e uma afim, como eu estava dizendo. Então, duas línguas você podia escolher, duas línguas. Então eu escolhi espanhol. Até eu ia escolher o inglês e o francês, mas não sei quem disse: *“Olhe, é melhor você escolher o espanhol que é mais garantido”*, porque, você não podia consultar dicionário, não tinha consulta nenhuma. Então eu escolhi o espanhol e o francês. Além de não consultar, era exame oral. Você recebia um livro, e eu lembro que eles me deram um livro que era conhecido meu, de francês, era uma história da educação. Acho que era uma página e meia que marcaram, não sei se sortearam. A gente tinha, acho que oito ou dez minutos para ler baixo e depois ler em português.

TP: Ah, era uma tradução oral.

ALO: Era uma tradução oral, e eles acompanhando com o livro original. Eu, quando li pela primeira vez, o francês, por exemplo, teve um infeliz que perguntou uma palavra que eu não soubesse, porque de repente você encontra uma palavra difícil. Então eu li em francês, li traduzindo, mas li em francês para mim mesmo. E aí eles mandaram a gente ler. Então a gente levantava e lia em português. Assim, pausadamente, ia fazendo a leitura. Bom, depois, no mesmo dia, o espanhol. Agora, o espanhol é uma coisa, que eu acho que houve um... Não devia ser assim, me deram um livro alemão traduzido para o espanhol, sabe? Era de Pedagogia, como era Pedagogia não tem problema. Mas eles mesmos, na tradução do alemão para o espanhol, havia alguns momentos que eu acho que eles não sentiam que a coisa era tão perfeita, então tinha ainda em alemão junto, sabe?

TP: Frases em alemão?

ALO: É, em alemão, para justificar uma transposição que não seria ao pé da letra, que mudaria, qualquer coisa assim, não é? Algum, uns dois casos por exemplo, assim. Mas para mostrar o problema. Aí, eu também fiz a leitura em castelhano, a gente está meio

familiarizado. Ainda mais pedagogia, que eu sempre lia muito em espanhol, em inglês e francês, eu não tinha muita dificuldade.

TP: Sei.

ALO: Aí eu li. Bem, isso, essas duas. Agora, a outra prova já é a prova de matéria afim, que a gente podia escolher uma daquelas que estavam em torno da didática. Seria Administração Escolar, Filosofia da Educação, uma qualquer. Então eu escolhi Filosofia da Educação. E até na minha banca havia uma professora de didática, que era a Alda Logi, havia uma professora de Filosofia da Educação, que era a Dona Maria Luiza de Almeida Cunha, e havia Orlando Carvalho, que era professor de francês, que é *[inaudível]*. A prova também, nós tínhamos três horas para fazer, a prova escrita só. Mas davam as unidades para a gente 48 horas, com 48 horas de diferença. Quer dizer, você então, o tempo todo que você falou que ia fazer História da Educação, você tinha que estudar a História da Educação toda, porque você não sabia o que é que vinha. Ou pelo menos saber onde estaria, onde poderia encontrar alguma coisa. Agora, 48 horas vêm as unidades. Doze unidades, que eles deram. Não sei se era o mínimo de um dia, só sei que eles deram doze unidades. Bom, o que eu achei que foi bom, foi bom para o examinando, não sei se a técnica é boa, mas eu acho que é interessante, é que havia uma seqüência. Então começava História da Educação, começava História da Educação na Grécia, uma unidade. A segunda unidade, História da Educação, em Roma, especialmente a Quintiliana. Depois a História da Educação na Idade...

FIM DO LADO A DA FITA 08

Entrevista - Fita 8 lado B

ALO: História da Educação na Grécia, em Roma, na Idade Média, e depois, algum pedagogo da Idade Média noutra unidade. Depois chegava a tempos modernos, chegando até à atualidade. E a vida de dois pedagogos, fazia parte.

TP: Sei.

ALO: Então eu achei muito bom, porque eu sabia que tinha três horas. Então eu disse: “Bom, eu posso aprender em 48, fixar. Porque é fixar, não é? Você não podia saber aquilo. Em 48 horas, eu posso fixar a essência de cada um, porque no momento em que cair, eu sei que eu posso fazer uma alusão ao anterior e uma alusão ao posterior. Porque a educação, ela não começou, por exemplo, em Roma assim, como é, não é? Então eu esperava, eu posso, o que eu souber, aí já vai dar, porque eu tenho três horas para escrever. Até eu me lembro que quando eu comecei a escrever o examinador falou assim: “*Não pense que vai escrever mais de três horas, não.*” Porque eu estava escrevendo, escrevendo.

TP: Ah, animada.

ALO: Animada demais, porque eles não iam ficar lá mais de três horas, não. [risos] E outra coisa também que eu faço, isso aí, em prova, a gente tem feito sempre, mais ou menos sei como é. Então caiu justamente o segundo ponto, que era Roma e o Quintiliano. E também no dia, esse negócio que eu falo muito, das coisas do seu marido, qual é a reação e tal. No dia em que... Nas 48 horas, a família inteira trabalhou. Cada um, os filhos iam buscar uma coisa...

TP: Todo mundo ajudando.

ALO: Todo mundo a organizar cada unidade. Eles punham na minha frente cada unidade. O livro está ali. Todos os livros ali para eu poder fazer um esquema de cada unidade para mim.

TP: Certo.

ALO: Então Roma foi o trabalho para o marido. E ele fez o de Roma e Quintiliano. E ele

era muito familiarizado, então trouxe algumas coisas interessantes do Quintiliano e tal. E caiu.

TP: O que caiu.

ALO: E caiu Roma, não é? E Quintiliano. Então, eu estava [*risos*].

TP: A senhora ficou tranqüila.

ALO: Aí, para fazer... então a chegada da educação na Grécia, voltou o comecinho, influência da Grécia neles, depois eles agindo. Então o Quintiliano assim, todo trabalho dele. Tem um volume, eu sabia os volumes, tudo direitinho, o que é que tinha, o que é que não tinha, o que é que ele tinha escrito. Porque o Quintiliano entrava. E depois já entrando na Idade Média, aquela transposição. Aí eu fiz, e...

TP: E fez bem?

ALO: E consegui. Bom, não. Nessas histórias preliminares, eu tive 10, eu tive décimo em todas, nas disciplinas todas. Nessa também. E a D. Maria Ester era professora de Filosofia, eu sei que ela [*risos*] [*inaudível*] - achou bem trabalhado, não é? E, também depois teve a defesa de tese.

TP: Aí foi uma aula que a senhora...

ALO: Não, a defesa de tese, não, eu fiz um trabalho.

TP: A defesa de tese foi um trabalho mesmo...

ALO: É, eu imprimi até numa faculdade de... Lídia Bandeira de Melo, que era professora, que tinha uma imprensa e que estava fazendo para fora umas coisas, sabe? Então eu fui lá e imprimi.

TP: Sei.

ALO: Educação e língua, foi a minha tese. Depois eu transformei em outros livros.

TP: E D. Alaíde, essa tese que a senhora fez, que foi a tese de doutoramento, a senhora tinha um orientador que orientava o seu trabalho? Como é que era isso naquela época?

ALO: Não, a gente não tinha, sabe? Não tinha essa história de orientador, não.

TP: Não?

ALO: Aliás, eu acho que pode ter orientador, mas eu acho, ou orientadores, se quiser, por conta do candidato. Porque você tendo um orientador oficial, você cria um problema muito delicado. Porque quando na hora da acusação, como eu já tenho ouvido, você vai acusar, você está acusando o orientador também. Como é que o orientador deixou que aquilo fosse daquele jeito? Você cria um problema delicado para o outro professor. E ele faz parte da banca também. Agora imagine, ele já orientou o tempo todo, já sabe o que é, e ele vai examinar o quê? Eu acho errado isso. Eu acho que ela pode, a pessoa, o candidato pode procurar pessoas, se tiver dúvida, que quiser. E depois declarar lá: *“Quem me orientou, me ajudou, deu essa idéia”*, como a gente faz citações, não é? Ou então você fica, se o orientador é muito exigente, você fica submissa demais, no fim você vai fazer o trabalho do orientador e não o seu. E se ele for displicente também já cria um caso, não é? Eu sei de gente que na hora de responder disse: *“Uai, meu orientador não falou isso”*.

TP: Mas então, no seu caso, não havia a formalidade de um orientador.

ALO: Não, não havia orientador. A gente se orientava com os íntimos, com outras pessoas, com um professor, podia perguntar antes.

TP: A senhora procurava as pessoas, pedia ajuda?

ALO: É, é. Para ler, mandava para ler a minha tese, enfim, o rascunho, e tudo. E em casa também, sempre tem as pessoas todas para ler. Porque eu fiz Educação e Língua, a tese foi usada... Eu tenho até, eu tenho mais, eu dou para você, para você ter uma idéia de como é que foi a tese.

TP: Ah, que ótimo.

ALO: Não é ideal. Porque, pelo menos se a gente considerar a tese de hoje, que é uma preocupação científica e técnica muito grande, porque não havia essa orientação técnica assim. Então você fazia uma tese defendendo idéias. E tem lá uns tópicos todos, a minha idéia é você defender a educação e língua. Dizer até que ponto a língua pode colaborar no ensino da educação, tudo mais, então, umas coisas que você disserta também e tira conclusões. Tem essa parte toda, está direitinho, tem as conclusões. Saiu com muito erro de máquina, mas saiu uma coisa razoável. A tese é até boa. A defesa foi mais ou menos, sabe? Porque a primeira vez é uma coisa um pouco constrangedora

você ser examinado, porque a intenção de quem examina... Logo depois eu fiquei perita examinadora, isso aí, fui examinar concurso de cátedra, de doutoramento, de livre docência, examinei muitos. Mas procurando justamente evitar os erros que eu achava que existiam, e introduzindo assim alguma coisa. E o meu cuidado sempre foi esse, de mostrar, mas dar uma oportunidade a que a pessoa se defenda. A minha idéia é não deixar, por exemplo, se tem erro de português, por exemplo, a gente chama a atenção. Isso aí é uma coisa assim clara: olha, infelizmente, não é?

TP: É.

ALO: Não pode. Agora, se é uma relação às idéias... Agora, se você tem idéias também, evidente eu procuro também provocar um pouquinho a criatividade, até que ponto você está dentro. Mesmo Piaget, por exemplo. Uma vez fui fazer um exame de concurso de tese, da USP, mas então era sobre Piaget. E você pode ter umas idéias dizendo que você pode criticar o próprio Piaget também. Mas aí você não vai, numa tese, um examinando, fazer crítica ao Piaget como ela estava fazendo, achando que ele é isso ou aquilo. Então a gente pode fazer perguntas provocantes, não é? Isso aí, eu sempre procurei fazer. Por exemplo, mesmo ele, até estou lembrando de um caso, mas é mais comprido. E examinava sempre com certa cautela. Fui examinadora depois de um dos meus examinadores, porque eles foram examinadores com o título de Notório Saber e eram catedráticos interinos, que havia, não é?

TP: Certo.

ALO: Então eles podiam examinar, mas depois eles foram candidatos à cátedra também, sabe?

TP: Aí a senhora foi examinadora?

ALO: Fui examinadora. Fui examinadora, mas aí ficamos... examinadora. Me lembro que quando acabou, o examinador me disse assim: “*Eu tive hoje a confirmação do seu valor*”. Então, eu falei assim: “*Eu acho que eu fui só para isso.*” Porque, na hora em que você é examinada, você não pode mostrar. Agora, como examinadora, você pode fazer o sucesso que você quiser. Tem uns que falam demais. A gente controla um pouco, para não exagerar, mas para mostrar que a gente está dentro daquilo. Ah, por exemplo, isso que eu estava lembrando. Falamos agora do Piaget, uma coisa. Porque

tem aquele negócio de estar pronto, prontidão, não sei se vocês também discutem negócio de ensinar a ler, não é? Então tem a história da prontidão, até a palavra para nós, porque é “*to be ready*”, quer dizer, “*estou preparado para*”. Traduzido por prontidão, sabe? Se você tem prontidão para aprender, para ser alfabetizado, não está com a prontidão, sabe?

TP: Certo.

ALO: Então, “*estar pronto para*” é melhor, “*estar preparado para*”. E então eu levantei uma dúvida, que eu tenho essa dúvida, e eu levantei para ela, para ela responder, claro. Que eu acho que às vezes você não está preparado para aprender a alfabetização pela mesma razão que você não está preparado para aprender... Não. Você não está... aqueles conhecimentos, aquelas habilidades, aquelas agilidades, aqueles potenciais que você deve ter, num sentido de estar pronto, talvez sejam as mesmas dificuldades que você encontre no sentido da aprendizagem da leitura, você entende? A causa seja a mesma. Então você não está pronto, então você não vai alfabetizar, porque você não está pronto. E eu sou contra. Eu acho. Não, você alfabetiza porque a alfabetização é para preparar você a continuar. Porque você assim vence na alfabetização obstáculos da não prontidão.

TP: Entendi.

ALO: Você entendeu, não é? É um pouco assim sutil e tudo, ainda mais que eu estou falando de qualquer jeito. Mas eu chamei a atenção - [*risos*] [*inaudível*] - porque realmente é isso. Porque você primeiro tem de ficar naquela situação tal, podendo fazer até teste e tudo. [*inaudível*] Agora ensinar a ler? Você está preparado para, não é? E quem sabe se no aprender a ler, você também não se prepara para aprender, não é? Porque na hora que você começa a ver o jogo das palavras, a associação, ou ver a fórmula e tudo o mais, você também está se desenvolvendo. Quer dizer, os seus potenciais de [*inaudível*] também estão se desenvolvendo. E hoje eu acho que não estão seguindo muito Piaget, porque a gente está vendo toda hora contando que a criança tinha quatro anos e meio e já sabe ler, até pega um livro, e o outro olha na televisão e vê, não é?

TP: Exato.

ALO: Então, quer dizer, se você for fazer um exame daquele clássico para ver se está tudinho ensinado a ler, vai dizer que não, e no entanto ele já aprendeu. Não tinha condição e aprendeu sem ter condições, não é? [risos] Embolou um pouquinho, não está muito claro, não.

TP: Não, estamos indo bem. A senhora podia nos contar um pouco, porque a senhora nos contou da sua entrada na universidade, do seu doutoramento, não é?

ALO: É, depois fiz a cátedra.

TP: Aí a senhora fez um concurso...

ALO: A cátedra, é. O concurso de cátedra... aí comecei foi até muito próximo. Concurso de cátedra, você já assistiu lá, é um pouco diferente, não é? Então também tinha tese outra vez. Aí eu já estava bem mais...

TP: Descolada.

ALO: Descolada. Não só para enfrentar examinador como para fazer a minha tese. É, então eu fiz uma tese sobre o livro didático. A minha tese de cátedra. Essa eu publiquei em livro também, já foi até provado no Ministério e tudo. Aí são cinco examinadores, três de fora e dois da casa. Eu tive assim uma certa dificuldade, porque vieram dois examinadores de fora. E foi naquele tempo que havia a tendência: você pensa mais à esquerda, você pensa mais à direita. Então veio um que era tido ou, chegou aí com notícia de esquerda. Então a esquerda, os estudantes e tudo, estavam todos torcendo pelo tal que chegou junto para fazer...

TP: Isso foi quando, D. Alaíde?

ALO: Em 59.

TP: Em 59?

ALO: Em 59. Então estava agitado, quer dizer, eu ia fazer sabendo que eu tinha gente a favor do meu concurso, a gente que era contra, torcendo pelos outros. E um vinha com um certo prestígio também de família, de jornal e tudo, mas, isso tudo era...

TP: Porque era uma vaga para três.

ALO: Uma vaga para três, é.

TP: Para três candidatos?

ALO: Quer dizer, pode ser que podia ser aprovado, mas não exercer a cátedra. Ficava como livre docente, um só que ia exercer. E até que o meu concurso não foi assim. Foram cinco examinadores, então, é por indicação. Aliás, eu achava isso uma beleza, porque sendo por indicação, por exemplo, se num concurso, um candidato, um examinador quer um candidato e não outro, ele pode dar zero para aquele que ele não quer e dar dez para o outro. Então ele já descontrola a nota. Mas não tem importância, ele pode fazer isso, que depois ele pode fazer o que ele quiser, porque o que vai valer é a indicação, três indicações, o maior número de indicações, sabe?

TP: Ah, sim.

ALO: O maior número de indicações. Então as notas dele são para ele. Agora, cada um, os outros... Então, ele dando zero, por exemplo, não vai somar para o examinador. O outro examinador vai dar as notas dele, e se ele deu lá, ele pode, por exemplo, dar zero para dois e escolher o candidato dele. O que ganhou é o que teve nota mais alta com ele. Então é uma indicação. Agora o segundo, a mesma coisa, seria a outra indicação. Então eu tive indicação com três, três indicações. E um que indicou um que veio de São Paulo, e o outro indicou um outro. Até foi melhor porque podia ter três e um ter dois, a gente ficava assim, quase, não é?

TP: É, mais dividido.

ALO: A gente ficava quase, ficava aquela idéia de, assim [*risos*]...

TP: Foi tranqüilo então?

ALO: Foi tranqüilo. Mas, em geral, o pessoal quando fala assim que ia ganhar, sendo da casa e tudo. Agora, o ideal seria você ter cinco indicações e os outros não terem nenhuma. [*risos*]. Mas é difícil. E depois também acontece isso, justamente. Eram candidatos bons, sabe? Não eram candidatos. Eram candidatos. Quer dizer, gente que tinha nível, um até era bem conhecido no meio da educação, um outro menos. Mas a tese de um não era grande coisa, parece. Até eu não vou discutir o problema, é um problema mais... Indelicado... Mas o fato é que no final eu tive a indicação de um professor da casa e de dois de fora. Três. E um da casa deu para um de fora, e o outro

de São Paulo deu para o outro. Quando eles chegaram... E era aquela história também, que é uma outra coisa que a gente não deve creditar, quem vai fazer concurso. Falam assim: “*Ah, fulano veio para dar o lugar para beltrano*”, sabe? Eles já anunciam a gente, sabe que é amigo, que eles se dão e tudo, e a gente acredita. E eu acho que isso não existe não. A mim tinham falado. Então até um examinador, eu fui um pouco agressiva com ele, porque falaram que ele já tinha escolhido o dele, mas, você vê, não era não. Ele escolheu ali na hora também. E aquele que falaram que era o escolhido foi o escolhido dele mesmo, sabe? Mas [risos] eu acho que não é preferência propriamente não. E também, às vezes, você ter de julgar é mito difícil. É muito difícil. Você pode ver. Quando é organizar só é ótimo você ser examinadora. Porque aí você pode examinar com toda a tranquilidade porque é só uma vaga, é B, sei que é competente, não é? Você já sabe, você vai aprovar com nota 7, que a menor nota é 7, 6 já é reprovação. Mas quando são muitos candidatos é difícil. Você conheceu o Mário Matos? Foi secretário do Interior, ele era também da Academia Mineira. Ele tem muitos livros. Sobre Machado de Assis então, ele tem trabalhos assim sérios. Ele tem muita coisa aí. É pai do Aurélio Matos, que também escreve, e o outro filho dele... Mas ele era muito competente, um homem de grande cultura mesmo. E foi deputado, foi político. Mas publicava sempre, muito estudioso. Então ele era muito amigo meu, e ele não foi ao concurso assistir, não. Mas quando ele me encontrou ele disse assim: “*Oh, [risos] ganhou de dois homens, hein?*” [risos] Aí que a gente vê o problema feminino-masculino. Então, no fim, ele sorrindo, porque, como ele gostava muito da família, gostava de mim e tudo, ele estava feliz de eu ganhar de dois homens. Mas, agora, os homens não vão gostar, eu ganhar de dois homens. Mas você vê, mesmo festejando, no fundo, acho, quer dizer não é fácil ganhar de dois homens, não é?

TP: É, exatamente.

ALO: Quer dizer, já é uma coisa assim de exceção, quase, não é? Então, [risos] ganhei de...

TP: Quer dizer que a senhora ganhou de dois, não é, D. Alaíde?

ALO: É, de dois homens [risos]. Aí já estava trabalhando, já estava dando aula, já tinha entrado. Para ter reconhecimento do... E depois vai ter nomeação e tudo mais, não é?

TP: Isso foi em 59, então. E a senhora trabalhou até quando na universidade?

ALO: Eu trabalhei na universidade até 79.

TP: 79 a senhora se aposentou?

ALO: É. Porque eu comecei na universidade, eu comecei como assistente em 51. Quer dizer, tinha 30 anos. Aliás, tinha 29 mais um ano que eu não tirei férias, não é? Quer dizer, tinha 30 anos dentro da universidade.

TP: Quer dizer que só na universidade a senhora trabalhou 30 anos, a senhora se aposentou com 30. Isso sem contar o trabalho anterior da senhora...

ALO: anterior que foi... que não foi paralelo. Uns dois anos ainda houve paralelismo, sabe? Mas, quer dizer, trabalhei realmente mais de 50 anos, um pouquinho mais de 50 anos, não é? Porque 30 mais 25, daria 55, mas como anula 2, dá 52, não é?

TP: E continua trabalhando, não é, D. Alaíde?

ALO: Continuo aí. Enquanto tiver, enquanto tiver força.

TP: Pois é.

ALO: Dando entrevistas complicadas, não é? [*risos*]

TP: Complicadas nada.

ALO: Eu não sei. Isso é que precisa, vocês que têm que tirar porque, eu não sei, poderia dizer, problema mulher/homem e tudo. Porque a mulher, a gente, por mais que você tenha estudos, tenha cultura e tudo mais, há um momento que... há umas coisas que são interessantes com a gente que é mulher e que não são, às vezes, interessantes, de um modo geral, para os homens ou para... E a mulher é levada a aquele lado assim, mais leve, sei lá o que é que é, apesar... sem fugir...

TP: Isso aí é que é importante para nós.

ALO: Sem fugir à profundidade, não é?

TP: Isso é que é importante para nós, porque nós estamos ouvindo o depoimento de uma mulher que é intelectual, que trabalhou tanto tempo, como a senhora está nos colocando, e é importante a visão da senhora mesma sobre as coisas. Certamente elas serão muito diferentes de uma outra entrevista, de uma pessoa nas condições da

senhora, uma intelectual e tal, que seja homem, porque vão ser, vão ser impressões diferentes, exatamente porque...

ALO: Depois não divide. Eu acho que eu já falei isso, porque eles dizem que a mulher é intelectual de teimosa, não é? Porque, realmente, ela é muito solicitada. Muito. Mesmo, vocês vêm, dando entrevista hoje, quando eu estou aposentada, não há uma tranquilidade integral. A cada... Hoje até que está parecendo... *[riso]*

TP: Está tranqüilo.

ALO: Já antes, já foi perguntando se viesse aí trazer o livro, se podia *[inaudível]*, quer dizer, você já tem de prevenir tudo antes. É diferente porque absorve muito, a casa...

TP: Deixa eu fazer agora uma perguntinha mais pessoal, quer dizer, eu estou sempre puxando para o pessoal. A senhora está nos contando que a senhora se aposentou em 79. O Dr. Lourenço ainda era vivo.

ALO: Era vivo, era...

TP: Ele faleceu quando, D. Alaíde?

ALO: Ele faleceu em 84.

TP: 84. E a pergunta que eu vou fazer, ela, a senhora vai me dizer se quiser, é claro, mas é assim: como é que foi para a senhora essa perda, esse processo de perda de um companheiro que foi tantos anos, além de marido, pai dos seus filhos, um companheiro intelectual também, não é? Quer dizer...

ALO: E que me apoiava muito. Até como eu contei para vocês, que ele lia sempre as minhas coisas antes, isso, depois falando que eu já tinha *[inaudível]*. Quando ele morreu, a minha sensação é assim: quando ele morreu, eu me lembro que... eu *[inaudível]* nos pormenores. Eu nunca tive vontade de ser enterrada lá na Colina. Eu sempre falei que eu quero ser enterrada no Bonfim, porque eu acho muito mais natural ali. Você entra, você vê, você sabe, você visita o túmulo. Aquele túmulo é de fulano. Lá, até você achar, e andando por cima, e procurando nome, enfim, um mal estar.

TP: Sei.

ALO: Então, quando o Lourenço morreu, porque eles não vendiam, no Bonfim, eles não

vendem. Só quando morreu uma pessoa, que pode vender, depois que a pessoa morreu. Porque os lugares são reservados. Porque é da prefeitura, não é?

TP: Isso.

ALO: Para homenagens. Então pode morrer um governador, pode morrer um... *[risos]* Então está reservado. Agora, quando acontece de morrer, pode achar que aquela pessoa pode merecer ser enterrada lá e tudo o mais. Então, o Lourenço morreu, e acho que sabendo disso também, eu sei que *[inaudível]* estava na Secretaria, eu sei que a prefeitura imediatamente concedeu. Um político também conseguiu. Nós compramos o lote.

TP: O jazigo.

ALO: O jazigo, e foi construído lá onde comprou o jazigo, lá no Bonfim. Então, quando eu fui levar o Lourenço, porque eu fui, porque nós fomos, passamos a noite, quando eu fui levar... E uma coisa também que eu sempre achei, eu sou contra tomar qualquer calmante nessas horas, sabe? Eu acho que a gente tem de sofrer. Então eu disse: “*Não, eu quero sofrer, porque senão amanhã eu nem sei o que aconteceu*”. Então eu reagi e não tomei nada. E quando foram levar o Lourenço, eu entrei na boléia do carro e fui junto, porque eu não queria que fosse o caixão sozinho. Aí uma pessoa entrou lá comigo também, com o motorista, fui na frente. Agora, quando ele entrou, quando ele foi enterrado, eu senti uma coisa assim: é para aí que eu vou, quer dizer, eu senti, não estava correndo mais o risco não. *[risos]* *[inaudível]* da Colina. Eu fiquei lá, a gente pode até dois, três, não sei, mas pode, para sepultura, eles já separam tudo. Então, eu senti alguma coisa que eu ia para ali, que eu ia para aquele. Então, eu senti. Agora, quando eu vim para casa, eu fiquei abafada um ano. E a minha idéia é que eu estava na fila. Ele morreu, agora sou eu. Mas sem esse masoquismo, sem nada de sadismo também, nada disso. Morreu, vou morrer. No fim de um ano, me deu um pouco de susto porque eu disse: “*Uai, eu não morri*”, não é?

TP: Aí a senhora tomou disposição?

ALO: Então eu disse, então eu vou viver. Então eu vou viver, vou continuar a minha vida e vou... E aí comecei a... Enfrentei tudo. E hoje, quer dizer, a gente sente saudades, sente isso, mas já integrada na vida, eu estou integrada no meio. Porque a idéia que eu tinha

no primeiro ano era assim mesmo, de esperar. Porque ele também renunciou, porque quando ele ficou doente daquela paralisia... Então os dois, os últimos anos dele, os dois sobretudo, foram assim de renúncia, de esperar também o fim. A gente tinha essa sensação. Até eu lembro um dia em que ele falou assim comigo: “*Pois é, eu pensei que você ia morrer, uma vez que você esteve muito mal, e eu ia ficar sem você, e agora você é que vai ficar sem mim*”. Eu fiquei quieta, eu não sabia o que respondia, porque, eu ia falar, não... Quer dizer, amanhã eu posso atravessar uma rua aí e acontecer qualquer coisa. Mas, quer dizer, ele já estava achando que ia morrer. E isso, talvez eu tenha aprendido e achei: “*Bom, agora é a minha vez*”. [risos]

TP: Quer dizer que esse primeiro ano foi mais melancólico para a senhora, não é?

ALO: Foi mais, assim, triste, assim, não foi uma melancolia assim de muito mal estar não. Era assim uma coisa natural. Talvez até hoje a morte me assuste mais, porque eu comecei assim a ter muita educação, muita vida, talvez a gente queira mais distância dela, não é? Porque não fugia assim muito dela.

TP: E aí depois a senhora retomou a produção, escrever, trabalhar, e dar conta do seu dia a dia, assim sozinha, quer dizer, sozinha sem o antigo companheiro.

ALO: Cada dia... E hoje, eu tive um... ou foi essa semana passada? Não sei se talvez deva contar. Você está falando que estou escrevendo sempre e tal. Eu tinha feito uma palestra, “*Bela língua portuguesa*”, lá no EBS. E você conhece aquele jornal “*Leitura*”, de São Paulo? É do “*Diário Oficial*”.

TP: A senhora me falou dele, eu não conheço. A senhora disse que ligaram para a senhora.

ALO: É, eu vou mostrar. Pois é, eu vou mostrar. Eu vou mostrar para você o trabalho. Aí eu mandei e agora eles pediram um outro trabalho. Porque lá é assim, eles pedem trabalho. Mas se alguém tiver, pode mandar, mas não espere resposta, porque se publicar publicou, se não publicar não se incomode que é assim mesmo, porque não tem resposta do que foi mandado. E eu mandei. Um mês e pouco recebi um telefonema. E veio. Inteiro. E agora veio uma carta, dão um telefonema que era para mandar. Ainda pago. E você vê a diferença para aqui. Aqui eles pagam um pouco assim, davam mil cruzeiros por um trabalho, mas em geral não pagam, em geral é pouco. Pagavam muito os meus trabalhos naquela revista em Educação, que eu

colaborava muito. Mas eles mandavam um papel para a gente. Só convidado, lá era só convidado. A gente então fazia o trabalho, e vinha, naquele tempo, quatro mil, não sei, cruzados, cruzeiros, era tudo diferente, não é? Mas agora, então, 25 mil cruzeiros pelo trabalho. Então eu disse, só em São Paulo, que aqui os intelectuais... Se um intelectual aqui ganhasse por artigo 25 mil cruzeiros...

TP: Estava bom, não é, D. Alaíde?

ALO: Não era nada ruim, não é?

TP: São Paulo é quase uma cidade do primeiro mundo.

ALO: Não, depois que você mandou nem interessa, porque, não é? Publicar. A gente quer mais mesmo é uma divulgação do trabalho da gente. Engraçado, isso também eu não tinha. Sabe lá umas coisas que vocês moças têm de aprender também, sabe? Vocês guardem tudo o que aconteceu com vocês. Qualquer papel, um nome aqui, alguém que falou, uma reunião que foi, registrar tudo, porque só depois que a gente fica mais velho é que a gente começa a dar valor. Você vê agora, vocês pesquisadores também, querendo, não é? Agora, você deixou tudo seu bem registrado? Pois é, porque a gente quando é moça não pensa, viu E você também - dirige-se à auxiliar. E então, hoje eu sinto. Eu me lembro uma vez que eu inutilizei... Eu era diretora da seção do “*Pequeno Polegar*”, do jornal, e eu tinha umas cinqüenta cartas de grupos escolares assim do interior que tinham feito eleição. Eu era a patrona do Clube de Leitura, porque usava naquele tempo, fazia clubes de leitura [*inaudível*] Alaíde Lisboa [*inaudível*]. Então, eu cheguei, não dei importância. Hoje eu dou uma importância enorme a essas cartas que eu... Mas depois eu comecei a guardar, depois que fiquei mais velha, mas perdi. Porque isso tem um sentido. Quer dizer, a gente foi, são as crianças, é a professora. Coisas mínimas. Qualquer coisa, vocês devem registrar. Porque eu acho que a vida, a gente tem de fazer, cada um fazer a sua história. Deixar registrado, porque senão fica assim diferente, sabe? Vamos ver agora...

TP: Então eu vou aproveitar, porque a senhora está me falando isso, nós devemos estar aqui no finzinho da fita, uma coisa que a gente queria perguntar para a senhora como finalização desse nosso trabalho mesmo. Como é que foi essa experiência para a senhora? Porque nós sabemos que a senhora está muito acostumada a dar entrevistas, a

senhora é uma pessoa famosa, está sempre dando entrevistas pela sua experiência, pelos livros que a senhora publica, pelo seu trabalho. Mas o nosso trabalho foi algo um pouco, eu imagino, um pouco diferente do que a senhora está habituada. Primeiro porque nós já estamos aqui já há muito tempo amolando a senhora.

ALO: Não, não, não.

TP: Há dois meses, fazendo a senhora fuçar na sua memória aí para lembrar casos que talvez estivessem esquecidos. A gente queria que a senhora comentasse um pouco o que é que foi essa experiência.

ALO: Não, isso até que você está falando de mexer com a memória, isso aí, justamente é uma vantagem. Porque eu acho que a gente, para não envelhecer, como eu já falei, que uns envelhecem e outros crescem, e eu tratei de não querer envelhecer e queria crescer, e a gente cresce é assim. Quer dizer... A memória, a inteligência provocada para ela continuar elaborando alguma coisa. Então eu achei muito interessante nesse sentido, porque não foi uma coisa assim de um momento, que de repente é uma coisa que me perguntam e que eu tenho de responder naquela hora e acabou-se a história. E, às vezes, você acaba de sair e você lembra de uma assim, mais interessante que você podia ter respondido. Mas várias vezes, às vezes era o telefone, às vezes era pessoalmente. Agora aí tem uma profundidade de tudo, não é? Tem uma profundidade de história de vida, da minha vida, da vida da família, e da vida de Belo Horizonte um pouco. Então eu acho que tem um valor muito grande e sobretudo nessa constância. E a gente fica admirada, você está falando que você está me aborrecendo, não, eu tive o maior prazer. Agora, eu fico pensando é em vocês também. Imaginem vocês agüentarem... [risos]

TP: Não, foi o maior prazer também, não é Anny? [risos]

ALO: Porque, no fundo, pessoas inteligentes que vão fazer uma coisa que, no fundo, ela vai ficando um pouquinho mecânica, se você quiser, não é? Porque é uma coisa assim, atrás da outra, aquela coisa: a gente via, está faltando isso. Então é um trabalho... Eu achei que foi muito bom para mim. Agora eu vou dizer, é possível que eu lembre a quinta parte do que eu falei. [risos] Eu fui falar provocada, então vocês podem guardar isso de vocês, que se tem alguma coisa de valor, a provocação veio de vocês.

FIM DO LADO B DA FITA 8

ÍNDICE REMISSIVO

A

Academia Mineira, 24
Administração Escolar, 16
Alda Logi, 16
Aluísio Pimenta, 12
Aurélio Matos, 24

B

Belo Horizonte, 1, 2, 30
Biblioteconomia, 11
Bonfim, 26, 27
Brás Pelegrino, 2, 14
Brasil, 4

C

Câmara Municipal, 4
Casa de Itália, 2, 4, 5, 6
cátedra, 14, 20, 22, 23
Celina Márcia de Almeida, 1
Ciência Econômica, 9
Ciências Sociais, 9, 12
Clube de Leitura, 29
Colégio Marconi, 2, 3
Colina, 26, 27
concurso, 2, 20, 22, 23, 24
Conselho do Departamento, 14
cultura, 3, 24, 25

D

DI, 7
Diário Oficial, 28
Didática Especial, 1
Direito, 3, 12
doutoramento, 2, 14, 15, 18, 20, 22

E

Engenharia, 3, 12
Escola de Aperfeiçoamento, 1, 2, 6, 14, 15
Espineli, 2, 5
Estado, 5, 9
examinador, 17, 20, 22, 23, 24

F

faculdade, 2, 7, 8, 9, 11, 13, 18
Faculdade de Educação, 12, 13
Faculdade de Filosofia, 1, 3, 4, 8, 12, 13, 14
Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, 1
família, 8, 17, 22, 24, 30
fascista, 4
férias, 7, 25
Filosofia, 1, 2, 4, 7, 9, 12, 13, 14, 16, 18
Filosofia da Educação, 16

Francelina Matos, 6
francês, 3, 7, 15, 16

G

guerra, 4, 5

H

História da Educação, 16, 17

I

indicação, 23
Instituto de Ciências Biológicas, 13
Instituto de Ciências Exatas, 13
Itália, 2, 4, 5, 6

J

jazigo, 27
José Osvaldo, 2, 7
José Osvaldo de Araújo, 2
Júlio Carvalho, 8, 9

L

latim, 7
Letras, 2, 13
Lídia Bandeira de Melo, 18
Lúcio dos Santos, 2, 6

M

Machado de Assis, 24
Marconi, 2, 3, 4, 5, 7
Maria Luiza de Almeida Cunha, 16
Mário Casassanta, 6
Mário Matos, 24
Medicina, 3, 12
Minas Gerais, 6, 11

N

Notório Saber, 20

O

orientador, 18, 19
Orlando Carvalho, 2, 7, 16

P

padre Clóvis, 2, 7
Pedagogia, 3, 6, 12, 13, 14, 15

Piaget, 20, 21
Prefeitura, 5
problema mulher/homem, 25
professor, 1, 2, 3, 5, 7, 16, 19, 23
professor Lourenço, 1, 3, 7
professores, 2, 3

Q

Quintiliano, 17, 18

R

regimento, 3, 4, 8, 15
revolução, 5

S

São Paulo, 23, 24, 28, 29

T

tese, 18, 19, 20, 22, 23

U

Universidade, 1, 11
Universidade Federal de Minas Gerais, 11
USP, 20

V

Veloso, 2
vestibular, 3, 7
Veterinária, 3